

MEG CABOT

A MEDIADORA

Lembrança

Star Books Digital

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Lembrança

Série: A mediadora vol 7

Meg Cabot

Título original: REMEMBRANCE

Copyright © 2016 by Meg Cabot

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cabot, Meg, 1967-
C116L Lembrança / Meg Cabot; tradução de Camila Mello,
-1. ed. — Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.
(A mediadora; 7)
Tradução de: Remembrance Sequência de: Crepúsculo
ISBN 978-85-01-07156-9
1. Ficção americana. I. Mello, Camila. II. Titulo. III. Série.
Produção do E-book: **Star Books Digital**

16-32128 CDD: 028.5
CDU: 087.1

Querido leitor,

Tenho certeza de que vocês já assistiram a vários filmes e seriados, e talvez até reality shows, *sobre pessoas com a mesma habilidade que minha heroína, Suze Simon: os chamados "mediadores", pessoas que conseguem se comunicar com os mortos, ajudando-os a resolver quaisquer problemas que deixaram neste mundo a fim de que possam seguir para o outro.*
Mas a "realidade" do dom de Suze não é nada como mostram os *filmes e na TV. Isso porque — apesar de fazer anotações sobre seus casos — Suze não falava sobre eles, pois isso poderia colocar em risco a segurança física e emocional de outros. É por isso que apenas alguns de seus familiares e amigos mais próximos (e agora vocês) sabem desse segredo.*
Mas não se preocupem caso tenham perdido um dos "relatórios de acompanhamento" de Suze. Afinal de contas, eles foram feitos durante o ensino médio. E quem quer reviver o ensino médio?
Se bem que foi no ensino médio que Suze conheceu o amor de sua vida, Jesse de Silva. Foi preciso um milagre para que ficassem juntos, e eles prometeram que nada jamais fará com que se separem. Será?
Se tem uma coisa que aprendi desde o ensino médio é que a vida é cheia de milagres... e segredos...
E surpresas, como, por exemplo, que uma personagem que criei em 2000 fosse ter um impacto tão duradouro na vida de tantas pessoas, incluindo na minha
Eu vou sempre ser grata por isso, e especialmente por todos vocês.

Meg Cabot

Capítulo 1

Começou quando eu estava no meio de uma batalha extremamente acirrada na internet por causa de um par de botas plataforma de couro. Foi quando ouvi um alerta em minha mesa, avisando que eu havia recebido um e-mail.
Normalmente eu teria ignorado, pois minha necessidade de comprar botas estilosas, porém funcionais, era sempre alta. As antigas sofreram um acidente infeliz enquanto eu mediava uma PMNO (Pessoa Morta Não Obediente) na marina Carmel. Ela era especialmente teimosa, e nós duas acabamos na água..
Infelizmente, eu estava no trabalho, e meu chefe, o padre Dominic, não gosta quando os funcionários ignoram e-mails, mesmo que sejam estagiários não remunerados, como eu.
Murmurei um "Eu voltarei" para a tela (no que considerei uma boa imitação de Arnold Schwarzenegger em O *Exterminador do Futuro* e cliquei na caixa de entrada, mantendo a tela do leilão aberta. Com bico reforçado em aço e saltos grossos, aquelas botas eram perfeitas para lidar com os que precisavam do encorajamento de um belo chute na bunda a fim de passarem para o além; apesar de eu duvidar de que a pessoa tentando dar lances mais altos que eu — Maximillian28, um apelido totalmente ridículo — quisesse as botas pelo mesmo motivo.
Mas, se tem uma coisa que aprendi na indústria da mediação, é que nunca se deve fazer suposições.
E foi exatamente isso que percebi quando li o nome da pessoa que havia mandado o e-mail. Não era um de meus colegas de trabalho na Academia da Missão, muito menos um pai ou um aluno. Também não era ninguém da família, nem um amigo. Era uma pessoa com quem eu não tinha contato havia muito, muito tempo — alguém de quem torcia nunca mais ouvir falar. Só de ver o nome dele no e-mail meu sangue ferveu... ou congelou. Não consegui distinguir.
Esqueci as botas e cliquei no e-mail.

Para: suzesimon@academismissao.edu
De: paulslater@industriasslater.com
Assunto: Sua Casa
Data: 16 de novembro 13:00:02 PST

Oi, Suze

Com certeza já ficou sabendo que minha nova empresa, Indústrias Slater, comprou sua velha casa na Pine Crest Road, 99, bem como as propriedades no entorno.

Você nunca foi do tipo sentimental, então acho que não vai ter problemas com o fato de que vamos demoli-la para construir o novo projeto de casas familiares de tamanho moderado (ver plantas em anexo) da Propriedades Slater. Meus números de contato estão abaixo. Pode ligar se quiser conversar.

Sabe, fico chateado por não termos mantido contato, principalmente porque éramos tão próximos.

Lembranças a Jesse.

Abraços,

Paul Slater

PS.: Não me diga que ainda está aborrecida com o que aconteceu na noite da formatura. Foi apenas um beijo.

Fiquei olhando para a tela, ciente de que meus batimentos cardíacos haviam se acelerado. Acelerado? Fiquei tão furiosa que quis socar o monitor, como se dessa maneira eu pudesse socar o abdômen definido de Paul Slater. Eu machucaria os dedos em ambos os casos, mas aliviaria grande parte da agressão acumulada.

Se eu *tinha problemas,* como disse Paul de maneira tão leve, com o fato de que ele havia comprado minha antiga casa — o casarão vitoriano em Carmel Hills que minha mãe e meu padrasto renovaram com tanto carinho uma década antes para abrigar a nova família estendida (eu e meus meios-irmãos Jake, Brad e David) — e de que agora queria destruí-la para construir um tipo qualquer de subdivisão horrenda?

Sim. Sim, eu tinha *problemas* com isso, tinha mesmo, e com quase todo o resto que ele havia escrito naquele e-mail idiota.

E não porque sou sentimental.

Ele teve a coragem de chamar o que havia feito comigo na formatura de "apenas um beijo"? Engraçado como durante esse tempo todo achei outra coisa completamente diferente.

Para a sorte de Paul, nunca fui imbecil o suficiente para mencionar nada a meu namorado, Jesse, porque, se tivesse, um assassinato teria acontecido.

Mas, considerando que homens de descendência hispânica compõem cerca de 37% da população carcerária total da Califórnia (e era evidente que Paul tinha dinheiro para comprar a rua toda onde eu costumava morar), não vi nenhuma possibilidade decente de Jesse se livrar da prisão por um homicídio justificável — embora a morte de Paul teria sido exatamente isso, em minha opinião.

Sem parar para pensar — grande erro —, tirei o celular do bolso de trás do jeans e digitei com raiva um dos números que Paul havia listado, tocou apenas uma vez antes de eu ouvir sua voz, mais grave do que eu me lembrava, dizer suavemente: "Paul Slater falando."

— Qual é seu problema, droga?
— Nossa, Suzannah Simon — disse ele, parecendo satisfeito. — Que bom falar com você. Não mudou nada. Sempre tão delicada e refinada.
— Cale essa droga de boca.
Quero frisar que não falei *droga* em nenhuma das duas frases. Tem uma jarra de palavrões em minha mesa — o padre Dominic a colocou ali por causa de minha tendência ao xingamento. Tenho de colocar um dólar por cada palavrão, e cinco por cada bomba-F que soltar.
Mas como não havia ninguém no escritório para me escutar, deixei que as armas mais fortes de meu arsenal verbal escapassem livremente. Parte de meus afazeres nos escritórios administrativos da Academia da Missão Junípero Serra (da creche ao ensino médio) — onde estou tentando fazer os créditos práticos de que preciso para receber minha certificação de conselheira acadêmica — consiste em atender ao telefone e checar e-mails enquanto meus supervisores estão no almoço.
O que meus afazeres não incluem: xingar. Ou fazer ligações pessoais a meus inimigos.
— Só queria saber onde você está — falei — para que eu possa ir até aí, desmembrá-lo bem devagar, coisa que eu obviamente devia ter feito no dia em que nos conhecemos.
— A boa e velha Suze — disse Paul com carinho. — Quanto tempo faz, seis anos? Quase isso. Acho que não falo com você desde aquela noite de formatura do terceiro ano, quando seu meio-irmão Brad encheu tanto a cara de Goldschläger que vomitou em cima dos Louboutins de Kelly Prescott. Ah, as memórias.
— Ele não foi o único que encheu a cara se bem me recordo — relembrei. — E não foi só isso que aconteceu naquela noite. Sabe o que tenho feito desde então, fora estudar pra me formar em aconselhamento pedagógico? Tenho malhado. Assim, quando te encontrar de novo, posso...
Comecei a fazer uma descrição bastante anatômica de precisamente onde eu pretendia enfiar a cabeça do Paul depois que eu a arrancasse do corpo.
— Suze, Suze, Suze. — Paul fingiu espanto. — Quanta hostilidade. Não consigo entender como deixaram uma pessoa como você participar de um programa para conselheiros. Os coordenadores te *conhecem* mesmo?
— Se eles te conhecessem, estariam se perguntando o mesmo que eu: como um manipulador bizarro assim não está preso em uma penitenciária de segurança máxima?
— O que posso dizer, Simon? Você sempre fez meu lado romântico aflorar.
— Acho que você está confundindo a palavra *romântico* com tarado sociopata. E

você tem sorte que foi Debbie Mancuso, e não Jesse, que apareceu enquanto você me apalpava como um macaco no cio, porque se tivesse sido ele, teria...
— ... teria me dado uma daquelas surras que são sua marca registrada e que tanto mereço. Ok, ok, já sei, Suze, ouvi tudo isso antes.
Paul respirou fundo. Ele e meu namorado nunca se deram bem, principalmente porque Jesse foi uma PMNO por certo tempo, e Paul — que, como eu, tem o tal "dom" de se comunicar com os que ficaram presos no mundo espiritual — insistiu em mantê-lo naquele estado para que pudesse se dar bem comigo.
Felizmente, ele falhou nas duas coisas.
— Dá pra gente seguir em frente, por favor? — perguntou Paul. — Isso é tudo muito divertido, mas quero chegar no momento da conversa em que falamos sobre eu ser o proprietário de sua casa. Você já sabe o que houve, não sabe? Não sobre a casa; dá para sacar, pela reação nada graciosa, que você acabou de descobrir. Estou falando sobre meu avô ter batido as botas e deixado a herança da família para mim.
— Ai, não. Paul, eu...
Mordi o lábio. O avô dele era uma pessoa difícil de vez em quando, mas também era o único na família de Paul — fora o irmãozinho, Jack — que genuinamente parecia dar a mínima para ele. Mas não me surpreendi ao saber que havia morrido.
O velho já estava mal quando o conheci em minhas "passagens" corriqueiras pelo tempo, que é uma habilidade que os mediadores têm, mas são aconselhados a não utilizar. É considerado prejudicial à saúde.
Mesmo assim, senti que não era certo dizer *lamento sua perda* a Paul, considerando que ele estava agindo como o maior babaca do mundo.
Não fez diferença, no final. Paul queria algo de mim, mas não era minha condolência.
— Isso, você está falando com um dos solteirões mais cobiçados da revista *Los Angeles* — disse ele, distraído. — É claro que meus pais não estão muito felizes com isso. Tiveram a coragem de me levar a julgamento e contestar o testamento, acredita?
— Hum... acredito?
— Engraçadinha. Mas justiça foi feita e agora sou presidente e CEO das Indústrias Slater. Tenho uma casa em cada costa do país e um avião particular para ir de uma a outra, mas, como diz a revista, não tenho ninguém especial com quem compartilhar isso tudo. — Senti o tom sarcástico em sua voz. — Está interessada em ser esse alguém especial, Suze?
— Dispenso, obrigada — respondi friamente. — Principalmente visto que não consegue pensar em nada mais criativo para fazer com sua nova fortuna que

demolir a casa das pessoas. O que não acho que você tenha direito de fazer legalmente. Minha casa tem quase duzentos anos. Ainda tem o pilar talhado na base da escada com a data de construção, 1850. Tem janelas de vitral. É um marco histórico.
— Na verdade, não é, não. Sim, tem seu charme peculiar, acho, mas nada histórico aconteceu ali. Quero dizer, fora o que aconteceu entre mim e você — disse ele com um risinho na voz. — E, considerando a forma como você vem me ignorando nesses últimos anos, acho que não sou o único a se lembrar daquilo como algo historicamente significativo.
— Nada aconteceu entre a gente, Paul — respondi. Ele estava tentando minar minha confiança, do mesmo jeito que fez com o fecho de meu sutiã na formatura. Era assim que ele operava, como um bicho-de-pé ou outros vários parasitas sanguessugas. — Pelo menos nada de bom.
— Ai, Simon! Você sabe mesmo como machucar um cara. Eu me lembro muito de uma tarde em meu quarto quando você não pareceu nem um pouco enojada com minhas atitudes. Você chegou até a...
— ... te deixar falando sozinho, lembra? E ninguém pode demolir uma casa tão antiga quanto aquela. Isso deve violar alguma lei da cidade.
— É só dar dinheiro aos políticos certos, Simon, e você consegue permissão para o que quiser no querido estado da Califórnia. É por isso que chamam esse lugar de terra da oportunidade. Falando nisso, parabéns a seu padrasto pelo sucesso. Quem diria que aquele programinha sobre renovações de casas de Andy Ackerman viraria uma sensação internacional? Pra onde seus pais vão com todo o dinheiro de direitos de transmissão que ele está ganhando? Bel Air? Ou Hills? Não se preocupe, acontece com todo mundo. Tenho certeza de que eles não deixaram o sucesso subir à cabeça. Sua mãe é uma mulher amável, de modos tão graciosos, o que não posso dizer sobre sua filha única...
— Fale mais uma coisa sobre minha mãe — rosnei —, e acabo com você, Paul, como deveria ter feito há muito tempo Eu te acho, onde quer que esteja, arranco sua cabeça e a enfio no seu...
— Você já usou essa antes — lembrou Paul. — Então pelo visto você tem *mesmo* um lado sentimental, Suze. Que surpreendente. Eu sempre soube que aquele seu namorado morto-vivo era um ponto fraco, é claro, mas nunca achei que isso também abrangia sua casa. Quero dizer, espere... Jesse deve ser mais que seu namorado agora que você conseguiu reconectar o corpo com a alma dele. Acho que estou desinformado; quem tem tempo de ficar lendo o boletim informativo dos alunos? Vocês já se casaram? Espere, que idiota eu sou: é *claro* que sim. Já se passaram seis anos desde o ensino médio! Tenho certeza de que um amor tão apaixonado quanto o que você nutre por seu mestiço necromante

não tinha *como* esperar seis anos para ser consumado. E, até onde me lembro, Hector "Jesse" de Silva te respeitava demais para tentar algo mais íntimo fora da santidade do sagrado matrimônio.
Senti minhas bochechas ficarem quentes. Disse para mim mesma que era a indignação diante do racismo — *mestiço necromante?* Sério? —, mas eu sabia que parte de minha reação era por causa de outra emoção totalmente diferente. Ainda bem que Paul não estava no escritório comigo, ou certamente teria percebido. Sempre foi tão observador que chegava a ser desconcertante.
— Jesse e eu estamos noivos — falei, controlando com muito esforço o impulso de xingá-lo ainda mais. No passado, sempre que Paul conseguia arrancar algum tipo de emoção de mim, mesmo que negativa, ele se satisfazia.
E a última coisa que eu queria era satisfazer Paul Slater.
— Noivos? — entoou Paul. — Em que ano estamos, na década de 1950? As pessoas ainda ficam *noivas*? Ainda se *casam?* Quero dizer, os héteros?
Eu realmente devia ter pensado melhor e jamais ter ligado para ele, pensei com tristeza enquanto olhava o pôster que a Srta. Diaz, conselheira da Academia da Missão, havia colocado na parede acima da entrada do escritório. Era um daqueles pôsteres condizentes com a profissão, uma foto de um gatinho lutando para se segurar em um galho de árvore, e as palavras *Mire Alto!*
Tarde demais, percebi que devia ter mirado alto e tratado Paul com um distanciamento frio, que não devia ter deixado minhas emoções interferirem. Era a única forma de lidar com ele.
Mas ele sempre foi bom em me atiçar.
Atiçar em *todos* os sentidos.
— Um noivado não é algo meio antiquado para uma menina moderna como você, Simon? — continuou ele. — Ah, não, eu me esqueci... o Menino *Walking Dead* gosta de fazer as coisas à moda antiga, não gosta? Isso quer dizer — ele soava mais contente do que nunca — que vocês dois estão *esperando até o casamento*?
Senti outra vontade avassaladora de surtar e dar um soco em alguma coisa, qualquer coisa, talvez até mesmo o gatinho do pôster. Mas a parede atrás dele tinha quase 1 metro de espessura, construída no século XVIII, e havia resistido a vários terremotos do Norte da Califórnia. Certamente resistiria a meu punho.
— Isso não é de sua conta — retruquei, com tanta frieza que me surpreendi pelo telefone não ter congelado em meu rosto.
Eu estava me esforçando para não deixar Paul perceber minha insatisfação com a noção pré-histórica de meu namorado de que não só não podíamos nos casar antes de ele alcançar uma posição financeira boa o bastante para sustentar a mim e a eventuais filhos (mesmo que eu garantisse que estava tomando pílula e

planejava continuar até que terminasse o mestrado e arrumasse um emprego que cobrisse tratamentos dentários, pelo menos), como também não podíamos morar juntos.
Pior ainda, Jesse insistia que tínhamos de esperar até que tivéssemos trocado votos — em uma igreja, com ele de terno, eu de vestido branco e véu, nada menos — para só então termos relações conjugais. Era o mínimo que podia fazer, insistia ele, por "respeito" a tudo o que fiz por ele, não só ter lhe devolvido a vida, mas fazer com que ela valesse a pena.
Eu já havia repetido várias e várias vezes, e de maneira bem clara, que podia viver muito bem sem esse tipo de respeito.
Mas o que esperar de um cara que havia nascido durante o reinado da rainha Vitória? Sem mencionar que ele tinha sido assassinado — e enterrado, e vivido como assombração por 150 anos — na mesma casa que Paul ameaçava demolir.
Isso precisava ter alguma coisa a ver com o *motivo* de Paul para fazer aquilo. Sempre suspeitei de que ele tinha ciúmes por eu ter escolhido um fantasma a ele no final.
Mas como eu poderia não fazer isso? Até mesmo quando Jesse não tinha batimentos cardíacos, era mais humano que Paul.
— Esperando até o casamento — repetiu Paul. Estava quase chorando de tanto gargalhar. — Meu Deus. Que coisa fofa. É fofo mesmo, Simon. Acho que o programa de seu padrasto é sobre a pessoa errada. Eles deviam estar filmando você e esse seu namorado, num show chamado *As Últimas Virgens.* Juro que daria mais ibope que *Médium.*
— Pode rir — falei. Apoiei os calcanhares sobre a mesa e cruzei as pernas. — Vai rindo, Paul. Sabe o que Jesse está fazendo agora? Residência médica.
Surtiu efeito. Paul parou de rir abruptamente.
— Isso mesmo — continuei, começando a ficar satisfeita. — Enquanto você está por aí sendo o solteirão mais cobiçado de Los Angeles por não fazer nada a não ser receber herança de seu avô, Jesse passou no MC AT com uma das melhores notas da Califórnia e se formou em Medicina na UCSF. Agora ele está fazendo um treinamento pediátrico no Centro Médico São Francisco, em Monterrey. É só terminar a residência e vai ter licença para ser médico. Sabe o que isso significa?
A voz de Paul perdeu um pouco do humor.
— Ele roubou a identidade de outra pessoa? Porque só assim alguém que era um cadáver ambulante pode entrar na UCSF. A não ser que seja para ser usado nas aulas de anatomia, é claro.
— Jesse nasceu na Califórnia, seu idiota.
— Sim, antes de se tornar um estado.
— O ponto — continuei, me inclinando para trás na cadeira — é que ano que

vem, depois de Jesse conseguir a certificação do comitê, e eu, a minha, vamos nos casar.
Quero dizer, se tudo acontecesse conforme planejado e se Jesse recebesse a bolsa de estudos para a qual havia se candidatado com o objetivo de abrir o próprio consultório. Achei que era desnecessário mencionar todos esses "se" para Paul... ou o fato de que eu não sabia quanto tempo mais ia aguentar ficar dando voltas na piscina minúscula de meu prédio para trabalhar a frustração que eu sentia por causa de meu noivo e dos seus pontos de vista oitocentistas sobre amor, honra e sexo... Pontos estes que eu estava determinada a respeitar tanto quanto ele respeitava meu corpo (infelizmente).
Mas as coisas já haviam ficado quentes o suficiente para que eu soubesse que valia a pena esperar por aquilo que o jeans de Jesse escondia. Nossa noite de núpcias seria *épica*.
A não ser que um daqueles "se" não desse certo, ou que o noivo acabasse na cadeia. De todos os obstáculos que eu havia imaginado para atrapalhar nossa noite de núpcias muito merecida, o reaparecimento de Paul era o último que eu esperava.
— Porém, o mais importante é que isso significa que um dia teremos nosso próprio consultório, especializado em ajudar crianças doentes — continuei. — Não que eu ache que ajudar pessoas seja um conceito que *você* vá entender.
— Isso não é verdade — disse Paul. Não havia humor algum em sua voz dessa vez. — Sempre quis ajudá-la, Suze.
— É assim que você chama o que fez comigo na formatura, quando disse que tinha um presente para me dar em particular, então eu te segui e você me jogou na parede e meteu a mão por baixo de minha saia? — perguntei, ácida. — Você considera isso uma *ajuda*?
— Sim — disse ele. — Eu estava tentando ajudá-la a não perder tempo com um santinho latino que já havia morrido e que acredita ser pecado sentir prazer sem um certificado de casamento.
— Bem — falei, e tirei os pés de cima da mesa —, vou desligar. Não foi prazer algum falar com você depois de todos esses anos, Paul. Por favor, morra de maneira bem lenta e dolorosa. Tchau tchau.
— Espere — disse Paul com urgência antes que eu apertasse o botão de desligar. — Não vá. Eu queria dizer que...
— O quê? Que você não vai derrubar minha casa se eu aprender com você a ser uma mediadora melhor? Foi mal, Paul, isso pode ter dado certo quando eu tinha 16 anos, mas já estou velha demais para cair nessa de novo.
Ele pareceu ofendido.
— O negócio com sua casa é apenas business. Só te contei por cortesia. O que eu

queria dizer é desculpe.
Paul Slater jamais havia pedido desculpas na vida... de coração. Ele me pegou desprevenida.
— Desculpa pelo quê?
— Pelo que eu falei sobre Jesse agora há pouco, e desculpe pelo que aconteceu naquela noite. Você tem razão, Suze. Eu tinha bebido demais. Sei que não é justificativa, mas é verdade. Honestamente, mal me lembro do que aconteceu.
Ele estava curtindo com minha cara?
— Deixe que eu refresque sua memória, então. Depois que me prendeu na parede, *eu* te dei um presentinho. Meu joelho em suas partes baixas. Isso o ajuda a recuperar a memória?
— Um homem nunca se esquece desse tipo de dor, Simon. Mas o que aconteceu depois não é claro. Foi quando Debbie Mancuso chegou?
— Foi. E ela parecia interessada em ajudar sua área dolorida a melhorar.
— Então você é quem devia pedir desculpas a mim. O tratamento da Debbie não foi nada carinhoso. Ela subiu em cima de mim como se eu fosse um maldito gigolô...
— Cuidado aí — grunhi. — Debbie é casada com meu meio-irmão Brad agora. E eu obviamente não te golpeei com a força que deveria se ainda conseguiu se dar bem com ela depois. A última coisa que vai ouvir de mim é um pedido de desculpas.
— Então aceite o meu, e me deixe compensá-la. Tenho uma proposta.
Soltei uma gargalhada.
— Ah, tá!
— Simon, estou falando sério.
— Seria a primeira vez.
— Pode salvar sua casa.
Parei de rir.
— Estou ouvindo. Talvez.
— Me dê outra chance.
— Já disse que estou ouvindo.
— Não, essa é a proposta. Me dê outra chance.

Capítulo 2

O escritório da escola tinha ar condicionado, mas o calafrio que senti na espinha não teve nada a ver com o fato de que meus supervisores (alguns dos quais se vestem com hábitos religiosos) gostavam de manter o clima bem fresco, com o termostato nos 19 graus.
— Sinto muito — respondi, agradecida por meu calafrio não transparecer na voz. — Sou uma pessoa realmente ocupada e importante, e não tenho tempo para babacas riquinhos do passado que querem consertar seus erros. Mas desejo sorte no caminho em direção à iluminação transformadora. Tchauzinho.
— Suze, espere. Não quer salvar sua casa?
— Não é mais minha, lembra? É sua. Então não ligo pro que acontecer.
— Fala sério, Suze. É a primeira vez em seis anos que você me liga de volta quando tento falar com você. Sei que se importa... com a casa.
Ele tinha razão. Fiquei chateada quando minha mãe me disse que ela e meu padrasto, Andy, iam vendê-la — muito mais que Jesse quando ficou sabendo.
— É só uma casa, Suzannah — disse ele naquela ocasião. — Seus pais não moram nela há anos, e nem nós. Não tem mais nada a ver conosco.
— Como é que você pode falar isso? — respondi chorando. — Aquela casa tem tudo a ver conosco. Se não fosse por ela, a gente nunca teria se conhecido!
Ele riu.
— Talvez, *mi amada*. Mas talvez não. Sinto que eu teria encontrado você, ou você me encontrado, não interessa onde estivéssemos. Aquela casa é só um lugar, não é o nosso lugar, não mais. Nosso lugar é um com o outro, onde quer que estejamos.
Então ele me puxou para perto e me beijou. Foi difícil me incomodar com alguma coisa depois disso.
Acho que entendo por que o casarão vitoriano na Pine Crest Road, 99, não significava nada para ele. Na visão de Jesse, era apenas o lugar onde havia sido assassinado.
Para mim, no entanto, foi a casa na qual nos encontramos e, com o tempo e depois de vários desentendimentos, nos apaixonamos — embora durante anos tivesse parecido um romance amaldiçoado: ele era uma Pessoa Morta Não Obediente; eu, a menina cujo trabalho era livrar o mundo da espécie dele. Acabou dando certo, mas por pouco.
Embora o chamado "dom" de se comunicar com os mortos possa soar incrível, acreditem em mim: quando um fantasma aparece em seu quarto — mesmo um que fique tão bem sem camisa quanto Jesse —, a realidade não se parece nada

com os filmes ou a TV, ou com *Médium*, o novo *reality show* de sucesso (que, sinto dizer, é baseado no filme e no jogo de RPG best-seller de mesmo nome).
A "realidade" é de partir o coração e, às vezes, é bem violenta... como minha necessidade de comprar botas novas ilustrou.
Exceto, é claro, que, no final das contas, foi esse "dom" que me permitiu conhecer e ficar íntima de Jesse, e até ajudar a fazer com que sua alma voltasse a seu corpo, embora meu chefe e companheiro de trabalho de mediação, o diretor da Academia da Missão, o padre Dominic, goste de achar que isso foi "um milagre" pelo qual devemos agradecer. Ainda estou em cima do muro, sem saber se acredito ou não em milagres. Existe uma explicação racional e científica para tudo. Até o "dom" de ver fantasmas parece ter um componente genético. Provavelmente também existe uma explicação científica para o que aconteceu com Jesse.
Uma coisa que não tem explicação — pelo menos não uma que eu tenha encontrado até hoje — é Paul. Mesmo que ele tenha me mostrado o incrível truque de viajar no tempo que, eventualmente, levou ao "milagre" que trouxe Jesse do mundo dos mortos à vida, Paul não o fez por ter um coração bom. Fez porque queria se dar bem comigo.
— Olhe, Paul — falei. — Você tem razão. Eu me importo, sim. Mas com pessoas, não com casas. Então por que você não pega suas desculpas e seu novo projeto de construção chique e seu avião particular e enfia tudo no orifício retal, que, caso você não saiba, é também conhecido como cu. Adios, muchacho.
Já ia desligar quando a gargalhada de Paul me fez parar.
— Orifício retal — repetiu ele. — Sério, Simon?
Tive de encostar o telefone no ouvido novamente.
— Sim, sério. Tenho alto conhecimento de termos médicos corretos agora que estou noiva de um médico. E isso não é apenas onde você deve enfiar suas desculpas, falando nisso. É também o que você é.
— Tá bom. Mas e Jesse?
— O que *tem* Jesse?
— Entendo você não ligar para mim, nem para a casa, mas achei que você ficaria pelo menos um pouco preocupada com seu namorado.
— Eu me preocupo com ele, mas não sei o que a demolição de minha casa tem a ver com isso.
— Tem só tudo a ver. Vai me dizer que não se lembra de todos aqueles textos de meu avô sobre funerais egípcios que a gente costumava estudar juntos depois das aulas? Isso magoa, Suze. Magoa muito. Dois mediadores problemáticos se deliciando com hieróglifos ancestrais... Achei que tínhamos algo especial.
Quando você é uma menina normal e um menino tem tesão por você, ele te

convida para ver filmes na casa dele depois da aula.
Quando você é uma mediadora, ele te convida para estudar os textos do avô sobre funerais egípcios, para que aprenda mais sobre seu chamado.
É. Eu realmente era popular na escola.
— O que tem eles? — indaguei.
— Nada de mais. Só achei que você fosse se lembrar do que O *livro dos mortos* diz sobre o que acontece quando uma casa que foi assombrada é demolida... Que, quando um demônio tem seu destino final alterado, libera a ira das chamas eternas do submundo em cima de tudo o que encontra, amaldiçoando até mesmo os que amou um dia, com a fúria de mil sóis. Esse tipo de coisa.
Xinguei... em silêncio, para mim mesma.
O avô de Paul, além de ser absurdamente rico, era também um dos egiptólogos mais proeminentes do mundo. Quando o assunto era maldições obscuras e ancestrais escritas em pedaços velhos de papiro, o cara geralmente acertava.
Por isso eu estava xingando. Tinha me enganado: Paul não havia ligado para pedir desculpas. Aquilo era bem, bem pior.
— Boa tentativa, Paul — falei, tentando manter a voz tranquila e os batimentos cardíacos estáveis. — Mas acho que o que lemos foi sobre múmias enterradas em pirâmides, e não sobre fantasmas que um dia já assombraram residências no norte da Califórnia. E, mesmo que Jesse jamais tenha sido um anjo, também não foi um demônio.
— Talvez não para você. Mas ele me tratou...
— Porque você estava sempre tentando exorcizar e acabar com ele. Isso deixaria qualquer pessoa ressentida. E minha casa na Pine Crest Road não foi seu destino final. Antes mesmo de ele voltar a viver, ele achou seus restos mortais e os colocou em outro lugar.
Não dava para ver o túmulo do Jesse de minha mesa de trabalho, mas eu sabia que ele estava ali perto, na parte mais antiga do cemitério da missão. Na Semana Santa, era tarefa dos alunos do quinto ano colocar cravos sobre ele (assim como sobre todos os outros túmulos com importância histórica), além de tirar as ervas-daninhas que pudessem ter aparecido.
O fato de não ter nada enterrado no túmulo do Jesse — visto que ele está vivo, e muito bem, obrigada — é algo que não acho que deva comentar com os alunos do quinto ano. As atividades ao ar livre são boas para as crianças. Já foi comprovado que passar muito tempo jogando videogame afeta suas habilidades sociais.
— Então demolir a casa onde ele morreu não vai machucá-lo — continuei. — Não sou fã de condomínios, mas olhe, se e disso que você gosta, manda ver. Mais alguma coisa? Realmente preciso ir agora, tenho um milhão de coisas para

preparar até o casamento.
Paul gargalhou. Pelo visto, meu tom sério não o enganou.
— Ai, Suze. Amo ver que tanta coisa no mundo mudou, mas você, não. Esse seu namorado assombrou aquela velha mansão durante uma eternidade, esperando por... ele estava esperando pelo *quê* mesmo? As vítimas de assassinato são as assombrações que dão mais trabalho. — Ele disse a palavra assombrações da mesma maneira que dizem *manchas* num comercial de detergentes. — Só querem justiça... ou, no caso de Jesse, vingança
— Isso não é verdade. — Foi um erro interromper; recebi mais um pouco da gargalhada debochada de Paul.
— Não mesmo? Então pelo que acha que ele estava esperando durante rodos aqueles anos, Suze? Você?
Senti minhas bochechas ficando quentes de novo.
— Não.
— É claro que você acha isso — disse Paul com sarcasmo. — Mas essa sua historinha de amor talvez não tenha um final feliz.
— É mesmo, Paul? E por quê? Por causa de algo escrito em um rolo feito de papiro há 2 mil anos? Acho que você tem assistido a muitos episódios de *Médium.*
A voz dele ficou fria.
— Estou apenas repetindo o que a maldição diz: que devolver uma alma ao corpo à qual pertenceu é tarefa dos deuses.
— Do que você está falando? Foi *você* quem...
— Suze, só fiz o que pessoas como nós devem fazer: tentar ajudar uma alma infeliz a encontrar o descanso justo.
— Voltando no tempo para fazer com que ele não morresse e nunca me conhecesse?
— O que eu fiz não interessa. Vamos falar sobre o que *você* fez. A maldição diz que o humano que tentar ressuscitar um cadáver vai ser o primeiro a sofrer a ira do demônio quando este for despertado.
— Isso é ridículo, porque não tem nenhum demônio dentro de Jesse, e porque não fui eu que o ressuscitei. Foi um milagre. Pergunte ao padre Dom.
— Sério, Suze? Quando começou a acreditar em milagres? — Eu odiava o fato de ele me conhecer tão bem. — E desde quando você acha que pode mexer com o tempo e o espaço (e com a vida e a morte) sem arcar com as consequências? Se você ajuda a criar um monstro, devia estar preparada para quando ele voltar e te pegar. Ou você desconhece a indústria inteira de filmes hollywoodianos de terror?
— Ficção — falei com a boca seca. — Filmes de terror são ficção.

— E o conceito de bem e mal? É ficção? Pense, Simon. Não há como ter um sem ter o outro. Precisa existir um equilíbrio. Você recebeu seu lado bom. O Menino Fantasma está vivo agora e retribuindo à comunidade com suas mãos curadoras... o que, aliás, me dá vontade de vomitar. Mas cadê o mal? Você não percebeu que tem alguma coisa faltando nesse milagrezinho que fez?
— Hum — respondi, tentando achar uma resposta à altura.
Porque ele tinha razão. Como qualquer californiano que faça jus a seus chinelos pode atestar, não dá para ter *yin* sem *yang*, surfe sem areia, um *latte* sem leite de soja (porque ninguém na Califórnia bebe derivados de leite, exceto eu... mas nasci em Nova York).
— Acho que o lado ruim é... você. — Era uma resposta fraca, mas foi o melhor que consegui inventar, considerando o terror que estava lentamente tomando minhas vértebras.
— Muito engraçado, Suze. Mas você vai precisar de uma resposta melhor. O humor não funciona como defesa contra as forças do mal. Que moram, como você bem sabe, dentro de seu garoto milagre, só esperando pela oportunidade de explodir e matar você e todo mundo que ama por causa do que fez.
Agora ele passara dos limites.
— Eu não sei bem *nada* disso. Como *você* sabe? Não fala com ele há seis anos. Não sabe nada sobre nós. Não pode simplesmente chegar aqui e...
— Eu não *preciso* ter falado com ele para saber que, depois de ter vivido como uma assombração por um século e meio, não deve ter escapado de algumas coisas bem malévolas. O De Silva não deu só uma andada pelo vale da sombra da morte. Simon. Ele acampou lá e derreteu *marshmallom* na fogueira. Ninguém tem como sair dessa sem nenhum arranhão, independentemente de quantas crianças com câncer ele esteja curando agora, e independentemente de quantas listas de presente de casamento a namorada dele esteja escolhendo para garantir pra si mesma que está tudo indo muito bem.
— Isso não é justo — protestei. — E isso não é justo. Só falta você falar que todas as pessoas que já sofreram trauma na vida são destinadas a nunca os superar, mesmo que tentem muito.
— É mesmo? Você vai se apoiar nessas baboseiras de psicologia de escola? — A voz dele se encheu de um tom divertido. — Eu esperava mais de você. Pode afirmar com honestidade, Simon, que, quando olha nos olhos castanhos e gigantes de novela do De Silva, jamais vê sombras?
— Não. Não, é claro que vejo às vezes, porque ele é humano. E seres humanos não são felizes cem por cento do tempo.
— Não é desse tipo de sombra que estou falando, e você sabe disso.
Percebi que segurava o telefone com tanta força que uma marca vermelha no

formato do plástico duro havia se formado em minha pele. Precisei trocar de mãos.
Porque ele estava certo. Eu via, sim, alguns lampejos ocasionais de escuridão nos olhos de Jesse... e não eram de tristeza.
E por mais que eu não estivesse mentindo quando contei a Paul sobre o desejo de Jesse em ajudar às pessoas mais doentes e oprimidas de nossa sociedade — era uma parte primordial da personalidade dele —, de vez em quando eu me preocupava, sim, pensando que a razão que levava Jesse a lutar tão desesperadamente contra a morte quando a via chegando para seus pacientes mais fracos era que ele temia que ela também estivesse voltando para reclamá-lo...
Ou, pior, que ainda existisse uma parte dela dentro dele.
Se o que dizia *O livro dos mortos* era verdade, e se Paul realmente demolisse o número 99 da Pine Crest Road, eu não tinha como saber o que isso causaria.
E provavelmente não seria possível contar com outro milagre. Não dá para uma pessoa receber tantos milagres em uma só vida, e eu tinha a impressão de que Jesse e eu já havíamos recebido nossa parte.
Se é que milagres existem. Não estou dizendo que sim.
Como se tivesse sentido novamente o que eu pensava, Paul deu uma risada.
— Está entendendo o que quero dizer, Simon? Você pode tirar o garoto da escuridão, mas não pode tirar a escuridão do garoto.
— Tá bom — respondi. — O que você quer de mim exatamente para não demolir a casa e não libertar a Maldição do Papiro ou sei lá qual o nome disso? Perdão? Tudo bem. Eu perdoo você. Dá pra sumir agora e me deixar em paz?
— Não, mas obrigado pela oferta — disse Paul, a voz suave como seda. — E o nome é Maldição dos Mortos. Não existe Maldição do Papiro. As maldições são escritas em papiro, não são...
— Fale logo o que você quer, Paul.
— Já falei o que quero. Outra chance.
— Precisa desenvolver o tema. Outra chance de quê?
— De ter você. Uma noite. Se eu não conseguir te tirar do De Silva em uma noite, não sou digno do nome Slater.
— Você só pode estar me zoando.
Se eu não tivesse tão enjoada, teria soltado uma gargalhada. Tentei não deixar que meus sentimentos conflitantes — desprezo, medo, confusão — transparecessem na voz. Paul se alimentava de sentimentos da mesma forma que buracos negros se alimentavam de estrelas.
— Na verdade, não estou — disse ele. — Já falei, nunca é bom brincar quando forças do mal estão envolvidas.

— Paul. Em primeiro lugar, você não tem como recuperar uma coisa que nunca teve.
— Suze, de onde você tirou isso? Eu realmente acho que houve algo entre nós. Você está querendo mesmo sugerir que foi tudo minha imaginação? Porque eu tive bastante tempo para pensar sobre isso, e preciso dizer que não concordo.
— Em segundo lugar, estou noiva. Isso significa que estou fora do mercado. E, mesmo que não estivesse, ameaçar demolir uma casa multimilionária e liberar um espírito maligno que talvez viva dentro de meu namorado é mais baixo até do que...
Ele me interrompeu.
— E daí que você está noiva? Se Hector não dá valor suficiente para o relacionamento a ponto de consumar o ato — Paul arrastou a segunda sílaba do nome de batismo de Jesse de maneira desagradável —, o que eu sei que ele não faz, você ainda está na pista, até onde eu sei.
— Peraí. — Não dava para acreditar no que eu estava ouvindo. — Isso não é justo. Jesse é católico romano. Essas são as *crenças* dele.
— E eu e você não cremos em nada — destacou Paul. — Então não entendo por que quer ficar com um cara que acredita que...
— Nunca falei que não creio em nada. Eu creio em *fatos.* E o fato é que quero ficar com Jesse porque ele me faz sentir uma pessoa melhor do que acho que sou na verdade.
Houve um momento de silêncio no outro lado da linha. Por um ou dois segundos, achei que tivesse de fato conseguido fazer com que ele visse que o que estava fazendo era errado. Paul tinha um pouco de bondade dentro de si — eu sabia disso porque o tinha visto em ação uma ou duas vezes. Até verdadeiros monstros podem ter algumas características agradáveis. Hitler gostava de cachorros, por exemplo.
Mas, infelizmente, a parte boa de Paul estava enterrada embaixo de tanto narcisismo e ganância que raramente conseguia ser vista, e esse momento não foi uma exceção.
— Nossa, Simon, esse realmente foi um momento Hallmark — disse ele com sarcasmo. — Você sabe que eu posso te fazer se sentir bem...
— Claro, e você começou muito bem ameaçando transformar meu namorado em um demônio.
— Não culpe o mensageiro, baby. Não sou o vilão aqui. Se não fosse eu a demolir sua casa, seria alguma outra construtora podre de rica.
— Duvido muito.
— Que saco, Simon. Você devia me agradecer. Estou tentando fazer um favor para você. De onde vem tanta hostilidade?

— Do meu coração.
— Que palhaçada. — Agora ele soava irritado. — Por que sou obrigado a respeitar as crenças de outra pessoa? Isso se chama mercado livre. Por que um homem não pode tentar ganhar uma coisa que ainda está disponível?
— A gente acabou de viajar no tempo para 1850? Você realmente acha que mulheres são coisas que você pode ter?
— Engraçadinha. Isso não posso negar, você sempre foi engraçada, Simon. É o que sempre gostei em você. Quero dizer, isso e sua bunda. Ainda tem uma bunda linda, não tem? Tentei achar fotos suas nas mídias sociais, mas você e surpreendentemente discreta. Ai, merda, quero dizer... Esquece. Você é feminista, não é? Deve ter achado esse comentário da bunda meio sexista.
— É com *isso* que está preocupado? Que vou te achar sexista? E não que vou te denunciar por tentar me chantagem para sair com você?
— Acho que você vai ter um pouquinho de dificuldade em provar algum delito meu, Suze, mesmo que esteja gravando esta ligação, o que você deve ter pensado em fazer só agora. Não há menção a nenhum valor em dinheiro, e, mesmo que você chame de coerção, tenho certeza de que vai dar trabalho explicar aos policiais por que a demolição de um prédio legalmente meu é uma ameaça a você. Se bem que, se você mencionar o negócio dos textos egípcios, os poliças vão rir bastante.
Infelizmente, ele tinha razão. Isso era o que irritava mais. Até ele dizer:
— Ah, e vou querer um pouco mais que apenas uma *saída* comigo. Não quero ser descarado, mas certas virtudes *não* me interessam. Ao contrário do H*ector,* não me importo com casamento. Mas até acho que casar com você deve ser legal... como ser caçador de tempestades. Não tem como saber o que esperar a cada dia. Mas estou me adiantando demais. Primeiro, nosso encontro: definitivamente vai haver intimidade física. Senão, como vou conseguir provar para você que mudei?
Fiquei tão chocada que por certo tempo não consegui formular uma resposta, nem mesmo um palavrão, e isso para mim era anormal.
— Não se preocupe — garantiu ele suavemente. — Faz muito tempo que não bebo Goidschläger. Aprimorei bastante minhas técnicas. Não vou jogá-la em nenhuma parede.
— Nossa — respondi, quando finalmente consegui falar. — O que *houve* com você? Quando foi que ficou tão desesperado por companhia feminina a ponto de recorrer à extorsão sexual? Já pensou em tentar o Tinder?
Ele gargalhou.
— Boa! Está vendo, sinto saudade disso. Sinto saudade de nós.
— Nunca existiu nós, seu pervertido. E o que foi que aconteceu entre você e

Kelly, afinal?
— Kelly? — Ele riu mais um pouco. — Kelly *Prescott*? Pelo visto você também não tem lido o boletim online dos alunos.
— Não — admiti, sentindo-me culpada. A culpa foi apenas porque o boletim era escrito por Cee Cee, minha melhor amiga, e eu jamais lia nada.
— Bem, digamos apenas que Kelly e eu não fomos feitos um para o outro; não como eu e você. Mas não se preocupe com a velha Kel. Ela buscou conforto em um cara duas vezes mais velho que ela, e com duas vezes mais dinheiro que eu, o que é muito porque, como já falei, estou podre de rico. Kelly Prescott se tornou Sra. Kelly... Walters, acho que foi o que o boletim informou. Fez uma festa gigantesca no resort da praia Pebble. Peraí, você não foi convidada?
— Não me lembro. Minha agenda social tem estado bem cheia.
É claro que eu estava mentindo. Fui convidada, sim, mas só porque tenho relações familiares com a melhor amiga dela, Debbie, que foi dama de honra. Declinei educadamente, dizendo que tinha um compromisso (falso) que já estava marcado, e ninguém nunca mencionou sentir minha falta.
Não sou muito chegada a casamentos, de qualquer maneira. Reuniões grandes com vários humanos tendem a chamar a atenção dos mortos-vivos, e eu geralmente acabo tendo de mediar PMNOs entre goles de cerveja.
Meu casamento vai ser diferente. Vou chutar para fora qualquer morto que aparecer sem ser convidado.
— Então, quando vamos jantar? — perguntou Paul. — Ou, mais diretamente, o que vem depois do jantar. E não estou falando da sobremesa.
— Quando Júpiter se alinhar com o planeta Vai Se Ferrar.
— Ah, Suze. Essas suas piadinhas sensuais são do que mais senti falta. Estarei em Carmel neste fim de semana. Mando mensagem sobre os detalhes de onde vamos nos encontrar. Mas, de verdade, não me parece que esteja levando muito a sério tudo que falei sobre a vida de seu namorado correr perigo.
— Levo isso a sério, sim. Levo tão a sério que mal posso esperar para te encontrar e realizar meu velho sonho de meter meu pé na sua bunda.
— Você pode meter qualquer parte de seu corpo em qualquer orifício do meu, Simon, contanto que eu possa fazer o mesmo com você.
Fiquei tão irritada que sugeri que ele chupasse uma parte de meu corpo que eu tecnicamente não tenho, considerando que sou do sexo feminino.
Foi uma pena que a irmã Ernestine, vice-reitora, tivesse escolhido exatamente aquele momento para voltar do almoço.
— O *que* você falou, Suzannah? — indagou ela.
— Nada. — Desliguei na cara de Paul e coloquei o celular no bolso do jeans. Eu teria de lidar com ele (e investigar se a tal "maldição" a qual ele se referiu era

verdadeira) em outro momento. — Como foi o almoço, irmã?
— Vamos conversar sobre o quanto você deve para a jarra dos palavrões mais tarde, senhorita. Temos problemas maiores a resolver agora.
Tínhamos mesmo. Percebi assim que vi a menina morta atrás dela.

Capítulo 3

Desde sempre vejo almas de pessoas mortas que deixaram questões não resolvidas na Terra. "Mediei" meu primeiro fantasma quando era bem pequena, na época em que aprendi a andar — *mediar é* o termo que nós, profissionais, usamos quando ajudamos um espírito conturbado a passar deste mundo para o próximo, o que, a não ser que você seja Paul Slater, fazemos sem cobrar nada.
Eu me lembro como se fosse ontem: acho que aquela senhora fantasma ficou com mais medo de mim que eu dela.
Mas esta foi a primeira vez que vi um fantasma com um monte de papel toalha em cima de uma ferida para estancar o sangue.
Esquecendo que devia manter a calma e esconder meu segredo (de que vejo mortos), levantei da cadeira com um pulo enquanto exclamava "Ai, meu Deus!".
Levei alguns segundos para perceber que, se ela estivesse morta, não estaria sangrando.
E que a vice-reitora, com seus cabelos grisalhos e volumosos, não estaria olhando para mim e falando com entusiasmo forçado:
— Está tudo bem, Becca, querida. Vai ficar tudo bem. A Srta. Simon vai botar um curativo nesse cortezinho, e tudo vai se resolver.
Naquele instante, tive certeza:
Aquela menina estava bem viva.
E a irmã Ernestine estava louca. Aquele "cortezinho" no braço da Becca não me parecia pequeno, a julgar pela quantidade de sangue jorrando. Acho que era um belo de um corte profundo. E nada daquilo iria se "resolver" tão cedo, ainda mais porque o telefone continuava vibrando no bolso traseiro de minha calça.
Paul estava ligando novamente, é claro, para se certificar de que eu iria ao encontro para comer "sobremesa".
— Suzannah. — Não havia nenhum traço de entusiasmo na voz da irmã Ernestine quando se dirigiu a mim.
Isso não era raro. Nunca fui uma das alunas preferidas da irmã durante meu tempo na escola, e, seis anos depois, ela ficara horrorizada com a ideia de me contratar. Preferia a antiga assistente de administração, a Srta. Carper, mas devido aos cortes, às matrículas capengas, à insistência do padre Dominic de que eu seria uma estagiária ótima (leia-se: gratuita) e à decisão repentina da Srta. Carper de fugir para a índia com seu instrutor casado de Yoga Bikram, a freira não teve escolha.
— Onde está o padre Dominic? — indagou a irmã Ernestine.
— Está na conferência em San Luis Obispo — lembrei, e coloquei a mão sobre o

telefone. Não o meu (deixei a ligação de Paul cair na caixa eletrônica), mas o do escritório. — Só chega hoje à noite. Irmã, eu realmente acho que a gente devia ligar para a polícia, não...
A freira me interrompeu e olhou rapidamente para a porta aberta da sala da conselheira de alunos, que ficava do outro lado de minha mesa.
— Becca está bem. Largue esse telefone. Cadê a Srta. Diaz?
— Almoço — falei. — A Srta. Diaz disse que volta em meia hora.
O que a Srta. Diaz havia *realmente* dito é que ia à praia Carmel para "dividir um sanduíche" com o Sr. Gillarte, o treinador de corrida e professor de Educação Física. Mas visto que estavam tentando manter aquele amor ardente por sanduíches e frios — e um pelo outro — por baixo dos panos, é claro que eu não podia falar a verdade.
O que eu também não podia mencionar para a irmã Ernestine era a segunda emergência que vi aparecendo no horizonte naquele instante. Minha primeira avaliação da situação foi correta.
Havia, *sim,* uma menina morta naquela sala.
Só que não era Becca, a aluna que a irmã Ernestine havia levado para o escritório e que mal conseguia conter o sangue fluindo do pulso esquerdo com o papel toalha que alguém — acho que a boa irmã — havia buscado no banheiro.
Seis ou oito anos mais nova que Becca, a menina morta estava escondida atrás da saia dela. Parecia tentar se manter o mais transparente e imperceptível possível.
No entanto, não estava funcionando. Seu brilho sobrenatural era claro o suficiente para que eu o percebesse mesmo com o sol entrando pelas janelas altas e largas do escritório. Era tão visível para mim quanto o sangue na menina viva.
No entanto, ninguém mais conseguia vê-la. Apenas eu.
Não havia tempo para lidar com a menina morta. Não quando uma garota viva ao lado desta ensopava de sangue a camiseta.
Entrei na sala da Srta. Diaz e peguei o kit de primeiros socorros. Visto que a Academia da Missão Junípero Serra não apenas necessitava de uma assistente administrativa em tempo integral (assalariada), como também carecia de uma enfermeira escolar, eu vinha acumulando as funções.
Meu celular tocou de novo. Sem nem o tirar do bolso, eu sabia que daquela vez não era Paul, e sim Jesse ligando do São Francisco, o centro médico recentemente renovado em Monterrey, onde ele teve a sorte de conseguir a residência... se bem que, de vez em quando, eu me perguntava se, embora Jesse fosse um aluno brilhante de Medicina, aquilo tinha a ver com sorte mesmo. O São Francisco havia sido um hospital católico, e a influência do padre Dominic

sobre a arquidiocese local era considerável.
O toque que eu havia escolhido para Jesse era o clássico de Elton John, "Someone Saved My Life Tonight". Jesse havia salvado minha vida tantas vezes — e eu, a dele — que não era surpresa alguma que fosse essa nossa música, principalmente a parte que fala sobre borboletas sendo libertadas para voar. Nós nos demos a liberdade de voar, mas, em vez de partir, resolvemos ficar juntos, mesmo que, vez por outra, parecesse haver barreiras intransponíveis em nosso caminho.
Mesmo agora, quando meu relacionamento com Jesse não era mais o de uma mediadora e uma Pessoa Morta Não Obediente, ele ainda parecia saber quando eu precisava que salvasse minha vida, ou quando eu estava me sentindo estressada... por exemplo, se eu estivesse vendo duas meninas bastante nervosas — uma viva, a outra nem tanto — no escritório.
Ou, pelo menos, falei para mim mesma que era por isso que ele estava ligando, e não porque pressentiu, a 10 quilômetros de distância, que Paul Slater tentava me extorquir sexualmente.
— Oi — sussurrei ao telefone. — Não posso falar agora. As coisas aqui no trabalho estão meio loucas. Posso te ligar mais tarde?
— Claro, *mi amada.*
Só de ouvir aquele tom grave e suave já fez com que o músculo tenso em minha nuca relaxasse e eu me acalmasse. A voz de Jesse era um elixir calmante, um chantilly boiando em chocolate bem quente em uma manhã de inverno.
— Só queria saber se você está bem — confessou ele. — Tive uma sensação muito estranha agora há pouco de que algo parecia errado. Teria ligado na hora, mas estava com um paciente.
— Algo errado? Não, está tudo bem.
O que eu estava fazendo? Jesse e eu estávamos noivos. O certo era sermos completamente sinceros um com o outro.
Mas eu não podia ser sincera com ele. Não quanto a um detalhe. Quero dizer, uma *pessoa.*
— Irmã E trouxe uma aluna que meio se machucou, só isso — falei. — O resto está tranquilo.
Não sinta que estou mentindo, não sinta que estou mentindo, não sinta que estou mentindo...
— Entendi — disse Jesse. — Bem, você sabe para onde pode trazê-la se for demais para você. Não que você não consiga lidar com bastante coisas, Suzannah.
Jesse sempre falou que meu apelido, Suze, é muito feio e diminuto para uma menina tão forte e bonita quanto eu. Com ele, sempre foi Suzannah, ou — mais

tarde, quando nos conhecemos melhor — *mi amada*, que quer dizer meu amor ou minha querida. Ainda me arrepio quando ele fala isso, do mesmo jeito que me arrepio quando ele diz meu nome.
Verdade seja dita, tenho uma queda pelo rapaz. O que é bom, porque tenho toda a intenção de me casar com ele. Não quero saber quantas maldições egípcias vou precisar combater para isso.
— Acho que está tudo sob controle agora — falei. — Ligo mais tarde para conversarmos melhor.
— Vai ligar mesmo. Porque com certeza tem alguma coisa acontecendo que você não está me contando. Estou certo, Suzannah?
— Caramba, Jesse — falei com um tom leve, na tentativa de camuflar o fato de eu estar realmente incomodada por ele ter percebido minha mentira. — Você pode até ter deixado de ser um fantasma, mas com certeza ainda consegue sentir quando há um deles por perto. Como faz isso?
— Um fantasma? É só isso? Achei que pelo menos tivesse ganhado na loteria hoje.
— Há! Eu bem queria. Compraria aquela máquina de tomografia que você quer.
Eu sabia que ele estava apenas agindo como se não estivesse preocupado. Era protetor por natureza e, quando o assunto era o sobrenatural, era mais que apenas protetor. Era o que chamávamos na prática de aconselhamento de *hipenigilante*.
Considerando tudo pelo que havia passado, no entanto, isso era natural.
— Então se cuida, sim, *mi amada!* A última coisa que quero é minha noiva chegando à emergência como paciente.
— Você sabe que isso jamais vai acontecer. Odeio médicos, lembra? Eles acham que sabem tudo.
— É porque na verdade a gente sabe tudo *sim. Te quiero, mi amada.*
Felizmente, ele desligou antes de fazer mais adivinhações extrassensoriais (ou de me fazer derreter de desejo do outro lado da linha).
Também desliguei. De jeito algum eu contaria a Jesse sobre a ameaça de Paul, muito menos sobre sua proposta. Isso só o deixaria com raiva.
Com raiva? Uma explosão nuclear aconteceria na cabeça dele.
E agora — apesar das afirmações contrárias de Paul — Jesse era um cidadão empregado, bem remunerado e bastante vivo.
Ao contrário de antes, se ele fosse pego agora tentando matar alguém, tínhamos muito a perder, como a residência e nosso casamento no ano seguinte na basílica da Missão Carmel. É verdade que os convites ainda não haviam sido enviados, mas a lista *já* contava com duzentos convidados, e o número não parava de crescer... Não havia ninguém da família do noivo, é claro, visto que todos os parentes de Jesse morreram no século anterior. Jesse fingia não se importar com

isso, mas quem não se importaria?
Seria estranho ter de devolver todos aqueles depósitos porque o noivo foi indiciado por homicídio.
E quanto à bolsa para a qual Jesse estava concorrendo — a que ele usaria, caso a recebesse, para pagar grande parte dos empréstimos estudantis, e também para ajudar a financiar seu consultório depois que se formasse? (Contanto que concordasse em atender pacientes sem seguro e de baixa renda, algo que ele já vinha planejando fazer de qualquer maneira. Uma entre cinco famílias norte-americanas vive abaixo da linha da pobreza, mesmo em uma comunidade tão ostensiva quanto Carmel.)
As chances de Jesse conseguir essa bolsa dentre as centenas de candidatos seria outro milagre, no entanto, e eu não contava com ele.
Saí do escritório da Srta. Diaz e mostrei o kit de primeiros socorros para a menina que sangrava.
— Me deixe dar uma olhada.
— Não, não precisa — protestou Becca, se afastando de mim e segurando o braço. — Estou bem.
Ela parecia tão longe de estar bem que aquela afirmação foi quase hilária, embora ninguém risse. Além do sangue pingando no chão, havia marcas vermelhas na frente de seu uniforme — a escola havia retomado as regras quanto a uniformes depois de anos não tão severos (tentei não receber essa retomada do uniforme de maneira pessoal). Agora, todos os alunos tinham de vestir um suéter azul-marinho por cima de uma camisa branca, com calça cinza ou saia azul quadriculada. A menina usava a saia.
Seus cabelos castanhos pareciam nunca ter visto um condicionador... ou uma escova. A pele parecia pálida e com um brilho não saudável, e o uniforme era um ou dois números maior que deveria. Usava óculos com aros que pareciam ter sido comprados no começo dos anos 2000, ou talvez fossem de segunda mão, da década de 1990.
Para usar o jargão de uma conselheira escolar profissional (em breve), aquela menina estava uma bela bagunça, sem mencionar a Pessoa Morta Não Obediente que se segurava em uma das dobras da saia azul quadriculada grande demais, deixando-a ainda mais torta.
Eu era a única pessoa na sala que conseguia ver isso, mas tenho certeza de que Becca conseguia sentir o peso extra. Ela provavelmente sofria de dores crônicas nas costas e no pescoço para as quais seu médico jamais conseguia achar uma causa.
Eu sabia a causa. Era um parasita fantasmagórico, e eu olhava diretamente para ele, vendo a expressão infeliz que provocava na receptora humana.

Mas aquela infelicidade também podia ser o resultado de Becca ter ferrado seu pulso de maneira muito feia, além de estar sendo rodeada pela irmã Ernestine, uma das maiores bisbilhoteiras da Califórnia.

— Você pode se sentar aqui, Becca — disse a irmã, e empurrou a menina sangrenta para uma cadeira de estilo missionário na frente de minha mesa. A cadeira, aliás, não foi feita apenas para *parecer* que tinha a ver com missões; ela provavelmente era do século XVIII, quando o padre Junípero Serra, um frade franciscano da Espanha, percorreu a costa da Califórnia, construindo missões freneticamente para que pudesse enfiar a palavra do Senhor goela abaixo dos nativos que havia capturado. A julgar pelo rangido dos móveis, eu não me espantaria se fossem todos do tempo do velho padre Serra. — Deixe a Srta. Simon botar um curativo nesses cortes. Vou ligar para seus pais.

— Não! — exclamou Becca, tentando pular da cadeira. — Já falei, irmã, estou bem! Isso é ridículo. Meu compasso escapuliu na aula de geometria, só isso. Não precisa ligar para meus pais. O Sr. Walden exagerou...

— O Sr. Walden? — Levantei uma das sobrancelhas em sinal de suspeita enquanto colocava uma luva de látex.

É completamente humilhante que, depois de quase seis anos de educação superior, o único lugar no estado inteiro da Califórnia onde consegui um emprego (e nem é pago) foi em minha antiga escola. Mas havia algumas vantagens. Pelo menos ali eu conseguia saber quando os alunos estavam mentindo bem na minha cara em relação aos professores.

— O Sr. Walden não exagera — argumentei. — Estudei com ele no começo *e* no final do ensino médio. Se ele diz que há um problema, é porque há um problema. Então me mostre o braço, por favor.

A menina olhou para mim através da armação de plástico marrom grande demais.

— Perai — disse ela, registrando o nome que a freira havia usado para falar comigo. — Srta. *Simon*? Você é a *Suze Simon*? A que derrubou a cabeça da estátua do padre Serra no jardim?

Dei uma olhada rápida para a irmã Ernestine, que felizmente havia ido para seu escritório e já estava ao telefone, provavelmente com os pais da Becca.

— Não — respondi, olhando para Becca. — Nunca ouvi falar.

A menina falou mais baixo para que a freira não nos escutasse.

— É você, sim. Todo mundo conta que você derrubou a cabeça do padre Serra com as próprias mãos durante uma briga, e que precisou trabalhar aqui no escritório para ajudar a pagar o custo de soldarem a cabeça de volta. — Ela arregalou os olhos. — Ai, meu Deus. Você *ainda* precisa trabalhar aqui para pagar? Você não se formou há, sei lá, dez anos?

— Seis. Há seis anos. As pessoas acham que tenho quantos anos? Braço, por favor.

Com relutância, a menina estendeu o pulso, e eu tirei os lenços de papel da ferida... e suguei o ar quase com tanta força quanto ela, mas não pelo mesmo motivo. O sangue finalmente havia coagulado, e, quando eu removi os papéis, a pele se separou de novo, o que fez com que ela chorasse de dor.

Eu fiquei sem ar porque, agora que pude finalmente ver o machucado, soube que não foi o resultado de nenhum acidente, embora certamente tivesse sido causado por um instrumento afiado — talvez até mesmo um compasso, como ela havia contado. Talhadas na pele branca da parte de trás do punho esquerdo estavam as letras vermelhas:

IDIO

A pessoa — ou coisa — que fez aquilo havia parado antes de conseguir chegar no que achei que seriam as duas últimas letras, TA.

Idiota.

Alguém — ou alguma *coisa* — havia tentado talhar a palavra *idiota no* braço daquela menina.

Capítulo 4

Olhei da ferida para o rosto da menina. Os traços variavam entre cortes superficiais e profundos, e o "O" deixaria uma cicatriz caso não fosse tratado logo. Ela estava olhando para a irmã Ernestine com nervosismo, depois para a ferida, depois para mim. Seus lábios estavam pálidos e secos. Ela estava de cara limpa, apesar de ter 16 anos e de maquiagem ser permitida no código de vestimentas para meninas da Academia da Missão Junípero Serra.

Alguma coisa me fez achar que Becca nunca havia usado maquiagem, na verdade. Tudo nela — cabelo escorrido, uniforme grande demais, pele manchada — berrava *por favor, não olhem para mim.*

— Quem fez isso? — indaguei. Eu estava tonta. Será que foi a PMNO? A fantasma fez aquilo? Quem quer que fosse, ele ou ela ia levar o mesmo pé na bunda que eu havia prometido a Paul mais cedo. — Quem fez isso com você, Becca? Não precisa ter medo. Não vou machucar a pessoa.

Não muito.

— Quê? Quem...? — Os olhos dela se encheram de lágrimas por trás dos óculos. Becca balançou a cabeça. — Não. Não, não. Ninguém fez isso comigo. Fui eu... eu que me cortei.

— O *quê?* — As palavras saíram como uma explosão antes que eu pudesse controlá-las. Mas eu devia ter percebido.

Estudamos autoflagelação nos cursos de psicologia juvenil e adolescente. Só que ver aquilo na vida real era completamente diferente de ver em fotos. Não consegui conter minha segunda pergunta. — *Por quê?*

— Eu... não sei — sussurrou Becca. Pelo rubor nascendo em suas bochechas e pelo fato de não conseguir olhar para mim, vi que ela falava a verdade. Mentirosos, como Paul, geralmente não têm problemas em olhar dentro de seus olhos. — Eu só... eu só me odeio de vez em quando. Mas juro que foi a primeira vez que fiz isso.

Agora ela estava mentindo. Olhou dentro de meus olhos, toda fofa, e mentiu descaradamente.

— Nunca mais vou me machucar, prometo. Por favor, *por favor,* não fale nada. Meu pai vai ficar tão decepcionado, e minha madrasta... bem, minha madrasta também não vai gostar. Por favor, estou implorando: não conte. Por favor. Você sabe como é.

Eu não sabia, não. Mas, pelo visto, como ouviu dizer que eu tive meus problemas no passado, ela achava que sim.

Meus problemas nunca tiveram nada a ver com eu me cortar com objetos

afiados, no entanto, e sim com outras pessoas tentando *me* cortar.
Tentei me lembrar do que havia estudado sobre pessoas que se machucam. Não fazem isso para receber atenção — na verdade, a grande maioria tenta manter os cortes em segredo, e geralmente conseguem, exceto em casos como o de Becca, quando alguma coisa dá errado e elas acabam sendo pegas. A pequena produção de endorfinas causada pela dor física serve como alívio para qualquer trauma emocional ou estresse que estejam sentindo.
É por isso que se cortar não funciona a longo prazo: o alívio é temporário e dura apenas o tempo em que a dor existe. É o tratamento da raiz da dor emocional (geralmente por meio de sessões com um profissional treinado) que ajuda o paciente a de fato se curar.
Era óbvio que alguma coisa estava atormentando Becca. A deplorável criança fantasma agarrada a ela — a que só eu podia ver — era uma grande indicação, e fácil de resolver.
Mas autoflagelação? Isso ia bem além de meu pagamento não existente.
E agora eu não podia passar a bola para a irmã Ernestine porque Becca me pediu para não falar nada. As conselheiras da escola não conseguem fazer seu trabalho direito se os alunos acharem que não podem confiar nelas porque vão violar seus direitos de privacidade. Não temos permissão para informar o que está acontecendo aos pais a não ser que exista uma ameaça clara à vida do aluno (ou à segurança de outras pessoas).
Eu — ainda — não tinha prova alguma de que a vida de Becca corria perigo, apenas de que ela estava sofrendo — e muito — por dentro e por fora.
Então tudo o que pude fazer foi dizer "tudo bem” e pegar os medicamentos para desinfetar os cortes.
— Mas foi a primeira vez, Becca? Sério? Isso pode funcionar com a irmã Ernestine, mas, ao contrário dela, eu apenas *trabalho* em um presbitério, não vivo nele. Não sou tão ingênua. O que está acontecendo? Por que você, hum, se odeia tanto a ponto de querer se machucar assim?
Abordar o elefante — ou PMNO — no recinto nunca é fácil. Faço isso há anos e ainda não descobri o melhor método. A abordagem sutil geralmente passava despercebida — "Alguém em sua família morreu recentemente?" —, mas soltar um "tem um fantasma atrás de você” pode fazer com que as pessoas ridicularizem a situação, ou pior.
Fiquei sem saber qual estratégia adotar com Becca. Ela estava em crise, mas parecia que isso já acontecia havia tempo. Eu não sabia se a aparição era um sintoma ou uma causa.
— Olhe — comecei, quando vi que ela manteria o olhar baixo, sem responder. — Não se preocupe, pode falar comigo. Sou especialista em sentir ódio por si

mesma.
Becca fez um som que pareceu entre uma risada e uma fungada de desprezo.
— Você? Por que *você* teria ódio de si mesma? Olhe para você, com esse cabelo todo. É perfeita.
Verdade, meu cabelo é bem maneiro. Mas a questão não era essa.
— Ninguém é perfeito, Becca — respondi. — E não venha me dizer que fez isso porque não gosta de sua aparência. Você é inteligente, e meninas inteligentes sabem o que fazer para mudar a aparência. Você obviamente não faz isso porque não quer. Então, o que está rolando de verdade?
Em um mundo perfeito, isso teria feito com que ela se abrisse: "Minha irmã mais nova morreu ano passado, e sinto muitas saudades!" Depois eu diria: "Eu sinto muito mesmo, Becca, mas nossa, que coincidência! Tenho o dom de ver pessoas mortas, e o espírito de sua irmãzinha está bem ao seu lado! Ela também tem saudade, mas como você se agarra à memória dela, ela se agarra a seu amor, e isso está impedindo que ela passe para a outra vida. Então vocês duas precisam se despedir agora para que ela vá para a luz, e eu para o almoço com meu namorado incrível. Tudo bem? Que bom!"
No entanto, o mundo não é perfeito. E, considerando meu dia até então, era uma loucura achar, mesmo por um segundo, que havia alguma possibilidade de que isso fosse acontecer.
Em vez disso, Becca fechou os lábios e, teimosa, se recusou a responder minha pergunta.
— Tudo bem — falei. — Fique à vontade. — E coloquei o algodão com antisséptico em seu braço.
Isso foi um erro; assim como foi um erro ter ligado para Paul. Só não consegui perceber antes.
Becca deu um gritinho e tentou puxar o braço para longe de mim quando o álcool entrou na ferida, mas eu o segurei e mantive o algodão nos cortes para que o antisséptico pudesse funcionar propriamente.
— Desculpe, Becca — falei. — Eu devia ter avisado que ia arder. Mas não podemos arriscar que você tenha uma infecção. De qualquer maneira, achei que você fosse gostar, já que se odeia tanto e tal.
Eu sabia que a Dra. Jo, minha terapeuta no curso (todos os mestrandos em aconselhamento tinham de fazer alguns semestres de sessões com outro conselheiro), não aprovaria. Conselheiros (e mediadores) devem mostrar compaixão pelos clientes. Não devemos magoá-los, nem mesmo ao limpar suas feridas com antisséptico.
Mas, às vezes, um pouquinho de dor pode ajudar. Radiação mata as células cancerígenas. Transplantes de pele curam as queimaduras.

Falei para mim mesma que a reação de Becca foi boa. Mostrava força de vontade. A fantasma inoportuna não havia sugado toda a sua vontade de viver... ainda.
— Meu Deus — sussurrou Becca. Outro bom sinal: ela ainda não queria que a irmã Ernestine ouvisse nossa conversa. A freira certamente teria interrompido meus métodos nada ortodoxos. — Você *realmente* derrubou a cabeça daquela estátua, como todo mundo diz. Você é maluca!
— Sim — sussurrei em resposta —, sou. Não se esqueça de reclamar com seus pais da maluca que trabalha no escritório. Assim você vai ter de mostrar o braço a eles e explicar por que veio parar aqui. Aí eles vão saber que você tem se machucado, e talvez arrumem a ajuda que você...
— *Saia de perto dela!*
Becca não era a única mostrando força de vontade. Pela primeira vez, a fantasminha também se manifestou, levantando a cabeça e demonstrando interesse na cena ao redor.
E definitivamente não gostou do que viu... isto é, de mim. Ela saiu da sombra da cadeira onde Becca estava sentada. Suas sobrancelhas se franziam acima do nariz. Ela abraçou o animal de pelúcia em suas mãos — um cavalo —, apontou para mim e falou com uma voz baixa e gutural:
— Pare. Você está machucando Becca.
Receber ordens de um fantasma tão pequeno poderia ter sido cômico.
Se não fosse pelo fato de que, quando o assunto é fantasmas, o tamanho não importa. Já levei surras de algumas PMNOs que pareciam totalmente inofensivas... até suas mãozinhas acabarem em volta de meu pescoço.
Além disso, não tinha nada cômico no ódio que queimava em seus olhos, nem na raiva em sua voz.
— Não estou machucando Becca — expliquei para a menina morta com o tom de voz mais calmo possível. — Ela tem se machucado, estou tentando ajudá-la.
Perplexa, Becca olhou para onde eu estava virada enquanto falava, mas não viu ninguém ali.
— Hum... Srta. Simon? Você está bem?
Eu não tinha tempo para lidar com a preocupação de Becca, que parecia achar que eu havia embarcado em uma viagem para a Cidade da Loucura.
— Também estou tentando ajudar você, menina — falei para a fantasma. — Aliás, quem é você?
Grande erro. Sério, esse foi meu terceiro grande erro naquela manhã, depois de ligar para Paul e de jogar antisséptico na ferida de Becca.
O que posso dizer em minha defesa é que não se deve deixar mortos-vivos por aí sem supervisão, da mesma forma que não se deve deixar feridas sem serem

limpas durante muito tempo.
A fantasminha reagiu dando um passo desequilibrado para trás e caindo, perplexa por, depois de tantos anos morta, alguém ter finalmente sido capaz de vê-la — ainda mais, se comunicar com ela. Ela foi parar no chão, com uma queda barulhenta na pedra fria... um barulho que a deixou chocada e humilhada.
Mas o que veio depois não foi um ataque de menina. Ela pode ter parecido fofa com a franja loura, cavalinho de pelúcia, botas de montaria e esporas — deve ter sonhado em ser amazona quando viva —, mas não era um anjo de forma alguma (ainda não, visto que alguma coisa a mantinha presa à terra). Ela me lançou um olhar ameaçador.
— Lucia — berrou ela, com tanta força que meus cabelos se esvoaçaram e as janelas tremeram. — E ninguém machuca Becca!
E foi aí que a simples mediação que eu planejava foi para o inferno.
As pedras embaixo de meus pés começaram a tilintar e se mover... o que era impressionante, visto que eram pedras maciças, cada uma com mais de 60 centímetros de largura. Foram colocadas ali havia 300 anos por crentes sob o comando do padre Serra. Nunca mostraram nem uma rachadura apesar de todos os terremotos que já haviam sacudido o Norte da Califórnia.
E agora uma menininha fantasma soltando sua raiva contra mim fez com que aquele chão ancestral se partisse, que paredes de 1 metro de espessura tremessem, que as luzes fluorescentes acima de nós balançassem e até que o vidro das janelas tintilasse.
— Pare! — berrei, me segurando nos braços da cadeira ocupada por Becca, tanto para me equilibrar quanto para protegê-la de algum eventual caco de vidro. Os olhos da adolescente estavam arregalados de tanto horror. Não conseguia nem ouvir, nem ver Lucia, então não fazia ideia do que estava acontecendo.
Eu fazia, e me sentia não apenas tão assustada quanto Becca — meu coração parecia uma britadeira no peito —, mas também com raiva de mim mesma. Fiquei tão distraída com a potencial maldição de meu namorado que acabei me esquecendo da coisa mais importante da mediação:
Jamais, de forma alguma, subestime um fantasma.
— Desculpe — berrei para o espírito de Lucia. — Juro que estava só tentando ajudar...
— Cale a boca! — berrou a menininha, com uma voz que parecia vinda diretamente dos confins do inferno. — *Caleabocacaleabocacaleaboca!*
Cada sílaba foi enfatizada por mais um tremor no chão e nas paredes, o que fez com que as gavetas dos arquivos batessem com força. As pastas e papéis ali dentro saíram voando feito uma nevasca de celulose, e as persianas de madeira que, até onde eu lembrava, nunca foram abaixadas, despencaram até o chão de

repente.
— O que está acontecendo? — berrou Becca. Era difícil ouvir alguma coisa além do tilintar dos vidros e do rangido do teto de madeira que os turistas adoravam fotografar para depois mostrarem aos arquitetos e pedir *uma sala igual àquela.* — É um terremoto?
Eu *gostaria* que fosse um terremoto. Uma explicação geológica seria bem melhor que: *Na verdade, é um fantasma.* Ninguém jamais acredita nisso.
Em vez de responder, soltei apenas um "Merda", porque percebi que meu computador tinha começado a deslizar sobre a mesa. O monitor gigante — não de tela plana, pois a escola não tinha como pagar algo tão avançado — vinha em nossa direção.
Becca, ao ouvir meu xingamento e seguir a direção de meu olhar, berrou e abaixou a cabeça. Eu me abaixei por cima dela para que minhas costas recebessem a maior parte do peso do computador, caso desse tudo errado, e dei um chute para trás, aliviada ao sentir que a sola de minha plataforma entrou em contato com um plástico duro e pesado.
Era por isso que eu precisava de botas novas. Nunca se sabe quando você vai precisar se defender de um fantasma tentando usar seu computador para matá-la (e a uma aluna).

Capítulo 5

O tremor parou.
A irmã Ernestine saiu correndo do escritório, segurando o único adorno em sua vestimenta humilde — um crucifixo simples de prata que brilhava contra o peito massivo.
— Meu Senhor! — exclamou. — O que foi isso?
— Hum... terremoto — respondi.
Procurei a PMNO. Ela havia sumido, é claro. Por que ficaria ali? Seu trabalho havia sido feito. Eu a imaginei indo até o lugar onde fantasmas mirins vão depois do trabalho, para assistir a algum canal tipo Disney do Horror, no qual aprendem algumas respostas rudes e formas de se livrar dos vivos.
— Você está bem, querida? — perguntou a irmã Ernestine para Becca de forma solícita, mal olhando para mim.
Becca fez que sim, incerta.
— Eu... eu acho q-que sim.
Ah, claro. Pergunte para uma menina que acabou de tentar se suicidar com materiais escolares se ela está bem. Não precisa se preocupar comigo, a menina se desdobrando para impedir que um computador mate nós duas.
Devagar, abaixei a perna e aparei o monitor com a mão Ele só ficou no lugar por causa dos cabos, que ainda estavam presos à parede — e porque eu o estava segurando. Ajeitei o objeto de volta na mesa e arrumei a bandeja e o porta-lápis. Não que adiantasse muito, visto que os conteúdos de ambos jaziam no chão.
As pedras do piso voltaram ao lugar, sem nenhuma rachadura, no entanto. Os vidros das janelas também pareciam intactos.
O escritório em si, no entanto, estava uma zona, o que era muito irritante porque eu tinha acabado de organizar tudo depois do caos que a Srta. Carper Calças de Yoga causou com seu surto. Eu levaria horas — não, dias — para reorganizar aquelas pastas em ordem alfabética e recolocar os papéis que agora cobriam o chão, feito neve.
Quando eu conseguisse pegar Lucia, eu a mataria de novo, independentemente da forma trágica que a levara à morte anteriormente.
— Nossa! — comentou a irmã Ernestine, quando o telefone começou a tocar; não apenas o telefone no escritório dela, mas o da Srta. Diaz, o que estava em minha mesa, e também o celular em meu bolso.
"Someone Saved My Life Tonight." Jesse.
Peguei o celular e apertei o "Ignorar". Jesse teria de esperar um pouco mais para saber o que estava acontecendo. Eu sabia que ele entenderia. Isso é uma

vantagem de se ter uma alma gêmea.
— Nossa. Que desastre. Imagine como as salas estão — murmurou a freira. — Espero que ninguém tenha se machucado...
— Ah, tenho certeza de que o pior foi aqui. — Eu me abaixei para pegar a caixa de curativos, cujo conteúdo havia se espalhado pelo chão. — Na verdade, acho que foi o epicentro.
A irmã Ernestine me deu uma olhada curiosa e voltou para seu escritório a fim de atender o telefone. Ela sabia que eu era formada em psicologia, não em sismologia.
— Becca, falei com sua madrasta. Ela disse que está vindo mas agora, com esse terremoto, quem sabe quanto tempo vai levar para... Sim, oi, aqui é a irmã Ernestine.
Tirei o lacre de um curativo grande e o segurei na frente de Becca.
— Braço, por favor.
Ela olhou para mim, ainda confusa com o "terremoto".
— O quê?
— É melhor a gente cobrir isso antes que sua madrasta chegue. — Apontei para o braço. — Não acha? A não ser que seu quase encontro com a morte a tenha feito repensar e decidir contar logo a seus pais o que tem feito com você mesma. Pais podem surpreender a gente, sabia?
Ela olhou para o braço.
— Ah. Não. Obrigada.
Ela estendeu o braço machucado, e eu coloquei o curativo com o maior cuidado possível... não porque estava com medo de que sua amiguinha demoníaca voltasse, mas porque realmente estava com pena da garota. Conhecia a sensação de parar no escritório da diretora, e também sabia como era ser buscada por um parente que não era de sangue — embora eu tivesse muita sorte nesse departamento com Andy.
Também sabia como era viver assombrada. A única diferença entre Becca e eu, de fato, era que eu fui capaz de ver meu espectro pessoal, e ele acabou virando a melhor coisa que aconteceu comigo.
Becca não percebeu que eu tentava ser legal com ela — ou, percebeu, não deu sinal. Também não demonstrou notar que seu albatroz, do outro mundo havia partido. Ficou jogada na cadeira com o mesmo olhar derrotado de sempre, exceto por uma coisa: ela puxou um colar de prata de dentro do colarinho da camisa larga demais e começou a mexer no pingente da mesma forma que a irmã Ernestine mexeu na cruz momentos antes em busca de conforto.
Só que o pingente da Becca não era um ícone religioso. Tinha o formato de um cavalo.

Hummm. Lucia segurava um cavalo de pelúcia e vestia roupas de montaria. Becca usava um pingente de cavalo que tocava quando ficava nervosa. As meninas não se pareciam muito. A morta tinha cabelos louros e um nome espanhol.
Mas isso não significava que não tinham algum parentesco. Meias-irmãs, talvez? Ou primas? Isso explicaria o laço forte.
Essa mediação seria fácil — quero dizer, fora a parte na qual a menina tentou me matar. Pena que isso não contaria pontos para meu estágio.
A irmã Ernestine entrou rapidamente no escritório.
— Suzannah, o que você está fazendo? Deveria atender o telefone.
— Ah, me desculpe, irmã. — Cerrei os dentes e peguei o telefone. — Nossa, está mudo. O terremoto deve ter cortado a linha. — Tenho certeza de que, quando eu morrer, se realmente existir um poder maior que comanda o julgamento final das almas, na minha vez ele vai levar anos para ler meus pecados, considerando todas as mentiras que conto, principalmente para pessoas do clero.
No entanto, gosto de pensar que conto essas mentiras por um motivo maior. Tenho certeza de que a pessoa (ou coisa) no comando vai entender.
— Melhor eu dar uma olhada no jardim de infância — disse a irmã Ernestine, não muito contente.
— Ai, não. Espero que as crianças estejam bem.
A freira me olhou com raiva.
— As *crianças* estão bem. É a irmã Monica que está histérica, como sempre. E tenho certeza de que você sabe o motivo: as meninas estão fazendo malcriação de novo. — Sua voz tinha um quê de acusação.
Tentei parecer inocente, mas não era fácil.
— Elas nem são minhas parentes de sangue.
— Acho difícil de acreditar nisso de vez em quando — rebateu a irmã Ernestine, e olhou para todos os boletins e arquivos de alunos espalhados pela sala, como se o "terremoto" tivesse sido culpa minha; o que, é claro, é verdade, mas ela não sabia.
— Por favor, fique com Becca até que a mãe dela chegue.
— Madrasta — corrigiu Becca rapidamente.
— Desculpe, querida, é claro. — A irmã Ernestine abriu o sorriso carinhoso de que eu nunca fui alvo em todos os anos em que a conhecia. — Que dia para o padre Dominic estar fora — murmurou, enquanto saía do escritório.
Assim que a freira saiu, eu me voltei para o computador, mas não adiantou nada. Ele havia travado, e eu não consegui ligá-lo de novo. Precisaria chamar o setor de TI, o que, na Academia da Missão Junípero Serra, significava chamar Sean

Park, o mais nerd em tecnologia entre os alunos do décimo ano. Não havia orçamento para um setor de TI na escola.
Posso ter expressado verbalmente minha decepção por perder o leilão on-line para a linda bota, a julgar pelo comentário de Becca:
— Você realmente é muito desbocada.
Ergui os ombros e apontei para a jarra dos palavrões.
— Eu tenho de colocar um dólar cada vez que solto um palavrão, mas não acho que sou tão ruim assim. — Não contei que, no apartamento que eu e Gina dividíamos, ela havia instituído uma jarra também.
— Você é tão ruim assim, sim — garantiu Becca. — Falou a palavra com M, tipo, umas cinco vezes seguidas.
Tentei não soar indignada.
— Já provaram que xingar é uma boa forma de se livrar do estresse. Você devia experimentar, em vez de fazer *isso* com você mesma. — Apontei para o braço com curativo. — Quando estou muito estressada, soltar essas bombas me faz sentir bem melhor.
— E você se estressa com o *quê*? — Ela deu uma olhada no escritório. — Esse trabalho não parece tão difícil.
— Ah, é? Você não sabe nem da metade. — Meu trabalho não era o problema. Era minha vida pessoal descendo pelo ralo no momento. — Eu nem ganho para trabalhar aqui.
— O quê? — Becca saiu um pouco do transe e pareceu genuinamente surpresa, mas não o suficiente para largar o pingente de cavalo. — Como assim?
— Porque existem, tipo, novecentos candidatos bem mais qualificados que as pessoas de minha idade para cada emprego disponível. A gente precisa trabalhar de graça só pela experiência, para colocar no currículo, e talvez, um dia, a gente consiga um emprego com salário, mas não é garantido. Ah, é, esqueci que eles não falam sobre isso no ensino médio. Você ainda está reluzente, cheia de esperança e *joie de vivre.* — Olhei para ela. — Quero dizer, talvez não você exatamente.
Ela pareceu não entender.
— O que a irmã quis dizer quando falou sobre "as meninas"? Você tem filhos na escola?
— Não, eu não tenho filhos na escola. — Olhei para ela, horrorizada. — Sério, quantos anos você acha que eu tenho?
— Sei lá. Uns trinta e se...
— Esquece. As crianças são filhas de meu irmão Brad. Meio-irmão, quero dizer.
— Brad e eu tínhamos a mesma idade, mas sempre tivemos gostos e atitudes extremamente diferentes. — Ele engravidou a namorada com trigêmeas logo

depois do ensino médio, e agora as meninas frequentam o jardim de infância aqui. Viu o que pode acontecer se não fizer sexo seguro?
Abri os olhos dramaticamente para Becca, mas ela não pareceu muito assustada. A verdade é que, para uma menina infeliz o suficiente a ponto de talhar com um compasso a palavra *idiota* no próprio braço, a ideia de ter três filhas no jardim de infância aos 25 devia parecer o máximo... ou talvez tão inimaginável que nem pertencia ao reino das possibilidades.
Decidi mudar de assunto.
— Você tem irmãos, Becca?
— Não.
Olhei para o pingente de cavalo que ela segurava de novo.
— Nenhum? Nunca?
— Não.
— Nem mesmo meios-irmãos? Meias-irmãs? Adotados?
Ela me lançou um olhar que claramente dizia que não apenas me acreditava a caminho da Cidade da Loucura, mas que eu era a engenheira.
— Não. Por quê?
Essa mediação talvez acabasse sendo mais difícil que a responsável por destruir minha bota. O problema de meu trabalho é que, na realidade — ao contrário de programas de TV como *Médium*, que são completamente ensaiados, embora tentem se passar como "reais" —, se você simplesmente chega e fala "Oi, estou em contato com o mundo dos espíritos, e sua parente morta quer saber isso e aquilo", as pessoas não começam a chorar de gratidão e agradecem a você por deixar suas consciências em paz.
Elas fogem e depois, às vezes, se forem de natureza litigiosa, voltam com uma equipe de advogados e te processam por lhes causar estresse emocional.
— Por nada. Notei que você gosta de cavalos...
Ela largou o pingente imediatamente e o colocou dentro da blusa.
— Na verdade, não.
— Ah. Achei que talvez gostasse por causa do colar. É bonito. Foi presente de alguém importante para você?
Ela deu de ombros e olhou para o outro lado.
— Não. Eu o vi numa loja em Nova York. Minha mãe se mudou para lá depois que... depois que ela e meu pai se separaram. Eu falei que gostei, e ela comprou para mim.
— Que legal da parte dela. — Se tem uma coisa que sempre repetem nas aulas é que, nos momentos de dúvida, devemos olhar para a vida doméstica do paciente, especialmente para a mãe. Tudo é culpa da mãe. Obrigada, Freud. — Você e sua mãe são próximas?

Ela deu de ombros de novo, olhando para o sol através das janelas do escritório.
— Acho que sim.
— Vocês se veem bastante?
Outro encolher de ombros.
— Algumas semanas no verão. Nos feriados.
Dava para ver que tinha alguma coisa acontecendo com a mãe dela. Por que outro motivo ela teria se mudado da costa Oeste para Nova York? Um pai ganhar a custódia da filha não era inédito, mas também não era a coisa mais comum do mundo, nem mesmo na insana Califórnia.
E qual era o lance do cavalo? Qual era a relação entre Lucia e ela? O laço tinha de ser forte. Eu não via uma reação tão violenta por parte de um espírito havia muito, muito tempo, desde... Bem, um certo espírito que libertei, devolvendo-o para seu corpo vivo, coisa que eu jamais, jamais faria de novo porque, pelo visto, eu havia despertado a ira de alguns deuses do Antigo Egito...
Eu realmente precisava arrumar aquele computador para checar a veracidade da ameaça de Paul. Jamais conseguia pesquisar direito no celular.
Tentei de novo, mantendo a voz animada e neutra.
— Deve ser difícil não ter sua mãe por perto. Há quanto tempo ela foi embora?
— É tranquilo — disse ela. Graças a Deus, não deu de ombros novamente, ou eu teria derrubado alguns armários de tanta frustração. — Por que você está me perguntando esse bando de coisa? Ela foi embora quando eu era pequena, ok? Logo depois do acidente...
Ela parou após a palavra *acidente*, como se tivesse falado algo que não devia, depois olhou para o curativo que eu havia colocado em seu punho.
— Vou precisar dessa coisa por quanto tempo? — reclamou ela. — Está começando a coçar.
Ignorei a pergunta, voltando à frase anterior.
— Depois do acidente, Becca? — Era isso. Eu sabia. Na terapia, eles chamavam de Descoberta. Na mediação de Pessoas Mortas Não Obedientes, chamamos de Chave. — Qual acidente? Aconteceu alguma coisa com sua mãe?
Mas, antes que Becca pudesse responder, meu celular tocou de novo. "Someone Saved My Life Tonight".
Não podia ignorar a ligação uma segunda vez. Jesse abandonaria os pacientes, pegaria o carro, dirigiria até a escola e me estrangularia. Quero dizer, não de forma literal, apenas metafórica.
— Tanto faz — respondeu Becca, com mais um dos seus movimentos infernais dos ombros. — Não foi nada demais. Não sei por que você está me perguntando essas coisas todas. Falei que não vou mais fazer isso, e não vou, tá? Meu Deus.
— Ela pegou o celular, deslizou o corpo ainda mais para baixo no encosto da

cadeira e começou a mandar mensagens para alguém.
Então ela tinha amigos. Interessante.
— Oi, Jesse — falei, e me virei na cadeira, ficando de costas para a menina assombrada. — Como está seu dia?
— Como está *meu* dia? — Ele parecia não acreditar na pergunta. — O que está acontecendo aí?
— Aqui? — perguntei casualmente. — Nada. Trabalho. Você sabe. Chato. Por quê?
— Não faça isso, Suzannah.
Suzannah. Suzannah. Suzannah. Eu amava a forma como ele dizia meu nome. A verdade é que eu amava tudo nele.
— Você sabe que eu consigo sentir quando você está mentindo. Até mesmo através de um *treco* desses.
Menos o fato de que ele sempre sabia quando eu estava mentindo, e de ser tão impaciente com a tecnologia moderna. Essas duas coisas eu não amava tanto.
Isso fez com que nossa separação quando ele foi para a faculdade, e eu, para o superior — embora estivéssemos apenas a quatro horas de distância — fosse extremamente desafiadora. Ele insistiu em cartas.
— Podemos até não ter mais a relação mediadora-fantasma, Suzannah — continuou Jesse —, mas eu ainda consigo saber quando sente algo forte, e mais cedo você estava com medo. Eu senti. Eu estava atendendo uma menina de 4 anos com uma abelha no ouvido, senão pode acreditar que eu teria dirigido até aí.
— E para quê, exatamente, você teria vindo? — Baixei o tom de voz para que Becca não me escutasse. — Para me dar umas palmadas? Por favor, não me dê esperanças vãs.
Descobri que piadas geralmente funcionavam como distração quando ele estava sendo um pouco perceptivo demais.
— Suzannah. — Ele não pareceu achar graça.
— Sabe que fico com tesão quando você se emputece. O que está vestindo por debaixo do estetoscópio?
— Você não tem graça alguma.
— Ah, para. Tenho um *pouco* de graça.
— Não tanta quanto acha. Me fale o que aconteceu.
Merda. Esse era um dos vários problemas de estar em um relacionamento com um ex-fantasma.
— Houve um pequeno incidente aqui no trabalho envolvendo uma PMNO — falei. — Nada fora do controle. Mas ela acabou sendo um pouco mais agressiva do que eu esperava.

Pelo canto do olho, vi Becca levantar a cabeça e olhar para mim. É claro que estava bisbilhotando, e achou que eu estivesse falando dela. Não sabia o que PMNO queria dizer. Devia estar se perguntando por que eu disse que ela foi agressiva.
— Na escola? — Jesse ficou surpreso. — A que você me contou antes? A turista?
— Aluna.
— O padre Dominic deve ter deixado passar — disse ele, preocupado. — Achei que ele havia cuidado de todas as almas quando o semestre começou, bem antes de você chegar aí.
— Acho que ele não notou essa — falei, com cuidado, medindo as palavras. Tanto porque estava na frente de Becca quanto porque senti necessidade de defender o padre Dominic. — Parecia inofensiva, e mal pude percebê-la.
Estava cada vez mais difícil não notar que o outro preconceito de Jesse, além de celulares, era sua própria espécie — quero dizer, o que *costumava ser* sua espécie. Quanto mais ele chegava perto de tirar a licença médica, menos se mostrava interessado em ajudar os mortos.
Era compreensível. Passar um século e meio como morto-vivo não estava na lista de causas *oficiais* do estresse pós-traumático no MSE *(Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais),* a bíblia dos profissionais de saúde mental, mas para mim era bem óbvio que Jesse sofria disso.
Eu *esperava* que esse fosse o motivo, e não o que Paul insistia em apontar: que havia uma parte de Jesse que ainda era assombrada... e que, caso seu túmulo original fosse perturbado, esta poderia se libertar.
— Você está de plantão até amanhã de manhã? — perguntei. Achei que era melhor mudar de assunto.
— Felizmente — respondeu. Ao contrário das pessoas normais, Jesse preferia os plantões noturnos na escala da emergência. Segundo ele, é quando os casos realmente interessantes aparecem. As pessoas se consultam com clínicos durante o dia. Somente os desesperados ou os que não têm médicos conhecidos vão à emergência no meio da noite.
O fato de Jesse preferir atender esse tipo de paciente não era, de modo algum, um indício de que a maldição era verdade, falei para mim mesma.
Você pode tirar o garoto da escuridão, mas não pode tirar a escuridão do garoto.
Cale a boca, Paul.
— Conto como foi quando encontrar você amanhã — falei. — *Te quiero.*
Ele riu, como sempre fazia quando eu tentava falar alguma coisa em sua língua nativa, embora eu já estivesse estudando espanhol havia mais de quatro anos.

Meu sotaque não tinha jeito, segundo Jesse e meus vários professores.
— Também amo você, *mi amada* — disse ele. Como sempre, a palavra fez com que raios acalentadores de alegria descessem minha coluna...
Foi quase o suficiente para cancelar a sensação de trevas inevitáveis que a ligação de Paul havia encadeado.
— Quem era? — indagou Becca de maneira mal-educada, quando desliguei. — Seu namorado?
— Noivo — falei, olhando para o telefone. Eu havia recebido duas mensagens. A primeira era de Jesse.

> **Jesse** Estoy contanto las horas haste que nos encontremos, mi cariño.
> Nov 16 1:37 PM

Depois de todas as horas que passei com fones de ouvido no laboratório de línguas, eu devia ter conseguido traduzir isso rapidamente. Entretanto, não fazia ideia do que dizia (apenas que *mi cariño* também era meu amor). Mais tarde eu teria de copiar e colar aquilo em meu aplicativo de tradução.
Droga! Por que ele tinha de me torturar daquela forma? Eu meio que suspeitava de que ele fazia isso de propósito, para que eu ficasse na linha. Como se fosse preciso...
A segunda mensagem — que eu havia recebido mais cedo com um DDD de Los Angeles — não precisava ser traduzida.

> Jantar sexta 8 da noite, Mariner's, Hotel Carmel. Esteja lá, senão...
> Foi só um beijo, Simon, pelamordedeus. Pare de ser tão menina.
> Nov 16 1:30 PM

Pare de ser tão menina. Era muito a cara de Paul achar que ser chamada de menina era um insulto.
— Você está noiva? — Becca pareceu superinteressada. — Posso ver o anel?
Levantei a mão esquerda e mostrei o anel sem pensar direito no que fazia. Estava ocupada elaborando o que mandar para Paul como resposta.
Na última vez que fui idiota o bastante para concordar em me encontrar com Paul Slater sozinha, acabei com um arranhão bizarro nas costas que foi extremamente difícil de explicar para minha mãe (foi ela quem passou o creme antibiótico, já que eu não alcançava a ferida — e é claro que escondi de Jesse).
Tinha de haver outra forma.
Mas, a não ser matar Paul para que ele não demolisse minha antiga casa, eu não conseguia pensar em mais nada.
— Por que seu diamante é tão pequeno? Mal consigo ver. — Tirei a mão da

frente de Becca. Eu havia me esquecido de que ela estava ali.
— Como assim? — perguntei, na defensiva. — Não é pequeno. É de um tamanho perfeitamente normal. Este anel é antigo. Está na família de meu namorado há anos. — Duzentos, na verdade, mas ela não parecia ser o tipo de pessoa que se impressionaria com isso, nem com o fato de Jesse ter conseguido guardar o anel por tanto tempo, especialmente depois de ter sido assassinado por causa dele, mais ou menos. Não que eu fosse contar nada disso.
— Todo mundo sabe que qualquer pedra com menos de 5 quilates significa que o cara não está realmente investindo no relacionamento — disse ela.
— Que coisa ridícula. Quem te falou isso, seu namorado? — Dei uma olhada para o celular que estava no colo dela. — E para quem *você* estava mandando mensagens agora há pouco?
— Para ninguém. — Um tom rosado apareceu nas bochechas dela.
— Ah, claro, ninguém, estou vendo. E o Sr. Ninguém tem nome?
Ela ficou ainda mais corada.
— É sério, não era ninguém. Eu estava jogando. — Ela mostrou a frente da tela para provar. *Médium.*
Franzi a testa.
— Jura?
— Desculpe. Sei que não devo jogar na escola, mas é muito viciante.
— Eu não ligo se você jogar na escola. Acho legal que goste de jogar. Só não entendo por que você gosta *desse* jogo. É muito imbecil.
— *Médium não* é imbecil. É muito irado. Já jogou? — Pela primeira vez, seus olhos mostraram algum sinal de vida. — Olhe, o que você precisa fazer é matar esses fantasmas todos para poder sair da casa mal-assombrada e ir até a boate, mas primeiro precisa descobrir quem é normal e quem é fantasma, e, se matar uma pessoa normal sem querer, *cai* um nível, direto para o cemitério da maldição, e aí vão ter ainda *mais* fantasmas...
— Não dá para matar um fantasma — falei, sentindo o sangue subir à cabeça. — Eles já morreram. Está tudo errado nesse jogo. Os fantasmas são as almas dos mortos que precisam de ajuda para seguir ao próximo plano de existência. Eles não devem ser mortos. Devemos sentir pena deles, e a pessoa que inventou *Médium* tem de ser impedida...
— Ai, meu Deus. — Ela piscou os olhos para mim. — Calma. É só um jogo.
Ela tinha razão. O que estava acontecendo comigo? Perdi uma oportunidade perfeita de perguntar sobre Lucia, e resolvi soltar meu ódio por uma empresa idiota...
— E foi minha madrasta que me falou o negócio dos 5 quilates — acrescentou Becca. — É por isso que eu sei. Não tenho namorado. Nem mesmo gosto de

ninguém.
— Ok — falei. — Desculpe. — Eu tinha de me controlar. — Mas sua madrasta está errada. O tamanho do diamante não interessa; é o anel em si que representa o comprometimento do cara com... Ah, quer saber? Isso tudo é tão idiota quanto o jogo, na verdade. Só aceitei porque meu namorado é muito antiquado, senão a gente só moraria juntos. Então, voltando ao que a gente estava conversando antes. Você falou alguma coisa sobre um acidente?
Becca não mordeu a isca.
— Minha madrasta disse que não teria se casado com meu pai de jeito nenhum se ele não tivesse prometido pelo menos 5 quilates.
Quem diabos era a madrasta daquela garota, gente?
É meio irônico que exatamente naquele momento a porta do escritório administrativo tenha se aberto, e uma loura alta e atraente tenha entrado na sala. Usava óculos escuros Chanel, que ela levantou com desgosto a fim de olhar para a bagunça no chão e para a outra bagunça sentada perto de mim.
Minha pessoa, no entanto, foi o que ela pareceu considerar a maior bagunça de todas.
— Suze Simon? — disse ela com nojo.
— Kelly Prescott? — Eu mal podia acreditar no que via. — O que *você* está fazendo aqui?
Becca suspirou.
— Esta é minha madrasta.

Capítulo 6

Kelly Prescott se casou com Lance Arthur Walters, da Wal-Con Aeronáutica, no verão passado — contou Cee Cee, e deu uma lambida na espuma do chai latte. — Peraí, Debbie não foi dama de honra nesse casamento, ou alguma coisa assim? Achei que você tivesse sido convidada.
— Isso — respondi, ainda zonza por causa do choque na escola. — Eu ignorei o convite.
Porque não sou muito fã de casamentos. Nem da Kelly.
No entanto, se eu não fosse tão boba e tivesse ido, teria conhecido Becca, visto sua pequena companheira fantasma e talvez evitado o que aconteceu naquela manhã.
Eu era uma ridícula que provavelmente merecia tudo que estava acontecendo comigo. E, além disso, precisava de uma bebida. Mas foi minha amiga Cee Cee quem escolheu o lugar do encontro para fofocar depois do trabalho, e pelo visto coquetéis não constavam do menu.
— Bem, Lance Arthur Walters é um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, e 25 anos mais velho que nós — continuou ela, enquanto nos sentávamos no Médium Feliz, o café e armazém holístico da tia de Cee Cee. — É claro que se trata de um amor profundo.
— Gente, Kelly levou o casamento por interesse para outro nível. — Suspirei. — Ela é basicamente uma profissional do sexo.
— Julgar outra mulher por suas escolhas, mesmo que sejam péssimas, é muito antifeminista. Se você tivesse se dado o trabalho de ler meus boletins informativos sobre os alunos, já saberia disso.
— Ei! — protestei. — Você é uma de minhas melhores amigas. Devia me *contar* as coisas, não esperar que eu leia tudo num e-mail.
— *Que eu escrevi.* — Cee Cee balançou a cabeça. Sua franja branca assimétrica (Cee Cee é albina) quicou na testa. — Sério, Suze, você é a pior. Você fica online algum dia?
— É claro. Para comprar coisas. — Pensei nas botas com desejo. — Nem sempre consigo.
— Quis dizer para se conectar socialmente com pessoas.
— Por que faria isso se todas as pessoas com as quais quero socializar estão aqui na cidade? — Então me lembrei de meu meio-irmão mais novo, que havia acabado de começar em Harvard. — Fora David, é claro. Mas a gente se fala no telefone todo domingo.
— Você é tão estranha — declarou Cee Cee, e abriu o laptop. — Mas não se

preocupe. Vou criar uma página bem maneira para quando você e Jesse abrirem o consultório. Drs. Hector J. e Suzannah S. de Silva, Centro Pediátrico Carmel, especializados em saúde geral de crianças. Com licença para diagnosticar e tratar das necessidades físicas, emocionais e de desenvolvimento. Interesseiras não são permitidas.

— Meu Deus, eu estava brincando, ok? Não acredito que Kelly casou *literalmente* por causa do dinheiro. Se bem que, considerando as coisas que a enteada me contou sobre o que ela acha de alianças, começo a questionar isso.

Cee Cee me ignorou.

— O que você acha? — Ela virou o laptop para mim. — Tenho brincado com os sobrenomes de vocês para fazer um logo. Está vendo como as duas letras S se enroscam como no símbolo da Medicina? Quero dizer, tecnicamente o caduceu é o símbolo do comércio, mas as pessoas têm usado do jeito errado por tanto tempo que acho que ninguém mais sabe o que é. É claro que, mesmo que você não adote o nome de Jesse quando se casar, a gente não precisa mudar nada. O S ainda funciona. Dra. Suzannah Simon, ou Dra. Suzannah de Silva, os dois têm...

Achei melhor interrompê-la. O tópico de meu casamento com Jesse estava ficando sofrido para mim. Nada arruína um casamento mais rápido que o noivo ter um demoníaco surto assassino e matar a noiva e sua família. Nossa, eu realmente precisava de um drinque.

— Então, o que mais Kelly tem feito desde a graduação? — perguntei, tentando soar casual. — De vez em quando vejo Debbie com Brad em eventos de família, e a gente conversa. Às vezes ela fala da Kelly, mas acho que não me dei conta de que ela havia virado madrasta.

Cee Cee olhou para o ambiente ao redor, que estava quase vazio, com preocupação.

— Xiii. Não fale tão alto. Kelly é mais do tipo que vai a clube de regatas, mas nunca se sabe. Ela pode vir aqui de vez em quando.

Dei um sorriso. O café, que costumava se chamar Café Clutch, foi nosso ponto de encontro durante todo o ensino médio, até que uma rede conhecida tentou comprar o espaço.

Isso não fez muito sucesso no conselho de Carmel-by-the-Sea, que até então havia conseguido banir todas as grandes redes de cafés, lojas famosas e até sinais de trânsito e estacionamentos pagos desde que a cidadezinha foi incorporada ao país, em 1916. O objetivo era manter Carmel na posição de Cidade Mais Romântica dos Estados Unidos na revista *Viagem + Lazer* (estava em terceiro lugar, depois de Paris e Veneza). Também queriam manter o mesmo visual charmoso de vilarejo praiano (no topo de um penhasco, com vista para uma praia de areia clara) que a cidade exibia havia um século.

O conselho — com a ajuda de pessoas como a tia de Cee Cee, que resolveu participar e comprou ela mesma o Clutch para que o café não virasse uma franquia — com certeza vinha conseguindo atingir seu objetivo ao longo dos anos, a ponto de impedir que proprietários de casas cortassem árvores.
Então como foi que Paul Slater conseguiu permissão para demolir minha velha casa?
Eu não sabia como, mas ele conseguiu... de verdade. Vi os documentos anexados ao e-mail. As consequências do show paranormal da menina fantasma não afetaram esses arquivos em meu computador (Sean Park, um dos colegas de turma de Becca, conseguiu recuperar meu drive, embora não a tempo de eu evitar que Maximillian28 levasse minhas botas, e por muito menos do que eu estava disposta a pagar. Esperava que ela, ou ele, estivesse curtindo a bota... no inferno).
Os planos do Paul para destruir o número 99 da Pine Crest Road — e a maioria das outras casas em meu antigo quarteirão — estavam em ordem, e, além disso, ele tinha razão quanto à Maldição dos Mortos. Com a ajuda da internet, consegui achar uma tradução da maldição no blog de um aluno de egiptologia especializado no estudo de línguas antigas.
O que o blog não me informou — talvez porque não fosse parte do estudo do aluno, ou porque não constava no papiro — era se existia ou não uma forma de quebrar a maldição.
Eu havia mandado um e-mail para o dono do blog — Shahbaz Effendi — e estava cruzando os dedos para que ele acreditasse na mentirinha que contei, quando disse que também era uma entusiasta dos estudos de egiptologia.
Sei como esses papiros podem ser irritantes. Às vezes eles param no meio de uma frase (Paravam? Eu nem sabia direito o que era um papiro.)
Mas enfim, se tiver mais alguma coisa escrita sobre a maldição, eu adoraria saber. Ajudaria muito em minha pesquisa atual.
Meu Deus, esse cara ia achar que eu era louca. Ou que tinha 12 anos. Mas, até que ele me respondesse, Jesse e eu estávamos ferrados.
— Bem — continuou Cee Cee —, depois que ela terminou a Academia da Missão, Kelly se formou em merchandising de moda.
Ergui o olhar do meu café.
— Peraí, você está de sacanagem comigo, porra? *Merchandising de moda?* Igual a Elle Woods em *Legalmente Loira*?
— Eu ouvi isso — disse minha outra melhor amiga (e atual roomate), Gina, de trás do balcão. A tia de Cee Cee a havia contratado para trabalhar no turno de 16h à meia-noite, de segunda a sexta-feira. Gina bateu uma caneta num jarro grande de vidro. — Um dólar para a jarra dos palavrões. Dois, na verdade,

porque ouvi você chamando Kelly de piranha mais cedo.
— Esse pote é pra gorjetas, não para palavrões — respondi. Mesmo assim, abri a bolsa a tiracolo para pegar minha carteira. Não queria ser estraga-prazeres. — E eu falei *profissional do sexo*, não *piranha.* Vocês estão oprimindo meu direito de me expressar livremente.
— Você devia agradecer — retrucou Gina, quando me aproximei do balcão. — Uma futura doutora devia ser refinada, não desbocada. Ainda mais uma que vai ser esposa de um médico.
— Jesse diz que me ama do jeito que eu sou. — Joguei dois dólares na jarra, que já estava cheia. — E você não devia estar trabalhando em vez de ficar escutando minha conversa?
— É — disse Gina, apontando para as mesas do café, todas com pinturas caprichosas. Tia Pru era bem caprichosa. — Até porque está supercheio aqui.
— Vai bombar depois das seis — disse Cee. — Happy hour dos loucos por cafeína.
— Vamos voltar ao assunto Kelly? — sugeri.
— Ah — disse Cee Cee —, sim. — Voltou a olhar para a tela do laptop. — Pelo visto as coisas não deram muito certo para ela no curso, considerando que voltou a morar com a mãe no ano passado.
— Nossa. Debbie nunca falou *isso.* — Voltei para meu lugar. — Kelly não deve ter postado sobre o assunto no Instagram.
— Vocês são péssimas — disse Gina. — Qual o problema de merchandising de moda? E será que preciso lembrar vocês de que as *duas* são universitárias que voltaram para a cidade onde cresceram? Vocês não deviam julgar essa coitada da Kelly por ter feito o mesmo.
— Hum, em primeiro lugar — falei —, se eu fosse zoar com ela não seria pelo que escolheu estudar, ou por ter voltado a morar com a mãe, e sim porque Kelly é uma pessoa má e terrível. Você sabia que ela costumava chamar Cee Cee de "esquisita"? Na cara dela.
Gina deu uma olhada rápida em Cee Cee; rápida, mas o suficiente para ver o couro cabeludo Cee Cee, bem visível embaixo dos fios brancos de cabelo, ganhar um tom rosado de embaraço por conta da lembrança.
— Poxa, Cee Cee — disse Gina, colocando a mão bronzeada sobre a quase transparente da amiga. — Foi mal. Eu não sabia.
— Tudo bem. — Cee Cee pegou seu latte e tomou um gole longo. — Hoje em dia é legal ser esquisita. Mesmo que eu ainda more com minha mãe.
Gina mordeu o lábio.
— Desculpe por eu ter falado isso também. E você não é esquisita. É que... eu me identifico com Kelly por não ter conseguido se sair bem na cidade. É por isso

que *eu* estou aqui dormindo no sofá de Suze.
— Isso é totalmente diferente — analisei rapidamente. — Você é de Nova York, como eu. Está acostumada a usar transporte público. Dirigir naquelas vias expressas de L.A. deve ter sido péssimo. E você está só dando um tempo de Hollywood até conseguir juntar dinheiro e organizar essa merda toda...
Tanto Cee Cee quanto Gina apontaram para a jarra dos “palavrões" — o que era meu objetivo. Xinguei de propósito para aliviar o clima. Sempre que Gina começava a refletir sobre por que se desviou do sonho de ser uma estrela do cinema e acabara em meu apartamento em Carmel, ficava com a voz embargada e os olhos cheios d'água. Ela morava em minha casa fazia vários meses, embora ninguém soubesse o que havia acontecido; nem mesmo Jesse, que era a mais reconfortante das almas. Sabíamos apenas que Hollywood foi mais difícil do que ela havia antecipado.
— Não a pressione por enquanto — sugerira Jesse certa vez. Uma longa conversa tarde da noite ao redor da fogueira do jardim da casa que Jesse e meu meio-irmão Jake dividiam a deixara com uma expressão especialmente apreensiva. — Ela vai contar o que aconteceu quando estiver pronta. Deixe ela sarar.
Gina ainda estava sarando em meu sofá-cama e recebendo um salário mínimo, mais gorjetas, no Médium Feliz.
Eu me levantei para colocar mais um dólar na jarra e continuei falando.
— Não acho que Kelly mudou desde o ensino médio. A madrasta de Becca mal olhou para a irmã Ernestine enquanto a freira explicava por que havia ligado.
— Então foi só mais um acidente com Becca? — perguntara Kelly. — Ela é tão desastrada. — O tom de voz sugeria outra pergunta: por que as pessoas ficam me ligando por causa dela?
O fato de Becca ter tido mais de um "acidente" daqueles me deixou alarmada; aquela família parecia ter várias questões com a palavra *acidente.*
Entretanto, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, a irmã Ernestine se manifestou.
— Bem, sim, Sra. Walters, mas dessa vez talvez seja melhor levar Becca ao pediatra. A Srta. Simon e eu não somos médicas, e, pelo que a senhora pode ver no uniforme, Becca sangrou bastante...
— Becca, você tem uma saia extra no armário de Educação Física, não tem? — perguntou Kelly.
Becca fez que sim com a cabeça, parecendo acovardada pela madrasta glamourosa.
— Ótimo! — disse Kelly. — Então não preciso levá-la para casa. — Ela deu um dos sorrisos patenteados de Kelly Prescott, no estilo olhe para mim, sou uma

loura da Califórnia cheia de dentes brancos. — Bem, obrigada por ligar, irmã E e Suze, foi, hum, bom ver você de novo. Tchauzinho.
— Não tão rápido, Kelly — falei no mesmo momento em que ela se virou sobre os Louboutins com solas vermelhas. Seus longos cachos cor de mel deixaram um aroma delicado de cabelo queimado depois de muito tempo no babyliss. — Realmente acho que algum médico precisa dar uma olhada em sua enteada. Na verdade, eu a levaria à emergência do São Francisco em Monterrey agora mesmo e pediria para chamar o médico Jesse de Silva. Ele é excelente. Aqui, vou escrever para você.
Catei caneta e papel. A aparência geral não era muito profissional, considerando que todas as canetas e papéis haviam sido jogados no chão pelo anjo da guarda de Becca, ainda ausente.
— Para a emergência? — Kelly havia levantado os óculos escuros sobre a testa. — Você não pode estar falando sério. Foi só um corte. Ela disse que tem uma saia extra. Ela está bem.
— É. — Becca fez que sim com a cabeça, vigorosamente. — Estou bem.
— Ela não está bem, Kelly. — Botei o contato de Jesse nos dedos manicurados de Kelly. — Leve-a para ver esse médico. Ela *precisa* que alguém dê uma olhada no corte, e alguém profissional. Você está entendendo o que estou falando, Kelly? — Eu quis adicionar um *sua vaca burra*, mas é claro que não podia.
Kelly olhou para o papel que eu preparei rapidamente.
— Jesse de Silva. — Ela leu em voz alta. — Por que esse nome me é familiar?
— Foi como se uma lâmpada tivesse se acendido naquela cabeça linda e obscura. — Meu Deus, é seu namorado? Peraí, sim. É ele! Li nos boletins informativos dos alunos que vocês estão noivos. Vai se casar com seu amor de escola. Não é fofo?
Eu me senti enrubescer.
— Isso — admiti. — Jesse é meu noivo. Mas não significa que não é um pediatra maravilhoso...
Kelly amassou o papel e o jogou no chão, junto dos outros papéis. Ficou claro que o *não é fofo?* foi um comentário sarcástico.
— Você devia ter vergonha de si mesma — disse ela, os olhos perfeitamente maquiados reluzindo. — Usando seu emprego aqui para ajudar o negócio de seu namorado. Sei que as coisas não estão boas na indústria médica, mas honestamente Suze. Achei que você, dentre todas as pessoas, teria mais noção. Engraçado como eu costumava acha-la inteligente, vinda de Nova York e tal. Lembro que algumas de nós na escola até admirávamos você, no passado, e achávamos que ia longe. Mas, *obviamente,* isso faz muito tempo.
Ela deu um sorriso maldoso, pisou em uma das persianas caídas e completou:

— Irmã Ernestine, talvez a senhora devesse reconsiderar a contratação dessa pessoa. Meu marido é um dos principais doadores da academia, sabe. Duvido que a senhora queira fazer alguma coisa que o incomode.
Então ela jogou os cabelos e foi embora, os saltos altos fazendo barulho nas pedras da escola.

Capítulo 7

— Nossa — disse Cee Cee, depois que contei a história a ela e a Gina; não a parte sobre Lúcia, é claro, nem os detalhes sobre o machucado de Becca. Isso teria significado uma violação dos privilégios entre aluna e conselheira, e entre mediadora e PMNO.
— Então basicamente o que você está falando é que essa Kelly Prescott é a pior pessoa do mundo para ser responsável por uma criança. — Gina ficou mexendo em um dos *dreadlocks* curtos e escuros. — Pior. Pessoa. Do. Mundo. Entendi.
— Bem — respondi. — Talvez a pior pessoa para ser *madrasta.* Ela pode só estar tendo dificuldades em se conectar com uma criança que não é dela.
Eu me senti meio mal por Kelly, pois sabia que ela havia namorado com Paul. Se ele a tratou do mesmo jeito que a mim...
Mesmo assim, isso não era desculpa para lidar com a enteada daquela maneira.
Cee Cee havia apoiado o queixo na mão e me olhava com tristeza.
— Levo jeito com crianças, sabe. Mas imagina se um cara desses vai vir atrás de *mim?* Até mesmo um velho que nem Lance Arthur Walters. Não, eles sempre chegam nas meninas como Kelly. Meninas com *pigmento.*
Gina teve de se afastar porque, seguindo a previsão de Cee Cee — embora a tia fosse a única pessoa da família que se dizia psíquica —, os clientes começaram a chegar. Já eram mais de 18h.
Então restou a mim dizer:
— Ah, para, Cee Cee. Você não ia querer se casar com um velho rico, de qualquer maneira. Não é melhor esperar até encontrar uma pessoa de quem realmente goste, e até você poder se sustentar?
— Como você fez, por exemplo? É, pena que não tenho sua sorte — murmurou Cee Cee com um tom ligeiramente amargo. Seus olhos violeta rapidamente se arregalaram. — Não... eu não quis dizer... com seu pai...
Sorri para ela.
— Não. Eu entendi. É verdade. Eu *tenho* sorte, de certa forma.
Cee Cee não quis dizer que eu tinha sorte porque meu pai estava morto. Ele foi dar uma corrida na rua um dia, quando eu era bem nova, e nunca mais voltou (pelo menos não fisicamente. Ficou pairando espiritualmente ao meu lado durante anos, oferecendo conselhos sem que eu os pedisse).
Cee Cee se referia ao que aconteceu depois disso.
Só descobri depois que me formei na faculdade — quando minha mãe me contou que havia investido toda a pensão que o governo vinha mandando para mim em nome de meu pai, além de minha parte do seguro de vida dele, que era

surpreendentemente alto. Mamãe não precisou do dinheiro para me criar, considerando que tinha um emprego ótimo como jornalista no noticiário local e agora era produtora executiva do show brega sobre retoques no lar, estrelado por meu padrasto, Andy.
Ou talvez não fosse tão brega assim, considerando que o programa fazia sucesso internacional. Era impossível visitar qualquer lugar sem se deparar com o rosto bonitão na lateral dos ônibus, convencendo você a experimentar sua nova marca de peças para furadeiras.
Depois que me formei, herdei o dinheiro. Mamãe disse que eu podia fazer o que quisesse com ele, exceto gastá-lo com "drogas, roupas de marca e plásticas nos seios" (o que achei um insulto: não uso drogas, acho que roupas de marca são para pessoas que não têm criatividade estilística, e meus seios são tão incríveis quanto meus cabelos).
— E nem pensa em gastar o dinheiro no casamento — adicionou Andy. — Sei que você e Jesse querem se casar em breve, mas nós vamos pagar pela festa.
Decidi que a melhor coisa era deixar o dinheiro onde estava, investido em uma combinação de bolsas diferentes (ficou comprovado que existe uma área na qual sou tão conservadora quanto Jesse: nas finanças).
Peguei um pouco para os estudos e para alugar meu apartamento de um quarto em Vale Carmel, não muito longe de onde meu meio-irmão Jake comprou uma casa com o dinheiro que fez com seu próprio negócio — e que divide com Jesse.
E é claro que, quando encontrei o vestido perfeito para o casamento (estiloso, mas *vintage)* durante um fim de semana em São Francisco com Cee Cee e nossas mães, dois verões antes, achei que valia a pena gastar. Ele está em meu armário desde então, com as modificações já feitas, pronto para ser usado.
Jesse, é claro, não me deixa usar nem um centavo do dinheiro para ajudá-lo a pagar sua dívida. É orgulhoso demais (ou apenas cheio de merda no estilo macho superprotetor do século XIX, como costumo dizer, às vezes na cara dele).
Cee Cee tinha razão: eu *tenho* sorte — se é que podemos usar essa palavra para uma pessoa que perde o pai quando criança. Sim, eu o perdi, mais ainda conseguia manter contato, uma década depois.
E agora eu me sustento enquanto faço um estágio não remunerado em minha própria escola.
No entanto, quando Jesse e eu nos casarmos, ano que vem, meu pai não vai estar lá para entrar na igreja comigo. Não sou uma menina sentimental, mas isso não me parece sorte. Eu devolveria o dinheiro todo se pudesse ter meu pai de volta, só por algumas horas.
Ou para ver Paul morto. Qualquer um dos dois seria fantástico.
— E sua carreira? — perguntei para Cee Cee tentando mudar de assunto. — Pelo

menos você tem o emprego dos sonhos. Nem todos os recém-formados podem dizer isso.
Cee Cee deu uma risada pelo nariz.
— Sei. Eu finalmente estou em tempo integral no jornal, e eles me colocaram na editoria de polícia. Sabe o que acontece nesta cidade? Uma senhora qualquer em Sandy Point Way disse que é o terceiro dia seguido que os turistas tiram fotos da casa dela. A velha chamou a polícia porque os turistas param na frente do bangalô e tiram fotos! O que ela quer que eles façam, não olhem? A culpa é dela, por morar em uma casa tão lindinha.
— Cuidado com o que deseja, Cee Cee — aconselhei. — Não vai ser legal ter crimes mais sérios para estampar no jornal. E, falando em jornal, eu queria saber se você poderia...
— Ah, não — interrompeu Cee Cee com um gemido. — De novo, não.
— ... dar uma olhada nos arquivos — continuei. — Tentei procurar sozinha, mas...
— ... a função de busca no jornal on-line só lista obituários por sobrenomes — completou ela, com voz de tédio. — E você só tem o primeiro nome. Ou peraí, já sei: você não sabe em que ano a pessoa morreu.
— Hummm... os dois?
— Sério, Suze? E eu não tenho nada melhor para fazer com meus dias?
— Cee Cee, se não fosse muito, muito importante, eu não pediria. O primeiro nome dela é Lucia, e tenho certeza de que morreu no estado da Califórnia nos últimos dez anos.
— Ah, isso diminui a lista bastante mesmo — rebateu Cee Cee, com sarcasmo.
— Ela tem entre 6 e 10 anos, no máximo. E acho que gostava de cavalgar, se é que isso ajuda.
Cee Cee me encarou.
— Espere... é uma *criança*? Ai, Suze, eu não sabia. Que terrível!
Eu nunca havia explicado meu dom para Cee Cee, mas, ao longo dos anos, ela e meu meio-irmão mais novo, David, foram aprendendo. Isso facilitou meu trabalho, embora a história hilária que o padre Dominic inventou para explicar o surgimento inesperado de Jesse em Carmel — disse que era um "jovem aluno jesuíta que se transferiu de outra missão no México, mas depois perdeu a vontade de entrar para a vida religiosa" depois de me conhecer — quase destruiu minha credibilidade.
Minha mãe e Andy caíram direitinho, no entanto — feito patinhos na lagoa. As pessoas têm uma capacidade incrível de acreditar nas coisas quando querem.
— Eu sei — respondi. — É muito triste. Agora você quer ajudar, Cee Cee? Ainda mais sabendo que pode impedir que a alma inquieta de uma criança fique

vagando entre a vida e a morte sem um rumo, durante séculos? Isso pode até contribuir para que você encontre o homem de seus sonhos, o Sr. Lance Arthur Walters.
Cee Cee fechou o laptop com força.
— Acho que deixei bastante claro que não sinto atração alguma pelo marido de Kelly Prescott. O que ele tem a ver com isso, afinal?
Foi só então que me dei conta de que violei a confidencialidade entre mediadora e PMNO.
— Hum... nada. Foi mal. Bebi café demais hoje. Mas enfim, como está Adam? Tem tido notícias dele ultimamente? — Eu sempre usava meu tom de voz mais delicado, como instruíram que fizéssemos no curso de aconselhamento (curso obrigatório, três créditos inteirinhos), quando abordava o assunto do namorado vai e vem de Cee Cee.
— Adam? — Cee Cee deu uma gargalhada amarga, cruzou os braços e deslizou mais para a frente da cadeira. — Vai saber. A gente saiu algumas vezes no verão passado, e ele disse que tentaria manter contato, mas que estaria muito ocupado com o curso este ano. E, sim, entendo que ele acabou de fazer os exames de Direito, e, sim, estou feliz por ele. Mas é como se ele tivesse se esquecido de que eu existo. Nunca responde a minhas mensagens, e nem curte mais o que eu posto.
Seus olhos ficaram tão tristes quanto os daqueles filhotes de cachorros nos comerciais que pedem doações para animais famintos e abandonados.
— Então ele é um babaca — falei, mostrando lealdade embora Adam também fosse meu amigo e as histórias sempre tivessem dois lados. — Dane-se ele. Mas, na boa, Cee Cee, não dá para esperar que um cara curta tudo que você posta. Fala sério. Se esse fosse o parâmetro, nenhum namoro jamais aconteceria na história da humanidade. Você conhece Adam. Ele adora você...
Cee Cee balançou a cabeça com tristeza.
— Sabia que não ia entender. Você encontrou o cara perfeito. Você e Jesse não têm problema algum.
— Hum — respondi. Por onde começar? — Isso não é nem um pouco verdade, Cee Cee, eu não consigo nem...
Felizmente, meu celular tocou naquele exato instante.
— Preciso atender — falei, me levantando. Torci para que fosse o cara do blog, Shahbaz, pois dei meu telefone no e-mail mas era alguém quase tão importante.
— É minha mãe. Mas segure o assunto, Cee Cee. Quero falar sobre isso. Seus sentimentos são importantes para mim. De verdade.
Cee Cee revirou os olhos e voltou a abrir o laptop.
— Você acha que eu não percebo quando você está usando esse papinho

estúpido de terapeuta comigo? Enfim, mande oi para a Sra. S por mim.
Mamãe manteve o nome de meu pai em vez de adotar o de Andy, porque Simon foi o nome com o qual se tornou conhecida profissionalmente. Além disso, Simon é *meu* último nome. Um sobrenome irado.
Por outro lado, De Silva também é irado. Se eu mudasse meu nome quando Jesse e eu nos casássemos — *se* nos casássemos, o que estava parecendo cada vez mais difícil, a não ser que eu arrumasse um jeito de deter Paul —, eu não teria de mudar minhas iniciais, como Cee Cee já havia notado, era só adicionar o *de*.
— Mando, sim — garanti. — E obrigada por qualquer coisa que você consiga fazer com a situação da, hum, garota morta.
Cee Cee me mostrou o dedo do meio, o que fez com que mais que uma pessoa no café erguesse as sobrancelhas. Não é sempre que você vê uma albina com corte assimétrico de cabelo mostrando o dedo do meio para uma morena gostosa. Eu teria de retribuir de alguma forma que não fosse apenas "obrigada". Dessa vez ia ter de rolar um cartão generoso de presente de uma das lojas virtuais favoritas dela.
Saí do café — a tia de Cee Cee não permite o uso de celulares dentro do Médium Feliz porque está certa de que a radiação eletromagnética interfere no fluxo psíquico, além de matar abelhas — e atendi o celular.
— Mãe?
— Oi, Suzie.
A minha mãe é a única pessoa do mundo que tem permissão para me chamar de Suzie. Quando eu era pequena, eu não gostava porque era uma garotinha com jeito de moleque que via gente morta, e não achava que um nome com o som infantil de *iii* no final me caía bem. Depois, quando fiquei mais velha, o nome me lembrava muito a música "Suzie Q", que meu pai gostava de cantar para mim. A música é ótima, mas meu pai morreu, e escutar aquilo sempre me deixa um pouco triste, pensando no que poderíamos ter vivido.
— Tudo bem, meu amor? Olhe — continuou mamãe antes que eu pudesse responder —, não dá para falar muito agora. Estamos numa filmagem, mas você soou tão nervosa na mensagem. Espero que esteja tudo bem.
— Na verdade, não está. Eu preciso...
— Se é sobre o feriado de Ação de Graças, eu e Andy ainda estamos planejando uma visita na semana que vem. Vamos ficar na Pousada Carmel, no centro, perto da praia. Debbie disse que vai preparar o jantar, mas sabe Deus no que isso vai dar (você deve se lembrar da briga que ela teve com Brad na última vez), então eu consegui uma mesa para todo mundo no Mariner's, só como garantia. Ah, e Jesse conseguiu aquela bolsa para qual se candidatou?
— Hum, não — respondi. — Ainda não. Não liguei por causa do dia de Ação de

Graças. Só queria saber por que vocês não me contaram que venderam a casa para as Indústrias Slater.
— Indústrias Slater? — Mamãe parecia confusa. — Nós não vendemos a casa para as Indústrias Slater. Vendemos para um homem chamado Mitchell Blumenthal. Ele parecia uma pessoa maravi...
— Mitchell Blumenthal é o presidente da Propriedades Slater, uma subsidiária das Indústrias Slater, que é a empresa de Paul Slater — interrompi. Dei uma pesquisada mais cedo, depois de meu computador ser consertado. — Recebi um e-mail de Paul hoje, dizendo que a empresa dele comprou a casa. Ele marcou a demolição para o final do mês.
— Ai, querida, que péssimo. — Mamãe realmente parecia chateada. — Tem certeza? O mesmo Paul Slater de sua turma? Achei que vocês não se falavam mais.
— Sim, tenho certeza, e não, não nos falamos.
Dava para ouvir algumas marteladas pelo telefone. Na última vez em que assisti ao programa de renovação de Andy, ele estava retocando um rancho em Santa Mônica, mas a TV não exibia as filmagens em ordem cronológica, então nunca sei onde eles realmente estão, a não ser que mamãe me conte.
— Nossa, meu amor — disse mamãe. — Que coisa mais terrivelmente... agressiva.
— Você acha?
— Sabe de uma coisa? Sempre achei que Paul tinha uma queda por você, Suzie, mas você só tinha olhos para Jesse. Nem se candidatou para nenhuma faculdade em outro estado, o que ainda acho que foi um erro. Não que Jesse tenha alguma coisa de errado; você sabe que eu e Andy o adoramos, mas quando eu tinha sua idade...
— Mãe — falei, com cansaço. — Paul Slater é um filho da puta.
— Ai, Suzie, sério, você precisa mesmo usar esse tipo de linguajar? Às vezes eu nem acredito que frequentou uma escola particular. E sei que você e Paul tiveram dificuldades, mas sempre senti um pouco de pena dele.
— Pena? De *Paul*?
— Sim. Ele era um daqueles meninos que recebia bastante dinheiro da família, mas nada de atenção ou amor. Sempre me pareceu meio perdido.
— Perdido? Eu acho que ele sabe exatamente aonde está indo. — E o que quer. Isto é, eu.
— Acho que ele queria fazer parte de nossa família — disse mamãe. — Mas não exatamente como seu irmão... se é que você me entende.
— Eca — respondi. — Nojento. E mesmo que isso seja verdade, não explica por que ele acha que destruir nossa velha casa e construir uma droga de McMansão

de *10 mil metros quadrados* no lugar faria com que a gente gostasse dele.
— Não, tem razão — concordou mamãe com um suspiro. — Mas acho que para ele, até mesmo uma atenção negativa de você é melhor que atenção nenhuma.
— Hum — respondi, pensando melhor. — Isso pode ser verdade.
Minha mãe era boa com conselhos. É claro que não dava para contar tudo porque ela surtaria. Coisas do tipo o tecido do cosmo, fantasmas ou maldições egípcias ancestrais não eram sua praia.
Mas de pessoas ela entendia.
— Ai, querida — disse ela —, isso vai deixar Andy e os meninos tão chateados.
— Os meninos? E *eu?* Eu estou muito puta.
Mamãe deu outro suspiro preocupado.
— Suzie, sério, preciso falar toda hora? Se você espera ser levada a sério no trabalho, *tem* de limpar essa boca suja...
— Ai, meu Senhor Jesus morto na cruz — respondi. — Eu não estou no trabalho agora. E eu preciso *te* lembrar toda hora: não é um trabalho, é um estágio. Eles nem me pagam.
— Bem, eu tenho certeza de que aqui em L.A. existem muito mais empregos remunerados para conselheiras escolares que aí. Esquece a casa. Por que você não se muda para cá? Você pode morar comigo e com Andy. Jesse pode vir quando terminar a residência, e, se vocês realmente resolverem se casar, podem comprar um apartamentinho. Seria tão mais fácil visitar meus futuros netos se vocês estivessem aqui na cidade, bem mais que...
Seria interessante ver que tipo de netinhos ela teria — caso eles existissem — se eu não me encontrasse com Paul, e se ele realmente destruísse a casa na Pine Crest Road.
— Olhe, mãe — interrompi. — A gente pode conversar sobre tudo isso depois. Agora eu tenho de ir.
— Tudo bem, Suzie. Lamento pela casa. Mas precisamos vendê-la. Andy e eu nunca íamos lá, nem vocês. E era grande demais para mantermos apenas como casa de veraneio. E tão gelada. Você vai rir, mas sabe, de vez em quando eu podia jurar que era mal-assombrada.
Isso quase me fez engasgar com a própria saliva.
Nunca achei que ficaria feliz em ser interrompia pela louca da tia Pru.
— Suze? É você?
— Ah, oi, Pru — falei para a mulher de cabelos longos, toda vestida de lilás. — Sim, sou eu.
— É a tia da Cee Cee? — perguntou minha mãe, com voz nostálgica. — Por favor, diz que mandei um oi.
— Minha mãe está mandando oi, Prudence — falei, balançando o celular para a

tia de Cee Cee para que ela entendesse que minha mãe estava no celular.
— Maravilha. Fale para sua mãe que gostei muito do último episódio do programa de Andy — disse Pru. Como sempre, estava usando um chapéu de abas enormes, bem como luvas longas de seda, para proteger a pele dos terríveis raios UV, embora o sol já tivesse se posto por trás das árvores fazia tempo. Assim como Cee Cee, Pru tinha albinismo. Mas, ao contrário de Cee, Pru se dizia em contato com o mundo psíquico. — Ele realmente está fazendo coisas incríveis com aquela casa.
— É — respondi. — Vou falar para ela. — A tia da Cee Cee era muito querida, mas meio louca. E, para não me desmentir, tinha uma previsão para mim antes de entrar no café.
— Ah, Suze — disse ela da porta.
— Oi.
— A criança — falou.
Olhei para a fachada do café, que tinha decoração caprichosa, assim como o interior, cheio de luzinhas pisca-pisca e mesas de aço com plantinhas em vasos.
— Que criança? — perguntei para ela. Não havia nenhuma criança. Já estava escurecendo e ficando meio frio. Apenas pais extremamente péssimos deixariam seus filhos correndo na frente do Médium Feliz à noite. — Não tem criança aqui, Prudence.
— Não, aqui não — disse Pm. — A que você conheceu na escola.
De que diabos ela estava falando?
— A criança está perdida, e muito aterrorizada, e sentindo muita dor — continuou. — E crianças perdidas e sofrendo às vezes podem ser muito cruéis. Que nem animais selvagens, sabe? Elas se rebelam e machucam os outros, às vezes sem querer. Mas às vezes de propósito também.
Então deu seu sorriso feliz e confuso, e entrou no café.
Fiquei olhando para ela e me lembrei, tarde demais, que às vezes as previsões de tia Pru eram de fato verdadeiras.
— O que foi *isso*? — perguntou mamãe.
— Nada.
Tomara.

Capítulo 8

Já estava completamente escuro quando cheguei em casa, mas falei para mim mesma que não estava preocupada com o aviso de tia Pru. Apesar da quantidade impressionante de poder psíquico que Lucia havia mostrado na escola, ela pareceu concentrada em focar tudo em Becca, não em mim.

"Crianças perdidas e sofrendo às vezes podem ser muito cruéis." Isso podia facilmente resumir Paul e a forma como estava se voltando contra Jesse... e contra mim.

Minha mãe também usara a palavra *perdido* para se referir a ele. Só que Paul não era uma criança.

Mesmo assim, ainda que Lucia *tivesse* escolhido me atacar de novo, o Condomínio Paisagem Montanha Carmel — nome equivocado concebido pela empresa que gerenciava o prédio onde eu morava — não seria o lugar ideal para isso. A tal "paisagem" era, na verdade, apenas uma vista dos vinhedos na base das montanhas que, mais para a frente, viravam a cadeia Santa Lúcia. Era contra seus picos estonteantes que as ondas massivas do Pacífico batiam no Big Sur, bem mais adiante na estrada à beira-mar.

Não era uma grande coincidência que o lugar onde eu morava tinha vista para as Santa Lúcia, xarás do fantasma que eu queria mediar? Não era um nome tão comum.

Fingindo um ânimo que eu estava longe de sentir, acenei para meus vizinhos e me juntei a eles no que já havia se tornado rotina: o caminhar arrastado depois do trabalho, desde nossos carros até os apartamentos, o destrancar simultâneo das portas a fim de chegar a nossas geladeiras, TVs, nossos sofás.

Mesmo assim, gosto de meu apê. Não é nada de mais, apenas um quarto em um prédio de trinta apartamentos perto da estrada G16. Kelly Prescott Walters provavelmente daria uma risada de escárnio ao pensar em viver ali, e não em um apartamento de dois quartos em um condomínio na praia Pebble, com vista para o mar e ofurô privado (se bem que agora deve morar em uma mansão de 20 milhões com o marido bilionário).

No entanto, se o trânsito estivesse bom, meu apartamento ficava a menos de quinze minutos da praia Carmel (e de minhas aulas e do trabalho). E os outros inquilinos — recém-casados com filhos pequenos, ou solteiros como eu, divorciados ou ainda namorando, em sua maioria — eram gente boa. Eu gostava de ir para casa, o único lugar onde jamais tinha de me preocupar em ser atacada pelas almas dos mortos, visto que "espíritos malignos não podem adentrar uma casa não habitada, a não ser convidados".

Foi o que disse Sir Walter Scott — que escreveu *Ivanhoé* e um bando de outros livros que o padre Dominic tentava muito me fazer ler —, e é (em geral) verdade. Há várias maneiras de convidados indesejados (tanto paranormais quanto humanos) entrarem em uma casa.

Mas há também inúmeras precauções que você pode tomar para mantê-los longe. Não estou falando apenas de crucifixos e mezuzás nas paredes e portas de entrada (apesar de eu ter os dois. Tomo todas as precauções que posso).

Antes de me mudar, contratei minha própria firma de segurança para trocar todas as trancas do apartamento (caso algum inquilino anterior — ou suas ex — tenham se "esquecido" de entregar as chaves).

Depois, instalei travas de metal nas portas de vidro da varanda, mesmo que eu morasse no segundo andar. Verdade, era muito pouco provável que alguém fosse escalar a varanda do apartamento de baixo para invadir minha casa.

Mas minha preocupação não era com ladrões.

Depois disso, salpiquei uma mistura de sal grosso com ácido bórico (o tipo em pó vendido em lojas de construção) ao longo de todas as portas e janelas externas, assim como nas dobras das bancadas da cozinha. O sal era para afastar Pessoas Mortas Não Obedientes. O ácido bórico era para baratas. Pensei: por que não matar duas pestes indesejadas de uma só vez? Como Paul disse, sou uma menina moderna.

É claro que nada disso impediu que o padre Dominic fosse fazer uma purificação geral usando água benta (a possibilidade de o ácido bórico se solidificar me preocupou, mas deu tudo certo).

Não falei para ele que Pru, tia de Cee Cee, já havia aparecido e feito uma limpeza Wicca, abençoando o lugar com fumaça de sálvia, e que Jesse havia colocado um centavo reluzente de cobre virado para cima em todos os cantos do apartamento, admitindo, com vergonha, que era algo que suas irmãs costumavam fazer (é claro que, na época dele, era metade de um centavo, e as moedas eram realmente de cobre. Hoje, são feitas de zinco). Ele não acreditava nisso, mas por que não?

E de fato, por que não? Todo mundo tem superstições. Eu não ia julgar a de ninguém. Tenho várias também.

Assim que tranquei a porta, tirei o sapato plataforma, abri o sutiã e dei comida a Romeo, o rato de laboratório que eu roubara de minha turma de Condicionamento Operante depois de treiná-lo, com sucesso, para correr em um labirinto acionar uma trava de alimentação.

O professor havia avisado para não nos apegarmos aos ratos. Não é válido, para pesquisadores, se apegar emocionalmente aos animais de laboratório, do mesmo jeito que não é bom que terapeutas ou médicos se liguem emocionalmente a seus

pacientes. A fim de que o profissional sirva ao cliente da melhor maneira, ambos precisam permanecer distanciados.
Além disso, quase todas as conquistas na história da Medicina devem seus avanços fundamentais a testes com animais. Mais cedo ou mais tarde, a maioria dos ratos de laboratório acabam sendo dissecados.
No entanto, só fiz aquela aula porque era um pré-requisito. Eu não planejava seguir carreira em pesquisa clínica, assim como não planejei me apegar emocionalmente a meu rato (isso estava virando um padrão irritante: como mediadora, eu também não planejava me apegar emocionalmente a nenhum dos fantasmas que tentei mediar, mas vejam o que aconteceu).
Assim que os exames terminaram, troquei Romeo por um rato parecido que achei em um pet shop.
Os ratos são muito mais limpos e inteligentes do que as pessoas pensam. Romeo e eu construímos uma conexão pessoal genuína e totalmente única. Ele é treinado a fazer as necessidades em cima de papéis, e gosta de dormir em meu ombro enquanto assisto à TV. De jeito nenhum eu ia deixar meu amiguinho no laboratório para que um aluno de doutorado fizesse experimentos com ele — e possivelmente o matasse — durante o verão.
Paul tinha razão: eu provavelmente seria a pior conselheira do mundo.
Mas visto que a opinião dele não me interessa muito, não estou preocupada.
Enquanto Romeo mastigava alegremente o jantar feito de cenouras e nozes sem sal em sua gaiola, eu me joguei no sofá (também conhecido como a cama de Gina) e liguei para o celular e para a casa do padre Dominic. Claro que ele não atendeu. Deixei uma mensagem, que eu esperava mesclar o tom correto de profissionalismo e de urgência.
— Oi, padre D, sou eu. A irmã E já deve ter falado com o senhor sobre um suspeito terremoto que tivemos hoje no escritório... Então, não foi bem isso. Mas não se preocupe, está tudo totalmente sob controle. Quero dizer, grande parte. Enfim, uma outra coisa meio estranha aconteceu... nada sério. Eu só queria saber se o senhor já ouviu falar sobre uma maldição antiga do *Livro dos mortos*... alguma coisa relacionada à ressurreição e ao que acontece quando você destrói o lugar de descanso de um fantasma?
Eu não podia revelar exatamente sobre o que estava falando, claro, porque sabia que, assim que o fizesse, o padre Dominic perceberia que eu me referia a Jesse. O velho teria um surto e ligaria para ele. O tipo de dor de cabeça que eu não precisava.
— Enfim, me ligue quando ouvir esta mensagem — continuei. — Muito obrigada. Espero que o senhor esteja se divertindo com os outros diretores de escolas na sua conferenciazinha. Tchau!

Eu desliguei, certa de que não receberia uma resposta tão cedo. O padre Dominic era quase tão ruim quanto Jesse ao lidar com telefones, embora pelo menos Jesse gostasse de mandar mensagem de texto. O celular do padre Dominic não tinha nem essa função. Era um daqueles telefones para pessoas Idosas que não conseguem ver bem, com botões extremamente grandes. Dei o celular para ele após uma semana de pura frustração, quando ele não conseguiu responder a nenhuma mensagem porque não sabia como escutar as gravações. Pelo menos o celular novo tinha um botão enorme que indicava quando uma mensagem era deixada. Torci para que ele percebesse e apertasse o botão.
Chequei meu celular e vi que havia recebido várias mensagens enquanto dirigia para casa. Ainda não tinha notícias de Shahbaz Effendi, aluno de egiptologia, mas disse a mim mesma que isso não significava que ele estivesse me ignorando. Podia estar dormindo. Podia estar fazendo escavações arqueológicas. Podia estar em outro fuso horário, do outro lado do mundo. Não necessariamente ele achou que eu era uma mentirosa esquisita.
Pelo menos Cee Cee havia me respondido. Esteve ocupada desde a última vez em que a vi, pouco tempo atrás.

Cee Cee Você faz alguma ideia de quantas mulheres/meninas/ bebês com o primeiro nome Lucia morreram no estado da Califórnia nos últimos 10 anos? É um dos nomes femininos mais comuns nos E.U.A. (significa "luz").

A não ser que você consiga me dar parâmetros de pesquisa mais específicos (cidade/estado/ano/causa de morte), vou levar dias para filtrar isso.

Nov 16 5:45 PM

Definitivamente, eu teria de comprar um cartão de presente mais caro.
Uma coisa era certa, no entanto: eu não ia contar para ela que Adam MacTavish estava ignorando seus telefonemas e mensagens, mas respondeu rapidamente ao e-mail que enviei para ele:

Para: suzesimon@academiamissao.edu
De: adam.mactavish@michiganstate.edu
Assunto: Sua Casa
Data: Novembro 16 8:33:07 PM EST

Oi, Suze! Bom receber uma mensagem sua. Ainda bem que está tudo *bem ou* não tão bem, acho, considerando as novidades sobre sua antiga casa. Sinto muito sobre isso.

Obrigado pelos parabéns. Cee Cee está certa, realmente fiz o exame de Direito. Não é uma coisa tão incrível quanto as pessoas pensam. Se bem que devo admitir que tenho comemorado bastante desde que descobri ;-)

Mas você teve sorte de me encontrar em um momento sóbrio.

Dei uma olhada no anexo que você mandou, e, embora propriedades/leis de construção não sejam minha especialidade, pelo que entendi sua velha casa foi comprada (ela e outras ao redor) pelas Indústrias Slater, que é uma empresa privada, com vendas privadas. Então eles não estão violando nenhuma regra de propriedade.

Além disso, as casas estão situadas fora da zona de preservação histórica de Carmel-by-the-Sea, em Carmel Hills.

Você pode conseguir que a casa seja declarada um marco histórico, mas isso vai levar pelo menos sessenta dias. Só então você vai ter como impedir a demolição. No entanto, o trabalho está marcado para começar na semana que vem.

Em outras palavras, Suze, lamento dizer: você está ferrada.

Estarei em casa na semana que vem para o feriado de Ação de Graças.

Vamos nos encontrar com Cee Cee para tomar um café no Clutch, como nos velhos tempos!*

Adam

*Vivo esquecendo que a tia dela mudou o nome! Quis dizer, no Médium Feliz.

Bem, isso era desanimador, mas não tão ruim quanto pensei. Pelo menos havia alguma coisa que eu podia fazer. Era melhor que o que eu vinha imaginando: eu na frente de minha antiga casa, enfrentando as escavadeiras de Paul com meu taco de beisebol.

Não perderia as esperanças... pelo menos não por enquanto.

Eu me virei no sofá para dar uma olhada na piscina através das portas de vidro da varanda. Daquele ângulo, vi que as luzes do jardim externo haviam sido ligadas, assim como as da piscina. A água artificialmente azul me chamou. Eu sabia que estava cheia de cloro e químicos, e provavelmente de xixi dos filhos dos vizinhos, mas não liguei. Eles a mantinham aquecida quando fazia frio, e nadar ali era um paraíso comparado a quarenta minutos no aparelho elíptico da academia.

E também me ajudava a pensar. Eu tinha muito a pensar.

Isso porque, apesar das mensagens de Cee Cee e de Adam, e de ter recebido algumas mensagens de colegas de turma perguntando se eu ia ao *happy hour* (que coraçõezinhos alcoólatras mais queridos), além de um convite de meu meio-irmão Jake para passar em sua casa a fim de "beber e tal" (mas somente se eu levasse Gina depois que ela saísse do trabalho. Jake era muito transparente — vinha dando em cima dela havia anos), recebi também algumas mensagens de voz preocupantes.

A primeira era da irmã Ernestine, que queria saber como — *mas como!* — eu pude sair do escritório e deixá-lo daquele jeito, e *o que* eu achava que devíamos fazer com as trigêmeas, minhas meias-sobrinhas.
A outra mensagem era da mãe das trigêmeas, Debbie, esposa de meu meio-irmão Brad, querendo saber quem a irmã Ernestine achava que era para sugerir que suas filhas talvez tivessem déficit de atenção quando, na verdade, eram apenas menininhas naturalmente animadas e criativas.
Depois disso veio uma de Brad, perguntando se eu podia por favor tirar "aquela velha pentelha da irmã Ernestine" de cima dele porque ela estava arruinando seu casamento. E queria saber se eu ia ao "beber e tal" de Jake, e se podia ir comigo, caso eu fosse — qualquer coisa que o tirasse de perto de Debbie, que o estava enlouquecendo.
Ótimo. Muito bom.
Isso fazia contraste direto com seu irmão mais novo, David (que eu chamava de Mestre em segredo, visto que era o mais inteligente de meus meios-irmãos), que me mandou uma foto de si no seu quarto em Harvard, usando — por motivos que não explicou — sutiã e maquiagem.
Fiquei sem saber se ele estava saindo do armário ou questionando estereótipos de gênero para algum projeto de aula. Conhecendo David, eu diria que podia ser qualquer um dos dois, ou os dois, ou nenhum.
Mas respondi à mensagem dele imediatamente — ao contrário das mensagens de seus irmãos mais velhos, que ignorei — com um sinal de joia.
E por fim — e nunca menos importante — havia uma mensagem de Jesse:

> **Jesse** Quieres jugar al médico?
> Nov 16 5:47 PM

Eu sabia o que *médico* significava. Tinha quase certeza de que *jugar era* brincar ou jogar, como em *jugar al tenis.*
Ele estava me provocando? Estava realmente perguntando se eu queria brincar de médico?
Eu estava respondendo...

> Mucho gusto!
> Nov 16 6:15

... quando meu celular vibrou, Indicando que eu havia recebido outra mensagem. Cliquei na tela ansiosamente, torcendo para que fosse o padre Dominic (ou o aluno de egiptologia), ligando com as repostas para todos os meus problemas (ou, melhor ainda, Jesse num intervalo do trabalho mandando mensagem

simultaneamente), mas meu sorriso congelou no rosto.
Não era Jesse.

El Diablo Vá em frente, não me responda mesmo, não. Sei que vou te ver na sexta às 8.

Não me obrigue a fazer uma coisa do que vamos nos arrepender depois, Suze. Quero dizer, VOCÊ vai se arrepender.

Nov 16 6:42 PM

El Diablo era o apelido que dei para Paul em meu celular. O nome me pareceu apropriado, já que eu tinha certeza de que ele era Satanás.
Depois disso, me senti enjoada e sabia que não conseguiria mais ficar no apartamento, mesmo que estivesse tão aconchegante, com meu rato de laboratório de estimação mascando cenoura e meu namorado me provocando em espanhol.
Meu namorado que talvez não fosse mais existir em alguns dias.
Eu precisava liberar a energia. Precisava clarear a mente. Precisava me livrar da sensação de que havia sido tocada por alguma coisa pegajosa.
O jantar é o melhor horário para cair na piscina de meu prédio. O resto das pessoas estão na academia, ou esquentando jantares no micro-ondas, reunidas em torno de seus móveis Ikea, assistindo a *Jeopardy*, ao jornal ou a algo no Netflix.
Não sou viciada em exercícios físicos, mas preciso me manter em forma — não apenas para poder caber em minhas roupas, mas para brigar com todas as pessoas mortas (e chantagistas sexuais) que ficam me pentelhando.
Saí do apartamento, fui até a área da piscina e tirei os chinelos, a camiseta e a calça de yoga, deixando tudo na espreguiçadeira, junto da toalha. Então entrei na água reluzente e aquecida, e afundei até o topo da cabeça (embora meu cabeleireiro, Christophe, sempre me implorasse para usar toca de natação. Alega que estou arruinando as luzes pelas quais ele cobra uma fortuna).
Acontece que tocas de natação são feias e apertam minha cabeça, de modo que não consigo pensar. Tenho meus melhores momentos de reflexão quando estou nadando.
Embaixo d'água, eu não escutava o trânsito da G16, nem os grilos nas plantas decorativas que a empresa que gerenciava o prédio colocou em volta da piscina. Não escutava o bater dos talheres no apartamento 2-B (eles deixam a porta da varanda aberta durante o jantar, assim como eu).
Comecei a nadar, e logo só escutava o barulho da água e de minha própria respiração.

Quando terminei, decidi me secar e dirigir até a loja de ferramentas de construção — tinha uma Home Depot aberta até às 22h em Monterrey — a fim de comprar todos os sacos de sal grosso que tivessem (provavelmente achariam que eu era louca. Nevava tão pouco em Carmel que era considerado um evento apocalíptico).

Depois eu colocaria sal em cada centímetro da casa 99 na Pine Crest Road, assim como na terra em torno dela. Salpicaria até nos jardins das casas vizinhas.

Eu não tinha provas de que daria certo, mas que outra escolha eu tinha? Meu apartamento era cheio de sal para espantar os espíritos conturbados. Salgar o terreno onde atos obscuros aconteceram não manteria o mal contido?

Isso provavelmente não deteria o demônio por muito tempo, mas, se eu também conseguisse levar o padre D para mais uma de suas bênçãos na casa — e talvez, enquanto isso, abençoasse Jesse também —, talvez desse certo.

Não que eu achasse minimamente que Jesse ficaria quieto para ser abençoado — pelo menos não sem uma explicação. Ele ia à missa todo domingo, assim como nos dias sagrados. Se havia um demônio dentro dele, seria preciso uma baita bênção para fazê-lo sair. Eu provavelmente teria de arrumar um imã, um rabino e uma sacerdotisa Wicca, além do padre Dom, para me livrar da maldição.

Se ao menos eu tivesse chutado Paul na garganta em vez de na virilha, naquela noite da formatura Se tivesse quebrado um osso da mandíbula e o matado, provavelmente teria conseguido alegar autodefesa. Se eu acabasse com ele agora que era tão conhecido — graças à revista *Los Angeles* e aos pais dele, que o estavam processando —, o caso talvez fosse gerar muita repercussão, e, se eu fosse a julgamento, provavelmente passaria um tempo na cadeia... embora bem menos que Jesse, como sou branca e mulher.

Mas qualquer tempo na cadeia é tempo demais para alguém que só consegue dormir com três travesseiros e lençóis cem por cento algodão.

O que eu estava pensando? Jamais conseguiria matar outro ser humano... pelo menos não um que eu conhecia.

Ou conseguiria? Se fosse para proteger tudo — e todos — que eu amava?

Quando foi que as coisas ficaram tão complicadas? Se não fosse um babaca do passado aparecendo para me chantagear sexualmente, era um espírito-mirim homicida estraçalhando meu escritório. Pessoas não obedientes, vivas e mortas, pareciam sempre chegar do nada e arruinar minha vida. Será que eu *nunca* conseguiria relaxar e curtir o momento, só para variar?

É imerecido — para usar um dos termos favoritos da irmã Ernestine — que eu estivesse pensando exatamente nisso quando uma PMNO apareceu na água ao meu lado.

Entretanto, eu estava tão absorvida pelos pensamentos obscuros em relação a

Paul, escutando minha própria respiração e batimentos cardíacos, vendo a sombra de meu corpo no chão da piscina enquanto eu dava minhas voltas, que não percebi, apesar do aviso de Pru uma hora antes.
Só me dei conta quando as mãos seguraram meu pescoço, como garras, me arrastando para o fundo.
E assim, de repente, era *eu* quem estava prestes a morrer.

Capítulo 9

Eu me debati e engoli muita água enquanto segurava os dedinhos afiados que apertavam minha garganta, — Não machuque Becca — sussurrou uma voz bem familiar ao meu ouvido, quando consegui subir à superfície para uma respirada gloriosa, porém curta demais. — Nunca mais chegue perto dela!

Não havia nada que eu pudesse responder. Mesmo que houvesse, eu não conseguia falar. Ela comprimia tanto minha garganta que eu não conseguia emitir nenhum som, nem mesmo enfiar meus dedos entre os dela para afrouxar o aperto. Além disso, ela havia me levado para o fundo da piscina, e seu corpo — que não deveria ter peso — de repente ficou pesado como uma geladeira.

E eu fiquei como um cachorro abandonado que alguém cruel decidiu amarrar à geladeira, antes de jogá-la no fundo de um lago.

Tudo que pude fazer foi lutar para voltar à superfície contra aquele peso que me puxava para baixo sem dó. Quando finalmente consegui chegar ao ar puro, em vez de respirar, só consegui tossir o cloro que eu havia engolido e que queimava minha garganta.

Ela continuou segurando meu pescoço como se pesasse mil quilos. Como era possível? Ela era do tamanho de uma boneca, e um fantasma, ainda por cima. Para uma pessoa cujo nome significava algo tão etéreo quanto a luz, ela não era nada leve.

Certa vez, em minhas buscas por exercícios aeróbicos mais eficazes que tomassem menos tempo, li que ir do fundo até a superfície d’água carregando bastante peso é uma boa solução. É parte do treinamento da Marinha; eles nadam carregando um kit de mergulho em cima da cabeça.

Pareceu exagerado na época, mas agora percebi que era isso que eu devia estar fazendo desde o começo. Quem diria que treinamentos militares e estagiárias teriam tanto em comum!

Quando me dei conta, a menina me segurava no ar, como um salmão preso a uma vara de pescar. Fiquei pendurada pelo pescoço, ainda lutando para soltar os dedos dela e respirar. Eu me perguntei, lá na parte de meu cérebro que ainda conseguia registrar os pensamentos, como aquela cena seria vista por algum vizinho que resolvesse dar uma olhada na piscina. A pessoa não conseguiria ver a PMNO que estava segurando meu pescoço acima d'água. Será que achariam que eu estava fazendo algum tipo de nado sincronizado esquisito? Suze Simon, sereia amadora. Talvez eles batessem palmas e me elogiassem depois... se eu sobrevivesse.

Ela me levou ao fundo da piscina de novo, e eu me perguntei como pude ser tão

metida — e burra — a ponto de achar que ela não teria me seguido até em casa.
E não apenas me seguido até em casa, mas me visto saindo do carro, dando boa noite aos vizinhos e entrando em casa para checar minhas mensagens.
Claro, meu apartamento era à prova de fantasmas.
No entanto, nunca pensei em salpicar uma camada protetora de sal em tomo da piscina. Essa nem era do tipo de piscina ecológica salinizada que Andy vive recomendando no 'Em Casa com Andy'. Era cheia do tipo de cloro perigoso para humanos — e com um gosto horrível —, além de outros produtos químicos que queimavam minha garganta naquele momento.
— Lucia — falei assim que finalmente consegui inalar um pouco de ar. — Acho que você não está entendendo. Eu estou do seu lado.
— Não, *você* não está entendendo — sussurrou ela ao meu ouvido, as unhas arranhando a pele de minhas bochechas quase como se fôssemos amantes. Nem um pouco bizarro. — Becca é minha. *Minha* amiga. Ninguém nunca mais vai machucar ela.
O*k, ok*, quis responder. *Já entendi.*
Mas não havia como falar mais nada porque a dor era imensa. Meus pulmões estavam cheios d'água, meus cabelos cobriam todo o meu rosto (por que não escutei Christophe e botei a toca de natação?), e ela ainda estava segurando minha garganta. Ela havia me arrastado para longe das bordas da piscina, então eu não tinha onde me segurar — a não ser água e mais água —, nada com que acertá-la, nem nada onde eu pudesse tomar impulso. Onde estavam minhas botas quando eu precisava delas? Ah, sim, com a Maximillian28.
Só havia uma coisa que achei que podia fazer, que era apertar o pescoço *dela.* Precisava que ela afrouxasse aquele aperto de ferro que cortava meu oxigênio e fazia com que as luzes ao redor da piscina ficassem cada vez mais fracas.
No entanto, meus braços estavam estranhamente pesados. Erguê-los era como levantar os pesos de cem quilos que Brad mantinha na garagem e desafiava todo mundo a levantar. Eu já havia usado energia vital demais para continuar na superfície, não tinha mais como dar um bom soco. Dar um soco no rosto de uma criança morta não era legal, mas eu estava começando a achar que não havia problema, considerando que aquela criança morta em particular estava sendo tão pentelha.
Mas eu ainda tinha força para segurar. Levantei os braços e fechei os dedos em torno de alguma coisa molhada e em fios. Primeiro, naquele estado de quase perda total de consciência, achei que eram algas — mas por que haveria algas na piscina de um condomínio?
Então percebi que eu havia segurado dois cachos louros dos cabelos de Lucia.
Puxar cabelo é golpe baixo — é o que crianças pequenas e mulheres bêbadas em

reality shows fazem —, mas minha situação era diferente. Era ela ou eu, e com certeza não ia ser eu. Eu tinha um casamento marcado com o doutor Hector "Jesse" de Silva no ano seguinte, na basílica da Missão Carmel, e não tinha intenção alguma de faltar ao evento.
Puxei com toda a força, e, para meu alívio profundo, as garras desapareceram de minha garganta. O corpinho tenaz e forte de Lucia passou por cima de mim e foi aterrissar n'água à minha frente.
Ela aterrissou de costas, então pude ver seu rosto. A expressão era impagável — surpresa total, tipo *como eu vim parar aqui?*
Eu teria soltado uma gargalhada caso não estivesse tão ocupada tentando não morrer.
Por alguns instantes, ficamos simplesmente boiando na parte funda da piscina — eu engasgada com a água, e a morta completamente chocada por ter sido derrotada, mesmo que temporariamente. Um espírito com tanto poder rapidamente retomaria sua energia, ao passo que eu não tinha mais nenhuma. Subestimei completamente as profundezas da raiva e de sua determinação em impedir que qualquer pessoa interferisse na vida de Becca. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo entre ela e sua hospedeira, mas fosse o que fosse, Lucia não ia deixar que ninguém as separasse.
Mesmo assim, naqueles breves segundos em que os cabelos louros nos circundavam feito uma auréola (quanta ironia), não pude conter o choque em ver o quão Incrivelmente doce e vulnerável ela parecia. Ainda segurava o cavalo de pelúcia que vi mais cedo, ainda de calça e botas de montaria; parecia muito com um anjo fã de cavalos que por acaso tropeçou e caiu na piscina.
E *depois tentou me afogar.*
Fim de papo. Eu tinha de sair dali.
Eu me virei e comecei a nadar para longe dela com a força que me restava. Se conseguisse chegar à escada reluzente de cromo, que estava a poucas braçadas de mim, e me erguer para fora da piscina, sabia que ficaria tudo bem.
É claro que eu estava me enganando, mas precisava acreditar em *alguma coisa.*
Comecei a bater as pernas com vontade para alcançar a escada, e achei que fosse conseguir — embora meu coração quicasse como se estivesse prestes a explodir —, quando certa mão gelada e de garras afiadas segurou meu tornozelo e tentou me puxar de volta para as profundezas cristalinas.
Não.
Então, quase ao mesmo tempo, outra mão forte, mas *morna* e familiar, segurou meu punho e começou a me puxar para a beirada da piscina. O que estava acontecendo? Tinha alguém tentando me salvar?
Ai, meu Deus, não. Não podia ser um de meus bons vizinhos do Condomínio

Paisagem Montanha Carmel, achando que eu estava com cãibra. Lucia puxaria o vizinho para a água também, e o cara que toma conta da piscina acharia nós *dois* boiando com o rosto para baixo na manhã seguinte.

Será que aquele dia ainda ia piorar? Não tinha como salvar a mim e a outra pessoa também. Não me restava energia o suficiente.

— Pare — implorei, e puxei o punho. Preferia ser afogada por Lucia que deixá-la levar um cidadão inocente comigo. — Estou bem. Por favor, vá embora.

Mas o aperto em meu punho só ficou mais forte. Eu me debati enquanto tentava me manter acima da superfície. Estava sendo puxada em direções opostas por duas forças inteiramente diferentes — e descomunais —, porém com a mesma determinação.

— Você não está bem, *mi amada* — disse uma voz grave e rouca.

Meu coração começou a bater de um jeito diferente. *Jesse.*

Eu o vi ajoelhado ao lado da piscina, as mãos segurando meu punho. Era difícil ler sua expressão, pois estava com as costas viradas para as luzes de segurança, mas tive a certeza de que estava furioso. A gravata e a camisa que era obrigado a usar no trabalho pareciam encharcadas.

— E sinto informar — disse ele —, mas não vou embora nunca.

Capítulo 10

Comecei a achar que talvez realmente tivesse uma possibilidade de sair daquela viva.
Acho que Lucia pensou o mesmo; os dedos gelados como tentáculos em volta de meu tornozelo se afrouxaram. Eu a escutei soltar um último chiado furioso, então, com um show final de bolhas, como se a piscina inteira tivesse de repente virado o caldeirão de uma bruxa, ela desapareceu.
Depois disso, a água cristalina da piscina ficou tão estática quanto antes de eu mergulhar. Fora o filtro da piscina, os grilos e minha própria respiração pesada, a piscina do Condomínio Paisagem Montanha Carmel estava completamente silenciosa.
Até que Ryan, o vizinho do 2-B, chamou a gente da varanda.
— Ei! Vocês estão bem?
Jesse ainda me segurava pelo punho, me mantendo com metade do corpo fora d'água.
— Ela está bem — berrou ele para Ryan. — É só cãibra.
— Diz para ela que é por isso que se deve esperar meia hora depois de comer até entrar na piscina — respondeu o vizinho de brincadeira, e voltou ao programa a que estava assistindo.
Jesse não esperou nem um segundo para me puxar, encharcando a camisa e a gravata ainda mais, e me levar para a espreguiçadeira mais próxima.
— Suzannah, está tudo bem — disse ele, com uma expressão adorável que misturava raiva e ansiedade. — Ela foi embora.
— Eu sei que ela foi embora — respondi. Meus dentes começaram a bater involuntariamente. — Pare de ser dramático. Está molhando suas roupas de trabalho.
— Danem-se minhas roupas — disse ele. Era muito raro ouvi-lo xingar, pelo menos em inglês. Sou eu que tenho a boca suja nesse relacionamento.
Ele pegou a toalha, que estava em cima de minhas roupas, e me envolveu nela. A espreguiçadeira reclamou com nosso peso. A gerência do prédio não investiu muito alto na decoração ao redor da piscina.
— Você está tremendo — constatou ele. — Ela te machucou?
— Não. É só uma criança.
— Uma criança? — Ele riu, mas não havia humor na risada. — Uma criança que quase a matou. A gente vai descobrir quem ela é, e aí vamos... — Ele começou a xingar fluidamente, em espanhol.
— Jesse, pare com isso. O que está acontecendo? Sua especialidade é pediatria.

Você devia sentir pena de criancinhas.
— Não dessa. Essa não tem chance alguma de ir para o céu. Ela vai ser exorcizada por mim diretamente para o inferno, que é de onde veio.
— Ela não veio do inferno. Está assustada e sofrendo.
— Acho que você a está confundindo com você mesma, *amada.*
— Não estou, não. A tia de Cee Cee falou isso. Ela tentou me alertar hoje na porta do café, mas não prestei atenção.
Jesse praguejou de maneira bem detalhada sobre a tia Pru. Embora tivesse falado em espanhol, entendi a ideia geral.
— Ela só estava tentando ajudar — falei em defesa de Pru —, e você sabe que ela está certa. Por que está fazendo isso? — Ele esfregava minha pele por cima da toalha.
— Você está em choque — disse ele. — Está com frio, molhada e tremendo. Estou tentando normalizar a temperatura e a circulação em suas extremidades. Não discuta comigo, sou médico.
— Não estou em choque — respondi. — Estou bem. Engoli muita água, mas ainda estou inteira. Pelo menos desta vez não estraguei minhas botas.
— Suas o quê?
— Minhas... esquece. E agora, o que você está fazendo?
— Compartilhando meu calor corporal para que você não tenha hipotermia. — Ele havia me colocado no colo dele. — Você se opõe?
— Ah, não, nem um pouco. — Passei os braços ao redor de seu pescoço e afundei o rosto em seu ombro, aproveitando o calor do corpo forte e o cheiro levemente antisséptico, sempre presente graças à quantidade de vezes que ele tinha de lavar as mãos. Acho que eu também não cheirava tão bem depois do banho de cloro que recebi de Lucia. — Como você soube que eu estava em perigo?
— Eu sempre sei. — Ele me abraçou mais forte, os lábios bem perto de minha orelha. — Eu a *senti* desde que saí do hospital. Ou senti alguma coisa. E quando tentei ligar e você não atendeu...
— Eu vim nadar. Meu telefone está no apartamento.
— Eu sabia que tinha alguma coisa errada quando perguntei se você queria brincar de médico mais tarde e você não respondeu — disse ele.
— Isso não é verdade. — Virei o rosto para que a boca de Jesse ficasse perto da minha, em vez de perto da orelha. — Respondi *mucho gusto.*
— Não recebi isso. Como seu espanhol consegue ser tão terrível depois desses anos todos?
Ele colocou a mão embaixo da toalha e tocou minha pele. Prendi a respiração.
— Você faz isso com todos os pacientes em choque?

— Não. — Ele me puxou mais para perto. — Só com você. Você tem tratamento especial.
Jesse me beijou.
Senti nossos corações batendo forte, separados apenas pela microfibra fina e úmida do maiô e pela camisa branca que ele havia usado para trabalhar. Ele pressionou meu corpo contra a espreguiçadeira, língua quente dentro de minha boca, mão quente em minha pele — e outro tipo de calor irradiando da frente do jeans justo.
Aquele jeans justo. Sempre me causando problemas. Quando não era o olhar que eu tinha de desviar, eram as mãos. Como naquele instante, por exemplo, ainda mais porque eu podia sentir o que fazia volume de maneira tão urgente na frente da calça, praticamente estampando os botões em minha coxa.
Mas eu sabia que, se abrisse aqueles botões e segurasse toda aquela glória masculina, a única coisa que receberia de volta seria um gemido e um pedido educado para que eu parasse de fazer o que estava fazendo. Eu tinha certeza porque já havia acontecido milhões de vezes. A determinação de Jesse em permanecer puro era admirável, porém bastante frustrante.
Eu sabia que ele não ia tirar minha roupa de banho e fazer aquilo em cima da espreguiçadeira bem no meio do pátio de meu condomínio. Primeiro porque seria meio nojento. Qualquer pessoa, incluindo Ryan, do segundo andar, podia ver a gente da varanda. Segundo, não foi assim que eu ou ele imaginamos nossa primeira vez.
Se bem que devo admitir: naquele momento, eu não estava dando a mínima. Eu gostaria de estar em qualquer lugar que não fosse naquela maldita piscina. Em meu quarto, por exemplo, ou no quarto dele na casa de Jake. Se bem que até mesmo nesses lugares ele sempre conseguia se conter e não tirar minhas roupas, ao passo que eu tinha muita dificuldade em fazer o mesmo. Talvez a maldição estivesse errada, e *eu* fosse a pessoa com um demônio no corpo...
— Suzannah — sussurrou Jesse em minha orelha depois de certo tempo.
— Eu sei. — Tirei a mão.
Ele se afastou de mim ao som dos protestos da espreguiçadeira e se virou de costas. Era difícil ter certeza sem ver o rosto dele, mas senti que estava sofrendo. Era um sentimento familiar.
— Não precisa ser assim — falei, depois de alguns momentos de silêncio total, a não ser pelos grilos.
— Precisa, sim — garantiu ele, olhando para o chão. — O casamento é só ano que vem.
— Dane-se o casamento.
— Seus pais adorariam ouvir isso depois de terem feito o depósito para a basílica

e a festa.
— Você entendeu. Sei que não sou tão religiosa quanto você, mas realmente não acho que Deus vá se importar.
— *Eu* me importo.
— Mas a maioria das pessoas hoje em dia não espera até o casamento...
— A maioria das pessoas não deve tanto à noiva e à família dela quanto eu.
— Ah, pelo amor de Deus. Ninguém liga para isso.
— *Eu* ligo. O pior é que vim aqui para salvá-la, não para me aproveitar.
— Acho que nós dois tiramos uma casquinha, e o pouquinho que eu tive, gostei muito.
— Mesmo assim, você merece mais que isso.
— Tenho certeza de que sou a melhor pessoa para julgar isso. E decidi que mereço a honra de ser a esposa do Dr. Jesse de Silva há muito tempo. Não tem honra maior, em minha opinião.
O sorriso torto que ele me deu não tinha a menor pontada de humor.
— Obrigado pelas palavras carinhosas, mas o que tenho para oferecer a uma esposa? Não tenho família, não tenho dinheiro, só tenho dívidas; mais de 200 mil. Você sabe que, como residente, vou ganhar uma média de 12 dólares por hora, e para trabalhar oito horas por dia. É menos que o pessoal da limpeza ganha.
Fiz carinho no cabelo escuro e o afastei da testa dele.
— Sei o que você vai dizer porque já repetiu tantas vezes, mas lembre-se de que meus investimentos são suficientes para quitar as prestações mensais de seu empréstimo estudantil. Se você pelo menos...
Ele segurou minha mão tão repentinamente que por um momento vislumbrei a escuridão que Paul havia mencionado e que Jesse sempre mantém tão sob controle. No entanto, um segundo depois ela já não estava mais ali, e ele colocou os dedos sobre os lábios.
— Obrigado de novo, mas você e sua família já me deram o suficiente.
— Está se esquecendo do quanto você *me* deu. Como agora há pouco, por exemplo.
Ele franziu as sobrancelhas, confuso.
— Agora há pouco?
— Minha *vida*, Jesse. Você me deu minha vida hoje. Como já fez um milhão de vezes antes, lembra? Um milhão e um se contar hoje.
Ele relaxou as sobrancelhas, e, dessa vez, quando sorriu, havia calor e bom humor.
— Ah, isso. Bem, foi o mínimo que pude fazer. Você acabou retornando o favor.
— Retornei. Então pode parar com essa merdinha de auto-piedade e de só ter

dívidas para oferecer a uma esposa. Você tem muito a oferecer. Ainda não no lado material, talvez, mas você é bem bonito, em minha opinião, e tem também essa coisa de salvar minha vida. E é claro que também tem isso aí dentro das calças. Também é bem impressionante.
O sorriso virou desaprovação.
— Que elegante, Suzannah. Pena que minha mãe está morta, ela ficaria tão orgulhosa.
— E deveria mesmo. — Endireitei a gravata dele (era obrigado a usá-la no trabalho, e ficava lindo com ela) e acabei tocando a gola da camisa. — Nossa. Você ficou encharcado mesmo, hein? Não pode voltar para o plantão com as roupas molhadas. Vai pegar um resfriado. Melhor tirar a camisa e subir comigo para que eu seque tudo para você.
— Você não tem máquina de secar no apartamento — disse ele. — Está tentando me ver pelado, Srta. Simon?
— É secadora, não máquina de secar... e sim, Dr. De Silva, estou.
— A gente vai conversar sobre o que aconteceu aqui, Suzannah?
— Bem — respondi —, quando um homem e uma mulher se gostam muito, eles começam a se beijar e sentem uma coisinha estranha na barriga. Num relacionamento normal, o homem vai para a casa da mulher e eles ficam pelados e se ajudam a se livrar da coisinha estranha. A não ser que o homem insista em esperar até que se casem, e aí a mulher tem um ataque nervoso...
— Não isso — interrompeu ele. — Mas foi uma boa explicação, gostei. Estou falando da criança demônio.
— Ah, ela. É um fantasma altamente protetor em relação àquela aluna de quem eu estava falando; que por acaso é enteada de Kelly Prescott. Não achei que ela fosse me seguir da escola até aqui. Foi culpa minha, na verdade. Devia ter tomado mais cuidado.
— Culpa sua? Nada disso é culpa sua. — Os olhos castanhos geralmente amenos de Jesse não pareciam tão amenos agora. Seu currículo tinha um buraco bem grande, onde devia constar *passou um século e meio assombrando uma casa em forma de espectro.* — Por que sempre que o nome de Kelly Prescott aparece, tem confusão no meio?
— Porque ela é uma vaca?
Os cantos dos lábios de Jesse se curvaram para cima. A escuridão sumiu com a mesma rapidez que apareceu. Ele se levantou e me ofereceu uma das mãos.
— Posso ver que já está melhor. O que é muito bom porque preciso voltar. Falei para eles que ia comprar cigarro, mas já estou fora tempo demais.
— Cigarro? — Dei a mão para ele e permiti que me levantasse. — Jesse, você não fuma.

— Não, mas várias enfermeiras fumam. Precisei que elas cobrissem o plantão para mim, então meu plano é subornar todo mundo com cigarros. Mas agora vou demorar mais ainda se preciso esperar que pegue suas coisas para acompanhá-la à Cruzada do Caracol.
— Cruzada do Caracol? Por que você teria de me levar até a Cruzada do Caracol?
Fiquei confusa. A Cruzada do Caracol era o nome da casa no estilo rancho que Jake havia comprado no Vale Carmel, e para onde convenceu Jesse a se mudar depois que conseguiu a bolsa no São Francisco (graças a Deus, porque não sei por quanto tempo mais até uma pessoa tão religiosa quanto Jesse teria aguentado morar com o padre Dominic, que o sustentou — com a ajuda da igreja — no primeiro ano de vida nova, antes de entrar para a faculdade).
Chamada de Cruzada do Caracol porque o jardim da frente era tão sombreado pelas árvores que caracóis passavam pelo caminho de entrada a qualquer hora do dia ou da noite, a casa de Jake havia se tomado nosso ponto de encontro principal, o local de vários churrascos, festas a piscina e conversas intelectuais profundas em volta da fogueira — todos eventos épicos.
Mas Isso não queria dizer que eu planejava ir até lá naquela noite. Não foi à toa que ignorei a mensagem de Jake em relação a "beber e tal" e a queda por Gina.
— Você precisa ir até lá, para sua segurança, Suzannah — argumentou Jesse. — Sei que tomou todas as precauções com seu apartamento, que é provavelmente cem por cento seguro contra ataques paranormais. Mas a Cruzada é ainda mais segura agora porque aquela pequena monstra não conhece a casa. E você sabe o tipo de sistema de segurança que Jake tem.
E eu sabia. Assim que a maconha medicinal se tornou legalizada no estado da Califórnia, Jake — a quem sempre me referi, internamente, como Soneca, pois parecia sempre fora de órbita — surpreendeu a todos nós usando o que havia economizado no trabalho de entregador de pizzas para comprar um pedaço de terra em Salinas e uma loja modesta no Vale Carmel.
O resultado — MarErvilhosa — gera números incríveis. Um jornal nacional recentemente nomeou Jake como um dos maiores empresários da baía de Monterrey.
Entretanto, o fato de a maconha ter sido legalizada no estado não significava que os bancos tinham permissão para aceitar transações envolvendo a droga. Isso fazia com que Jake tivesse, a qualquer momento, centenas de milhares de dólares no cofre de casa, pois não queria arriscar a vida dos funcionários mantendo a grana na loja. Foi forçado a instalar um sistema moderníssimo de segurança — e comprar uma boa quantidade de armas — para se defender de pessoas que talvez achassem, erroneamente, que o dono de uma loja hippie de maconha não sabia

proteger nem a si, nem a seu dinheiro.
Sendo assim, além de ter uma piscina grande, uma fogueira e moluscos extraterrestres, a Cruzada do Caracol era quase tão impenetrável quanto Fort Knox.
— Melhor você e Gina ficarem lá — disse Jesse — até a gente resolver isso tudo.
Soltei a mão dele.
— O *quê?*
— Sei que você não gosta da ideia, mas...
— Não gosto da ideia? Jesse, achei que a gente já tivesse combinado que você ia parar com a palhaçada de machão protetor do século XIX.
— Isso foi antes de eu ver aquela criança demônio vindo atrás de você. Não tente fingir que o que aconteceu não a assustou, Suzannah. Se eu não tivesse chegado quando cheguei...
— Ok, ela me assustou — interrompi, e tirei o braço dele de cima dos ombros. As coisas não iam muito bem. Como eu podia passar no Home Depot antes de fechar para comprar sal se precisava fazer a mala e ir para a Cruzada? Seria mais difícil ainda se Jesse me seguisse. — Mas não a ponto de me tirar de casa. Pelo amor de Deus, Jesse, ela também sabe onde eu trabalho. Vou fazer o quê, não ir à escola amanhã?
— O padre Dominic volta amanhã — disse Jesse. — Ele saberá lidar com ela.
Dei uma risada amarga.
— Ah, claro! Jesse, sem querer ofender, mas o padre Dominic foi a primeira pessoa que deixou de perceber a presença da menina, que deixou que isso tudo acontecesse.
— Por favor. — Colocou as mãos em meus ombros. — Suzannah. Como vou conseguir trabalhar sabendo que está aqui sozinha com aquela *coisa* querendo machucá-la? E eu sei que jamais deixaria Gina arriscar a vida dela por você. Pelo menos Max está na Cruzada.
— *Max*?
Um ser ancestral, o cachorro da família Ackerman morava com Jake e Jesse, sempre procurando migalhas pela casa e áreas com sol para dormir.
— Sim, *Max* — reforçou Jesse. — Você sabe que ele sempre teve uma habilidade paranormal de sentir a presença de espíritos. É só lembrar de como ele evitava seu quarto quando você estava no ensino médio.
— Porque *você* estava lá.
Era engraçado ver que, agora que a alma de Jesse estava de volta ao corpo, Max era bastante carinhoso com ele. O cachorro certamente não detectava nenhum tipo de maldade em meu namorado. Mas era só o gato de Jesse, Spike, entrar na

sala, e o inferno se instalava.
— Você sabe que o mais seguro agora é fazer o que estou pedindo — continuou Jesse, me ignorando. — Se não for por mim, faça pelas crianças.
— Crianças? — repeti, surpresa. — Que crianças? Nossos filhos no futuro? Deixe eu falar uma coisa, Jesse, está ficando cada vez mais e mais difícil imaginar filhos se você nem...
— As crianças que talvez cheguem na emergência do Centro Médico São Francisco hoje — interrompeu ele, olhando para mim com aqueles olhos castanhos enormes. — Como vou conseguir me concentrar nelas enquanto estiver ocupado, me preocupando com você?
Tenho de admitir que me rendi por um minuto, perdida naqueles olhos reluzentes. Eu me derreti. Será que devia contar a ele? Não era justo não falar. Ele merecia saber o que Paul estava tramando. Olhe para ele, tão lindo com aquela gravata, tão profissional, tão angelical. Não havia nem um grama de malevolência ali. Era tão gentil, gostava tanto de crianças. Nunca machucaria Paul...
Então me lembrei do dia em que ele tentou afogar Paul no ofurô da Pine Crest 99, e me dei conta de como ele me manipulava facilmente.
Afastei-o de mim.
— Ai, meu Deus, seu babaca. Ok! Eu vou, mas pelas crianças. Não por *você*.
— Que bom. — Ele se abaixou com um sorriso, pegou minhas roupas e as jogou para mim. — Depressa. Ela usou muita energia naquele ataque contra você, mas agora vai ter tempo de se recuperar. Vou mandar uma mensagem pra Gina perguntando o que ela precisa do apartamento enquanto você pega Romeo e o resto das coisas.
— Maravilha. — Revirei os olhos. Ele abriu o portão à prova de crianças que levava às escadas de meu apartamento, segurando a porta para mim com uma das mãos enquanto digitava a mensagem para Gina com a outra. — Meu sonho. Finalmente vou dormir em sua cama, e você nem vai estar lá.
Isso fez com que ele desviasse o olhar do celular para mim com uma das sobrancelhas erguidas. Era a sobrancelha com a cicatriz, uma Lua crescente perfeita de pele onde os pelos negros deviam ter crescido.
— Talvez seja melhor assim — disse ele. — Se eu estivesse na cama com você vestida desse jeito, você não dormiria nada.
— Promessas. — Eu esbarrei meus seios no braço dele sem-querer-querendo quando cruzei o portão. — Promessas, promessas. É só o que você...
Ele passou um dos braços por minha cintura e me puxou para perto tão depressa, e com tanta força, que fiquei sem ar por um instante. Deixei minhas roupas caírem no chão.

— Que foi? — Olhei ao redor, assustada, achando que Lucia havia aparecido de novo e ele estivesse me salvando do perigo.
Mas logo percebi que o perigo que eu sentia era de um tipo completamente diferente quando ele me apertou junto ao corpo, tão perto que senti o formato definido dos botões da camisa — e outra coisa definida por trás da calça.
— Eu sempre cumpro o que prometo — disse ele, com uma voz mais grave que o comum.
Então ele se aproximou para me beijar, e senti o perigo — e a promessa — em todos os nervos do corpo. Foi dos lábios até os dedos dos pés, e despertou novamente outras partes que haviam se acalmado recentemente, após serem instigadas na espreguiçadeira.
— V-verdade — respondi. Eu me segurei nele meio sem equilíbrio quando finalmente me deu espaço para respirar. — Você cumpre o que promete sim. Isso é verdade.
— Ei, vocês aí. — Ouvi meu vizinho Ryan berrar da varanda. — Vão para o quarto!
Jesse se afastou de mim com relutância e deu uma olhada hostil para Ryan.
— Estou começando a não gostar dele.
— É, eu também. — Continuei me apoiando na cintura de Jesse. Ainda estava meio mexida. — Vamos sair daqui.

Capítulo 11

Eu tinha aula às terças e quintas até 11 da manhã, o que era difícil para mim até mesmo quando não dormia tarde por conta de um ataque de uma Pessoa Morta Não Obediente.

Mas aquela quinta-feira de manhã foi especialmente difícil. Jake ficou superanimado com as visitas inesperadas — bem, pelo menos com uma delas. Fez com que eu e Gina ficássemos acordadas conversando durante horas, falando sobre todo e qualquer tema que passasse por sua mente, incluindo, mas não apenas: o que Jake faria se encontrasse o "cara bizarro" que estava seguindo a gente (foi a desculpa que Jesse deu a ele — e a Gina — para justificar os planos repentinos de passar a noite no rancho); a falta de gosto nas pizzas de massa fina; o que fazia com que uma onda fosse perfeita, e por que ele era tão bom em surfar; e como era injusto que não seria o padrinho de honra de meu casamento.

Para evitar qualquer indisposição, Jesse escolheu todos os meus meios-irmãos como padrinhos no casamento, combinando com minhas três madrinhas: Cee Cee, Gina e a esposa de Brad, Debbie. Ninguém estava feliz com a última escolha, mas era um mal necessário, já que minhas sobrinhas eram as daminhas, e precisávamos manter os pais delas por perto para controlá-las durante a cerimônia.

Nem eu, nem Jesse escolhemos um padrinho ou madrinha de honra. Achamos que seria má ideia escolher favoritos.

Jake tinha várias coisas a dizer sobre tudo isso, e foi legal ver Gina rindo das piadas dele (ainda mais sabendo como ela andava deprimida ultimamente por causa da carreira estagnada).

Eu, no entanto, sentia dificuldade em prestar atenção na conversa. Ainda não havia recebido mensagens de Shahbaz nem do padre Dominic e, mesmo que tenha tomado banho assim que cheguei na Cruzada, ainda podia sentir o cheiro de cloro no cabelo. Além disso, os arranhões que Lucia deixou em meu pescoço estavam ardendo (escondi as marcas embaixo de um casaco de gola alta para não ter de responder a perguntas constrangedoras).

Talvez por causa disso eu não tenha conseguido dormir quando Gina e eu fomos para a cama de Jesse, mesmo que já fossem mais de 3 da manhã. A cama era *king-sized;* achei que não fazia sentido que uma de nós dormisse no sofá, levando em consideração que provavelmente havia um bebê fantasma homicida nos vigiando.

De qualquer forma, tenho esse problema toda noite. Mesmo que eu torne bem

relaxante o ambiente onde vou dormir (seguindo conselhos de revistas e de minha terapeuta), sempre acabo acordada tentando não pensar nos problemas.
No entanto, visto que a maioria de meus problemas eram relacionados a PMNOs e que estas gostavam de fazer visitas noturnas — principalmente ao lado de minha cama —, elas provavelmente eram a fonte de minha insônia crônica.
Mas é claro que eu não podia falar isso para minha terapeuta, a Dra. Jo. Nem sobre a discussão que tive com seu falecido marido no estacionamento da faculdade, ao lado da Mercedes dela, depois de nossa primeira consulta. Não há programa de aconselhamento que vá graduar uma aluna que acredita se comunicar com os mortos. Não fica bem nos panfletos sobre os alunos.
Falei para ela que não conseguia dormir por estresse relacionado à escola. A Dra. Jo tinha quase 70 anos e cabelos prateados, mas era bem alerta, bem parecida com o padre Dominic. Mas, ao contrário dele, ela vestia cores fortes e até usava batom vermelho, apesar de ter se tornado viúva recentemente. Seu marido — a PMNO que gostava de ficar no estacionamento da faculdade — disse que ela fazia isso a fim de parecer alegre para os pacientes.
Ela me deu a receita para um remédio — apenas trinta pílulas para dormir, sem direito a reposição — e me avisou que era forte. O melhor seria combater a insônia com exercícios. Eu já havia pensado em fazer yoga? A faculdade oferecia várias aulas.
Aceitei o remédio, mas jamais tomei — nem entrei para a aula de yoga. Eu mal conseguia ficar sentada tempo o suficiente para ver um episódio inteiro de *The Bachelor* (o show favorito de Gina). Seria impossível resolver meus problemas com a posição do cão olhando para baixo.
Por algum motivo, naquela noite em que o sono não vinha, em vez de contar pacientemente as almas dos mortos que ajudei a seguir em frente, como sempre faço, fiz uma coisa mais insana que yoga. Algo que certamente seria meu próximo erro.
Mas é claro que fiz mesmo assim.
A Lua havia aparecido e banhava o quarto de Jesse em uma luz azulada — Spike, seu gato amarelo, observando Romeo pelas barras da gaiola com extremo desinteresse; Gina, respirando de forma profunda e satisfeita ao meu lado. Era difícil acreditar que maldições egípcias, empreendedores malignos e demônios existiam.
Mas existiam, sim. Eu tinha marcas ao redor do pescoço para provar. E na próxima vez, meu noivo talvez não fosse me salvar, pois ele mesmo poderia ser a pessoa fazendo as tais marcas.
Talvez tenha sido esse pensamento que me fez rolar para o lado da cama, pegar o celular de cima da pilha de livros de poesia antiga e textos médicos que Jesse

usava como mesa de cabeceira, e mandar uma mensagem para Paul:

> OK. A gente se vê na sexta no Mariner's às 8.
> Nov 17 3:32 AM

Não era de se espantar que eu não tenha conseguido prestar atenção nenhuma na aula de estatística na manhã seguinte (aula obrigatória, quatro créditos); passei a aula toda procurando por outras referências à Maldição dos Mortos na Internet (havia várias, mas todas relacionadas a filmes com múmias). Eu estava um caco quando finalmente cheguei ao trabalho.

O *que eu fiz?*

A sensação de horror por mim mesma foi provavelmente o que catalisou minha demora em perceber o enorme vaso de rosas brancas que esperava por mim na mesa. Isso, e também o fato de que o pessoal da limpeza tinha claramente estado ali. As persianas estavam de volta no lugar — e, como sempre, haviam sido levantadas para deixar que o sol que queimava a neblina da manhã entrasse na sala —, e a irmã Ernestine deve ter recebido alguma ajuda dos alunos para arrumar os arquivos.

Foi assim que finalmente percebi as rosas. Deviam ser pelo menos duas dúzias delas, e mais alguns lírios brancos e outras flores tão exóticas que eu nem fazia ideia do que eram, tudo em um vaso enorme — e certamente caro — de cristal em minha mesa.

Não havia ninguém ali — nenhum turista apreciando o jardim, nenhum aluno assistente, todos os escritórios fechados —, o que significava que todos já haviam saído para almoçar (eu estava mais atrasada que nunca, visto que parei na loja para comprar sal. Eles não tinham tanto. Eu também teria de ir ao supermercado).

Surpresa, me debrucei para cheirar as flores, algo que eu certamente não teria feito no trabalho se alguém estivesse olhando. Não queria que as pessoas achassem que eu era uma romântica que cheirava flores.

Mal podia acreditar que Jesse fez algo tão inacreditavelmente fofo e extravagante, ainda mais quando eu havia dito na noite anterior que não ligava para coisas materiais.

Mas mandar flores depois de um ataque quase fatal?

Isso era exatamente o tipo de coisa que ele faria. Era por isso que eu ia me casar com ele. Como é que alguém podia achar que havia maldade naquele corpo?

Havia um cartão dentro de uma das pétalas. Abri o envelope grosso e caro, ansiosa para ler a mensagem incrível e romântica que Jesse havia escrito.

No entanto, quando vi a mensagem, percebi que não era nada incrível, muito

menos romântica. As flores não eram de Jesse. Toda minha animação foi sugada, e eu me senti preenchida por um medo gelado e afiado.

Contando as horas para amanhã.
Obrigada por dizer sim.
Não vai se arrepender.
Paul

Larguei o cartão como se meus dedos tivessem incendiado.
— Que porra é essa?
Só me dei conta de que havia falado alto quando a porta do escritório do padre Dominic se abriu e ele saiu, apressado.
— Suzannah, é você? Ah, que bom, finalmente você chegou. Achei que tivesse ouvido sua voz.
Eu quase dei um pulo.
— Ah, oi, padre D. — Eu me abaixei desajeitadamente para pegar o cartão. — Não percebi que o senhor estava aqui.
— Claro, claro. Estava esperando para falar com você antes de almoçar. Ah, você recebeu flores.
— Recebi; sim. — Engoli saliva. — Quando elas foram entregues?
— Hoje bem cedinho — disse o padre Dominic. — Causaram um grande impacto. Falei para todo mundo que deviam ser de seu noivo, e não como agradecimento de algum pai de aluno. As pessoas aqui sentem ciúmes com muita facilidade.
Eu devo ter feito alguma expressão facial estranha, pois o padre Dominic ergueu uma das sobrancelhas cor de neve e perguntou:
— Elas *são* de seu noivo, não são, Suzannah?
— Sim, claro que são. — Fiz uma bola com o cartão e a joguei na lata de lixo embaixo de minha mesa. — Não é um fofo? Não devia ter feito isso.
— Depois do que aconteceu ontem à noite? É claro que devia. — O padre Dominic deve ter percebido que eu não estava entendendo. — Acabei de falar com ele ao telefone. Ele me contou o que aconteceu no apartamento. Que experiência assustadora. Ainda bem que você está bem.
— É, ainda bem. — Obrigada, Jesse. — O senhor, hum, mencionou as flores?
— Não, por que faria isso? Você sabe que não gosto de me intrometer em seus assuntos particulares, Suzannah.
Não consegui conter uma risada, o que fez com que ele completasse:
— Não mais do que já faço, é claro. Suzannah, o que você está vestindo?
Olhei para mim mesma.

— O quê, isto? É uma saia.
— O comprimento não é nada modesto.
— Está falando sério? O comprimento é modesto, sim. E isto aqui embaixo da saia é uma legging. O senhor deve conhecer, existe desde que o senhor nasceu; um período também conhecido como Idade Média.
— Mesmo assim, você provavelmente vai ter de se trocar. A irmã Ernestine não vai gostar nada disso.
— Trocar? E colocar o quê, padre D? Eu mal saí de meu apartamento com vida ontem à noite. Não tenho outra roupa. Além do mais, quando Jesse me vir usando isto, talvez exista uma chance de ele mudar de ideia em relação a essa coisa toda de abstinência antes do casamento.
O padre Dominic revirou os olhos.
— Por que você não para de demonizar o menino, Suzannah? Ele já sofreu o suficiente para uma vida, ainda mais para duas.
Eu, demonizando *Jesse?* Ah, sim.
— Então foi para isso que o senhor deixou de almoçar, padre D, para poder *não* se envolver em meus assuntos pessoais? — Fui até a cadeira atrás da mesa, onde eu podia me sentar e esconder a saia tão reveladora. — Está se saindo muito bem.
— Você sabe muito bem por que deixei de almoçar. Precisamos conversar sobre o espírito que a atacou.
— É — respondi. — Bem, vamos começar pelo começo. O senhor recebeu minha mensagem sobre o...
— Suzannah, quero pedir desculpas a você.
Isso me fez prestar atenção.
— Desculpas? Por quê? — Eu nem me lembrava da última vez que o padre Dominic me pediu desculpas. Provavelmente nunca. — Porque não respondeu minha mensagem?
— Por causa do que aconteceu ontem à noite. — O padre Dominic se sentou em uma cadeira igual a minha do outro lado da mesa, a mesma em que Becca havia se sentado no dia anterior, enquanto eu fazia o curativo em seu braço. Ele precisou se sentar em um ângulo estranho para conseguir me ver atrás do buquê gigante. — Jesse me deu um belo sermão, e acho que não posso culpá-lo. A irmã Ernestine também me deu a própria versão hoje de manhã, mas, como você sabe, ela não conhece a história toda. Simplesmente não sei como pude deixar passar. Fiz um discurso de boas-vindas há alguns meses para todos os alunos. Fiquei de frente para cada turma e falei com eles pessoalmente. Como deixei de ver que Becca Walters estava sendo vitimada por uma...
Eu o interrompi.

— Ela se esconde, padre. É uma fantasminha traiçoeira mesmo. Ela se esconde até achar que Becca está em perigo, aí ataca. Mal vi que ela estava aqui, e fiquei no escritório sozinha com a garota. Eu não fazia ideia do quão poderosa ela é, até que me pegou sozinha, em casa, em minha piscina.
O padre Dominic balançou a cabeça.
— Mas quem é ela? Do que uma menina tão nova pode ter tanta raiva?
— Não sei, padre. Só sei que o nome dela é Lucia. Cee Cee Webb está tentando descobrir mais. A chave de tudo, eu acho, é Becca. O senhor sabia que Kelly Prescott se casou com o pai da garota?
— Claro. Presidi a cerimônia no verão passado, o que faz com que meu erro seja ainda mais imperdoável. Você não lê o informativo sobre os alunos, Suzannah? Acho que é sua amiga Cee Cee que os escreve.
Peguei uma das pilhas de documentos que uma das assistentes deixou na mesa e, para evitar contato visual, comecei à organizá-la.
— Hum, devo ter pulado essa edição.
Não achei que valia a pena dizer que eu havia sido convidada para o casamento e não fui. Era problema meu.
O mais preocupante era que ele celebrou a cerimônia de casamento e *ainda assim* não viu a menina fantasma. Eu não ia falar isso em voz alta, mas Jesse parecia estar certo — o padre D estava perdendo o talento. Eu estava apenas tentando fazer com que ele se sentisse melhor quando falei que Lucia era difícil de detectar. Mas um fantasma em um casamento?
Difícil não ver. *Muito* difícil.
Talvez ele não fosse a melhor pessoa para eu perguntar sobre a Maldição dos Mortos, afinal...
Para um homem da idade dele, o padre Dominic ainda era considerado um bom partido no circuito sênior (se não fosse pelo voto de castidade que fez logo depois de perder o amor de sua vida, uma jovem que, assim como Jesse, estava morta na época. Mas, ao contrário de Jesse, ela permaneceu assim).
O cabelo branco como a neve tinha um corte impecável e nenhuma sugestão de calvície, e, com seus 1,80 metro de altura, ele não era curvado nem usava bengala, graças a uma vida boa e limpa (exceto pelo hábito não tão secreto de fumar).
Mas era incurável quando se tratava de eletrônicos (e de músicas modernas), e qualquer piada com sugestões remotamente sexuais o deixava constrangido.
E agora, pelo visto, não estava mais tão em contato com o mundo espiritual quanto costumava estar.
Eu não sabia ao certo como lidar com aquilo. Ainda não haviam isolado o cromossomo que determinava se você tinha talento para a mediação, embora

algumas evidências indicassem que era um traço herdado. Os cientistas não estão muito interessados em admitir algo como fantasmas, então nenhum deles tem pressa de formular um teste que indique se uma pessoa tem meu "dom". Ou você vê gente morta, ou não vê — do mesmo jeito que você tem intolerância a glúten, ou não.

O padre Dominic costumava vê-los. Agora, pelo visto, não mais. Pelo menos não quando preciso que o faça.

— Hum, enfim — falei. Achei melhor mudar de assunto. — Acho que realmente consegui estabelecer uma comunicação boa com Becca ontem, então...

— Ah, isso é evidente — disse o padre Dominic, seco. — Principalmente considerando o estado deste lugar quando cheguei hoje de manhã.

Olhei para ele com raiva.

— O senhor se formou em que ano? E quantos diplomas em aconselhamento eles pediam naquela época?

Ele ignorou essa provocação ao fato de que não tinha treinamento formal.

— Então como você sugere que lidemos com essa situação, Suzannah? Preciso admitir que, embora sua metodologia seja diferente da minha às vezes, você geralmente acerta em cheio. Jesse, por outro lado, me parece ter o que chamo de uma visão não muito útil das coisas...

— Ah, eu tenho certeza de que ele tem — respondi, e me lembrei da expressão em seu rosto quando me pescou da piscina. — Pensei em tirar Becca de sala na quarta aula e trazer ela até aqui para uma conversinha amigável. Nada ameaçador, claro. Não quero assustar Lucia.

— Seria um plano excelente se não fosse pelo fato de que Becca não veio à escola hoje.

— Peraí... o quê?

Ele mostrou o arquivo que trazia embaixo do braço.

— Kelly Prescott, quero dizer, Walters, ligou hoje de manhã para avisar que a enteada não estava se sentindo bem e não compareceria à escola hoje.

Desanimador.

— Ah.

— A irmã Ernestine deixou isto sobre minha mesa hoje de manhã. — O padre Dominic tirou o arquivo de baixo do braço e o mostrou para mim. — É o histórico de Becca Walters. Não sei como a irmã conseguiu achar naquela bagunça toda, mas conseguiu. Acho que você não deve ter lido.

— Devo ter deixado passar enquanto fazia o curativo muito necessário em Becca e impedia que sua amiga me matasse.

Eu sabia que não adiantaria muito contar ao padre D que, mesmo que eu tivesse conseguido ler o histórico de Becca, não daria muito crédito para o que diz.

Tenho muito respeito pelos professores, que são algumas das pessoas mais trabalhadoras (e mal remuneradas) do mundo.
No entanto, um dos motivos que me faziam gostar do campo de aconselhamento é que me permitia ajudar a crianças que eram como eu fui — crianças que têm dons que não podem ser medidos em testes de aptidão, nem quantificados com notas de testes.
Outro motivo é que, quanto mais pessoas eu puder ajudar a resolver seus problemas *agora,* enquanto vivas, menos trabalho terei com elas depois, quando morrerem.
E também fazia sentido do ponto de vista financeiro. Enquanto terapeuta, vou ser paga pelo trabalho que faço — por clientes vivos, que têm coisas do tipo seguro e cartões de crédito. Pegar dinheiro de gente morta não me agrada (embora Paul jamais sofresse com esse dilema moral).
— Quatro escolas diferentes na região em dez anos — disse o padre Dominic, os óculos para leitura na ponta do nariz, folheando o arquivo de Becca. — Sendo esta a última. Ela tira boas notas e é bem inteligente... foi por isso que a aceitamos, é claro.
— A bela doação que o pai fez também não deve ter machucado, certo?
Ele me lançou um olhar firme por cima do óculos.
— Não aprecio sarcasmo, Suzannah. Tratamos todos os alunos da mesma forma, como você sabe, independentemente de serem bolsistas ou se pagaram a matrícula integral. Mas me parece que Becca teve problemas emocionais. Pelo visto, sofreu bullying na escola anterior.
— Não é tão difícil entender por quê.
— Mais sarcasmo? As outras crianças não veem que a coitada é assombrada.
— É claro que não. Mas ela tentou talhar a palavra *idiota* no próprio braço com um compasso no meio da sala. Elas podem até não conseguir ver Lucia, mas com certeza entendem que tem alguma coisa errada com Becca. Os alunos menos iluminados vão naturalmente sacanear a garota por conta disso.
O padre Dominic deu um suspiro.
— Se você falar dessa maneira sobre os alunos na frente da irmã Ernestine, será extremamente difícil convencê-la a contratá-la por tempo integral, com pagamento. Você entende isso, não entende, Suzannah?
Também soltei um suspiro.
— Especialmente se eu me vestir de maneira imodesta. Ok, padre, eu entendo. Eu mando o blá-blá-blá sensível na frente da freira, tá? Mas nesse meio tempo a gente precisa descobrir quem é Lucia, e do que ou de quem ela acha que está protegendo Becca, antes que proteja a menina até a morte. Esse histórico diz alguma coisa sobre cavalos?

— Cavalos? — O padre Dominic ficou surpreso. — Não. Por quê?
— Lucia veste roupas de montaria e está sempre com um cavalo de pelúcia. O senhor sabe que os mortos geralmente aparecem com as roupas que estavam antes de bater as botas. — Ele me censurou com um olhar. — Hum, as roupas nas quais se sentiam mais vivas. Becca tem um pingente de cavalo
Ela fica o girando quando está nervosa. Os cavalos são a única coisa que encontrei conectando as duas.
— Cavalos — murmurou padre Dominic, e folheou o arquivo Montaria. Não tem nada aqui sobre... — Ele congelou de repente, como se tivesse visto alguma coisa no papel. — Ai, nossa.
— O quê? Que foi?
— Engraçado você mencionar isso agora, Suzannah. Porque acho que me lembro, sim, de uma menina que...
Os olhos azuis ficaram distantes enquanto observavam, através da vidraça, um grupo de turistas de meia-idade que havia acabado de sair de um ônibus na frente da missão. Agora estavam no jardim, tirando fotos e admirando flores e estátuas e chafarizes. Era estranho estudar numa escola que também era um destino turístico, e mais ainda trabalhar nela — especialmente considerando todo o dinheiro que aqueles visitantes gastavam na lojinha de presentes (e a escola ainda não conseguia arrumar um salário para mim).
Mas o padre Dominic parecia não notar, realmente, os excursionistas do Centro-Oeste.
— Sabe, acho que me lembro de um acidente com uma criança cavalgando. Apareceu há algum tempo no jornal, aquele em que sua amiga, Srta. Webb, trabalha. Pode muito bem ter sido quando os problemas de Becca começaram.
O padre Dominic começou a mexer no arquivo, até que viu alguma coisa. Ele parou de folhear e bateu o dedo em uma das páginas, falando com uma voz mais animada:
— Sim, sim, exatamente, achei. Agora eu me lembro. Aqui diz que Becca estudou na Academia da Sagrada Trindade no primeiro e no segundo ano do ensino fundamental. Deve ter sido na mesma época em que aconteceu.
— Em que o *que* aconteceu? — Eu o amava como se fosse meu avó, mas, bem como meu próprio avô, de vez em quando ele me enlouquecia. Eu tinha a sensação de que sabia o que ele diria caso eu mencionasse Paul: *Bem, o que você tem feito, Suzannah, para provocar o menino?*
— O acidente — disse ele. — Não tem nada no arquivo de Becca, o que é estranho. Mas acho, sim, que Becca *deve* ter conhecido a menina. Deviam ser do mesmo ano... talvez até da mesma aula de montaria. Não tem outra forma de explicar a conexão tão intensa...

— Peraí — falei. — O senhor acha que *Lucia* é a menina no acidente?
— Explicaria muita coisa. Becca teria ficado traumatizada com uma tragédia dessas.
— Que tragédia? — perguntei. — Não que um acidente com cavalos não seja terrível, e é sempre péssimo quando uma criança morre, mas...
— Não foi um acidente qualquer — revelou o padre Dominic. — Esse foi horroroso, e é por isso que eu me lembro dele, mesmo depois desses anos todos. A menina em questão, que era bem jovem, estava cavalgando com o instrutor quando o cavalo se espantou com alguma coisa. Ele disparou, mas a menininha conseguiu ficar em cima dele.
— Montada. Acho que se diz montada, e não em cima... ela não foi jogada longe?
— Não no começo. Eu me lembro de o artigo dizer que ela possuía bastante habilidade para a idade. Foi como conseguiu se manter montada por tanto tempo, e foi por isso que demoraram tanto para encontrá-la. E quando conseguiram...
— O que aconteceu?
— … Era tarde demais.

Capítulo 12

— Acho que me lembro dos médicos dizendo que ela morreu asfixiada — disse o padre Dominic.
— Asfixiada? — Fiquei confusa. — Quem a estrangulou, o cavalo?
— Suzannah, você assiste a televisão demais.
Isso não era verdade. Não assisto a televisão tanto quanto devia. Nunca tenho tempo por causa dos estudos, da carreira, da vida afetiva, e, é claro, por causa da agenda para PMNOs.
— Quando ela caiu do cavalo — continuou o padre Dominic antes que eu pudesse argumentar —, acho que a coluna foi afetada, o que interrompeu a respiração. Acho que poderia ter sido salva se tivesse sido encontrada logo, mas não foi... Enfim, ela morreu por falta de oxigênio, que é o que os médicos chamam de asfixia.
— Eca! — Meu corpo tremeu involuntariamente quando pensei no rosto de Lucia, que, embora estivesse sempre franzido de raiva quando nos encontrávamos, era redondo como o de um anjo. Sua boca, ao contrário das de minhas sobrinhas, tinha o formato igual ao das flores que Paul havia me mandado, só que menor e cor-de-rosa, não branca.
— Que jeito horrível de morrer — falei.
— Concordo. Mas duvido que a menina tenha sofrido por muito tempo, se é que sofreu. Um ferimento daqueles a teria deixado paralítica instantaneamente. — O corpo dele também tremeu. — A alma da menina nunca se revelou para mim, pedindo ajuda... ou justiça. No entanto, parece que ela escolheu se revelar para você agora, não é, Suzannah?
— Ela tentou me matar. É o oposto de pedir ajuda, padre D.
— Os espíritos nem sempre sabem que temos a habilidade de ajudá-los — disse o padre Dominic. — E, mesmo que sim, geralmente estão assustados demais (ou são muito teimosos) para aceitar nossa instrução. Você deve se lembrar de que Jesse não teria sonhado em aceitar sua ajuda quando ainda era espírito. Era ele quem sempre corria para defender *você*. E, no entanto, no final das contas, foi você quem...
— Jesse não aceitaria ajuda nem se estivesse sangrando na beira da estrada. Ele odeia o fato de que teve de aceitar uma bolsa e empréstimos para pagar a faculdade.
E esse era outro motivo que me impedia de falar sobre o que estava acontecendo com Paul. Ele tentaria lidar com a situação sozinho, o que, é claro, terminaria em desastre.

— E, se a menina de quem você está falando e a que eu conheci ontem são a mesma — continuei ela vai preferir me estrangular até a morte que me deixar ajudá-la.
— Mesmo assim — disse o padre Dominic depois de um segundo de silêncio —, você sabe que temos a obrigação de...
— Ajudar a enteada de Kelly — falei. — Eu sei. E de ajudar Lúcia também. — Eu já havia ligado o computador e digitado *Lúcia, asfixia* e *cavalo* no meu site de busca. — Ah, que ótimo — falei, quando vi o resultado. — Pornografia. Por que sempre aparece pornografia? Obrigada, internet.
O padre se encolheu.
— Suzannah, por favor.
— Não, olhe, padre, se sua menina morta e a minha são a mesma, acho que ela tem razão de estar puta. — Comecei a cata o celular na bolsa a fim de mandar uma mensagem para Cee Cee. Suas habilidades investigativas eram superiores às minhas. — O senhor sabe mais alguma coisa sobre a morte dela? Qualquer coisa?
— Faz muito tempo, Suzannah. Foi antes de você se mudar para Carmel. Acho que posso perguntar ao padre Francisco... ele ainda é o diretor da Sagrada Trindade. Acho que o funeral foi realizado lá. Queria me lembrar do sobrenome da menina. E acho que o padre Francisco me disse que a família se mudou depois do acidente. O que é compreensível. Quem ficaria no mesmo lugar depois de uma coisa dessas?
— Ah, sim, quem ficaria? — Eu nem tentei esconder o sarcasmo. — Eles atiraram no cavalo depois? Porque tenho certeza de que todo mundo botou a culpa no bicho. Sempre botam.

Oi C.C., mais info sobre Lucia. Frequentou a Sagrada Trindade há tipo 9-10 anos. Morreu num acidente de cavalo. Médicos disseram que foi de asfixia.
PS: Está todo mundo louco? Sem contar você, é claro. E Jesse.
Nov 17 12:45 PM

— Becca estava lá quando o acidente aconteceu? — perguntei ao padre Dom.
— Aqui no arquivo diz que ela estudou na Academia da Sagrada Trindade, a escola católica só pra meninas na praia Pebble, no primeiro e segundo ano. Como falei, deve ter sido na época da tragédia. Ela foi transferida para a Escola Stevenson no ano seguinte. Deve ter tido um bom motivo para uma mudança tão abrupta.
— Becca mencionou um acidente — comentei, pensando na conversa que havíamos tido no dia anterior. — Disse que a mãe foi embora "depois do

acidente".
— Coitada da criança. — Padre Dominic balançou a cabeça. — Tanta tristeza na vida, em tão pouco tempo.
— Acho que foi Lucia quem se deu pior na história, padre.
— Verdade. Um ano depois, Becca mudou da Stevenson para um internato, mas pelo visto isso também deu errado, porque agora ela está aqui.
Minha mente girava. Era informação demais. Informação demais que não estava na internet.
Bem, fazia sentido. A Sagrada Trindade não ia querer ser associada a um evento tão triste, e tinham o dinheiro para garantir que qualquer referência ao evento fosse tirada do Google.
— O senhor se lembra de onde aconteceu o acidente? — perguntei. — Foi na Sagrada Trindade?
— Honestamente não me lembro — disse o padre Dominic.
— Acho que faz sentido ter sido na Sagrada Trindade. Eles têm estábulos para as alunas manterem seus próprios cavalos ali.
— Eles deviam ter um lugar para as alunas guardarem suas próprias espaçonaves, com aquela matrícula absurda.
A Sagrada Trindade era uma das várias escolas particulares locais que competia com a Academia da Missão. Mas, com a localização chique da Trindade, na exclusiva 17-Mile Drive, praia Pebble, a piscina olímpica, as quadras de tênis e lacrosse, os campos de futebol e, é claro, os estábulos e trilhas para cavalgar, não havia competição. A Academia Missão nem estava na mesma liga. Tudo que tínhamos para oferecer como atividade extracurricular era basquete, clube de matemática e o musical de primavera. Não era de se espantar que a irmã Ernestine evitasse irritar Lance Arthur Walters. As filhas da realeza e das celebridades estudavam na Sagrada Trindade. As netas de Andy Ackerman, apresentador de "Em casa com Andy", cursavam a Academia da Missão.
— Mas a Sagrada Trindade fica na comunidade da praia Pebbie, e o resort localizado ali também tem um centro equestre — disse o padre Dominic, lealmente tentando defender a outra escola católica. — O acidente pode muito bem ter acontecido naquelas trilhas, e não na Trindade. Cavalgar é um esporte tão popular hoje em dia, ainda mais entre os mais ricos. Parece que todo mundo está praticando, mesmo que possa ser tão perigoso. E acho que não há leis que exijam uso de capacete em esportes equestres na Califórnia.
Olhei para ele com ceticismo afetuoso.
— Ah, tá bom, padre D. Tenho certeza de que esse é o motivo para Lucia permanecer em contato por tanto tempo, tentando proteger Becca; porque está aborrecida com as leis de uso de capacetes em esportes equestres.

— Não há razão para sarcasmo, Suzannah. A Sagrada Trindade é uma das principais escolas para meninas no país. E a praia Pebble é um resort cinco estrelas. É claro que o que aconteceu com a coitadinha da criança só pode ter sido um acidente trágico, e não... o que você está pensando, seja o que for.
— Sabe, uma das coisas que mais amo no senhor, padre D, é que sempre vê o melhor nas pessoas. — Sorri e lhe dei um tapinha no ombro. — Até mesmo em escolas famosas para meninas e resorts cinco estrelas.
— E uma das coisas que mais me preocupa em você, Suzannah, é que está sempre pronta a ver o pior nas pessoas. Você não trabalhou no Resort Praia Pebble durante um verão quando estava no ensino médio?
— Trabalhei — respondi. — É por isso que sei o quanto estão longe da perfeição.
— A falsa modéstia não é uma qualidade muito atraente, Suzannah.
— Ok. Sim, eles me contrataram para trabalhar como babá no resort.
O padre Dominic pareceu se iluminar.
— Isso, claro. Foi assim que você conheceu o irmãozinho de Paul Slater. Como está Jack? O que tem feito?
Dei um sorriso com uma tranquilidade que não correspondia ao que sentia de verdade quando ouvia o nome de Paul.
— Jack? Da última vez que tive notícias, ele parecia bem. Bem melhor agora que não está mais morando com os pais.
— E ele... ele se comunica sempre com os falecidos?
— Acho que não. Na verdade, acho que ainda tenta evitar o máximo que pode. Ele começou a escrever... roteiros de filmes, eu acho.
— Ah, que pena — disse o padre Dominic.
— Pena? Por quê?
— Ah, ele tinha tanto potencial como mediador. Mas talvez fosse um pouco sensível demais para a tarefa. Talvez seja mais adequado para as artes. Ao contrário do irmão... Como está Paul? Vocês dois tiveram suas desavenças, mas, pelo que me lembro, voltaram a se dar bem perto da época da graduação. Tem notícias dele?
É claro que essa era a oportunidade perfeita para contar ao padre Dominic o motivo real de eu ter ligado na noite anterior. Que meu interesse na Maldição dos Mortos não era meramente intelectual, mas que tinha a ver com Paul Slater, que estava basicamente tentando me chantagear para que eu dormisse com ele.
— Não sei — falei, sem emoção. — Não tenho notícias dele há anos.
— É mesmo? Fico surpreso. Ele sempre pareceu gostar tanto de você. Sei que esse sentimento não era reciproco, mas...
— Sem querer ofender, padre, mas podemos continuar no assunto anterior? O

que vamos fazer quanto à enteada de Kelly Prescott?
O padre Dominic piscou os olhos em sinal de surpresa.
— Claro. Perdão. Não quis me intrometer...
— Sem problemas. Só precisamos decidir como vamos lidar com isso. Sei que Jesse provavelmente falou para o senhor no telefone que quer exorcizar a menina...
— Sim, mas ele só disse isso porque está muito chateado com o que aconteceu com você. É óbvio que está fora de questão. Ela é uma jovem alma atormentada.
— Que vem atormentando outra jovem alma há anos, pelo visto, e que tentou me afogar ontem à noite. Por mais que eu goste de dormir na cama de meu noivo, prefiro não fazer isso com Gina.
— Não — disse o padre com tom seco. — E imagino que dormir com você também não seja uma experiência tão agradável para Gina.
— Nossa, obrigada. Sabe de uma coisa, isso é tudo culpa minha. Se não fosse pela sensação que ele tem de que deve alguma coisa para o senhor e para minha família e para essa droga de igreja — apontei para fora —, Jesse e eu estaríamos dividindo aquela cama feito um casal normal do século XXI. Será que o senhor poderia avisar a ele casualmente que nossas almas não vão *realmente* ser mandadas para a danação eterna se a gente fizer amor antes de nos casarmos, padre D.?
O padre pareceu entretido.
— Não sou o papa, Suzannah. Não tenho o poder de mudar o que vem sendo a doutrina oficial da igreja há milhares de anos.
— Bem, o senhor sempre fez casamentos entre pessoas do mesmo sexo fora do território da igreja, então não acho que liga tanto em adaptar *algumas* doutrinas da igreja...
Fiquei surpresa quando ele mudou de expressão e me interrompeu com uma voz animada.
— Suzannah, você está absolutamente certa.
— Perai... estou? — Mal pude acreditar na própria sorte. — O senhor vai falar para Jesse que tudo bem se a gente fizer sexo?
— Não, é claro que não. — Ele fez uma expressão de espanto. — Não seja ridícula. Quis dizer que você está certa quanto a minha culpa em relação a enteada de Kelly. E já passou da hora de eu fazer alguma coisa.
— O quê? Não. — Fiquei olhando para ele, que se levantou e começou a andar pelo escritório. — Como é que isso tudo pode ser culpa sua?
— Suzannah, eu oficializei o casamento dos pais dela e não notei a pobre alma torturada agarrada à menina, assim como não a notei em nenhum outro momento deste semestre desde que Becca começou a estudar aqui. Então é isso, a culpa é

minha, e a responsabilidade também.
Uma sensação de medo me tomou. Era bem diferente da que experimentei quando recebi o e-mail de Paul, ou de quando vi que as flores na mesa eram dele, e não de Jesse. Mas a impressão permanecia.
— Padre D, concordo que precisamos fazer alguma coisa, mas o senhor não acha que seria melhor esperar até termos mais informação?
— Besteira. Descubra qual dever de casa foi passado hoje nas aulas de Becca; vou de carro levar tudo na casa dela pessoalmente. Assim consigo falar com ela e com os pais, como devia ter feito vários meses atrás, antes do casamento, ou pelo menos desde que ela se matriculou aqui.
— Padre Dominic, entendo o que o senhor está sentindo. Entendo mesmo. Mas acho que não tem motivo para se sentir culpado. O senhor não fazia ideia de que isso estava acontecendo na época do casamento. Nem mesmo viu Lucia. Como o senhor disse, ela se mostrou para mim, e não para o senhor. Então realmente acho que sou eu que devo...
— Suzannah, não estou me sentindo culpado. Estou simplesmente tentando fazer meu trabalho.
— Sim, eu sei. Mas se lembra do que aconteceu na última vez?
Ele olhou para mim sem entender.
— Última vez?
— A última vez que o fantasma de uma menina irritada destruiu esta escola.
Ele continuou confuso, mas logo se lembrou.
— A menina que quebrou a estátua do padre Serra? Mas o que fez com que você se lembrasse dela?
— O senhor disse que *ela* era o espírito mais violento que o senhor já vira. — E ainda achavam na escola que *eu* havia destruído a cabeça do padre Serra. — E olhe o que aconteceu quando o senhor foi se meter com ela.
— Aquilo foi uma situação totalmente diferente, Suzannah, como você bem sabe.
— Talvez. Mas ainda assim acho que é um erro o senhor ir até lá. Por que acha que vai ver Lucia hoje? Não a viu antes.
— Sério, Suzannah, você parece não respeitar muito minhas habilidades, tanto como educador quanto como mediador.
— Isso não é verdade.
Apesar de que, recentemente, era sim.
— Eu garanto a você, Suzannah, que venho lidando com crianças turbulentas há muito mais tempo que você. Será que preciso lembrar que você foi uma delas?
Antes que eu pudesse protestar e dizer que nunca fui “turbulenta", apenas insubordinada, ele continuou falando.

— E você acabou superando todas as minhas expectativas. Exceto pelo vocabulário bastante enfático (e pela escolha de figurino que, é claro, de vez em quando é lamentável), você se tomou uma jovem mulher maravilhosamente madura e bem-sucedida, que eu teria orgulho de chamar de filha. Quero dizer, talvez neta fosse mais adequado.
Hesitei.
— Bem, obrigada, padre. Isso é muito gentil de sua parte. Mas, ainda assim, não seria melhor que eu...
— Que você o quê? — Ele estava colocando a jaqueta preta e se olhando no espelho para se certificar de que o colarinho clerical estava alinhado. — Que você venha comigo? E quem vai ficar no seu lugar? A irmã Ernestine certamente vai descobrir o caso da Srta. Diaz com o Sr. Gillarte se você não estiver aqui para dar desculpas por eles. Não, Suzannah... — Ele se virou de costas para o espelho e olhou para mim, não parecendo notar minha expressão de espanto. Eu não fazia ideia que ele sabia do caso Diaz-Gillarte. — É responsabilidade minha, e não sua.
— Mas. — Eu precisava tentar mais uma vez. — Suponhamos que ela de fato apareça para o senhor. Ela não é normal. Até o senhor admitiu que ela é insanamente forte. Então, se a aborrecer, pode acabar pior que afogado, ou atingido por uma cabeça de estátua...
— Suzannah, eu faço isso há um pouco mais de tempo que você. Acho que já sei como fazer uma mediação a essa altura. Além disso — adicionou ele com um sorriso —, acredite se quiser, mas as crianças gostam de mim. É bem possível que Becca, e até mesmo sua fantasma companheira, escute com calma o que tenho a dizer. A maioria das pessoas escuta, sabe?
Tentei detê-lo o máximo que pude. Agora percebo que devia ter tentado mais. Devia ter ligado para Jesse — mesmo que ele estivesse na Cruzada recuperando o sono que havia perdido nas últimas 48 horas.
Atualmente, vejo que devia ter feito Gina ou Jake acordarem Jesse e mandar que ele impedisse o padre Dominic. Ou eu mesma devia ter ido com ele, ainda mais depois do aviso de tia Pru. Mas ele estava tão confiante, foi tão persistente ao dizer que podia lidar com tudo. E eu também estava cansada por não ter dormido direito, e preocupada, admito, com o que estava acontecendo com meu namorado.
E, na verdade, talvez tivesse sido insensível de minha parte ter tentado impedir a última mediação do padre Dominic (ou tentativa de mediação, na verdade). Foi até preconceito meu. Eu não queria ser acusada de discriminação por causa da idade de uma pessoa.
Sendo assim, tudo que falei foi:

— Ok, padre D. Se o senhor tem tanta certeza. Acho que posso ficar aqui e descobrir mais sobre o acidente a cavalo.
Ele fez que sim com a cabeça.
— Boa ideia.
Não foi uma boa ideia, não. No final das contas, foi uma péssima ideia.
Mas eu só soube disso quando a irmã Ernestine atendeu ao telefone no escritório dela algumas horas depois e exclamou um *o quê?!*
Só então eu soube o quão errada estava.

Capítulo 13

É assim que as pessoas velhas morrem. Fraturam a bacia, pegam pneumonia e morrem.

Foi isso que minha sobrinha Flocos me falou na frente da recepção do hospital naquela noite.

— Cale a boca, Emily — falei.

— Mas é verdade. E você não pode dizer cale a boca. Você tem de cantar a música do escutar. Foi o que a irmã Monica ensinou pra gente na escola.

— Eu não vou cantar a porra da música do escutar, Emily.

— Você não pode falar palavrão, tia Suze. Você não pode falar palavrão *e* não pode dizer cale a boca.

Respirei fundo, lutando por paciência. Minhas sobrinhas só estavam comigo porque uma discussão eclodiu entre seus pais diante da insinuação de irmã Ernestine de que as meninas sofressem déficit de atenção.

Embora nem sempre (ok, nunca) nos déssemos bem, eu achava Debbie uma mãe amável e presente, ainda mais considerando o fato de ter tido as três bebês ao mesmo tempo sem a ajuda de tratamentos de fertilidade. O parto múltiplo era corriqueiro na família de Debbie. Uma de suas primas mais velhas teve trigêmeos *duas* vezes, tudo naturalmente.

Qualquer um acharia que isso seria aviso bastante para Debbie usar proteção, mas ela fazia o contrário. Era completamente contra todos os tipos de produtos farmacêuticos, incluindo anticoncepcionais — para o desespero eterno de Brad — e vacinas. Jesse já havia dito que era por causa de mulheres como ela que doenças evitáveis (e potencialmente fatais) como sarampo, caxumba e coqueluche, estavam voltando a aparecer na Califórnia.

Debbie não ligava. Estava convencida de que manter Flux, Flocos e Rabo de Algodão (meus apelidos para minhas sobrinhas muito adoráveis, mas agitadas demais) longe de remédios e vacinas era a coisa certa a fazer.

Embora não concordasse (e eu não sabia até quando as escolas da cidade, até mesmo a Academia da Missão, continuariam aceitando as falsas "licenças de saúde" emitidas pelo médico canastrão das meninas), eu ainda meio que admirava seu instinto materno extremamente protetor, mesmo que mal-direcionado.

Só que, dessa vez, a discussão entre ela e meu meio-irmão gerou uma falta de comunicação tão vasta que nenhum dos dois se lembrou de pegar as meninas na escola. E foi assim que acabei forçada a jogar as três no banco de trás de minha Land Rover (tão detonada que causava vergonha) e levá-las ao hospital assim

que ouvi a notícia sobre o padre Dom.
Que outra escolha me restou? Eu precisava ver o padre Dominic assim que ele se recuperasse. Os médicos decidiram que era melhor operar a bacia imediatamente, pois o "acidente" que aconteceu na casa dos Walters destruiu a região por completo.
Sendo assim, fomos nós quatro para o São Francisco. Já era tarde demais quando percebi que foi uma ideia horrível. Primeiro, quando Flocos abriu a boca para perguntar "porque seu carro é tão *velho*, tia Suze?" (O carro estava na família havia anos quando o herdei, e não fazia sentido comprar um carro melhor porque ele sofreria com minhas péssimas habilidades de direção, com as trigêmeas, e, é claro, com espíritos resistentes à mediação.) Depois, quando declarou no saguão de entrada do hospital que o padre Dom ia morrer.
O pior de tudo era que a ruiva que estava na recepção do hotel era nova ali, então não me reconheceu nem como noiva de Jesse — eu já havia aparecido no hospital para visitá-lo em alguns intervalos —, *nem* como membro do clero e, portanto, "família" do padre D. Por isso, não me deu detalhes sobre a fratura, não me disse qual era o estado dele e não informou em que andar estava.
— Olhe — falei para a ruiva, ignorando Flocos. Era a filha mais tagarela de Brad e Debbie. — Entendo que não possa dar informações sobre o quarto do padre Dominic por questões de privacidade. Mas pode pelo menos dizer qual é o estado dele? Era para a cirurgia ter acabado há uma hora.
— Eu realmente não posso falar nada. É contra as regras do hospital.
A ruiva — o crachá dizia Peggy — nem olhou para mim. Sua atenção estava toda focada em minhas sobrinhas, que parecem anjos para quem não as conhece — ainda mais quando estão com o uniforme da escola. Com as saias azul-marinho quadriculadas, blusas brancas de manga curta, meias até os joelhos e as tranças francesas que a Debbie insistia em fazer toda manhã (e no final do dia, como naquele momento, sempre estavam destruídas, parecendo cogumelos escuros e ondulados em torno de seus rostinhos angelicais), elas pareciam minimadonas.
Na verdade, eram pequenos capetinhas.
— Ai, meu Deus, suas filhas são trigêmeas? — disse Peggy para elas da cabine que imitava uma torre. — Vocês não têm como ser mais fofas!
As meninas a ignoraram, que é o que faziam com qualquer pessoa que perguntava se eram trigêmeas e depois comentavam que eram fofas. Flux cutucou Flocos.
— Velhos não morrem de fratura.
— Morrem, sim. A vovó da mamãe morreu assim.
— A vovó não está morta. A gente viu ela no primeiro dia de aula, lembra? Ela

deu adesivos pra gente.
— Não a vovó. A vovó da mamãe. A vovó da mamãe está morta porque fraturou a cintura. Lembra? Ela falou pra gente.
Flocos chutou Flux.
— Cala a boca!
Flux chutou Flocos de volta.
— Cala a boca você!
Flux deu um berro com toda a força, o que fez com que todo mundo na sala de espera olhasse para nós.
— Se as duas não calarem a boca — falei —, vou deixá-las no carro.
— Você não pode fazer isso, tia Suze. — Rabo de Algodão era a prática. — A mamãe disse que é contra a lei, e, se você fizer isso de novo, ela vai chamar a polícia.
Peggy ouviu isso e me olhou com horror.
— Foi uma emergência — expliquei. Mas eu não podia explicar que a emergência foi uma PMNO que apareceu do nada em um parque enquanto eu estava cuidando das meninas, e que elas estavam mais seguras no carro, visto que a PMNO tentou resistir à mediação jogando a lata de lixo da prefeitura em cima de mim. — E eu deixei a janela um pouco aberta.
— Foi tão *legal* — disse Flocos. — Principalmente quando você jogou a lata de lixo no vidro do carro e ele *explodiu!*
Eu definitivamente não tinha como explicar que a PMNO estava dentro da lata de lixo.
Olhei para as meninas e falei:
— Será que vocês podem *por favor* dar um tempo para a tia Suze? Estou tentando falar com a moça.
Ouvi as portas corrediças da entrada principal do hospital se abrirem atrás de mim, e virei o rosto na esperança de que fosse Brad me salvando das meninas — e na esperança ainda maior de que fosse Jesse.
Meu coração afundou quando vi que não era nenhum dos dois, e sim um cara com cavanhaque levando balões para alguém que ia visitar.
Eu não estava entendendo. Sabia que Jesse havia feito dois plantões seguidos (o que é tecnicamente ilegal, mas rotina da maioria dos residentes, não porque querem, mas porque precisam), então não me surpreendeu que ele não tivesse atendido nem o celular, nem o telefone de casa quando liguei para contar o que havia acontecido com o padre Dom.
No entanto, ele geralmente *sentia* quando eu estava chateada com alguma coisa, até mesmo enquanto dormia, e aparecia, correndo.
Então onde estava ele? Por que não retornou minha ligação?

— Por que a gente precisa te dar um tempo, tia Suze? — perguntou Flux.
— Porque ela está preocupada com o padre Dominic, e você também devia estar, sua burra — informou Flocos. — Ele provavelmente vai morrer.
— Eu não sou burra, você que é.
— Eu não sou burra, *você* que é.
— Tia Suze, ela me chamou de burra.
— Ei, meninas — falei animadamente e peguei a carteira. — Vocês estão com sede? Por que não vão comprar um refrigerante? Estou vendo umas máquinas ali.
Vibrando de alegria com a ideia de ingerir açúcar, o que não podiam fazer em casa, as meninas pegaram o dinheiro de minha mão e saíram em disparada da recepção, quase batendo nas pessoas que esperavam pela enfermeira de plantão.
— Comprem várias barras de chocolate também — berrei para elas. — O tipo que faz os dentes apodrecerem. E não falem com gente estranha. *Olhe aqui.* — Voltei a falar com Peggy. Cheguei bem perto e falei baixinho para que só ela me escutasse. — Não estou com saco agora. Você vai me falar para onde levaram esse padre, senão vou deixar aquelas três pestes que você acha tão fofas se encherem de açúcar e se perderem em sua emergência. Vou deixar que elas mexam em *tudo*, e você não quer isso, sabe por quê? Elas não tomaram vacina nenhuma. Quem sabe quais doenças bizarras elas carregam sem nem mostrar os sintomas? Caxumba. Pólio. Coqueluche. Sarampo. Você sabia que sarampo ainda é uma das maiores causas de morte entre crianças no mundo todo? Que é tão infecciosa que nove entre dez pessoas que não foram vacinadas a contraem se entrarem em contato com alguém infectado? É isso o que você quer? Que todos aqueles bebês vulneráveis e ainda não vacinados na maternidade peguem sarampo em questão de horas?
Os olhos de Peggy se arregalaram até onde podiam, e ela afastou a cadeira de rodinhas de mim.
— Eu vou... eu vou... eu vou... eu vou chamar meu supervisor.
— Faça isso — falei. — Mas lembre-se: quanto mais você me fizer esperar, mais possibilidades de contágio se desenvolvem nas mãozinhas daquelas meninas. Espero que você tenha um carregamento de gel antisséptico por aí.
Quando ela saiu, peguei o celular para tentar falar com Jesse de novo.
Eu havia perdido quatro ligações dele, e três mensagens!
Pela primeira vez, as mensagens não estavam em espanhol, o que indicava a seriedade com que ele via a situação. Jesse só falava em inglês quando estava calmo, mas só mandava mensagem no idioma quando não estava.

Jesse Recebi suas mensagens. Estou tentando ligar, mas você não atende.

Nov 17 4:20 PM

Sério? Dei uma olhada no celular. É claro. Estava no silencioso. E não só isso: a imagem de fundo havia sido mudada; em vez de uma foto de meu rato de estimação, Romeo, dormindo adoravelmente no ombro de meu noivo enquanto ele lia um livro de Medicina, agora havia uma foto de minhas três sobrinhas no banco de trás da Land Rover, rindo para a câmera.
Olhei para a área das máquinas com comidas, onde Flux e Flocos agora brigavam por causa de um pacote de Skittles. Uma das brincadeiras favoritas das trigêmeas era pegar os aparelhos eletrônicos da bolsa ou do bolso de qualquer adulto que estivesse por perto, restaurar todas as configurações e devolvê-los sem que ninguém suspeitasse.
Quando crescessem, acabariam na prisão, ou trabalhando para a Agência de Segurança Nacional.
Dei um suspiro e li a segunda mensagem.

Jesse Não se preocupe, mi amada. Vai ficar tudo bem. Vou dar um jeito nisso. Prometo.
Nov 17 4:25 PM

"Vou dar um jeito nisso."
O que ele quis dizer? O que ele podia fazer que não estava sob meu controle?
A outra mensagem foi apenas um pouco mais esclarecedora.
Uma pessoa normal lendo essa mensagem teria pensado "Ah, que fofo! O namorado dela foi buscar a escova de dente do velhinho, umas cuecas, e talvez um pijama e chinelos, e a última edição do *Notícias Católicas*".
Não. Não mesmo. Conhecendo meu namorado, acho que as coisas que Jesse foi buscar foram: a Bíblia do padre, um crucifixo, um rosário, uma medalha da Virgem Maria, água benta e hóstias sagradas roubadas do tabernáculo do altar da igreja.
Porque essas são as coisas de que você precisa para fazer um bom e velho exorcismo.
Ótimo. Maravilha. Embora eu concordasse que nenhum espírito devesse ter a permissão de atacar um senhor gentil e inocente como o padre Dominic, que só quer ajudá-lo, isso não queria dizer que eu achava que sua alma devia ser mandada para a danação eterna. Ainda mais agora que eu sabia alguns detalhes sobre a morte de Lucia — mais ainda através de seu obituário, que Cee Cee havia conseguido encontrar e me enviar mais cedo.
Eu estava pensando em como responder à mensagem — *não acredito que você roubaria hóstia sagrada e vinho da igreja, mas não quer fazer sexo comigo* —

não me parecia uma resposta adequada — quando outra mensagem apareceu. Achei que fosse de Jesse, até que a abri.
Sério? Ele estava curtindo com minha cara? Ele *realmente* era o demônio.
Comecei a basicamente agredir o telefone para destruir todas as informações conectadas a ele quando uma coisa horrível me ocorreu, uma coisa que me fez sentir ainda mais calafrios que a mensagem de Paul, ou a ideia de meu noivo exorcizando uma fantasminha:
Jesse foi procurar por mim em meu escritório. Isso quer dizer que ele viu as flores na mesa.
Merda!
E o que eu fiz com o cartão que Paul enviara? Depois de tudo que aconteceu, não me lembrava mais.
Eu estava ferrada.
— Suzannah?
Eu me assustei com a voz atrás de mim. Peggy voltara com uma enfermeira que eu reconheci de várias visitas que eu e Jake fizemos a Jesse enquanto ele trabalhava na emergência. A enfermeira também me reconheceu, mas felizmente não como a meia-irmã do cara de cabelos longos que gostava de sacanear os voluntários do hospital, pedindo com toda seriedade que chamassem a "Dra. Pau, Dra. Dora Pau" (era chocante ver como caíam nessa piada).
— Suzannah, achei que era você — disse Sherry, com um sorriso. — Peggy me disse que tinha uma louca ameaçando infectar a maternidade com sarampo. Mas aí vi quem era.
— Oi, Sherry. — Quase me derreti de tanto alívio. — É, sou eu. Desculpe pelo drama. Eles trouxeram meu chefe para cá pouco tempo atrás, o padre Dominic da Academia da Missão Junípero Serra?
Ela parou de sorrir, o que nunca era bom sinal.
— Sim, claro.
— Hum, ele está bem, né? Eu preciso muito subir para vê-lo. Quanto mais cedo, melhor.
— Claro. — Sherry usou aquele tom de voz que as enfermeiras usam para te fazer sentir-se melhor, embora você desconfie que elas não acreditem em nada do que acabou de falar. Você *não bebe mais que três copos de cerveja por semana? Tá booom.* — Peggy, esta é Suze Simon, noiva do Dr. De Silva.
Vi Peggy me dar uma olhada rápida, como se estivesse me enxergando de uma maneira totalmente nova.
— Ah — disse Peggy —, é mesmo?
O tom seco deixou muito evidente que ela não me aprovava.
Isso não me surpreendeu. Jesse era extremamente popular com a equipe de

enfermeiros que, em sua maioria, era feminina (mas também com os homens), porque era não apenas bonito, mas também charmoso, bem-humorado e, de vez em quando, levava biscoitos para todos.
Biscoitos que *eu* fazia, achando que não custava nada ele ser querido pela equipe.
Pensei em pegar Peggy pelos volumosos cabelos ruivos e esmagar seu rosto contra a tela do computador, mas foi um pensamento rápido. Eu jamais faria isso. Acho.
Em vez de agredi-la, falei:
— Prazer em te conhecer, Peggy. Desculpe se fui um pouco, hum, abrupta antes. Só estou muito preocupada com meu chefe.
— Tudo bem — disse Peggy. — Prazer em conhecê-la também. Todo mundo aqui gosta muito do Dr. De Silva, até os pacientes mais velhos. Eles sempre reclamam no começo que ele é jovem demais para ser médico, mas depois olham nos olhos dele. E calam a boca. — Ela riu. — Dizem que ele tem uma "alma antiga"... seja lá o que for isso.
Dei um sorriso reluzente para ela.
— É, já escutei isso sobre ele também. Então, posso ver o padre Dominic agora, Sherry?
— Claro, mas acho que ele não vai falar muito. O Dr. Patel está mantendo ele sob forte sedação para deixá-lo mais confortável.
— Peraí. — Olhei para a enfermeira intensamente. — Ele… O padre Dominic vai morrer?

Capítulo 14

Tive a sensação de que o chão sumia sob meus pés. Por que não dei um abraço de despedida no padre Dominic? Por que deixei que ele fosse embora, em primeiro lugar? A enfermeira sorriu e tocou meu ombro de maneira confortante.
— Suzannah, não se preocupe. O cirurgião, Dr. Patel, é o melhor nessa área e disse que o padre está indo muito bem pra uma pessoa da idade dele que caiu da escada. Seu estado é sério, mas não crítico.
— Ah — respondi sem força. Sério, mas não crítico? Isso era bom?
E queda da escada? Era isso que os Walters achavam que havia acontecido? Lucia fazia com que eles vivessem em um estado total e completo de negação, ainda mais sabendo o que eu agora sabia sobre a primeira — e a segunda — Sra. Walters.
— Se você esperar um minutinho — continuou Sherry —, vai poder subir com seu noivo. Eu ouvi o Dr. Patel o colocando a par do caso por telefone há alguns minutos.
Fiquei olhando para ela ao mesmo tempo que meio notava Peggy, a ruiva, tirando a bolsa de baixo da mesa da recepção e retocando o brilho labial. Era evidente que tinha uma queda por almas antigas... ou pelo menos por gostosos residentes latinos.
— Peraí. O quê?
Sherry sorriu.
— Isso mesmo. Ouvi o Dr. Patel falando que o Dr. De Silva estava entrando no estacionamento.
— Ah! — respondi. — Que bom. — Eu me perguntei se meu sorriso parecia tão congelado quanto eu o sentia. — Vou lá fora rapidinho então para ver se encontro Jesse, hum, o Dr. De Silva. Aquelas três menininhas ali na máquina de balas são minhas sobrinhas. O pai delas está vindo buscá-las daqui a pouco. Até lá, você pode avisar a elas aonde fui?
— Eu fico de olho nelas para você — disse Peggy, voluntariando-se. Estava agora checando o lápis de olho, usando o espelho do pó compacto. — O Dr. De Silva deve estar feliz em se tornar tio. Ele é tão bom com crianças.
— É mesmo. — Quando não estava tentando mandar a alma delas para o inferno. — Já volto.
Agradeci e me virei, andando como um robô até as portas corrediças que davam no estacionamento.
Que desastre. Não apenas o fato de que o padre Dominic estava em estado tão grave, mas também que eu não tive a oportunidade de conversar com ele antes

de ver Jesse.
Embora sua profissão de escolha agora fosse curar criancinhas, Jesse havia sido criado em um rancho espaçoso na Califórnia do século XIX, uma época difícil. Não passou a infância, como Paul e meus meios-irmãos, andando de skate, surfando e jogando videogame. Jesse cresceu cortando madeira, instalando cercas e matando coisas... e não estou me referindo a galinhas. Por mais que fosse caloroso e querido, havia uma parte dele — uma parte que não tinha nada a ver com o tempo que passou preso no mundo espiritual — que era tão prática a ponto de ser fria quando se tratava de dar fim ao sofrimento de seres que não têm salvação.
Outro bom motivo para eu nunca contar a ele o que aconteceu entre Paul e eu na noite da formatura... nem o que estava acontecendo entre nós atualmente.
E, de repente, lá estava ele, cruzando o estacionamento com a cabeça baixa, punhos dentro dos bolsos da jaqueta de camurça, sem notar minha presença.
A principio.
Um segundo depois, vi a cabeça de cabelos escuros se erguer lentamente, como se tivéssemos algum tipo de laço telepático — o que eu não gostaria que fosse verdade, ou ele saberia dos pensamentos impuros que me invadiam ao ver aquele jeans justo e estrategicamente envelhecido. Nossos olhares se encontraram.
E, quando me dei conta, eu já havia percorrido os metros que nos separavam e estava em seu abraço forte.
— *Mi amada* — suspirou ele contra meus cabelos enquanto me abraçava. — Vai ficar tudo bem. O padre Dominic vai ficar bem.
— Você não tem certeza.
— Não, mas ele é forte. Depois de tantos anos de lá para cá, correndo atrás de alunos e espíritos, ele se manteve saudável.
— Até agora.
Ele segurou meu queixo e ergueu meu rosto.
— Suzannah, você está *chorando*?
Eu o soltei e dei um passo para trás, rapidamente e com relutância. O abraço dele era meu lugar preferido, depois de sua cama — que tinha um cheiro delicioso de Jesse.
— É claro que não estou chorando — falei, passando a mão rapidamente pela bochecha. — Eu nunca choro. É alergia. Elas pioram muito nesta época do ano.
Jesse me deu um de seus sorrisos de canto de boca — que devia ser patenteado e vendido na TV como suplemento para aprimorar a vida sexual das mulheres. Os produtores ficariam milionários.
— Tudo bem se você chorar — disse ele. — Eu gosto. Isso me dá a oportunidade de ser o machão superprotetor do século XIX que você sempre

menciona.
— Como se você precisasse de desculpa para isso. Ouvi dizer que você falou com o Dr. Patel. O que ele disse?
— Disse que o padre vai ter uma recuperação longa, mas que, se ele não pegar nenhuma infecção nas próximas 24 horas, vai ficar bem.
Precisei virar o rosto para dar uma olhada cuidadosa na estátua de São Francisco que ladeava a entrada do hospital porque senti uma lágrima se formando no canto do olho. Felizmente, era uma estátua antiga, do mesmo tipo da estátua de Junípero Serra que havia no jardim em frente ao meu escritório (com a diferença de que a cabeça desta não havia sido arrancada por uma PMNO irada), então havia vários detalhes a serem analisados. Aos pés da estátua de São Francisco havia esculturas de bronze dos animais gratos que ele havia salvado, em vez dos norte-americanos nativos que o padre Junípero havia escravizado.
— Suzannah — disse Jesse, e fez carinho em meus cabelos. Acho que minha estratégia de olhar para a estátua não o enganou.
— Então, em outras palavras — falei, tentando manter a voz sob controle —, ele realmente pode morrer. Foi o que Emily falou.
— Emily? Ela tem só 5 anos, não é uma médica profissional treinada. — Jesse passou os braços ao meu redor e me apertou em um abraço de novo. O calor era reconfortante, ainda mais porque o sol já estava se pondo, e o ar, ficando mais frio. — Ele está muito machucado. Mas também é muito teimoso, como você sabe.
Estremeci e deitei a cabeça no peito dele da mesma forma que o gato, Spike, fazia de vez em quando, nos raros dias em que se sentia afetuoso.
— Jesse, a culpa é minha. — Meus dedos apertaram a camurça macia de sua jaqueta. Foi um presente de Natal que dei a Jesse no ano anterior. Ele me recriminou gentilmente por eu ter gastado tanto dinheiro, mas eu me recusei a trocá-lo por "alguma coisa mais sensata". — Eu jamais devia ter deixado ele ir sozinho. Ele disse que conseguia lidar com ela, que Lucia estava chateada comigo, não com ele, e que, portanto, não o machucaria, e que era responsabilidade dele porque ele devia ter visto a menina quando casou Kelly com o pai de Becca. Mas eu devia ter percebido que uma coisa dessas ia acontecer. Ele é tão velho, está tão longe de seu melhor, e ela é tão forte... Eu devia ter...
— Devia ter feito o quê? Prendido ele numa cadeira? Você conhece o padre Dominic mais que qualquer um, Suzannah. Quando ele coloca uma ideia na cabeça, ninguém consegue impedi-lo. Precisa fazer tudo do jeito dele.
— Eu sei. Mas se ele morrer... se ele morrer...
Eu mal conseguia pronunciar as palavras. Se o padre Dominic morresse, eu

perderia o melhor mentor que já tive, e, por mais absurdo que pareça, um dos melhores amigos que já tive também. Se alguém houvesse me dito isso na primeira vez em que entrei no escritório dele, tantos anos antes, eu jamais acreditaria. O que uma menina agnóstica do Brooklyn poderia ter em comum com um idoso padre católico da Califórnia?

A habilidade de ajudar espíritos perdidos a encontrarem sua casa, no final das contas... mesmo que, conforme o padre Dom dizia, nem sempre concordássemos com a metodologia um do outro.

Sem o padre Dominic, eu jamais aprenderia que era melhor fazer perguntas primeiro e guardar os socos para depois.

Jamais teria descoberto quem Jesse realmente era — o amor de minha vida —, nem teria tido coragem de trazê-lo de volta ao mundo dos vivos. Eu certamente não estaria me preparando para passar o resto da vida com ele... eu esperava.

Mesmo que eu não tivesse falado nenhuma dessas coisas em voz alta, Jesse, como sempre, sabia o que eu estava pensando.

— Se ele morrer, vamos perder a única pessoa que acreditou em nós — disse ele.

— E quem vai oficializar nosso casamento? Não vai ser a mesma coisa se outra pessoa nos casar, Suzannah. Eu não vou querer.

— Jesse. — Afastei minha cabeça de seu peito. Senti seus braços ficando tensos, e sabia o que ele ia dizer. — Não...

— Não me diga *não,* Suzannah. — Ele abaixou os braços. — Você sabe por que eu vim aqui.

Eu sabia, mas por algum motivo achei que, se não falasse em voz alta, não seria verdade. Meu namorado não queria exorcizar ninguém. Não tinha como.

— Para ver o padre Dominic, é claro.

A escuridão no olhar dele não tinha nada a ver com a cor das íris. Não vou mentir. Isso me assustou.

— Não. Não tem nada que eu possa fazer por ele. Está em boas mãos. As melhores. Eu vim vê-la, e saber o que descobriu. Preciso saber onde ela está enterrada, Suzannah.

Meu queixo caiu.

— E isso vai ajudar em quê?

— Você sabe a resposta. Para que eu possa mandá-la de volta ao inferno, ao qual pertence.

Capítulo 15

— Jesse, *não.*
Eu o levei para baixo do átrio que cobria a entrada circular, onde as famílias paravam o carro a fim de deixar pacientes não emergenciais. Havia um gazebo não muito longe da estátua de São Francisco. Com um banco e cinzeiros ao alcance, a casinha deve ter sido feita para fumantes que precisavam sair da sala de espera a fim de espairecer, mas nós éramos as duas únicas pessoas ocupando o espaço no momento.
O som da água borbulhando no chafariz provavelmente abafaria nossas vozes, e as flores cor-de-rosa e roxas nas trepadeiras de buganvílias nas paredes do gazebo nos protegeriam dos olhares curiosos.
— Jesse, você não pode exorcizá-la. — Eu o arrastei até um banco de concreto dentro do gazebo e me sentei ao seu lado. Ainda bem que eu usava leggings, pois o padre Dominic tinha razão: minha saia era realmente muito curta. Apesar de a calça ser de algodão e lycra, a pedra do banco estava gelada sob minhas pernas. — Você não sabe o que aconteceu para que ela ficasse desse jeito.
— Não me interessa o que aconteceu com ela — disse ele sem emoção. — Só me importa o que ela fez. Ela fez com que aquele homem, o melhor amigo que já tivemos, sofresse uma contusão, quebrasse três costelas e despedaçasse a bacia.
— Mas você não sabe como Lucia morreu.
— Não quero saber como ela morreu. A única coisa que me interessa é ter certeza de que ela não pode mais machucar os vivos, principalmente você ou qualquer outra pessoa que amo. E tenho tudo de que preciso para fazer isso em meu carro neste momento.
— Ah, mas que maravilha, Jesse. E alguém na igreja tentou te deter quando invadiu o tabernáculo?
Ele ergueu uma das sobrancelhas negras.
— Não precisei invadir. O padre Dominic me deu a chave há anos.
Isso machucou. O padre Dominic nunca teve confiança em *mim* para guardar aquela chave, e ele me conhecia havia mais tempo que conhecia Jesse.
— Além disso — continuou ele —, todo mundo que talvez notasse está lá na UTI, esperando pela recuperação do padre.
— E era o que você também devia estar fazendo em vez de ir ao cemitério exorcizar a alma de uma menininha assustada.
— Aquela "menininha assustada", como você a chama, quase assassinou minha futura esposa.
Eu tive de conter um sorriso ao ouvir o *esposa*... não tinha como evitar. Mas

ainda estava chateada com ele.
— Cee Cee achou o artigo sobre o suposto acidente que a matou. Você pode ler antes de sair quebrando tudo para condenar o demônio?
A mandíbula dele se enrijeceu. Também estava chateado comigo.
— Só se o artigo revelar onde ela está enterrada.
— Jesse, isso é maldade sua. E se eu tivesse exorcizado você quando nos conhecemos?
— Você *fez* isso.
— Não de propósito. E eu me senti muito mal depois, quando descobri que você não era tão ruim.
— Que eu não era tão *feio.*
— Isso não é justo, e você sabe. Eu me apaixonei por *você*, não por sua aparência. Como não teria me apaixonado, depois de salvar minha vida tantas vezes? — Segurei um dos bíceps dele (incrivelmente musculosos, ainda mais para um médico) por cima da manga de camurça. — É claro que sua aparência ajuda.
Eu devia estar perdendo o dom: ele mal se moveu.
— Essa menina está tentando destruir vidas, Suzannah, não as salvar.
— Concordo. Mas as circunstâncias podem justificar isso. — Peguei o celular de dentro da bolsa. — Leia o artigo. Ele diz onde ela está enterrada.
Ele esticou a mão.
— Então eu leio.
Selecionei o artigo que Cee Cee havia me enviado e passei o celular para ele.
— Duvido que você ainda vá achar que ela é maligna depois de ler isso. Vai achar que está assustada, como disse a tia Pru.
Ele franziu as sobrancelhas em sinal de desaprovação e pegou o celular.
— A tia da Cee Cee sofre de delírio.
— Sei — murmurei. — Médicos. Todo mundo tem uma disfunção.
— Conselheiras — retrucou ele. — Todo mundo precisa de terapia.
Revirei os olhos e coloquei as mãos nos bolsos da jaqueta para mantê-las aquecidas enquanto ele lia. Fiquei olhando para ele e para as trigêmeas, visíveis do outro lado das buganvílias, através das janelas da sala de espera. Elas não tinham mais dinheiro para comprar nada, e agora corriam pela área da triagem, aceleradas por causa de todo o açúcar proibido que consumiram. Peggy, a recepcionista, estava parada atrás do balcão, com uma expressão de sofrimento, implorando para que parassem. As meninas a ignoravam.
Boa sorte, Peggy.
Eu já havia lido o artigo que Cee Cee me mandou tantas vezes que praticamente já sabia o texto de cor — assim como a mensagem.

Cee Cee Oi, taí a informação que você queria. Lucia Martinez, 7 anos, morreu há nove. Acho que lembro de quando aconteceu. Triste. Você me deve um jantar e um cinema.

PS: Ele ligou!

Nov 17 2:15 PM

O "ele ligou" era em relação a Adam. E ele ligou porque eu o lembrei de que devia fazer isso, mas é claro que ela não precisava saber dessa parte.

Fiquei feliz por ele ter ligado. O artigo, no entanto, não teve nem um pouco o mesmo efeito.

ALUNA DA SAGRADA TRINDADE MORRE EM ACIDENTE COM CAVALO

Carmel, CA

— Uma aluna da Academia da Sagrada Trindade, o internato para meninas situado na praia Pebble, morreu no último sábado à tarde após cair de um cavalo. A delegacia do condado de Monterey confirmou a identidade da aluna. Lucia Martinez tinha 7 anos.

O acidente ocorreu na floresta Del Monte, em uma das várias trilhas equestres mantidas pelo Centro Equestre Sagrada Trindade, onde Martinez fazia aulas de hipismo.

Segundo testemunhas, Martinez perdeu controle do animal após ele se assustar durante uma cavalgada rotineira.

“Tanto o cavalo quanto a aluna desapareceram na floresta", disse Jennifer Dunleavy, porta-voz da Sagrada Trindade. "Um dos nossos instrutores foi atrás. Procurou e chamou a aluna, mas não encontrou nem ela, nem o animal. Há mais de cinquenta quilômetros de trilhas nessa floresta. A escola enviou outras pessoas a cavalo para ajudar na busca, e notificou a polícia também, que enviou reforços. Mesmo que tivessem encontrado a aluna antes... mas não foi o caso."

O desaparecimento de Martinez foi informado às 10h30 da manhã de sábado, disse o policial Eric Robertson, porta-voz do delegado da cidade. A aluna só foi encontrada às 17h30, a 11 quilômetros de onde foi vista pela última vez.

As autoridades acreditam que Martinez tenha sido jogada da sela quando o cavalo tentou pular um pequeno córrego. A aluna caiu e bateu com a cabeça. Ela usava um capacete, porém sofreu fratura no pescoço.

"Lucia era uma amazona exemplar para a idade", disse Martin Shorecraft, diretor de atletismo da Sagrada Trindade. "Mesmo assim, sempre tomamos todas as precauções para garantir sua saúde e segurança. Às vezes, acidentes como esse simplesmente acontecem."

Martinez, que morava em Pacif Grove, foi declarada morta às 20h30 de sábado no Hospital São Francisco, em Monterey. O laudo apontou a causa da morte como asfixia.
Uma porta-voz da Sagrada Trindade, que pediu para não ser identificada, disse que o cavalo que a aluna montava foi sacrificado.
A morte de Martinez gerou respostas imediatas de pesar de toda a comunidade.
"Lúcia vai viver para sempre nos corações e nas mentes de todas as pessoas que a conheceram aqui na Sagrada Trindade," disse padre Francisco Rivera, diretor da Sagrada Trindade. "Estamos extremamente tristes com a notícia de seu falecimento."
"Lúcia era uma menina doce e feliz, que viveu a vida da maneira mais plena que pôde", disse Anna Martinez, avó da vítima. "Ela sempre quis um cavalo e sempre quis cavalgar. Os dois desejos se realizaram. Ela morreu no momento mais feliz da vida."
O funeral de Lucia vai acontecer às 13h no próximo sábado, na Capela Sagrada Trindade. Ela será sepultada no cemitério San Carlos, em Monterey, Califórnia.

Havia uma fotografia ao lado do artigo. Nela, uma menininha de rosto solene e redondo, com longa franja loura e cachos que passavam dos ombros, olhava para a câmera. Suas mãozinhas gorduchas estavam entrelaçadas sobre uma mesa à frente. Era uma foto de escola — estava usando o uniforme da Trindade —, então sorrir não era necessariamente encorajado, mas as largas sobrancelhas castanhas também não mostravam traços de um sorriso.
Talvez Lúcia fosse o tipo de criança que sempre foi infeliz, apesar da convicção da avó.
Ou talvez tivesse sentido o destino trágico que estava por vir.
Jesse abaixou meu celular.
— Então? Ainda quer matá-la?
— Ela já está morta — respondeu ele com calma. — Não posso matá-la. Mas posso impedir que mate outra pessoa.
— Você entendeu o que eu quis dizer, Jesse. Olhe essa foto. Essa menina estava morrendo de medo de alguma coisa. E não acredito que ela morreu por causa da queda do cavalo.
— Não entendo como você chegou a essa conclusão só lendo esse artigo.
Jesse era teimoso demais. Bem, ele meio que tinha de ser, para sobreviver ao que aconteceu na vida dele e sair da história com a sanidade intacta.
— Cheguei nela pensando logicamente, Jesse. Se Lúcia morreu no momento mais feliz da vida dela, como vovó Martinez disse, então por que ainda não foi para a próxima vida? Por que não está no paraíso comendo algodão-doce e

tocando harpa o dia inteiro, ou seja lá o que acontece com as pessoas que morrem sem deixar pendências? Não, ela está aqui na terra, protegendo a amiga Becca com toda a força que possui. Alguma coisa aconteceu naquela floresta, alguma coisa que ninguém na Sagrada Trindade está contando, ou porque não sabem, ou porque estão encobertando a verdade. Mas Lucia sabe. E pode ter sido por isso que ela foi morta. Para ficar de boca fechada.

— E foi por isso que mataram o cavalo também, Suzannah? Para que ele não revelasse nenhuma evidência?

Fiquei olhando para ele sem saber se estava falando sério ou sendo sarcástico. Era difícil ter certeza com Jesse, ainda mais em momentos como aquele, em que sua expressão ficava completamente neutra.

Quase completamente neutra. Mesmo que já estivesse escuro o suficiente para que as luzes do jardim estivessem ligadas, assim como as lanternas dos carros que entravam no estacionamento, notei que seus olhos castanhos não tinham mais as sombras que vi mais cedo.

— Sabia que essa parte ia mexer com você. — Não consegui conter um sorriso. — Cavalos são seu ponto fraco.

— *Crianças* são meu ponto fraco — corrigiu ele. — Ainda mais crianças que foram negligenciadas e tratadas com crueldade.

— E Lucia obviamente foi...

— Eu não diria *obviamente.* Não temos provas disso... ainda — completou ele, quando peguei fôlego para contestar. — Mas vou admitir que vale a pena investigar se pudermos fazer isso sem parar no hospital, que nem o padre Dominic.

— Tudo bem. — Peguei o celular de volta. — Podemos começar com a investigação que fiz online depois que recebi o artigo de Cee Cee.

— Meu tipo favorito de investigação. — O tom dele era sarcástico. — Ninguém corre perigo de vida fazendo investigações na internet. O que você descobriu?

Dei uma olhada seca para ele.

— Os Martinez se mudaram depois do suposto acidente, como o padre Dominic disse, mas não foram para muito longe, apenas até o condado de Marin. Eles têm alguns vinhedos. Ela tem dois irmãos mais velhos. Não encontrei nada indicando que qualquer coisa tenha acontecido com eles. E, depois da morte, a família ficou tão arrasada que adotou mais duas menininhas. Necessidades especiais. — Mostrei as fotos da família Martinez que eu havia encontrado mais cedo no Facebook. — Viu? Fofas, né? E eles têm lhamas na fazenda. Quem não ama uma lhama?

Jesse olhou as fotos e fez que sim com a cabeça, mas se recusou a dizer as palavras *fofa e lhama* em voz alta. Ele era macho demais.

— Isso exime a família Martinez de qualquer acusação de violência. Para que possam adotar alguém, o serviço social investiga a fundo e faz visitas constantes. É óbvio que eles passaram.
— E é provavelmente por isso que Lucia não está seguindo *os pais.* Não está preocupada com eles. Está preocupada com a amiga Becca.
— Claramente — disse ele. — Mas por quê?
— É isso que não consigo entender. A pessoa que conseguiu chegar perto o suficiente para matar Lucia ainda deve ter acesso a Becca... quer ela queira ou não. É a única explicação para Lucia protegê-la tanto.
— Alguém da aula de montaria?
— Pensei nisso. Mas Becca disse que não gosta de cavalos, apesar do pingente que usa, no formato de um cavalo. Chequei o Google Earth; não tem estábulos na propriedade dos Walters, e Becca não está mais inscrita em nenhuma aula de montaria. Eu também não estaria, se fosse ela, depois do que aconteceu com a amiga.
— No hospital, em casos de abuso infantil, é quase sempre alguém de casa. Se não foi ninguém na casa de Lucia... — Jesse parou de falar com um tom sugestivo.
— Lance Arthur Walters? Ele é o suspeito óbvio. Teria acesso a Lucia, caso as meninas realmente fossem amigas na infância. Seria meu suspeito número um se não fosse por um detalhe.
— O quê?
— Se Lance Arthur Walters matou Lucia, por que ela não *o* empurrou da escada, como fez com o padre Dom? Mas eu chequei e o pai de Becca nunca esteve nesta emergência, nem por causa de uma picada de abelha.
Jesse franziu o rosto em desaprovação.
— Suzannah, como é que você conseguiu essa informação? Os arquivos dos hospitais são confidenciais.
— Ah, faça-me o favor. Nada é confidencial quando se é bilionário. Cada passo que aquele cara e a família dão vai parar no jornal. Foi assim que eu descobri sobre a mãe de Becca.
— O que aconteceu com a mãe dela?
— Quando Becca estava falando sobre a mãe, mencionou um acidente. Achei que estivesse falando do acidente da Lucia, mas não. A primeira Sra. Walters costumava organizar um almoço anual a fim de arrecadar fundos para a pesquisa contra o câncer de mama. No ano em que Lucia morreu, ela cancelou a festa; não por causa do que aconteceu com a menina, mas porque a Sra. Walters quebrou o tornozelo durante uma queda. No ano seguinte, o almoço foi organizado por outra pessoa porque a mãe de Becca não morava mais na praia

Pebble. Ela se divorciou e se mudou pra Manhattan.
Jesse pareceu não acreditar.
— Você acha que a pobre mulher foi forçada a sair da própria casa e deixar a filha por causa de um espírito que não podia ver?
— Acho. E, se o que aconteceu com a Sra. Walters foi parecido com o que aconteceu comigo na piscina ontem à noite, eu a entendo. Não se esqueça de que ela não podia ver a pessoa que a atacou. Deve ter sido aterrorizante.
— Mas você não acha que ela matou a menina, acha?
— Não, não acho. Porque dois anos depois disso veio uma nova Sra. Walters... não a Kelly, mas outra. E ela também sofreu uma queda. Não pôde mais organizar o almoço Use Vermelho pelas Mulheres em Carmel-by-the-Sea, para arrecadar fundos para a pesquisa contra doenças cardíacas, por causa de um punho quebrado...
— Realmente escrevem notícias sobre isso? — interrompeu Jesse com nojo. — Por quê?
— Porque esses eventos de caridade servem para as *socialites* mostrarem seus novos sapatos e bolsas de marca. E, é claro, é por uma boa ação também. — De vez em quando, eu tinha de explicar para Jesse por que certas coisas, por exemplo, o que algumas celebridades vestiam, ou quem estavam namorando ou de quem se divorciaram, viravam notícia. Ele ainda tinha dificuldade em acreditar que algumas pessoas se interessavam. É claro que ele também tinha dificuldade para entender por que os E.U.A. demoraram tanto para entrar na Segunda Guerra Mundial. — Além de ajudar pessoas como eu, que estão tentando descobrir pistas para desvendar um crime. Foi assim que descobri que a segunda Sra. Walters também deve ter deixado o pai de Becca porque estava sendo assombrada por uma força invisível e ameaçadora...
Jesse não conseguiu mais se segurar.
— Se eu recebesse essas mulheres em minha emergência como pacientes, duas esposas seguidas com ossos quebrados — exclamou ele —, eu suspeitaria do marido, Suzannah, e não de uma força invisível e ameaçadora.
— É claro que sim — respondi —, porque você é médico e bom no que faz. E se a gente não tivesse certeza de que a alma torturada de uma criança assassinada vive na casa daquele homem, eu lhe daria razão. Mas a gente sabe que ela está lá. Junta a isso o fato de que o pai de Becca está constantemente no jornal porque está sempre viajando para dar palestras sobre alguma coisa, ou para abrir uma filial nova da empresa, ou para doar um cheque milionário a algum hospital em outro país...
— Não vejo como isso o inocenta de ser agressivo com as esposas, Suzannah.
— Ele nunca está em casa! Tenho a impressão de que mal via as ex-esposas,

muito menos a filha. Como pode ter sido ele que as agredia? Não faz sentido. O que faz sentido é: as pessoas que Lucia atacou até então (eu, o padre Dominic e as últimas senhoras Walters) têm só uma coisa em comum: *Becca*. Eu fui atacada quando Lucia me viu colocando antisséptico no braço de Becca e achou que eu a estava "machucando". Nós sabemos que o padre Dominic veio parar no hospital porque também estava tentando ajudar Becca. É *isso* que enfurece Lucia. A tia Pru falou que ela está com medo e sofrendo. Talvez ela não saiba a diferença entre ajudar e machucar.
Jesse continuou desconfiado.
— E o Sr. Walters?
— Talvez ele seja um monstro, mas só para as amigas da filha. Ou talvez seja completamente inocente e não saiba demonstrar afeto, e fica se casando de novo e de novo na esperança de que a nova esposa vá lidar com o problema da filha desajustada. É por isso que Becca está tão deprimida e precisou mudar de escola tantas vezes. Ela não pode ter intimidade com ninguém porque sempre que tenta, Lucia os empurra para longe — literalmente.
A desconfiança nos olhos do Jesse virou preocupação.
— Mas agora sua amiga Kelly mora lá..
— Você acha que eu não pensei nisso? Kelly está correndo perigo. Apesar de que, com base no que vi de seu comportamento perto de Becca, talvez ela seja a última pessoa com quem a gente deva se preocupar, pelo menos em relação a Lucia.
Ele franziu o rosto.
— Suzannah.
— Eu sei, cruel. Mas, Jesse, você não viu Kelly ontem no escritório. Eu vi. Acredite, se é verdade que Lucia ataca todo mundo que chega perto de Becca, então o pai dela escolheu a esposa perfeita. Não que eu queira falar mal de uma antiga colega de turma.
— Kelly não costumava sair com Paul Slater?
— Sim, sim, há muito tempo. — Consegui dar uma gargalhada descontraída. — Isso foi na Idade Média. Meu Deus, Jesse, você não lê os boletins informativos sobre os alunos da Academia da Missão? Se atualiza.
Ele balançou a cabeça, passou um dos braços sobre meus ombros e me apertou em um abraço.
— Como uma pessoa tão jovem e tão linda consegue ser tão sarcástica e cínica?
— Passando tempo demais com gente morta?
Ele afrouxou o abraço, mas manteve o braço sobre meus ombros.
— Não duvido. Tudo bem, acho que faz sentido que Lucia esteja protegendo Becca de quem a machucou. E acho que podemos dizer que não foi um cavalo.

Eu o apertei contra mim.
— Eu sabia que o cavalo era o que ia mudar sua opinião sobre o exorcismo.
— Não foi o cavalo. Foi você, como sabe perfeitamente bem.
— Claro. Você pode enganar todo mundo com sua busca por um diploma médico, Dr. De Silva, mas eu sei a verdade. Você é um vaqueiro de coração. Admita.
— Já falei várias vezes que jamais mexi com gado na vida. Às vezes, acho que é você quem precisa de exorcismo para espantar demônios.
— Você deve estar certo — falei, e curti a vista privilegiada da gola V, além da sensação de seu peitoral firme, moldado solidamente, e dos músculos dos ombros. — Talvez seja melhor ir para seu carro. Já que você tem todo o equipamento, pode começar a exorcizar o demônio dentro de mim agora mesmo.
O risinho lateral que eu amava tanto apareceu.
— Acho que você precisaria de mais que apenas alguns vidrinhos de água benta.
— Não era desse tipo de equipamento que eu falava. — Passei meus lábios por seu pescoço e deslizei a mão de maneira brincalhona em direção à fivela do cinto.
— Suzannah. — Seus dedos seguraram meu punho em um toque de aço. — Preciso lembrar você de que estamos no meu trabalho?
— Ninguém consegue ver a gente aqui.
— *Tio Jesse!*
De repente, três pequenos projéteis com saias quadriculadas vieram voando pela entrada do gazebo para se jogar em cima de meu namorado. O *timing*, como sempre, era terrível.
— *Ai!* — exclamou Jesse, em sofrimento, quando Flocos bateu com o joelho no mesmo lugar onde eu estava prestes a colocar a mão.
— Você tem chiclete pra gente, tio Jesse? — perguntaram as meninas, tateando os bolsos da jaqueta de camurça.
Jesse sempre foi o favorito de minhas sobrinhas por causa do hábito de carregar chiclete nos bolsos. Foi ele quem as ensinou a fazer e estourar bolas. Foram habilidades que eu havia passado para ele certo dia, enquanto esperávamos em uma fila inacabável do Departamento de Veículos Motorizados. Ele achava que mascar chiclete era um hábito nojento entre adultos (o chiclete ainda não havia sido inventado em sua primeira vida), mas tinha descoberto que era benéfico na hora de entreter pacientes mirins em dolorosos procedimentos médicos.
— Não sei — disse Jesse, fingindo tirar um chiclete da parte detrás da orelha de Flux. — Será que tenho?
As meninas deram gritinhos de alegria. Todas as três tinham a língua manchada de vermelho por conta das balas, sejam lá quais, que compraram nas máquinas.

— Ei. — O pai vinha atrás delas com expressão de constrangimento. — A enfermeira falou que vocês estavam aqui. Foi mal ter demorado tanto tempo. Obrigado por tomar conta delas, principalmente depois do que aconteceu. O padre D. está bem?
Eu me levantei do banco e fui até o lado de Brad para poder falar sem que as meninas ouvissem.
— A gente não sabe — falei. — Jesse disse que se ele sobreviver às próximas 24 horas, ele vai ficar bem. *Onde* você estava?
— Ah, você sabe. — Brad olhou para a calçada, mãos nos bolsos da calça que não lhe caía bem. Chutou uma buganvília cor-de-rosa que havia caído na grama. — O pai de Debbie não me deixou ir embora, mesmo depois que falei sobre as crianças. Ele me fez registrar todas as SUVs que recebemos hoje. Foi a maneira que encontrou de se vingar de mim, eu acho, por ter brigado com Deb. Mas é claro que isso só serviu para fazer de *sua* vida um inferno. Mil desculpas. Debbie não pôde vir buscá-las porque ela e Kelly têm Pilates ou yoga ou sei lá que porra que fazem nas quintas à noite.
Estremeci. O fato de que o único emprego que Brad conseguia manter era com o sogro, pai de Debbie Mancuso, Rei das Mercedes de Carmel, não ajudava. Tentar sustentar os pagamentos da casa supervalorizada que Debbie insistiu que eles *tinham* de ter no campo de golfe no Rancho Vale Carmel (porque era onde todas as amigas dela que não podiam pagar uma casa na praia Pebble moravam), e ainda pagar a mensalidade da escola particular das meninas não era fácil. Minha mãe e Andy ajudavam como podiam, e tanto eu quanto Jake já havíamos feito alguns empréstimos para ele também.
Mas eu não sabia por quanto tempo mais os dois conseguiriam manter aquilo tudo, ainda mais porque Debbie insistia em ser mãe 24 horas por dia, mesmo sabendo que as meninas ficavam fora o dia todo (a missão acreditava que um programa integral de pré-escola aprimorava o desenvolvimento cognitivo. E também aumentava a arrecadação da escola).
Debbie disse que precisava do momento "consigo mesma" para ser a melhor mãe que podia. Grande parte desses momentos pareciam ser gastos malhando com um personal trainer, comprando roupas e almoçando com gente do tipo Kelly Prescott Walters.
É claro que Brad também tirava bastante tempo "consigo mesmo", jogando golfe e indo a festas na Cruzada do Caramujo.
Eu compreendia perfeitamente a necessidade que os dois tinham de ter momentos "consigo mesmos", visto que ser pais de trigêmeas descontroladas (e ser casados um com o outro) devia ser extremamente exaustivo.
— Brad, você precisa arrumar outro emprego. Um em que você não dependa de

seu sogro para ganhar dinheiro.
— Eu sei. — Ele chutou outra flor. — Mas quem vai querer me contratar? Não tenho formação acadêmica. Mal consegui me formar no ensino médio. Sei que mandei mal. Pelo menos tenho as meninas. — E olhou com carinho para as três filhas, que agora faziam uma competição para ver quem conseguia esticar o chiclete mais longe.
Olhei para Brad — não exatamente com carinho, mas com mais afeto que no passado. Ele me deixava maluca na época em que nossos pais nos forçaram a morar juntos — tanto que dei o apelido de Dunga a ele e desejei a sua morte prematura várias vezes.
No entanto, o amor que ele tinha pelas filhas — e o fato de que eu raramente, ou nunca mais, tinha de vê-lo tomando leite diretamente da caixa — compensava isso.
— Ei! — berrou para as meninas, me assustando. — O que foi que já falei para vocês? Chiclete é para ficar dentro da boca.
Foi então que notei uma coisa ao lado de Jesse no banco, uma coisa que eu não havia notado porque não estava ali antes. Era branco e fofo, com manchas marrons. Tinha o formato de um cavalo de pelúcia.
Era o cavalinho de Lucia.
Jesse notou a direção de meu olhar. Ele nunca tinha visto o brinquedo, não tinha como saber que era dela. No entanto, ele sabia que não era de minhas sobrinhas porque possuía o brilho fraco e sobrenatural que os objetos paranormais possuem quando acabaram de fazer a viagem do mundo deles para o nosso.
Foi por isso que Jesse se esticou instantaneamente a fim de jogar o brinquedo para longe do banco, embora o objeto não pudesse machucar as meninas. Por não serem mediadoras, elas não podiam vê-lo. Mesmo assim, seu excesso de zelo não era algo que ele tinha como acionar ou não, como uma tomada.
E, no final das contas, não fez diferença.
— *Isso é meu* — disse Flocos. Ela pegou o cavalo da mão dele e o abraçou junto ao coração.

Capítulo 16

— Não acho que seja uma boa ideia — disse Jesse.
— Sua objeção já foi registrada. E você não é o único, obviamente. Debbie também não gostou muito.
Era bem mais tarde. Jesse e eu estávamos sentados em cadeiras desconfortáveis ao lado da fogueira no jardim da casa de três quartos de Brad e Debbie no Rancho Vale Carmel.
A fogueira de Brad não era nada perto da que seu irmão mais velho havia construído na Cruzada do Caramujo. A de Jake era feita de calcário e ficava embutida no solo, cercada de sofás luxuosos no deque do jardim da Cruzada, não muito longe do ofurô de pau-brasil (onde dez pessoas cabiam confortavelmente).
A fogueira de Brad era uma caçamba de metal virada ao contrário, que ele havia colocado não muito longe dos balanços das meninas, o que despertou a ira da esposa, que não achava aquilo seguro.
E não foi apenas isso que despertou a ira de Debbie.
— Você não precisa ficar — sussurrei para Jesse pela décima quinta vez desde que entramos na comunidade do resort de golfe onde meu meio-irmão e a esposa moravam.
— É claro que preciso. Não vou deixar minha futura esposa sozinha em uma casa que está sendo assombrada por um demônio-mirim assassino.
— A gente não tem certeza de que ela está assombrando esta casa. E achei que a gente já havia estabelecido que ela não é assassina, apenas superprotetora. Parece bastante com outra pessoa que conheço... — falei, de forma sugestiva.
Jesse me ignorou.
— Então por que estamos aqui mesmo?
— Para ter certeza de que as meninas estão bem.
Tínhamos de manter a voz baixa porque Brad e Debbie estavam dentro da casa tendo o que chamavam de "uma discussão”, mas que eu considerava uma briga doméstica. Debbie não ficou muito feliz quando chegou do Pilates e descobriu que tinha visitas.
Era compreensível. Eu provavelmente não ficaria muito feliz se chegasse em casa depois de uma sessão de exercícios e encontrasse minha cunhada e o namorado preparados para passar a noite.
No entanto, era por uma boa causa. Pena que eu não podia explicar o que era.
De vez em quando a gente conseguia escutar as vozes de Brad e de Debbie pelas paredes finas e pelas portas corrediças de vinil no primeiro andar. A casa deles era linda, mas não foi feita com um material muito forte. Eu me perguntei se a

Propriedades Slater tinha alguma coisa a ver com isso.
— Por que você tinha de escolher esta noite, dentre tantas outras, para trazê-los aqui? — Dava para ouvir Debbie falando muito claramente na cozinha (toda equipada com aparelhos de aço inoxidável, apesar de a lava-louças e o compactador de lixo quebrarem com frequência, muitas vezes simultaneamente).
— Já falei. Eles *se convidaram,* Debbie. — Brad soava cansado. — É alguma coisa a ver com uma aula de Suze. Ela precisa observar crianças no ambiente delas durante uma noite.
— Que ótimo. Então ela escolheu hoje? Sem avisar antes?
— Ela é minha irmã. O que você quer que eu faça?
— Ela é sua meia-irmã. E você podia ter falado não. Meu Deus, você é tão fraco, Brad. Deixa todo mundo passar por cima de você. Você perdeu as bolas com o cérebro naquela contusão de futebol no ensino médio?
— Ei — disse Brad. — Dá para falar mais baixo? Eles devem estar te ouvindo. E foi luta greco-romana, não futebol.
— Pergunta se faz diferença para mim, Brad.
— Sabe, eu realmente não entendo — falei para Jesse, tomando um gole do vinho que nós havíamos levado com duas pizzas. — Como você acha que isso aconteceu?
— O padre Dominic deve ter sido pego desprevenido — disse Jesse. Ele apertou minha mão para me dar confiança. — Mas, como falei antes, ele é forte. Os sinais vitais estavam bem melhores quando saímos de lá.
Eu me lembrei do rosto pálido e abatido do padre sob as luzes fluorescentes do quarto de hospital, de como seus olhos pareciam fundos sob as pálpebras finas como papel, suas mãos frágeis sobre o cobertor azul com um emaranhado de sondas fluindo delas.
Se aquilo era "bem melhor", eu jamais queria saber o que era "pior".
— E usamos bem os itens que peguei "emprestado" da igreja — continuou Jesse. — A Medalha de Maria que nós colocamos sobre a cama deve mantê-lo seguro esta noite, assim como toda a água benta.
— Não foi isso que quis dizer — expliquei. — Estou falando das meninas. Como acha que isso aconteceu? Como elas podem ser *mediadoras*?
— Ah, isso — disse Jesse. — Bem, como você me explicou de maneira tão astuta ontem à noite, Suzannah, quando um homem e uma mulher se gostam muito, eles fazem amor, e, se não usam proteção, como seu meio-irmão e sua cunhada, às vezes o esperma do homem pode fertilizar o óvulo da mulher e, se algum deles tem o cromossomo genético que corresponde a comunicar-se com os mortos, há uma chance de os filhos deles se tornarem...
Dei um soco em seu ombro, o que o fez derramar um pouco do vinho. Mas tudo

bem, visto que Max — que fomos buscar na Cruzada por ser um detector de fantasmas tão excelente — imediatamente deu um pulo, ansioso com a possibilidade de que alguma comida pudesse ter sido derramada. No entanto, desapontado por ter sido apenas vinho, ele se deitou de novo aos nossos pés com um suspiro.
— Ai! — disse Jesse, massageando o ombro onde eu havia acertado o soco.
— Não bati tão forte assim. E foi exatamente isso que quis dizer. Não acho que a família Ackerman ou os Mancuso têm o gene mediador. Não conheci nenhuma pessoa no casamento dos dois que parecesse remotamente intuitiva. Você conheceu?
— Não. — Jesse botou mais vinho no copo. — E às vezes eu acho que você não tem noção da própria força. Mas sempre achei que seu meio-irmão David era bem perceptivo. Até cheguei a me comunicar com ele quando eu estava...
— ... morto — terminei a frase ao ver que ele hesitou para dizer a palavra.
— Isso. Obrigado.
— Sem problemas.
Tomei um gole do vinho e olhei para as estrelas — as que eram visíveis através dos vários fios de eletricidade das casas dos vizinhos que cruzavam o jardim. Eu me perguntei como conseguiria voltar a Carmel Hills e botar sal na casa antiga. Senti que o destino, na forma de Lucia Martinez, conspirava contra mim.
— Concordo, David é realmente uma criança perceptiva — disse. Eu estava falando bem baixo para que nem as meninas, que já haviam aberto a janela do quarto para nos espiar depois que foram postas para dormir, nem Debbie ou Brad me escutassem. — Mas David não é o pai daquelas garotas. Brad é. E Debbie é a mãe. Brad é bem menos intuitivo que Max aqui, e Debbie acha que vacinas *causam* doenças. Então como essas crianças são capazes de ver fantasmas? E como vamos explicar isso para os pais delas?
— Não vamos explicar — disse Jesse. — Da mesma maneira que não vou explicar que na vida passada vi famílias inteiras morrerem de caxumba. Se Debbie não acredita nas provas científicas substanciais de que as vacinas vão proteger as filhas, qual a possibilidade de ela acreditar que elas (e eu e você) são capazes de ver e falar com fantasmas?
— Hum, há uma possibilidade, sim. Ainda mais agora, que o brinquedo que as meninas estavam usando pertence a um fantasma que morreu antes de elas nascerem... uma criança que tentou assassinar o diretor da escola esta tarde. As meninas não deveriam conseguir ver o brinquedo, muito menos tocá-lo, a não ser que sejam mediadoras; o que não podem ser, pois ninguém em nenhum lado das famílias foi mediador...
— Até onde a gente sabe.

— Ok, até onde a gente sabe. E, mesmo assim, elas viram o brinquedo. E pelo visto também viram Lucia.
Jesse não tinha como negar que era verdade. Quando peguei o brinquedo e perguntei para as trigêmeas de onde tinha vindo, Rabo de Algodão respondeu:
— É de nossa amiga Lucy. Mas ela empresta pra gente de vez em quando.
— É — disse Flocos. — Sempre que a gente quer, basicamente.
Senti um calafrio naquele momento, mesmo que estivesse usando minha jaqueta de couro. Ele se intensificou quando o pai delas riu e perguntou:
— Você nunca conheceu Lucy, Suze? Como assim? Lucy é a nova melhor amiga delas. Elas brincam com Lucy na escola o tempo todo, não é, meninas?
— Às vezes — corrigiu Flux. — Às vezes ela vai pra escola, às vezes não. Ela não estava na escola hoje.
— Mas ela está aqui agora, não está? — perguntou Brad. — Lucy está bem ali, não está, Emma?
Ele apontou para os arbustos de buganvília à esquerda de Flocos.
As meninas olharam na direção que o pai indicou, depois viraram o rosto, rindo com escárnio.
— Não, papai — respondeu Flux, com uma voz que expressava pena. — Lucy não está ali agora. Ela foi pra casa.
Brad me deu outra risada sem graça e deu de ombros.
— Opa, desculpe. Lucy não está aqui agora. Deve ter esquecido o brinquedo dela. — Falou *brinquedo* como se a palavra estivesse entre aspas.
Olhei para as meninas e para o pai, meu sentimento de horror se transformando em incredulidade.
— Espere um pouco — falei para meu meio-irmão. — Você consegue ver isto? — Levantei o cavalo de pelúcia.
— Claro — disse Brad. — É claro que consigo ver. — E me deu uma piscadela.
Eu ainda não tinha conseguido entender se Brad estava vendo o brinquedo ou se estava fingindo para as meninas.
— Se você consegue ver este brinquedo — falei para ele —, me diz o que é.
— Um elefante, é claro — disse Brad.
As meninas morreram de rir ao ver que o pai delas, tão alto e invencível, errou a resposta.
Então as filhas de Debbie e Brad eram mediadoras. Como não vi os sinais antes que um fantasma bastante perigoso — e irritado — decidisse usá-las para me mandar uma mensagem? Eu não conseguia me conformar.
Mas era isso que Lucia estava fazendo, dando o brinquedo para minhas sobrinhas no hospital, bem na minha cara, tinha de ser. Uma mensagem. Sobre o quê? Para dizer o quê? Que podia atingir as pessoas que eu amava — as mais

inocentes e vulneráveis — a qualquer momento que quisesse? Ela já não havia enviado essa mensagem quando quase matou o padre Dominic?
Tantas coisas estavam começando a fazer sentido. Tipo a bisavó que as meninas sempre mencionavam, a que quebrou a bacia e morreu de pneumonia. Quando mencionaram as coisas que ela falou, não foram coisas que disse antes de morrer, mas sim *depois*.
E os níveis elevadíssimos de energia que tinham, com surtos frequentes, incluindo o do dia anterior, quando sentiram lá da sala do jardim de infância que Lucia estava me atacando no escritório, e a irmã Ernestine foi chamada para acalmá-las.
Tudo isso era sinal não de que tinham déficit de atenção, como a irmã Ernestine sugeriu, mas de que podiam se comunicar com os mortos — o que de fato faziam de vez em quando.
O dom — como o padre Dominic gostava de chamar — afetava pessoas diferentes de maneiras diferentes. Fez com que o irmão mais novo de Paul, Jack, se fechasse, gerando terrores noturnos e, mais tarde, agorafobia. Tenho certeza de que a Dra. Jo, minha terapeuta, teria dito que lhe faltava a "resiliência interna" para lidar com tanta energia psíquica de uma só vez, até que eu mostrei para ele como processar aquilo.
Outras pessoas, no entanto — como Paul e minhas sobrinhas —, achavam essa energia psíquica estimulante em vez de exaustiva, e gostavam de ter duas vezes mais amigos que os que existiam (mesmo que ninguém pudesse vê-los)... ou de fazer duas vezes mais dinheiro por causa disso.
Eu ja estava me sentindo muito culpada por não ter percebido mais cedo todas as indicações sobre as trigêmeas, e pelas varias coisas que eu havia feito com PMNOs na frente delas.
A questão agora era o quanto elas haviam compreendido e qual era a relação delas, exatamente, com Lucia. Será que de fato a vida delas estava em perigo por causa da menininha? Ou ela era apenas uma amiga, como disseram? Era difícil acreditar que aquela criatura que tentou me afogar, quase matou o padre Dominic e parecia sugar a vida de Becca Walters lentamente era legal com alguém.
Pela centésima vez naquela noite, desejei que o padre Dominic não estivesse deitado, inconsciente, no terceiro andar do Centro Médico São Francisco. Ele saberia exatamente o que fazer — não apenas com as trigêmeas, mas com Lucia também.
Se bem que foi a convicção dele de que sabia o que fazer com ela que o levou à UTI.
Dessa vez estávamos sozinhos.

Fazer perguntas às meninas no hospital não deu em nada, nem mais tarde, quando chegamos com pizzas. Brad estava ansioso para lhes dar banho e comida antes que a mãe chegasse, e as meninas estavam animadas demais por ter o tio Jesse e a tia Suze em casa para responder racionalmente qualquer pergunta sobre a nova amiguinha delas.

Então mamãe chegou. Debbie não ficou muito feliz em nos ver ali, mesmo que tivéssemos levado pizza e seu vinho preferido — de ótima qualidade, do vinhedo local, que vendia garrafas para restaurantes caros em Nova York por três vezes mais que valiam se comprados ali. Debbie bebeu uma garrafa toda sozinha, e estava indo para a segunda.

— Eu simplesmente não consigo entender — Eu falei para Jesse enquanto ele me dava mais do excelente vinho extra que escondemos no carro. — Brad costumava me sacanear na época do ensino médio dizendo que sabia que tinha um menino em meu quarto; dizia que escutava a gente conversando. Mas acho que ele só escutava *minha* voz nas conversas. Ele nunca chegou a ver você. Nem Debbie. Então como as meninas podem ser mediadoras?

— Seus pais também não viam espíritos. É obvio que o talento pode pular uma geração. Talvez até duas, ou mais. — Jesse se serviu de um pouco do *pinot noir.*

— E não temos certeza de se as meninas são mediadoras completas. Crianças tendem a ser mais sensíveis a fenômenos paranormais que adultos em geral. São mais imaginativas, mais mente aberta.

— *Sensíveis?* Você viu as meninas brigando pelo brinquedo, Jesse? Cada uma pegou uma perna do cavalo e puxou. Se eu não tivesse interferido, teriam rasgado o bichinho e se matado. Eu não diria que as meninas Ackerman sejam muito sensíveis.

— Bem... talvez seja melhor dizer animadas, como a tia delas.

— Eu não tenho nem relação de sangue com elas, lembra? Nada daquilo vem de mim.

Ali no vento frio da noite, tremi. A fogueira de Brad não parecia muito eficaz em liquidar o frio, apesar do cheiro pungente da fumaça ser agradável, assim como o som da madeira estalando.

— O que eu não entendo é como que isso pôde acontecer bem na nossa cara sem que percebêssemos. Eu não fazia ideia. Você fazia?

— As meninas tinham aquela língua inventada — lembrou ele. — Elas se comunicavam assim até ano passado.

Estiquei as costas.

— Verdade! Como pude esquecer? Você até escreveu aquele artigo sobre isso... criptofasia. Debbie ficou preocupada achando que a missão ia colocar as meninas numa escola de educação especial.

— Mas isso não é raro em gêmeos. Existem vários casos de irmãos, principalmente gêmeos, mas também trigêmeos e quadrigêmeos em alguns casos, que desenvolvem a própria linguagem. E, como aconteceu com suas sobrinhas, eles param quando entram na escola.
— Foi por isso que demorou tanto para a gente perceber. — Relaxei um pouco.
— E o fato de todo mundo achar fofo deve as ter incentivado a usarem a língua mais ainda, e a ser *mais* secretas. Quero dizer, todo mundo menos Debbie. Ela não achou fofo. E tinha razão! Jesse, elas deviam conversar sobre os fantasmas que viam. Será que a gente poderia ter sido mais imbecil do que foi?
— Acho que está sendo um pouquinho dura demais consigo mesma — disse Jesse, com calma.
— Você acha que Lucia brinca mesmo com elas, como elas falaram, ou ela está armando para jogar as três da escada também, quando menos suspeitarem?
— Você é quem fica insistindo que ela é uma criança inocente em sofrimento.
— Ela é — falei logo. — Tenho certeza.
— É melhor que seja mesmo. Senão, se ela matar Brad e Debbie enquanto dormem, eu e você vamos acabar recebendo a custódia de suas sobrinhas, como somos os guardiões legais.
— E por que você acha que estamos aqui? Brad e Debbie não têm seguro de vida. Não podemos deixar que morram. A gente vai ter de desistir de ter nossos filhos para criar as filhas deles.
Ele olhou para a grama careca e cheia de brinquedos, e murmurou alguma coisa rapidamente em espanhol. Eu não entendi o que ele disse, mas interpretei o tom.
— Ai, meu Deus, Jesse. Eu estava brincando! Dá para parar de se preocupar tanto assim com dinheiro? Já falei que tenho o suficiente. E a gente pode dar um jeito na questão de ter nossos próprios filhos hoje mesmo se você quiser. — Botei a mão na perna dele. — Tenho certeza de que o quarto de hóspedes tem chave.
Ele me lançou um olhar devastador.
— Sério, Suzannah? É assim que gostaria de nossa primeira vez, no quarto de hóspedes do seu irmão Brad, onde ele guarda os troféus de luta greco-romana?
— Meio-irmão. Meu Deus. — Recolhi a mão. — Que talento para arruinar as coisas. Quando você vai...
Max se levantou de repente. Mas dessa vez não foi porque deixamos alguma comida cair, nem porque derramamos vinho. Ele sentiu alguma coisa da qual não gostou no canto mais escuro do jardim, ao lado da casinha cor-de-rosa e branca de fadas, que só tinha espaço para três garotinhas pequenas (e uma meia-tia constrangida), todas apertadas.
— O quê...? — comecei a falar, mas Jesse pediu silêncio. Todos os pelos nas

costas de Max estavam de pé, e ele começou a rosnar, um som que vinha do fundo da garganta. Para um cachorro velho de temperamento tão ameno e amigável, ele se transformou com uma rapidez assustadora em um de seus ancestrais lupinos. Seus lábios se contorceram e revelaram caninos amarelados que eu podia jurar jamais ter visto.

Agora foi Jesse quem colocou a mão em *meu j*oelho, mas infelizmente foi apenas para me manter sentada, visto que minha reação instintiva era me levantar e ir direto para a casinha, que parecia tão inofensiva na escuridão.

— Fique aí — sussurrou Jesse, sem tirar o olhar da estrutura inócua de plástico. Ele se levantou e começou a seguir Max, que havia se agachado e se arrastava na direção do canto escuro do jardim, como um lobo à espreita.

— Tenho certeza de que é só um guaxinim — falei, sem acreditar nem um pouco que era só um guaxinim.

Jesse confirmou minha suspeita.

— Max nunca rosnou assim para guaxinins. — Ele colocou a mão no bolso do casaco e tirou um objeto pequeno e brilhante que apontou na direção da casinha.

Meu coração parou de bater por um segundo. Eu não sabia distinguir se estava mais assustada ou impressionada.

— Isso é uma *arma*?

— Claro que não, Suzannah. É uma lâmpada sem fio. — Jesse notou que eu não havia obedecido seu comando de ficar onde eu estava e que o seguia. — O que você está fazendo? Volte já para casa.

— Deixe de ser idiota. O que é uma lâmpada sem fio? Ah, uma lanterna? Meu *Jesus.*

Jesse havia ligado a lanterna e apontado o feixe azulado para a casa de brinquedo. Isso assustou o que estava lá dentro, fosse o que fosse.

Foi tudo muito rápido depois. Max rosnou e se jogou na coisa que saía rapidamente por uma das janelas da casinha.

A princípio, por causa do tipo de barulho, achei que fosse um pássaro.

Mas visto que também era bem grande e brilhava com a intensidade de faróis de carro bem dentro de meus olhos, e que deu um berro tão estridente e alto quanto o de uma chaleira que foi deixada no fogão por muito tempo, notei que não era um pássaro. Era alguma coisa de outro mundo.

E estava bem insatisfeita por ter sido perturbada.

Capítulo 17

Joguei as mãos para o alto, sem conseguir suprimir um grito. Ouvi Jesse berrar ao meu lado, e Max latindo como um cão de guarda feroz, saído de um filme.
Quando o berro agudo do fantasma finalmente parou de ecoar em meus ouvidos, abaixei os braços e abri os olhos. A luz havia desaparecido. O jardim estava no escuro novamente, a não ser pela luz fraca da Lua que tinha acabado de aparecer, o brilho quente e vermelho da fogueira e os quadrados de luz amarela nas janelas da casa de Brad e Debbie. No reflexo das janelas, vi Max correndo pelo jardim, cheirando o chão freneticamente para localizar a presa que ele havia expulsado da casa de brinquedo.
Em ambos os lados da casa, vi vizinhos abrindo as cortinas e olhando pelas janelas, perguntando-se o que estava acontecendo logo ao lado. Não houve nenhum movimento dentro da casa de Brad e Debbie, o que era estranho. Como é que eles não escutaram aquilo que acordou o resto do quarteirão?
— O que foi aquilo? — sussurrei para Jesse, sabendo que estávamos sendo vigiados.
O feixe da lâmpada sem fio de Jesse ainda apontava para o que agora parecia um castelo de fadas cor-de-rosa e branco comum... com uma exceção.
— Acho que a gente sabe a resposta. — Ele se abaixou em um dos joelhos na frente da porta de 90 centímetros da casinha. Apontou para a grama. — Ela deixou uma coisa.
— O quê? — Meus ouvidos ainda estavam apitando devido ao volume do berro. Não sei se o de Lucia ou o meu. — Melhor não ser uma porra de uma cabeça de cavalo, ou eu vou surtar.
Jesse cutucou o chão.
— Uma cabeça de cavalo? Ah, por causa do *Poderoso Chefão.* — Foi um dos vários filmes que fiz Jesse assistir para se atualizar em cultura moderna dos Estados Unidos. — Não, é bem pequeno. Acho que é uma flor.
— Uma *flor?* — Eu me ajoelhei na grama ao lado dele. — Tem certeza? Isso é delicado demais para Lucia.
— Tenho. — Ele pegou uma coisinha roxa do chão. Era menor que meu tubo de brilho labial. — Uma flor. Buganvília, eu acho.
Buganvília? Por que isso me pareceu familiar?
Uma sensação estranha — eu vinha tendo muitas delas ultimamente — me tomou. Cutuquei o ombro dele.
— Me dê a lâmpada sem fio. Quero ver uma coisa.
Ele me passou a lanterna, e eu me inclinei para a frente a fim de iluminar o

interior da casinha.
Eu congelei, meu sangue de repente tão gelado quanto o ar da noite.
— Merda.
— Que foi? — Jesse também olhou para dentro do castelo, mas, quando viu o que eu tinha visto, falou palavrões em espanhol em vez de em inglês, então soou um pouco mais educado.
Flores. Somente isso. Não havia partes de corpos ensanguentados, símbolos satânicos rabiscados nas paredes, runas ritualísticas bizarras feitas de galhos. Somente flores. E não eram poucas, espalhadas pelo chão como as trigêmeas vinham praticando fazer para nosso casamento, mas sim *centenas* de flores mortas, jogadas ali como se alguém estivesse tentando se livrar de detritos no jardim, usando o castelinho das meninas como lata de lixo.
Só que eu sabia quem era esse alguém, e o lixo havia sido coletado com cuidado. Eram *todas* buganvílias, todas cor-de-rosa e roxas, como as que cresciam nos arbustos do gazebo ao lado do hospital, onde eu e Jesse nos sentamos naquela noite para conversar sobre o assassinato de Lucia Martinez.
E como se isso não fosse assustador o suficiente, quatro bonecas estavam sentadas em torno da mesinha que ficava ali dentro (a mesma onde eu havia fingido tomar chá com as meninas na semana anterior). Olhavam para nós, sem piscar, em meio às buganvílias que haviam sido jogadas em suas cabeças. As bonecas estavam vestidas com roupinhas que eu sabia serem as mais "chiques" — porque fui obrigada a comprá-las —, os tecidos agora manchados de marrom e amarelo por causa das flores em decomposição.
Eu já havia visto coisas bem bizarras feitas por almas de mortos, e coisas piores ainda feitas por pessoas vivas.
Mas os olhares vazios daquelas bonecas me encarando na escuridão em meio a um mar de flores mortas... isso eu sabia que me assombraria para sempre.
Larguei a lanterna no chão para tapar a boca, e saí da casinha.
Jesse me alcançou.
— O que foi? — perguntou ele, e me abraçou de maneira protetora. — As bonecas?
Balancei a cabeça.
— O cheiro. — Buganvílias podres fedem, ainda mais em grande quantidade.
Mas eu estava mentindo. Fiquei com vergonha de admitir o quanto as bonecas me impressionaram. Não foi apenas o olhar morto delas, mas o fato de que se pareciam muito com minhas sobrinhas — ou como elas achavam que eram. As meninas escolheram as bonecas no catálogo de Natal do ano anterior. Era uma linha onde você podia "criar suas próprias bonecas", então cada sobrinha escolheu uma que a representava. Flux e Rabo de Algodão se decidiram por

versões em miniaturas delas mesmas, com olhos azuis, longos cabelos castanhos e pele clara.
Mas Flocos, iconoclasta como sempre, escandalizou os avós matemos ultraconservadores escolhendo uma boneca com pele marrom e cabelos e olhos ainda mais escuros, algo que deixou Jesse tão maravilhado que tive de sussurrar para ele no brunch de Natal que se acalmasse, antes que a vovó Mancuso o escutasse falando:
— Ela pegou a boneca que se parece comigo! Eu sempre falei para você, Emily é a mais inteligente de todas. Ela quer seguir meus passos.
Eu gostaria muito que fosse o caso, visto que, se Paul conseguisse o que queria, Flocos seria o mais perto de uma filha que Jesse jamais teria.
A quarta boneca à mesinha era uma doação de uma das primas do lado Ackerman da família. Tinha cabelos louros, cortados toscamente na frente para dar a aparência de franjas.
Ela se parecia com Lucia o suficiente para fazer com que meu estômago doesse.
— O que você acha que ela está tentando fazer? — perguntei. — Mandar outra mensagem?
— Sim. — Jesse havia buscado a lanterna onde eu a deixei cair. Ele a desligou e colocou-a de volta no bolso. — Acho que sim.
— Mas o quê? O que ela está tentando dizer? — Eu mal conseguia acreditar no quão assustada sentia. Eram apenas bonecas, e não partes de corpos. — Se a mensagem for "não entre na casinha", já entendi, bem claramente.
Ele passou o braço sobre meus ombros e me abraçou.
— Eu não acho que é isso que ela está falando. Não acho que ela quis assustar você.
— Me assustar? — Fiquei com o rosto enterrado na camurça macia da jaqueta dele. O cheiro era bom, uma combinação de camurça e baunilha e fumaça da madeira queimando na fogueira e sabão antisséptico do hospital. Em outras palavras, tinha o cheiro de Jesse. — Quem falou que fiquei assustada? Não estou assustada. — Eu estava morrendo de medo. — Enojada, talvez. Lembra aquele comercial que dizia "fale com flores"? Não era "fale com flores mortas em decomposição". Que maneira mais estranha de se expressar, até mesmo para uma criança.
— Não para uma criança morta — disse Jesse, fazendo carinho em meus cabelos. Acho que ele não acreditou quando falei que não estava com medo. — Pense bem. Faz sentido.
— O que faz sentido?
— Flores mortas de uma menina morta. O que mais ela tem para dar? Quando você está morto, não tem muitas opções. Já ouviu falar de dinheiro caído do céu?

Levantei o rosto e olhei para ele.
— Claro que já. Tem gente que acha dinheiro em lugares estranhos e acha que o fantasma de uma pessoa amada o deixou para elas. Mas Jesse, isso não é verdade.
— É claro que é. — Ele apertou o abraço, e seus olhos escuros ficaram mais intensos. — Eu sei que é difícil para você entender. A comunicação sempre foi fácil para você. Nunca teve problemas para falar com ninguém, vivo ou... como é que você chama? Ah, sim. Nem com pessoas mortas não obedientes. E com certeza nunca esteve morta. Mas imagine se algum dia você tentar se comunicar com alguém que amou, e essa pessoa não puder mais te ver ou ouvir. Ser morto é assim, e sem conseguir passar para o outro mundo... dá para imaginar como é infernal?
Sim. Devia ser como andar no vale da sombra da morte.
Ouvi a dor na voz dele, e a senti na maneira como afundou os dedos na pele de meus braços. Meu coração se condoeu por ele.
— É claro, Jesse. — Levantei a mão para acariciar seu rosto, mas ele se afastou.
Estava rejeitando meu carinho. Nem sei se percebeu. Simplesmente queria terminar o que estava falando.
Mas elas haviam retomado. As sombras nos olhos dele. Dava para vê-las, até mesmo sob a iluminação fraca do jardim. *Você pode tirar o garoto da escuridão.*
Ele continuou a falar com uma voz baixa e rápida.
— É claro que você faz o que puder para sinalizar que você ainda está lá, seja com dinheiro, com flores mortas, ou sacudindo a casa. Você fica tão sem esperança que não nota que está sendo assustador. Você só quer que as pessoas saibam que você não foi embora. Você entende, não é, Suzannah?
Mas não tira a escuridão do garoto.
— Sim — falei. — Eu entendo, Jesse.
Percebi o quanto Jesse havia mudado em uma só noite. Passou de querer exorcizar Lucia a identificar-se, e talvez até simpatizar, com ela.
Também percebi que ele finalmente estava falando sobre como foi a experiência da própria morte.
Eu me perguntei se ele também percebeu. Não quis pressionar muito com perguntas. Em vez disso, falei:
— Então o que você acha que Lucia está tentando dizer com essas flores?
De olhou rapidamente para a casinha.
— Ela está pedindo desculpas.
— Desculpas? — Meu queixo caiu. — Pedindo *desculpas*?
— Por que não? São as mesmas flores da árvore de buganvílias no pátio do hospital. É provável que ela tenha a visto lá com suas sobrinhas.

— Você também estava lá. Foi você quem deu chicletes a elas.
Jesse sorriu. Toda vez que ele sorria era como um raio de sol depois de uma semana nublada. Ou como voltar para casa depois de passar muito tempo no vale da sombra da morte.
— É isso que estou falando. Acho que ela nos viu com as meninas e percebeu que somos amigos, não inimigos. As flores são sua maneira de tentar compensar o que fez.
— Se esse for o caso, ela as entregou no lugar errado. Deviam estar na UTI com o padre Dominic.
— Isso eu ia gostar de ver — disse Jesse com um olhar melancólico.
— Eu também.
Tentei usar o mesmo tom descontraído, mas por dentro não me sentia tão bem. Talvez porque eu soubesse que ele tinha razão... Lucia deixou flores para mim, sua primeira tentativa de fazer uma ponte com um adulto em quem achava que podia confiar, e como retribuímos isso? Permitindo — e até incentivando — que Max a assustasse para longe do jardim de minhas sobrinhas, provavelmente o único lugar no mundo onde ela se sentia livre para ser a criança que fora um dia, e deixando-a apavorada (a julgar por aquele berro agudo).
E pior: a confissão sincera do quão sozinho Jesse se sentia enquanto morto — como queria se comunicar com quem amava, mas não tinha como — me lembrou de outra pessoa do passado, uma que não tinha nem metade dos problemas de Jesse ou de Lucia, mas que era quase tão complicada quanto.
O que foi que minha mãe falou no telefone sobre Paul? Ah, sim: *ele era um daqueles meninos que recebia bastante dinheiro da família, mas nada de atenção ou amor.*
Qual era a diferença entre isso e ser um fantasma, segundo a definição de Jesse — alguém que fica tentando falar com as pessoas quando elas não conseguem vê-lo ou escutá-lo?
Eu tinha fantasmas demais em minha vida agora, clamando por atenção. Peia primeira vez, não tive certeza se conseguiria lidar com todos eles sozinha. Uma das coisas que ficou clara em minhas sessões com a Dra. Jo era que eu "compartimentava" muito e "não era aberta" sobre qualquer "trauma" que eu tenha vivenciado no passado. Isso, ela sentia, me travava e provavelmente era a causa de minha insônia.
É claro que eu tinha bons motivos para não revelar meu passado para a Dra. Jo, no entanto.
Mas, se Jesse ia se abrir comigo sobre o passado, talvez eu devesse ser mais honesta com ele sobre o meu. Não apenas sobre meu passado, mas sobre o perigo que ele corria... que nós dois estávamos correndo, caso Paul tivesse

sucesso.
— Jesse — falei, segurando sua mão. — Acho que tem uma coisa que preciso falar para você.
Ele pareceu preocupado.
— O que é, *mi amada*?
— Eu ia contar antes, mas achei que fosse te irritar.
— Eu jamais ficaria irritado com você.
Eu ri.
— Essa foi muito boa.
Obviamente, ele ficou irritado.
— Suzannah, *você* nunca me deixa com raiva. Às vezes as coisas que você *faz* me deixam com raiva, ou melhor, aborrecido, porque tem horas que você parece que não pensa antes de...
— Viu, é exatamente disso que eu estava falando. Nem contei o que é, e você já está irritado.
As sobrancelhas escuras dele se uniram.
— Eu não falei que estava irritado. Falei que estava aborrecido. Você me *aborrece* quando fala o que vou sentir. Você é uma mulher bastante perceptiva, Suzannah, mas não mora em minha cabeça, então não tem como saber como vou me sentir.
Não gostei do rumo que aquela conversa estava tomando. E, especialmente, não gostei do músculo que tinha começado a saltar na mandíbula dele, visível mesmo na escuridão do jardim.
— Vamos deixar para lá, ok?
— Suzannah, você não pode simplesmente...
Ouvi o ranger de uma porta de tela.
— Suze? Jesse? — A voz da Debbie veio da varanda dos fundos. Ela ajeitava a camiseta, e foi então que entendi por que ela e Brad demoraram tanto para vir checar o que estava acontecendo: deviam estar fazendo as pazes, provavelmente no chão da cozinha. — O que vocês estão fazendo aqui fora? Por que Max estava latindo?
Larguei a mão de Jesse, e uma onda de alívio me inundou. Acho que nunca fiquei tão feliz em ver Debbie na vida.
Dane-se a Dra. Jo. Dane-se Paul. Danem-se as maldições do Egito Antigo e os blogueiros que não me ligavam. Eu lidaria com aquilo sozinha. Alguns segredos eram melhores se permanecessem secretos.
— Não tem nada acontecendo, Debbie — respondi. — Só tinha um... um guaxinim na casinha. Max o espantou.
— Um guaxinim? — Brad se juntou à esposa na varanda, todo animado. — Para

onde ele foi? Peraí, vou pegar a espingarda.
Meu Deus.
— Suzannah — disse Jesse, segurando meu braço quando comecei a ir em direção à casa. — O que é? O que você ia me falar?
— Sério, esquece. Não era nada.
— Não pareceu que era nada.
— Mas era.
Felizmente, uma voz infantil veio de uma das janelas abertas do segundo andar.
— Mamãe? O que tá acontecendo?
— Ah, ótimo. — Debbie parecia irritada. — Agora as crianças acordaram. Nada, meu amor. Era só um guaxinim. Max já o espantou. Volte a dormir.
— Mamãe. — Flocos estava sonolenta, porém chateada. — Não era um guaxinim, era Lucy. Max assustou ela. Não deixa o papai atirar nela.
Olhei para cima e vi três silhuetas escuras em uma das janelas do segundo andar. Dava para ver um pouco dos rostos das meninas nos encarando, as três com expressões de preocupação sob a luz do luar.
— Meninas. — Debbie veio para o jardim e se posicionou embaixo da janela das filhas. Ela voltara à forma de maneira impressionante depois do parto, com Pilates e lipoaspiração (paga pelo pai, o Rei das Mercedes), e sabia disso. Gostava de mostrar o corpo usando muitas roupas elásticas. Ela olhou para cima, uma taça cheia de vinho nas mãos. — Vocês sabem muito bem que Lucy não existe. Já pedi várias vezes que parassem de inventar histórias sobre ela. Agora voltem para cama, todas vocês.
Flocos ignorou a mãe e se virou para mim.
— Tia Suze, não deixa Max pegar Lucy. Ela é nossa amiga. — Dei uma olhada para Jesse. Não precisei responder nada.
Ele fez que sim e disse:
— Eu pego o cachorro. — Então foi atrás de Max, que tinha voltado para a casinha e estava cavando as buganvílias, onde pelo visto sentiu cheiro de alguma coisa comestível. Jesse o puxou pela coleira, mas o cachorro resistiu. — Já chega por hoje, Max. — Ouvi Jesse falando. — Muito bem!
— Não se preocupem, meninas — falei, me posicionando ao lado da mãe delas. Olhei para os três rostinhos preocupados, que mal se discerniam no escuro. — Max não pode machucar Lucy, e nem seu pai. Lucy é um fantasma, e cachorros e armas não machucam fantasmas. Agora façam o que sua mãe pediu, e vão dormir.
— *Tá* bom, tia Suzy — responderam as meninas com tom de decepção; não por causa da amiga fantasma, mas por terem de voltar a dormir. Um por um, os três rostinhos desapareceram da janela.

Quando me virei para Debbie, ela me encarava com uma expressão incrédula.
— Que foi? — perguntei.
— Suze — disse Debbie —, Lucy é a amiga imaginária delas.
— E daí?
— É uma criação da mente delas. Você acabou de dizer que ela é um fantasma. Eu sei que aquele jogo idiota *Médium* é muito famoso, e tenho certeza de que alguns dos pais dos outros alunos deixam que eles joguem, mesmo que seja inadequado para essa idade e violento demais. Mas Brad e eu estamos tentando incentivar as meninas a não acreditarem em fenômenos sobrenaturais.
Fiquei olhando para ela.
— Ah... tá.
— Deborah. — Jesse se aproximou, trazendo Max pela coleira. — As meninas frequentam uma escola católica. Parte da educação religiosa delas envolve a Sagrada Trindade, que inclui o Espírito Santo.
— Ah, é diferente — disse Debbie, com o tom charmoso que sempre usava quando se dirigia a meu noivo. Era como se Jesse soltasse feromônios aos quais algumas mulheres não conseguiam resistir. Eu obviamente era uma delas, mas pelo menos tentava não demonstrar... em público. — É claro que queremos que elas tenham crenças *morais* fortes. Mas, com a exceção do Espírito Santo, fantasmas não são reais.
Foi a gota d'água para mim.
— Como você sabe? — Passei por ela e fui até minha espreguiçadeira pegar meu vinho. — Eles podem ser reais.
— A*h*, é? — Debbie parou de falar com o tom charmoso, visto que estava se dirigindo a mim. — Podem mesmo, Suze?
— Do mesmo jeito que você falou para Emma que vinho tem vitaminas quando ela perguntou por que você toma tanto? Isso é real? Muito obrigada, aliás, porque ela perguntou se podia tomar vinho amanhã no café da manhã.
— É, bem, *existem* vitaminas no vinho, Debbie. — Peguei a garrafa que havíamos levado e enchi minha taça e a de Debbie. — Mas, só para você saber, eu também falei a ela que os benefícios só funcionam nas pessoas com mais de 21 anos. E também tem um bando de merda em que você acredita que não é real, Debbie, mas a gente aceita para manter a paz na família. Então sugiro que você faça o mesmo no caso de Lucy. Saúde. — Brindei com minha taça.
Debbie ficou me olhando, chocada, e Brad saiu em disparada da porta de trás, espingarda em punho e carregada.
— Para onde ele foi?
— Hoje não, amigo — disse Jesse, tirando a espingarda da mão dele com cuidado. — Hoje não.

Capítulo 18

Foi mais difícil que nunca cair no sono naquela noite.
Em parte, porque Debbie se livrou da cama no quarto de hóspedes — assim como dos prêmios de luta de Brad, que foram colocados na garagem — para que pudesse converter o quarto em seu "centro de artesanato".
Sendo assim, tive de dividir uma cama com Flocos, ao passo que Jesse foi banido para o sofá duro e desconfortável da sala (que não tinha porta, com ou sem tranca, para mais privacidade).
Provavelmente poderíamos ter voltado para nossas próprias camas — a minha em meu apartamento, e a de Jesse na Cruzada do Caramujo —, visto que tudo indicava que as meninas não estavam mais em perigo. Mas eu ainda precisava fazer o "estudo" para minha aula.
E, mesmo que tivéssemos ido embora, eu não teria conseguido escapar da pergunta que Jesse fez quando voltamos para dentro depois de colocarmos as garrafas de vinho nas latas de reciclagem.
— Suzannah, o que você ia me falar mais cedo no jardim? O que você achou que ia me deixar com raiva?
Eu ri.
— Já falei, não era nada. Era uma ideia que eu tive para o casamento, só isso, mas mudei de ideia. Você não quer karaoquê na festa, quer?
— *Karaokê?*
— Viu? Eu sabia. Ainda bem que o depósito é reembolsável.
— Ok. Não acredito em você, mas tudo bem. Falando nisso, quem mandou aquelas flores que vi na sua mesa quando fui ao escritório esta tarde?
— Ah, ninguém — falei. — Só um pai de aluno que queria agradecer.
Não sei como consegui falar com tanta calma, ainda mas quando sabia claramente que ele estava lendo minha mente de novo.
Ele sabia. Ele sabia perfeitamente bem quem mandou as flores, e talvez até o que eu ia falar para ele no jardim. Talvez eu tivesse implantado a mensagem na cabeça dele por me preocupar tanto com Paul, e por ter ficado tão mexida com as flores de Lucia no chão da casa de brinquedo das amigas dela, com os rostos das bonecas.
Flores mortas de uma menina morta. Flores vivas de um homem vivo... que não parava de me assombrar por causa de um ex-fantasma.
Ele não falou mais nada sobre o assunto, no entanto, e o beijo de boa-noite que me deu quando nos despedimos para dormir, eu no segundo andar, ele no primeiro, foi tão caloroso quanto sempre.

Não foi isso que me deixou sem sono.
Também não acho que foi a mensagem que Jake mandou dizendo que "acompanharia" Gina do Médium Feliz até a Cruzada. Disse que estava preocupado que o "maníaco" de nosso prédio tivesse descoberto onde ela trabalhava. Queria ter certeza de que ela chegaria em casa com segurança.
Nem a mensagem que recebi de Gina dizendo que ela e Jake decidiram comer depois do trabalho, e que ela não queria que isso fizesse com que as coisas "ficassem estranhas" entre nós.
Além disso, ela sabia que não tinha nenhum "maníaco", que era apenas mais uma de minhas "coisas com fantasmas" (uma vidente em uma feira contou a ela sobre meu "dom" quando éramos crianças). Ela não contaria ao Jake, entretanto, adicionou ela com uma carinha piscando e sorrindo.
Maravilha, era tudo de que eu precisava — minha melhor amiga saindo com um de meus meios-irmãos. Como se já não bastasse que uma rival da escola tivesse se casado com o outro.
Isso foi o suficiente para me fazer ir até a cozinha de Brad e Debbie para tomar um copo de leite (mesmo que isso jamais tivesse me ajudado a "sentir as ondas calmantes da sonolência", conforme os peritos diziam que acontecia, eu continuava tentando).
O que eu realmente gostaria de fazer era sair dali e ir até a casa 99 na Pine Crest Road para espalhar o pouco de sal grosso que eu havia conseguido comprar.
No entanto, quando olhei para a sala ao passar, tive certeza de que seria impossível. Só o som do copo que coloquei na lava-louças depois de beber o leite já fez com que Jesse se virasse no sofá — curto *e* estreito demais para seu corpo que, em comparação, era enorme — e murmurasse alguma coisa incompreensível. Com um dos braços pendurado no chão e o outro jogado de qualquer jeito acima da cabeça, ele parecia tão confortável quanto o pobre Max, que ainda estava trancado na garagem.
Jesse não usava camiseta, e a coberta que a Debbie lhe dera havia se enroscado em suas pernas durante o sono. Seu peito e grande parte da cueca boxer estavam expostos, assim como a trama de cabelo escuro sobre os músculos do peito, que depois se afinava em uma estrada tentadora até o elástico do short, embaixo do qual dava para ver claramente o volume que eu sentia quase todos os dias, mas que era (em geral) proibido ao toque até o dia de nosso casamento.
Foi quando percebi que nem todo o leite do mundo me faria dormir.
A casa estava completamente silenciosa. Debbie e Brad recolheram (brigando de novo) havia horas, e as meninas estavam dormindo profundamente quando deixei o quarto.
O que aconteceria, imaginei, se eu me ajoelhasse ao lado do sofá, beijasse Jesse

e colocasse a mão dentro do short?
E agora, quem tinha um lado obscuro? Eu. Eu tinha!
E não havia sal grosso suficiente em nenhuma loja que pudesse contê-lo.
Jesse deve ter sentido isso também porque abaixou o braço e se virou, quase caindo do sofá. Eu me assustei e fui correndo escada acima — não queria que me pegasse ali de pé, olhando para ele enquanto dormia.
Eu estava passando pelo "centro de artesanato" de Debbie a caminho do quarto das meninas quando a vi — a coisa que me manteria acordada o resto da noite (como se pensar no que estava embaixo daquele short não fosse o bastante).
Primeiro foi apenas um vislumbre, algo que eu nem tive certeza de ter visto. Passei direto pela porta, concentrada em meus pensamentos impuros, antes de registrar a imagem.
Então congelei onde estava, sentindo um frio na espinha que não tinha nada a ver com a noite gelada.
Lucia.
Voltei dois passos e olhei pela porta.
Ali estava ela, solenemente parada no meio do quarto, o rosto redondo e angelical com seu brilho de sempre.
— Lucia. — Botei a mão sobre o coração, que batia forte. — Você não devia pegar as pessoas desprevenidas assim. Quase me matou de susto.
Ela não respondeu. Apenas ficou parada com sua roupa de montaria, calcanhares unidos, franja encaracolada batendo nos olhos escuros, a boca parecendo um pequeno botão de rosa.
— Olhe — falei, entrando no quarto e fechando a porta para que ninguém me escutasse. — Desculpe pelo cachorro. Ele está na garagem agora, então não vai mais te incomodar. E obrigada pelas flores, mas você não devia ter feito o que fez com o padre Dominic. Ele é um homem bom, e não estava lá para machucar Becca. E ninguém quer te machucar também, Lucia. A gente só quer...
Ela levantou um dos braços. Instintivamente, eu me encolhi e dei um passo desajeitado na direção da porta. Geralmente não sou tão covarde, mas eu me lembrava muito bem da força naqueles bracinhos fofos.
Mas ela não estava tentando me machucar. Estava apontando para alguma coisa na parede.
Olhei para a direção que ela indicava. Era o "mural de inspiração" de Debbie.
Debbie havia me mostrado o mural mais cedo, mas não prestei muita atenção. Era uma de suas criações. E cada uma das meninas criou alguma coisa também. As delas foram mais interessantes. Rabo de Algodão, pelo que parecia, foi bastante inspirada pelo trabalho teatral do Grilo Falante.
— Que foi? — perguntei a Lucia, e fui até o mural de Debbie. — Tem alguma

coisa aqui sobre o que aconteceu com você?
Lucia parecia estar com raiva, e pelo visto essa era sua expressão habitual.
Mas antes que eu pudesse me encolher de novo, ela desapareceu, o que devo admitir que foi um alívio. Eu tinha de dar crédito à menina: ela estava aprendendo a lidar com suas emoções. Em vez de surtar, ela foi para seu lugar tranquilo, fosse onde fosse. Para mim tanto fazia, contanto que fosse longe de mim.
Liguei uma luminária para examinar o mural de Debbie com mais cuidado, procurando pelo que Lucia estava tentando me mostrar. Era um mural de decoração elaborada, uma cortiça coberta de papel de presente creme, com bordas de laços dourados e fios de pérolas falsas. Ela havia prendido fotos de modelos usando alfinetes com coroas na ponta, e havia fotos das meninas aqui e ali; em algumas elas eram bebês, mas a maioria era de fotos recentes e de eventos que reconheci. Não havia foto nenhuma de Brad, nem de mim. Tentei não levar para o lado pessoal.
No início, não entendi para o que Lucia podia ter apontado. Nada ali tinha a ver com ela, nada relacionado a cavalos, ao Sagrada Trindade, a Becca, nem a Kelly Prescott Walters, a madrasta de Becca e melhor amiga de Debbie.
Então percebi que Lucia não apontara para nada conectado a ela. Era alguma coisa que Lucia queria que eu visse porque achava que tinha a ver comigo. Talvez fosse outra maneira de pedir desculpas? Ela deve ter sentido que as buganvílias não fizeram tanto sucesso, mas aquilo, *aquilo* realmente me ajudaria.
Era uma notícia que Cee Cee escreveu, impressa do computador de Brad e Debbie, e aberta em uma página com uma foto de Paul Slater, os cabelos negros, os olhos azuis, bronzeado e rosto relaxado. Estava encostado em um carro esportivo com os braços musculosos cruzados e um sorrisinho de satisfação consigo mesmo naquele rosto bonito. O carro era um Porsche. (Claro que era. Ele sempre dirigiu carros esportivos caros.)
O texto embaixo da foto dizia *"Os negócios vão bem para um dos alunos da Academia da Missão.*" E o artigo começava dizendo; "*Paul Slater se torna um sucesso do dia para a noite*."
Ai. Sério, *Cee Cee?* Eu teria de bater um papo com ela sobre esses textos hiperbólicos.
Ao lado da foto estava pendurado o pompom de formatura do ensino médio de Debbie. Eu o reconheci porque tinha um igual.
Quero dizer, tive um igual. Ele desapareceu na noite em que Paul me jogou contra a parede e eu dei uma joelhada no meio das pernas dele, depois passei correndo pela Debbie, que ficou muito feliz em encontrá-lo ali, visto que seu namorado, Brad, estava ocupado demais vomitando nos Louboutins de Kelly

Prescott.
Como foi que Paul disse mesmo?
Ah, sim. Eu o deixei sob os cuidados não tão delicados de Debbie. "Ela subiu em cima de mim como se eu fosse um maldito gigolô," explicou Paul.
E daí se Paul e Debbie se divertiram na noite da formatura? Foi Brad quem se casou com ela. E, sete meses depois, ela deu à luz as trigêmeas.
Então, subitamente, entendi o que Lúcia tentava me dizer — e por que achou que aquilo me ajudaria.
Mas não me ajudou. Somente fez com que eu ficasse acordada a noite toda.
Provavelmente me manteria acordada pelo resto da vida.

Capítulo 19

Levei as meninas à escola de carro na manhã seguinte, e Jesse foi até a Cruzada para deixar Max, depois ao hospital para ver como o padre Dom estava.
Não contei nada a ele — nem a ninguém — sobre minhas suspeitas em relação a minhas sobrinhas. O que eu ia dizer, exatamente? "Adivinha, gente! Ok, vocês nunca vão adivinhar, então vou falar: tenho quase certeza de que as filhas de meu meio-irmão não são dele."
Não. Simplesmente, não.
E mesmo que a Dra. Jo, durante sua batalha para que eu me abrisse mais nas sessões, sempre me dissesse que manter segredos leva a níveis altos de cortisol, o hormônio do estresse, como eu saberia se o que Lucia sugeriu era verdade? Ela apontou para uma foto de Paul presa no mural de minha cunhada. Isso não prova nada.
De qualquer forma, enquanto as meninas discutiam no banco de trás para decidir quem ia contar que tia Suze e tio Jesse dormiram na casa delas (no momento "conte uma história" da aula), dei uma olhada no retrovisor e não pude deixar de notar que se pareciam muito com um certo mediador que por acaso conheço.
Elas tinham a cor — cabelos pretos e olhos azuis — e o tipo físico esbelto, de jogador de tênis, que tanto Jack quanto Paul Slater exibiam, no lugar da estrutura forte e nórdica dos Ackerman (que, com exceção de David, o ruivo, eram todos louros).
Assim que notei isso, não tive mais como desnotar, por mais que quisesse. Só conseguia me perguntar como jamais reparara antes.
Eu tinha certeza de que Brad não sabia. E Debbie? Ela era fútil, e na escola seguiu os passos da melhor amiga, Kelly, diversas vezes, sendo traiçoeira e até maldosa.
Mas nunca a vi cometer um ato de pura crueldade — pelo menos nada tão cruel quanto forçar um homem a criar a filha de outro sem saber... ou filhas, nesse caso.
Por que ela colocou uma fotografia de Paul no mural de inspiração? E por que Lucia apontou para ela com uma expressão tão solene de acusação? Não podia estar acusando Paul de assassinato. Ele nem morava em Carmel na época em que ela morreu.
Mesmo que eu soubesse mais que todo mundo como Paul estava disposto a cometer um assassinato — se pudermos chamar a libertação de um demônio de assassinato —, que interesse teria em matar uma criança?
Nenhum. Não era seu estilo.

Faltava metade do caminho até a escola quando meu telefone tocou. Geralmente, nem olho para o celular quando estou dirigindo — ainda mais se as meninas estão no carro, ou se estou dirigindo na neblina, como naquele momento.
Mas e se fosse Jesse, ligando do hospital porque o padre Dom piorou? E se fosse Shahbaz, o blogueiro, avisando que sabia de uma forma de quebrar a maldição?
E se fosse Paul, telefonando para dizer que caiu em si e queria pedir desculpas?
Nada disso. Era meu meio-irmão mais novo, David.
Alguma coisa estava errada. David e eu só nos falávamos aos domingos. Atendi abruptamente.
— David? Que foi? O que aconteceu?
— Tio David! — exclamaram as meninas animadamente do assento traseiro. — Oi, tio David!
— Ah, oi. Ah, que bom. As meninas estão com você. — Apesar de gostar das sobrinhas, a falta de entusiasmo na voz dele foi notável. — Estou no viva voz? Queria falar em particular, Suze.
— Dormi na casa de Brad e Debbie ontem à noite, então estou levando as meninas para a escola. O que está acontecendo? Por que você está ligando? Hoje não é domingo.
— Sei que hoje não é domingo, Suze. — Mestre falou comigo como se achasse que eu tinha sido lobotomizada desde a última vez em que nos vimos. — Estou ligando porque soube do que aconteceu com o padre Dominic. Ele está bem?
Relaxei a mão no volante.
— Ah, sim. Jesse está indo visitá-lo agora. Ele já falou com o médico hoje de manhã, e o Dr. Patel disse que o padre Dom passou bem a noite, então tudo deve estar...
— O que aconteceu com ele?
— Ele caiu. Acontece. — Eu sabia que as meninas estavam escutando, então escolhi minhas palavras com cuidado. — Pessoas de idade caem de vez em quando.
— E quebram a bacia e pegam pneumonia — adicionou Flocos, prestativa.
— Sossega aí atrás e assista ao vídeo — mandei, me referindo ao tablet que eu havia comprado para elas usarem no carro (e pararem de ficar puxando o cabelo umas das outras, evitando que eu descontasse nelas minha frustração). — Ou as faço sair e andar até a escola.
As meninas riram. Tenho de admitir que essa ameaça deve ter perdido o efeito, visto que eu a usava toda vez que as levava de carro para algum lugar, e nunca tinha cumprido com a palavra.
— E o que é esse negócio estranho que sua mãe me contou quando liguei ontem à noite, de que nossa antiga casa foi comprada por aquele tal de Paul Slater? —

perguntou David. — Tem alguma coisa a ver com o e-mail que você mandou para Shahbaz Effendi sobre uma maldição do Egito?
Quase enterrei o pé no freio, e não só porque uma caminhonete à minha frente, cheia de caixas de romã recém-colhidas, tinha acabado de desviar bruscamente de um ciclista.
— Porra, como você sabe disso?
— Porque Shahbaz estuda comigo, Suze — respondeu David com uma voz paciente, enquanto as trigêmeas celebravam porque falei um palavrão. — Ele faz a graduação no DLCPO, o Departamento de Línguas e Civilizações Próximas ao Oriente. Depois que você mandou o e-mail, ele foi pesquisar na internet quem você era. É claro que você não tem perfil em sites de mídia social, então ele só achou uma página sobre celebridades listando você como enteada de Andy Ackerman, e eu, como um dos filhos. A página também mencionava que eu estudo aqui, então ele entrou em contato comigo pelo diretório da faculdade para perguntar se você tem desequilíbrio mental, que é o que pareceu pela mensagem...
— Desequilíbrio mental? — interrompi, sentindo-me ofendida. — E o que ele ganha *me* acusando de ter problemas mentais? Não sou eu que passo o dia sentada, traduzindo maldições escritas em hieróglifos só pra publicar na internet e pessoas olharem e...
— E o quê, Suze?
Bem... tudo bem. Posso ter soado meio mentalmente instável para uma pessoa que frequenta uma faculdade de prestígio e não conhece meu trabalho alternativo.
Dei uma olhada nervosa no retrovisor e vi que as cabecinhas das trigêmeas estavam debruçadas sobre o tablet. No entanto, não me deixei enganar. Eu conhecia aquelas garotas. Elas estavam escutando, com certeza.
Tirei o celular do alto-falante e coloquei o celular no ouvido, arriscando levar uma multa. Mas decidi que o risco de permitir que as meninas escutassem o que David falava era mais grave.
— Olhe, David, não é nada. Contatei Shahbaz para um cliente com quem estou trabalhando.
— Suze, nem tente. Eu fui no blog do Shahbaz e procurei a maldição pela qual você perguntou.
Merda.
— Ela menciona especificamente a escuridão que será lançada sobre qualquer pessoa que ouse ressuscitar uma alma que já partiu, e o que pode acontecer se a casa dessa alma for destruída. Seu "cliente" é obviamente você, e Jesse é a alma que você ressuscitou, e isso tem a ver com o fato de Paul querer demolir nossa

velha casa. Então não me diga para parar com isso. Não sou mais criança. E quero ajudar.
Nossa. Comecei a achar que a foto que David me mandou usando roupas de mulher não foi apenas palhaçada — nem um trabalho para uma aula sobre estudos de gênero. David não era mais o pirralho nerd e estranho que apelidei de Mestre. Estava todo crescido agora, e queria que eu soubesse.
— Tá bom — falei. — Mas, David, não tem nada que você possa fazer. Está tudo sob controle.
— Ah, está? Então por que você passou a noite na casa de Brad e Debbie? Você a detesta. Na última vez que jantamos juntos, você a chamou de demônio egoísta e disse que queria que ela pegasse fungo embaixo das unhas postiças.
Nossa. Eu realmente precisava pegar leve no vinho.
— É, tudo bem, talvez eu estivesse tendo um momento de...
— É claro que você acha que as meninas estão passando por algum tipo de perigo.
— Estavam — admiti —, mas não estão mais. E isso não teve nada a ver com...
— Jesse sabe que Paul comprou a casa?
Socorro. David estava mandando bem. Até demais.
— Não, mas só porque ele já tem muita coisa com que se preocupar agora. Ainda está esperando notícias sobre a bolsa. Não quero estressá-lo ou o atrapalhar com coisinhas...
— Ok, já decidi — disse David com firmeza. — Vou mudar minha passagem e ir para casa amanhã em vez de na semana que vem.
— O quê? — Quase bati na caminhonete de romãs. — David, não! Essa ideia é terrível. Totalmente desnecessária.
— Desnecessária? O padre Dominic *está no hospital*.
— Sim, e sendo muito bem cuidado. Então, por favor, não...
— Não tem problema. Eu já entreguei todos os trabalhos do semestre. Posso falar para os professores que é uma emergência familiar.
É claro que já havia entregado todos os trabalhos do semestre. Podia até estar todo crescido, mas não mudou *tanto* assim.
— David, não há emergência alguma. O padre Dominic vai ficar bem. O que aconteceu com ele não tem nada a ver com, hum, aquela outra coisa. — Olhei para as meninas. Ainda estavam assistindo ao vídeo, exceto por Flocos. Peguei-a no flagra olhando para mim no retrovisor; ela percebeu e desviou o olhar rapidamente. Muito espertinha. — E não tem nada que possamos fazer sobre aquela outra coisa, a não ser que seu amigo Shahbaz tenha dado alguma informação. Ele deu?
— Não, Suze, Shahbaz disse que nunca ouviu falar de uma maneira de acabar

com a Maldição dos Mortos porque maldições não *existem.* — David parecia exasperado. — Foram escritas para afastar os ladrões de tumbas, e não porque os sacerdotes nas religiões antigas realmente tinham a habilidade de lançar maldições nas pessoas.
— Claro — falei com calma. — Do mesmo modo que fantasmas não existem. Do mesmo modo que pessoas que veem fantasmas não existem. Do mesmo modo que todas aquelas pessoas que violaram a tumba do rei Tut não morreram de mordidas aleatórias de mosquitos e suicídios e assassinatos um ano depois...
— Escute, Suze, eu sei. Mas o que você queria que eu respondesse? Eu não tinha como falar "Veja bem, sei que maldições não existem, mas minha meia-irmã se comunica com mortos, já provou que o princípio dos universos múltiplos é, na verdade, real, e de vez em quando viaja para dimensões paralelas entre a vida e a morte, que ninguém jamais provou que existem." Não queria que ele achasse que *eu* sou louco.
Revirei os olhos. Estava cedo demais para conversar com um gênio sensível.
— Tá bom, David — falei. — Obrigada por tentar, mesmo assim. Olhe, preciso ir; como já falei, estou dirigindo...
Ele não ia desistir tão facilmente, no entanto.
— Escute, Suze, pensei em outra maneira de lidar com esse negócio. Uma coisa muito mais fácil que romper uma maldição de múmia.
— Ah, é? O quê?
— Volte no tempo e compre a casa.
Fiquei tão surpresa que quase perdi a rua da escola. Tive de pisar no freio e virar no último segundo, o que fez com que as meninas deslizassem perigosamente no assento de trás, mesmo que estivessem usando cinto de segurança.
Ainda bem que elas não tinham tendência a ficar enjoadas com movimentos — e gostavam de parques de diversão, então elas celebraram em vez de vomitar.
David, alheio ao nosso drama automobilístico, continuou todo animado.
— Olhe, você já criou um universo alternativo com todo mundo, aquele onde Jesse não morreu; o que não faz sentido para mim porque, segundo o Princípio da autoconsistência de Novikov, a gente não devia se lembrar de quando papai e Brad acharam um esqueleto no jardim. Mas todo mundo se lembra. Então faz sentido que você consiga de novo. Só que, dessa vez, faça com que *você* seja a pessoa comprando a casa, e não Paul. E aí vai ficar tudo bem. Ou pelo menos é o que eu acho. Não é?
Consegui retomar o controle do carro e, apesar das buzinadas irritadas dos outros motoristas, entrei na mão certa.
— David — falei quando minha voz voltou —, é um plano ótimo. Sinceramente. Mas não vai dar certo. Mediadores não podem ficar indo e voltando no tempo

sem que paguem as consequências em forma de perdas enormes de células neurais e rasgos cósmicos no universo. — Usar a frase de Paul deixou um gosto amargo em minha boca. — Foi assim que essa confusão toda começou.
— Ah. — David soou decepcionado. — Não pensei nisso.
— Pois é. Além disso, se viajar no tempo fosse tão fácil, você não acha que eu o faria o tempo todo a fim de prevenir acidentes de avião e Hitler e tal?
Agora ele soou chocado.
— Claro que não. Isso seria uma grande violação do paradoxo do avô...
— E, mesmo que eu quisesse, não poderia ter comprado nossa velha casa. Meu pai não me deixou *tanto* dinheiro assim. E Jesse jamais toparia morar lá.
A voz de David ficou mais aguda.
— *Por que* não?
— Porque foi em nossa velha casa que Jesse foi A-S-S-A-S-S-I-N-A-D-O, lembra?
As meninas começaram imediatamente a murmurar as letras da palavra que eu havia acabado de soletrar, mas felizmente não chegaram a uma conclusão — era avançada demais para o jardim de infância. Além disso, a leitura era ensinada na Academia por meio da visualização, ou "linguagem completa", em vez de foneticamente, o que significava que a maioria dos alunos lia bem menos que a série deles determinava (uma opinião que o padre Dominic já havia me pedido para, por favor, manter para mim).
— Então *onde* vocês dois vão morar depois de se casar? — perguntou David, exigente. — Em alguma comunidade fechada, que nem Brad e Debbie? Claro, já consigo ver *isso* dando certo. Ei, talvez Jesse pudesse começar a jogar golfe com os outros médicos enquanto você faz compras com as esposas deles.
Eu realmente não queria continuar aquela conversa, não só porque havíamos chegado no estacionamento da escola, mas porque de repente comecei a escutar a voz de minha mãe em minha mente, sugerindo que eu e Jesse fôssemos para Los Angeles. *Seria tão mais fácil para eu visitar meus futuros netos se vocês estivessem aqui na cidade...*
— Olhe, David — falei —, agradeço pela ajuda com Shabaz, e também pelo conselho, mas, sinceramente, a melhor coisa que você pode fazer agora é ficar exatamente onde está e não falar nenhuma palavra sobre isso para ninguém. Principalmente para Jesse, ok?
— Hum, ok. — Ele não foi muito convincente. — Mande um oi a todo mundo por mim, e diga a todos que os amo. A gente se vê em breve.
— David. Você está me escutando? *Por favor* não...
Ele já havia desligado.
— Tia Suze — chamou Flocos do assento traseiro —, o que é um mediador?

Capítulo 20

A primeira coisa que fiz quando cheguei a minha mesa foi jogar as flores de Paul no lixo, com vaso e tudo. A segunda coisa foi checar o horário de Becca Walters. Ela cursava geometria no primeiro tempo. Excelente.
Agora tudo que eu tinha a fazer era torcer para que ela fosse à escola.
— Que desperdício — comentou a irmã Ernestine quando passou pela lata de lixo a caminho de seu escritório.
Olhei para as flores. A freira tinha razão. Cada pétala ainda estava branca feito neve e perfeita.
— O cheiro está me dando dor de cabeça — falei, embora minha dor tivesse começado antes das flores e, de qualquer forma, não fizesse sentido que eu as jogasse na lixeira a 30 centímetros de minha mesa.
— Se você não queria, podia tê-las dado ao pobre padre Dominic no hospital.
— Eu acho que podemos dar algo melhor para o padre D que flores usadas.
— Elas ainda estão perfeitamente boas. Talvez você pudesse colocá-las na basílica para os devotos admirarem.
Fechei os olhos, rezando rapidamente à deusa sem nome das meninas solteiras e mediadoras que me desse força.
— A senhora está totalmente certa, irmã. — Eu me inclinei e peguei o vaso de dentro do lixo. Felizmente, ele ainda estava intacto, então não havia vazado. — A senhora vai fazer a missa matinal hoje na ausência do padre Dominic?
— Vou. — A freira estava ajeitando a touca no mesmo espelho no qual o padre Dom havia ajeitado a veste no dia anterior. — Fui nomeada diretora interina pela arquidiocese até que o padre Dominic se recupere o suficiente para voltar; o que espero que aconteça em breve.
Não aconteceria tão cedo. Seriam semanas, possivelmente meses. Eu jamais seria contratada como funcionária assalariada, a não ser que ajustasse ou minha atitude ou o quanto a Academia da Missão precisava de mim.
E foi por isso que eu espertamente coloquei as flores de Paul na janela do escritório da irmã Ernestine enquanto ela rezava a missa matinal — que incluiu um pedido a todos os alunos para que abaixassem a cabeça em um momento de oração para a recuperação rápida do padre Dominic.
Assim que a missa terminou, tirei Flux, Flocos e Rabo de Algodão da fila de alunos que voltariam às salas.
— Emergência de família — falei para a irmã Monica, que respondeu com uma expressão de alívio.
— Que houve, Suze? — perguntou Flux, conforme eu as levava com pressa pelo

corredor a céu aberto, passando por todas as salas de aula, até chegarmos à sala de geometria de Becca. — Qual é a emergência?
— É o tipo de emergência em que preciso que vocês vão para o jardim e brinquem em silêncio com Lucy por um tempinho enquanto falo com Becca. Se vocês fizerem isso sem perturbar a gente, compro o que vocês quiserem para o almoço.
As meninas trocaram olhares animados. Não podiam expressar a alegria da maneira que queriam porque berrar nos corredores era proibido, mas a linguagem corporal delas — pareciam prestes a berrar e dar estrelas — dizia tudo. Frango empanado com batatas fritas era infinitamente melhor que o almoço saudável — wraps de peru e palitinhos de cenoura crua — que a pobre mãe sofredora havia preparado.
Não tem jeito: posso até ter ajudado várias pessoas a ir para o céu, mas estou começando seriamente a duvidar de que eu tenha chances de ir eu mesma.
— A gente pode brincar no chafariz? — sussurrou Flocos para mim com intensidade.
O velho chafariz decorativo no centro do jardim da missão, perto do qual as crianças eram expressamente proibidas de chegar, era o lugar favorito de minhas sobrinhas dentre todos do mundo inteiro. Eu gostaria de poder dizer que isso era porque elas tinham um gosto estético apurado, mas temia que a explicação fosse outra.
— Vocês podem brincar *perto* dele — respondi —, não *dentro* dele.
Cerrei os dentes quando as três começaram a fazer biquinho.
— Olhe só, a gente *não* vai conversar sobre isso de novo. As pessoas que jogam moedas no chafariz fazem desejos. Se vocês pegarem as moedas, é como se estivessem roubando os desejos das pessoas, e isso é tão errado quanto roubar o dinheiro delas; o que é contra a lei, aliás, como já falei várias vezes.
As três já haviam sido levadas para o escritório tantas vezes por terem roubado moedas do chafariz que eram conhecidas na sala das professoras como As Três Bandidas.
Flocos abriu a boca para protestar, mas eu a interrompi perguntando:
— O que o Grilo Falante diz sobre desejos?
Rabo de Algodão respondeu na hora.
— Que eles viram realidade quando você deseja para uma *estrela.*
— Não tem nada na música sobre *chafariz.* — Flocos sempre tinha um ponto de vista.
Percebendo que eu jamais conseguiria fazer com que elas brincassem comportadamente, a não ser que caprichasse no suborno — as batatas fritas estavam perdendo o valor de câmbio —, falei:

— Olhe, vocês podem pegar moedas desta vez, mas *só* se prometerem que vão colocar todas de volta quando acabarem. — Os rostinhos se entristeceram, então adicionei entre dentes:
— Ok. Pago de volta para vocês com meu próprio dinheiro depois da escola, suas trambiqueiras.
Os rostinhos se iluminaram de novo. A ideia de catar moedas cheias de lodo do fundo de um velho chafariz dava tanta alegria a elas (porque era *dinheiro gratuito),* que eu tive certeza absoluta de que eram filhas de Paul Slater. Ele amava dinheiro mais que qualquer outra pessoa que eu conhecia.
— Tá bom, agora fiquem quietas e me deixem me concentrar.
Eu me virei e bati com força na porta da sala de aula de Becca. Ninguém havia ligado para avisar que ela ia ficar em casa porque estava doente, o que me surpreendeu. Se o amado diretor de minha escola tivesse quase morrido em minha casa no dia anterior, eu jamais apareceria na aula na manhã seguinte, mesmo que só para evitar perguntas inconvenientes dos outros alunos. Ou essa menina não tinha noção alguma, ou a madrasta queria que ela saísse da casa. Eu suspeitava que a segunda opção era a verdadeira.
Sem esperar resposta, abri a porta e entrei na sala.
— Eu sou Suzannah Simon — falei para a professora, Sra. Temple, que pareceu surpresa. Não a conheci na época em que era aluna. — Sou do administrativo. Preciso que Becca Walters venha comigo. Agora.
Como sempre acontecia quando alguém era chamado à diretoria, a turma inteira começou a fazer barulho. A turma inteira, menos Becca, que estava sentada na penúltima fileira perto da janela com vista para o mar dolorosamente azul. Ela parecia estar dando continuidade à campanha de ser a mais discreta possível. Ainda não havia penteado (nem lavado, ao que parecia) os cabelos, o uniforme servia mal, como sempre, e exibia o mesmo curativo que eu havia feito dois dias antes. Estava cinzento e todo dobrado nos cantos.
Lucia estava ao lado dela com o mesmo rosto solene de sempre. Ao contrário de Becca, a fantasma não pareceu surpresa ao me ver, e seu rosto não ficou corado quando nossos olhares se encontraram.
— Ok, fiquem quietos — disse a Sra. Temple com voz de tédio. — Becca, leve suas coisas, caso você não volte para a segunda aula.
Becca se levantou e pegou os livros com dedos tão trêmulos que foi inevitável que os deixasse cair. Isso fez com que alguns dos meninos falassem coisas mais rudes ainda que antes, e que as meninas rissem e fofocassem.
A Sra. Temple, que parecia apenas um pouco mais velha que eu, não fez nada em relação a isso. Apenas entendeu a interrupção como uma oportunidade de pegar o celular e checar mensagens.

A única pessoa na sala que pareceu um pouco preocupada com Becca — além de mim e da pequena acompanhante fantasma, que estava logo atrás dela — foi Sean Park, o gênio em computação que salvou meu computador. Estava sentado na fileira da frente, olhando para Becca com uma expressão de compaixão e lançando olhares ocasionais cheios de nojo para os colegas de turma.
Eu sentia o mesmo.
Depois de ter certeza de que Becca e sua guarda-costas invisível tinham saído da sala com segurança, eu me virei para olhar a turma. Os alunos ainda estavam eufóricos, e a Sra. Temple ainda checava o celular. Para minha surpresa, vi que ela mandava mensagem para alguém.
Entendo que professores trabalham durante muitas horas e ganham muito pouco. Eu também. Mas fala sério.
— Ei — chamei. Devo ter falado um pouco alto demais, visto que a professora não foi a única a olhar para mim. Minha exclamação chamou a atenção dos alunos também. Todos os olhares estavam sobre mim, então resolvi usar a oportunidade para fazer um breve anúncio. — Caso vocês estejam se perguntando — falei com um sorriso gentil —, eu sou a mesma Suze Simon que derrubou a cabeça da estátua do padre Serra há alguns anos. E se eu escutar qualquer um de vocês falando merda para Becca de novo, vou fazer o mesmo com vocês. Tenham uma ótima manhã.
Bati a porta nas caras estupefatas.
No corredor, Becca me olhou com olhos arregalados.
— O q-que você falou para eles? — perguntou ela.
— Nada. — Continuei sorrindo e passei o braço por cima do ombro dela. — Venha. A gente precisa bater um papo.
Becca resistiu a minhas tentativas amigáveis.
— Não diz que não foi nada — falou ela. — Eu ouvi você falando... você disse alguma coisa sobre mim?
— Não. Você se preocupa demais. — Notei que Lucia estava começando a brilhar com fúria espectral. — Ah, fique calma, Gasparzinho. Só vou conversar com ela. Vá ali brincar com suas três *muchachas*.
Becca olhou para trás, alheia como sempre a companhia fantasma.
— Com quem você está falando?
— É sobre isso que a gente vai conversar. — Acenei para minhas sobrinhas. — Meninas, podem me ajudar aqui?
Elas não precisavam de mais indicações. Flocos foi correndo até Lucia, pegou-a pelo braço e sussurrou alto:
— Minha tia Suze disse que a gente pode pegar as moedas no chafariz!
— Mas temos de colocar tudo de volta — avisou Rabo de Algodão. — É errado

roubar desejos.
— E dinheiro — adicionou Flux. — Mas a tia Suze disse que vai pagar tudo que a gente conseguir pegar, do próprio dinheiro dela. Vamos ficar *ricas.*
Becca ficou olhando para mim como se eu fosse louca enquanto as três meninas — quatro, na verdade, mas ela não conseguia ver a quarta — saíram correndo para o jardim, onde o sol claro da manhã já havia começado a dissipar a neblina pela qual dirigi. A luz reduziu o brilho de Lucia significativamente... embora ela continuasse me dando olhadas solenes, não confiando em mim com Becca... ainda.
Assim que elas chegaram ao grande chafariz de pedra — que naquela hora da manhã ainda não atraía visitantes adultos —, as três meninas vivas tiraram os sapatos e meias, e pularam na água (exatamente como eu havia falado para não fazerem). Até Lucia pareceu tentada. Era difícil acreditar que aquele era o mesmo espírito que, havia duas noites, tentou me afogar.
— Quem são elas? — perguntou Becca, olhando as trigêmeas.
— Minhas sobrinhas — falei. — Trouxe as três para que a gente pudesse conversar. Da última vez, fomos interrompidas, e não foi por um terremoto. Elas estão aqui para que aquilo não aconteça de novo.
Becca parecia mais espantada que nunca.
— Não sei do que você está falando. Mas sei sobre *você.* Minha madrasta me contou...
— Sim, tenho certeza de que Kelly tinha muito a falar sobre mim. — Eu a conduzi pelo braço, e passamos por um dos arcos de pedra. — Bem, eu tenho muitas coisas para falar com você, mas não sobre ela.
Becca parou de andar imediatamente, recusando-se a sair da sombra gelada do corredor.
— A gente não pode ir ali — falou, hesitante, olhando para o jardim quente e ensolarado como se fosse a boca de um vulcão em erupção, e como se ela fosse a missionária infeliz que eu sacrificaria como oferenda aos deuses nativos.
— Pode sim, se estiver acompanhada de um funcionário da escola. E, para sua sorte, eu sou uma funcionária da escola.
Eu a puxei do piso de pedras lisas para o caminho de cascalho que passava pelos vários canteiros do jardim. Ela piscou a caminho do sol com o mesmo cuidado de uma toupeira.
Podia até ser novembro, mas em Carmel esse é um dos meses mais lindos do ano — por isso que Jesse e eu queríamos nos casar em novembro, só que no ano seguinte. Uma explosão de flores ricas em cor — asclépias, buganvílias, azaleias, glicínias e rododendros — formavam fileiras nos caminhos e até nos telhados dos corredores e prédios que circundavam o jardim. As asclépias

haviam atraído borboletas-monarcas, que voavam baixo e preguiçosamente em círculos pelo jardim, como se fossem asas-deltas bêbadas.
Embora as paredes de gesso tivessem 90 centímetros de espessura e os pássaros voando no céu azul chamassem uns aos outros ruidosamente, ainda era possível ouvir o órgão sendo tocado na missa matinal da basílica.
— Sente — instruí Becca, quando chegamos a um ancestral banco de pedra em uma alcova cheia de musgo, não muito longe do chafariz onde as meninas faziam uma zona. Coincidentemente, o banco ficava aos pés da estátua do padre Serra que eu fui injustamente acusada de decapitar.
Talvez fosse por isso que Becca estivesse mais nervosa que nunca quando se sentou.
— Eu só estava brincando quando falei de minha madrasta. Ela só disse que...
— Eu não ligo para o que Kelly fala sobre mim. — Sentei ao lado dela. — Só quero saber o que aconteceu de verdade com o padre Dominic. Mas, primeiro, quero saber o que realmente aconteceu com sua amiga Lucia Martinez.
Becca me encarou como se eu tivesse lhe dado um tapa.
— L-Lucia Martinez? Q-Quem?
— Ah, para, Becca, não me faça de idiota. — Eu já havia aguentado tudo que podia daquela garota. — Você sabe exatamente quem Lucia é. Você gosta do jogo *Médium*? Então, o fantasma de sua amiguinha Lucia a segue há anos. E quer saber como sei disso? Porque sou uma mediadora de verdade, e meu trabalho é mandá-la para o outro mundo.
Becca ficou me olhando sem expressão por vários segundos através das lentes dos óculos.
Depois caiu no choro.

Capítulo 21

Ótimo. Sensacional. Era de se imaginar que depois de todos esses anos eu já tivesse aprendido a dar esse tipo de notícia sem fazer garotas começarem a chorar. Mas não.

Ainda bem que Jesse não estava ali. Era infinitamente mais delicado e paciente que eu e teria me dado uma estrela dentre cinco para essa mediação, só pelos palavrões.

Peguei um pacote pequeno de lenços da bolsa carteiro e o entreguei a Becca. Uma mediadora precisa estar preparada para qualquer emergência.

— Becca — falei. Eu estava feliz pelo som calmante dos devotos cantando hinos na basílica; eles provavelmente manteriam minha voz e os soluços de Becca inaudíveis para as meninas — Desculpe. Não quis ser tão... direta. Sei que deve ser muito novo para você. Mas o fantasma de Lucia a vem seguindo há anos provavelmente desde que morreu.

Becca pegou um lenço e secou os olhos encharcados com dedos trêmulos. Sua respiração saía em soluços curtos e fragmentados.

— Mas... mas como isso é possível? — perguntou ela. — Lucia? Aqui? — Ela olhou em volta do jardim como se esperasse que uma assombração fosse aparecer por trás dos rododendros. — Não acredito em você. Isso é uma piada.

— Não é uma piada, e ela não está ali. Está no chafariz, brincando com minhas sobrinhas. Você não consegue vê-la. Mas acredite em mim, ela está aqui. Vestida com roupa de montaria e segurando um cavalo de pelúcia.

Becca arfou. Alguma coisa que eu falei a tocou. Não sei o que foi, mas ela semicerrou os olhos para o chafariz.

— Como você pode vê-la, e eu não?

— É uma coisa genética. Mas acredite, ela está ali. Foi ela quem destruiu o escritório naquele dia.

Becca se surpreendeu tanto que parou de chorar.

— O q-quê?

— Você ouviu certo. Não foi um terremoto. Lucia não gostou quando eu tentei tocar em você, mesmo que eu só estivesse tentando ajudar. — Os olhos de Becca, por trás das lentes, ficaram tão reluzentes e brilhosos quanto as moedas que as meninas catavam no chafariz e apontavam para o sol.

— O que você pode me contar sobre a forma como Lucia morreu? Ela não tem ajudado muito. Parece só se preocupar com você.

Pela primeira vez desde que a conheci, ela sorriu — de verdade, com o rosto todo. A expressão a transformou, transformando-a de uma menina comum para

outra muito mais interessante que a média... quase bonita.
— Não acredito que ela está preocupada *comigo*. Não entendo, visto que foi ela que... — Becca parou de falar. O sorriso não durou muito.
— É, eu sei, Becca — respondi com calma. — Foi ela que morreu. Mas os mortos não são conhecidos por terem pensamento lógico. Se fossem, eu não teria emprego. Por que Lucia está tão preocupada com você, ainda mais agora, depois de tantos anos depois da morte dela?
— Eu não sei — disse Becca, os olhos se enchendo de lágrimas outra vez. Ela levantou a mão e segurou o pingente de cavalo. — Ou... ou talvez eu saiba. O que aconteceu com ela foi culpa minha.
— Culpa sua? Como foi culpa sua? Sei que estudaram juntas, mas você era pequena quando...
— Ela morreu por minha causa — disse ela, com os cantos das bocas tremendo. — É por isso que eu uso este colar. Para me lembrar de que é minha culpa o fato de ela estar morta, e que eu... que eu tenho de viver a vida por nós duas. Ela era minha melhor amiga.
— Ok — concordei ceticamente —, mas você me falou outro dia que se odeia. Se realmente quer viver a vida por Lucia, talvez seja uma boa começar a viver por si mesma.
Suas sobrancelhas despenteadas se franziram.
— Eu *estou* vivendo por mim mesma.
— Não acho que esteja, Becca. Você não cuida muito bem de si. Pediu para sua madrasta levar você a um médico por causa do corte? Sei que não, porque ainda está usando esse curativo velho horroroso. — Ela tentou esconder o punho de tanta vergonha, mas não tinha nenhum lugar onde pudesse colocá-lo, a não ser cruzando os braços. — Esse negócio vai infeccionar se você não limpar, sabe? E esses óculos? Estão imundos. — Eu os tirei do rosto dela antes que pudesse me deter. Dei uma olhada pelas lentes e fiquei surpresa. — Becca, estes óculos não têm nem grau! O que é isso, um disfarce?
Ela os recuperou rapidamente.
— Não. Por que você está falando todas essas coisas ruins? Achei que você deveria me ajudar. Os óculos me deixam mais confortável.
— Como o quê? A menina que ninguém nunca nota? Olhe, Becca, eu entendo. Seu pai se casou com uma mulher que não é nem dez anos mais velha que você e que parece uma modelo. Eu também me sentiria insegura. Mas não vem querendo que eu acredite nessa palhaçada de viver a vida pela Lucia quando você mal vive de verdade. Agora, por que exatamente Lucia morreu por sua causa; o que, por sinal, eu não acho que seja verdade?
Irritada, Becca jogou os óculos em uma glicínia, incomodando duas borboletas,

que saíram voando indignadas.
— Por que você não pergunta para ela, se realmente se comunica com fantasmas... o que, por sinal, *eu* não acho que seja verdade?
— Já falei, os mortos não são conhecidos por terem pensamento lógico. Lucia mal fala comigo. E tenho quase certeza de que, quando o padre Dominic tentou, ela o jogou escada abaixo.
Becca ficou branca.
— Ai, meu Deus. Peraí, ele...
— Sim. O padre Dominic também é um de nós... e isso quase fez com que ele morresse. Está vendo por que ser mediadora não é o que dizem? Lucia é perigosa, Becca. Não porque é má, mas porque está com medo. Ela sente medo por você. Precisa me contar por quê, para que eu impeça que ela machuque mais alguém.
Becca balançou a cabeça com tanta força que os cabelos bateram nas bochechas.
— Não posso. Você não entende? Eu contei pra Lucia sobre ele, e ela *morreu.*
— Ele? — Fiquei confusa. — Ele quem?
— *Ele* — sussurrou ela. Os olhos não estavam mais cheios de lágrimas apenas. Estavam cheios de medo. — Ele matou Lucia só porque ela ia contar o que ele fez comigo. Se eu tivesse feito o que ele mandou e não tivesse contado a ninguém, ela ainda estaria viva. É por isso que é tudo culpa minha.
Então eu entendi. É claro. *Ele.*
Não tinha sempre um *ele* na história? Eu tinha um *ele.* Por que Becca também não teria?
Só que Paul Slater era apenas um maníaco manipulador não um assassino de crianças.
— Becca, tudo bem. — Segurei o braço que não estava machucado. — Você não fez nada de errado. Me fale quem é. Ele não pode mais machucar vo....
— Como assim? — Ela afastou o braço. — É claro que pode Ele fez com que a morte de Lucia parecesse um acidente. Pode fazer a mesma coisa comigo, ou com você, com a mesma facilidade. — A voz dela estava rouca de tanto choro e desespero. — Você acha que eu não escuto isso praticamente minha vida toda? "Acidentes acontecem." Mas o que aconteceu com Lucia não foi um acidente. Não tenho como provar, mas eu sei.
— Então me conte. Me conte para eu poder resolver tudo
— Você não *pode.*
— Posso, sim, Becca.
Ouvi um sinal tocando e alunos começarem a sair de suas salas para o corredor, indo do primeiro tempo para o segundo. Torci para que Becca não notasse.
— Não posso trazer Lucia de volta à vida, Becca — sussurrei de forma urgente.

— Mas posso talvez dar um pouco de paz a ela, e ajudar você a ter a vida que merece. Mas só se você me ajudar. *Por favor.*
Ela não olhava para mim. Encarava o chafariz, passando o dedo no pingente de cavalo em seu pescoço.
— Ele deve ter assustado aquele cavalo de propósito, depois cavalgado atrás de Lucia e a matado quando estava longe o suficiente do grupo e ninguém conseguia mais ver. — As lagrimas corriam pelas bochechas até a blusa branca do uniforme Ela nem tentou secá-las. — Ela era boa em montaria, a melhor de nós, mas seu cavalo tinha medo de cobras: todos os cavalos têm, mas o dela tinha mais, e se alguém deixou alguma coisa na trilha que se parecia com uma cobra... — Ela tremeu.— É isso que acho que ele fez. E aí só teve que seguir ela e....
— Por quê, Becca? — perguntei. — Por que ele faria isso com Lucia?
Ela fez que sim com a cabeça, tomando consciência das lágrimas. Pegou um lenço do pacote que dei para ela a fim de secar os olhos e assoar o nariz.
— É por isso que é culpa minha. Foi tão idiota. Simplesmente escapou. Ela viu que eu tinha uma barra de chocolate e queria saber onde eu conseguira, porque a gente não podia comer doce na escola, e eu, que nem uma idiota, falei que *ele* tinha me dado. E aí ela falou que queria doce também e que ia pedir a ele. Aí eu percebi o que tinha feito, porque é claro que ele me falou que coisas horríveis iam acontecer se eu contasse para alguém. Então eu fiquei com medo porque não queria que ele fizesse com ela o que fez comigo, mesmo que depois ele tivesse me dado doce. Aí falei para ela que não podia contar a ninguém sobre o doce, nem sobre ele, e ela quis saber por quê, e então...
— Você contou a ela.
— I-Isso.
Eu já devia estar acostumada. Esse tipo de história era tão tragicamente comum que não devia me surpreender mais.
No entanto, sentada ali em um dos lugares mais quentes, ensolarados e pacíficos do mundo, celebrado na internet inteira por sua beleza e seus benefícios altamente meditativos, ouvindo a risada de minhas sobrinhas e o som dos hinos sendo tocados na basílica, de repente senti frio.
Viver no vale da sombra da morte deve ter sido exatamente assim para Jesse. Frio, escuro, sem luz do sol para aquecê-lo. Senti uma vontade enorme de pegar o celular e ligar para ele, só para ouvir sua voz. Não podia fazer isso na frente de Becca. Ela não tinha para quem ligar.
— Então Lucia disse que ia denunciá-lo?
— Isso — confirmou Becca, com a aparência mais infeliz que um ser humano pode ter. — Ela era assim, sabe? Sempre tomava a frente das coisas. Não era

exatamente mandona, mas... quero dizer, era mais ou menos.
Pensei na sensação das mãos de Lucia em volta de minha garganta. Mandona era uma maneira de descrevê-la.
Os olhos de Becca estavam transbordando.
— Fui tão burra. Eu me lembro de me sentir aliviada. Eu me lembro de pensar "Bem, Lucia vai falar, e aí vai ficar tudo bem." Mas em vez disso... — Ela parou subitamente.
Não precisava continuar. Eu sabia o que tinha acontecido.
Toquei os dedos dela, que estavam rasgando o lenço de papel nervosamente.
— Qual era o nome dele, Becca?
Ela se sacudiu toda, parecendo sair da sombra escura para onde foi temporariamente.
— Q-Quê?
— O nome dele. O homem que... dava chocolate para você.
— Ah. — Ela teve de pensar. Refletiu por um bom tempo, observando duas borboletas voando juntas. — Jimmy, eu acho. Era como todo mundo o chamava. Jimmy. — Ela falou o nome com um tom de desculpas, como se fosse algo vulgar que não queria ter sido forçada a dizer na minha frente.
— Você se lembra do sobrenome dele?
— Desculpe. Não lembro... não consigo... Ele era alto. Eu me lembro disso. Mas não consigo me lembrar de mais nada em relação a ele.
Ela se lembrava, mas não se permitia ter acesso às lembranças. Devia ter bloqueado tudo, assim como o nome dele, da mesma forma que todos nós tentamos bloquear nossas piores memórias de infância.
— Tudo bem, Becca. Você contou a mais alguém, além de Lucia, sobre ele?
Ela arregalou os olhos.
— Não, claro que não. Não depois... Não depois do que aconteceu a Lucia. Não contei... não podia...
— Eu entendo. — Ela não queria ser a próxima vítima de assassinato.
— Parei de montar depois disso para não o ver mais — falou rapidamente. — Ele trabalhava no estábulo. Acho que era um ajudante, sei lá. Fazia outros trabalhos na escola também.
Ele. Becca não falava o nome.
— Eu tentei evitar o estábulo o máximo que pude. Mas aí um dia... aconteceu. A irmã Regina Claire fez a turma toda ir até lá e deixar um arranjo de flores para Lucia. E *ele* estava lá. Veio e perguntou se podia falar comigo, e eu tive de dizer que sim, sabe, porque teria sido estranho se eu falasse que não. Mas eu sabia que ele não podia fazer nada porque todos estavam olhando. Enfim, ele sussurrou que era uma pena o que tinha acontecido com Lucia e com o cavalo dela, e que

seria uma pena maior ainda se algum dia eu contasse para outra pessoa sobre... sobre o que a gente fez, porque o que aconteceu com Lucia poderia acontecer com meus pais, ou com Shasta, minha égua.
Senti uma onda de raiva quando ela mencionou o cavalo, mesmo que não fosse a primeira vez que eu ouvisse coisa do tipo. Abusadores geralmente ameaçam machucar membros da família e animais de estimação para controlar as vítimas. Sabem que crianças se preocupam mais com quem amam que com a própria segurança pessoal, e que os animais geralmente são tão amados quanto membros da família.
— O que mais ele falou? — perguntei. Estava difícil manter a voz firme.
Becca deu de ombros, cutucando o curativo que eu havia feito, tentando levantar a fita adesiva em um dos lados onde havia perdido a cola.
— Só que ele sabia onde eu morava. Que seria uma pena se um dia meu pai estivesse dirigindo para o trabalho, ou minha mãe indo ao mercado, e o freio não funcionasse, e um deles acabasse em um acidente terrível...
Segurei os dedos dela antes que ela destruísse o curativo completamente, revelando as marcas profundas que havia feito no começo da semana.
— Tudo bem, Becca — falei da maneira mais gentil que podia. — Eu entendo completamente por que você não contou para ninguém.
— Eu devia ter contado. — Sua voz estava baixinha. — Se tivesse, Lucia ainda estaria viva.
— Talvez — falei, e segurei sua mão com mais força. — Ou talvez vocês duas estivessem mortas.
— Talvez fosse melhor assim — disse ela com frieza, olhando para o curativo.
— Talvez fosse melhor que isso.
— Não. — Segurei a mão dela com força e pensei na escuridão nos olhos de Jesse. — Não seria. Acredite em mim.
— Sou uma covarde. — As lágrimas correram de novo, quentes e ligeiras, caindo nas nossas mãos entrelaçadas. — Uma covarde idiota e fraca. Fiz com que meus pais vendessem Shasta. Falei que não gostava mais de cavalos, o que não é verdade. Eu amo. Só... achei que Shasta ficaria mais segura vivendo em outro lugar. Eu até... isso vai parecer loucura, mas eu ainda acho que vejo *ele* no centro da cidade de vez em quando, sabe? Mal me lembro de sua aparência, mas ainda acho que o vejo em todos os lugares que vou. E sabe o que eu faço quando acho que vi? Eu me escondo. Mesmo que seja só atrás de uma parede ou de um carro estacionado. Sou tão idiota!
Ela tentou rir de si mesma, mas apenas engasgou. Meu coração doeu por ela quando me lembrei da palavra que havia talhado no braço.
— Você não é idiota, Becca — falei. — Você era uma criancinha que foi

traumatizada e fez o que pôde, dentro de seus limites, para se proteger e proteger as pessoas que ama. — Apertei as duas mãos dela com carinho. Quando senti que estavam finalmente calmas, eu as soltei. — O que eu não entendo, Becca, é que se você continua o vendo, por que ficou? Por que não se mudou pra Nova York com sua mãe, onde ficaria segura?

Ela piscou para mim como se não acreditasse que alguém pudesse fazer uma pergunta tão idiota.

— Mas e meu pai? Ele não pode ir embora porque a empresa fica aqui. Então eu tenho que ficar para ter certeza de que *ele* está bem.

Claro. Lógica infantil inquestionável. Becca mal podia tomar conta de si mesma, mas ainda achava que era papel dela proteger seu pai do homem que matou a amiga.

— Tá bom, Becca — falei. — Entendi. Agora eu entendo por que você acha que tem de se punir cortando o braço. Mas chega, ok? Jimmy nunca mais vai conseguir machucar você nem ninguém mais.

Ela virou o rosto cheio de lágrimas para mim.

— Sério? Por que não?

— Porque você contou para mim — respondi. — E eu sou uma mediadora.

Capítulo 22

Quando prometi que ia impedir que o assassino de Lucia machucasse outra pessoa, talvez tenha forçado a barra um *pouquinho.*

Sei que Becca falou que tinha a impressão de tê-lo visto na cidade, e sempre havia uma pequena chance de ser verdade. Mas achei que era mais provável que isso fosse um sintoma do estresse pós-traumático, sua reação de fuga ou luta — e o fato de Lucia estar sempre pendurada nela como um estorvo — desencadeando um alarme falso. Becca deve ter visto alguém que se parecia com Jimmy, e, incapaz de perceber se a ameaça era real ou não, seu corpo reagiu automaticamente, com níveis de batimentos cardíacos, respiração e estresse aumentando conforme ela tentava evitá-lo.

Qualquer pessoa que tivesse vários encontros desses, reais ou não, começaria a ficar maluca.

Era provável que Jimmy tivesse se distanciado bastante da cena do crime nos nove anos que se passaram desde a morte de Lucia. A chance de ele ainda estar numa área próxima era quase zero, e minha chance de conseguir rastreá-lo era menor ainda... não sem seu sobrenome e muita sorte.

E não acredito em sorte.

Bem na hora que eu ponderava sobre isso, Becca ergueu o olhar da pilha de lenços de papel que ela havia massacrado, e franziu o cenho para o pátio banhado de sol. — Aquela é a irmã Ernestine?

Olhei para a mesma direção. A freira estava parada embaixo do portal do corredor mais próximo, os braços cruzados por cima do peitoral largo, olhando para nós com uma expressão de desaprovação... ou melhor: olhando para as trigêmeas, que ainda estavam ocupadas pegando moedas do chafariz, seus corpos mais dentro d'água que fora.

Flagra.

— Ah, é — falei com calma, e acenei para a irmã Ernestine. — Não se preocupe. Errado. Preocupação. Várias e várias preocupações.

Becca evidentemente percebeu minha inquietação, pois puxou as mãos para longe das minhas e perguntou:

— Você não vai contar nada disso a ela, vai?

— Não, se você não quiser. Mas acho que devia contar para seus pais, Becca. Você passou por uma coisa realmente terrível e, de alguma maneira, conseguiu lidar com ela muito bem, ainda mais sendo tão nova... — Eu a vi estufar o peito ligeiramente diante do elogio, como uma flor se banhando ao sol. A confiança da coitadinha estava em ruínas, e dava para entender por quê. Vivia em estado de

terror havia anos. — Mas você devia mesmo conversar com um profissional de saúde mental...
Ela me olhou, horrorizada.
— Eu *falei* com uma profissional! Você.
— Eu não sou profissional, Becca. Ainda estou na faculdade. Sou apenas estagiária aqui na...
— Mas você é mediadora!
Dei uma olhada na irmã Ernestine.
— Mais baixo, ok? Isso é para ficar entre mim e você. E eu faço mediações para os mortos. Você está viva, Becca.
— Não posso. — Ela balançou a cabeça. — Não posso falar para mais ninguém. Eu fiz isso uma vez, e.... e acabou em desastre.
— Espere um segundo. — A irmã Ernestine havia decidido que meu aceno foi casual demais para seu gosto e começara a atravessar o pátio em nossa direção. Fiquei sem saber com quem ela ia berrar primeiro, se com as trigêmeas ou comigo. Se fosse com as trigêmeas, e a irmã assustasse Lucia, ela ia receber uma boa, e provavelmente dolorosa, surpresa. Eu precisava tira-la daquela reta antes que isso acontecesse, mas também precisava ouvir o que Becca diria, pois parecia uma informação vital.
Felizmente, a irmã E não estava no auge de sua forma física e mancava mais que caminhava. Levava aproximadamente uma vida inteira para chegar aonde queria.
— Quando perguntei se você contou a mais alguém, Becca, você disse que não...
— Não contei. Jurei que jamais contaria. Mas, no segundo ano na Sagrada Trindade, os alunos foram levados a um Rito de Reconciliação... Sabe, a confissão, na cabine e tudo? E eu achei que, como era anônimo e o padre não podia me ver, eu podia contar para *ele* o que tinha acontecido.
Olhei para ela e pisquei.
— Peraí. Você contou para um *padre* da Sagrada Trindade sobre Jimmy?
Ela fez que sim.
— Pensei que... sei lá, achei que confessar para um padre não era a mesma coisa que denunciar. Eles não podem falar o que escutam no confessionário para a polícia, né?
— É — respondi, ainda em choque. — A confidencialidade do confessionário é absoluta. — Eu sabia disso porque estudei dois anos em escola católica e passei oito convivendo com um padre que por acaso é quem faz as confissões de meu namorado. Ele nunca me contava nada do que haviam discutido, por mais que eu fizesse chantagem. — Você contou *tudo* para o padre?
— Contei. Mas não foi nada do jeito que eles disseram que seria na aula de religião. Sabe quando você está lá e ver o rosto do padre por aquela janelinha,

mas o padre não vê o seu, a não ser que você deixe?
Não sou católica, portanto nunca me confessei, mas tinha visto aquilo na TV.
— Claro.
— Então, depois que eu comecei a contar tudo, ele abriu a cortininha para ver meu rosto. E ainda perguntou meu nome. Eles não devem fazer isso, não é?
De repente, eu não estava mais prestando atenção no progresso da irmã Ernestine. Toda a minha atenção estava focada em Becca.
— Não, não devem. O que aconteceu depois?
— Bem, o padre falou que eu ia queimar no inferno por ter contado tantas mentiras, e que a única maneira de eu ser salva era se eu fosse à sacristia depois da escola para que ele pudesse me dar lições de fé pessoalmente...
Soltei um palavrão tão pesado que não choquei apenas Becca.
— Srta. Simon! — A irmã Ernestine estava a apenas alguns metros de distância, o véu flutuando atrás dela. — Posso, por favor, ter uma palavrinha com a senhorita?
— Um minuto, irmã. — Olhei para Becca e falei: — Preciso do nome desse padre.
— Não em um minuto, Srta. Simon. *Agora.* A missa vai terminar em um instante e não vou permitir...
— Becca. *Qual era o nome dele?*
— Ai, para quê? — Becca estava com os dois punhos sobre a boca com uma expressão de consternação. — Que diferença faz? Nunca fui nas drogas das lições de fé. Fiquei com muito medo. Voltei para casa naquele dia e falei para meus pais que odiava a Sagrada Trindade e que nunca mais ia voltar porque as meninas eram más, então meus pais deixaram que eu me transferisse para...
Graças a Deus. Os pobres pais sem noção da menina haviam feito pelo menos uma coisa certa.
— Preciso do nome do padre *agora*, Becca.
— Por quê? Fiz besteira? Você vai falar com ele?
— Não, você não fez besteira. E, se eu falar com ele, não vou mencionar você. Agora, *qual era o nome dele?*
— Padre Francisco — sussurrou Becca, olhando para o próprio colo. Estava coberto com tiras de papel que ela rasgou de tanto nervoso. — Foi o padre Francisco.
— Obrigada. — Antes de me levantar, com cuidado, peguei os óculos que ela havia jogado nas flores. Com a voz mais alta, falei: — Bem, acho que podemos parar por hoje, não acha, Becca? Becca e eu estávamos só conversando sobre *A Letra Escarlate*, irmã Ernestine, que ela está lendo para a aula de inglês.
— Estavam? — perguntou a irmã Ernestine, que estava ofegante quando

finalmente chegou ao nosso lado. — Não sabia que você agora fazia sessões de tutoria no jardim.
— Acho que é uma mudança refrescante. Alguns estudos mostram que a exposição à natureza faz com que as pessoas se sintam mais energizadas, o que aumenta a sensação de bem-estar, causando uma maior retenção de informações.
— Isso pode muito bem ser verdade. — A irmã Ernestine olhou para Becca com a mesma intensidade de laser que sempre vejo nos olhos de Romeo quando mostro um pedaço de fruta. — Mas não seria muito bom para a Srta. Walters se ela se atrasasse nos estudos, e o sino para o segundo período já tocou, então acho que é melhor ela voltar para a aula.
— Ah, sim, claro. Foi bom falar com você, Becca. Lembre-se de tudo que falei. Você devia mesmo pensar em bater um papo com seu pai. Talvez com sua madrasta também. Ela não é de todo mal. — É claro que eu não tinha certeza em relação à última parte, mas me pareceu algo que um terapeuta diria.
Becca me olhou, desconfiada, enquanto juntava seus pertences.
— Tá bom. Talvez eu fale. Obrigada, Srta. Simon.
— Não esqueça isso. — Dei os óculos a ela.
— Não, tudo bem — respondeu Becca. — Não preciso deles. — Ela não usou a palavra *mais*, porém ela ficou no ar, como uma das várias borboletas-monarcas de asas douradas e negras.
Ela se virou e saiu andando. Com certeza era fruto de minha imaginação, mas ela pareceu um pouco mais alta que antes.
Caso fosse, provavelmente seria algo temporário. Ela havia passado por tanta coisa. Jamais "viraria a página", uma expressão à qual alguns pacientes se prendiam como se fosse um colete salva-vidas. *Quando eu vou* virar a página *e não ter mais essa sensação debilitante de ser responsável pelo assassinato de minha melhor amiga, doutora?* Não havia como *virar a página* e esquecer o que Becca viveu. *Seguir em frente* era a expressão que a Dra. Jo gostava de usar.
O que era engraçado, porque era a mesma expressão usada por mediadores.
— O que foi *isso*? — falou a irmã Ernestine com o canto da boca para que, se Becca olhasse para trás, não visse que estávamos falando sobre ela.
— A senhora não acreditaria. — Pelo menos isso era verdade. — Caso eu pudesse contar, mas não posso. Ela me vê como conselheira, então tenho a obrigação profissional de manter tudo o que ela me contou em sigilo.
— Hummm — disse a irmã Ernestine, ainda olhando para Becca, que seguia pelo jardim. — E a senhorita sabe de sua obrigação profissional de não falar palavrões e não ameaçar nossos alunos e docentes, Srta. Simon? Porque a Sra. Temple acabou de fazer uma reclamação contra você por esses motivos. Parece que a senhorita aterrorizou a turma de geometria no primeiro tempo, hoje de

manhã.
Engoli em seco.
— Sei também que há uma exceção à regra da confidencialidade entre aluno e conselheiro: quando o conselheiro fica sabendo de uma situação que pode colocar outros alunos em risco.
As sobrancelhas pálidas da irmã Ernestine se ergueram.
— Outros alunos? Que outros alunos? Por favor, não me diga que tem a ver com Sean Park. Sei que ele e Becca Walters formam dupla no laboratório de química. Aquele menino é inteligente demais. *Sabia* que ele estava aprontando alguma coisa. Srta. Simon, nós não podemos bancar esse tipo de coisa, não depois do que aconteceu com o padre Dominic ontem na casa daquela menina. O pai dela é um de nossos doadores principais.
— Não, irmã. Não tem nada a ver com Sean Park, nem com a escola. Quão bem a senhora conhece o padre Francisco da Sagrada Trindade?
Eu não fazia ideia do que a irmã Ernestine fazia nas horas vagas, mas esperava que não fosse jogar pôquer, porque ela tinha a expressão mais decifrável do mundo. Assim que falei o nome dele, a boca da irmã se contorceu como se ela tivesse mordido a comida mais azeda do universo.
Eu devia ter adivinhado. Até a irmã Ernestine tinha um *ele.* Talvez todas as mulheres solteiras do mundo tenham um *ele.* E homens também. Eu tive o desprazer de conhecer o *ele* de Jesse uma vez.
— Nossa — falei —, é ruim desse jeito?
Ela abrandou a feição imediatamente.
— Então você não estava discutindo livros com a Srta. Walters, no final das contas.
— Não. Então, o padre Francisco. O que a senhora sabe?
A irmã Ernestina parecia incomodada.
— Não vou discutir meus sentimentos pessoais em relação a outro educador com uma estagiária. Ainda mais quando três alunas minhas estão mergulhadas até os joelhos no chafariz que vem sendo preservado desde o século XVIII...
Dei uma olhada para as meninas.
— Elas estão se divertindo horrores.
— Eu me preocupo com o *chafariz,* Srta. Simon, e não com suas sobrinhas.
— Olhe, irmã, me desculpe — falei, correndo atrás dela em direção ao chafariz. Quando queria, a irmã conseguia andar bem rápido. — Mas Becca está passando por um momento bem difícil. Ela nunca contou a ninguém, nem mesmo para os pais, o que acabou de contar para mim. Estou torcendo para que ela escolha falar tudo voluntariamente. Mas, caso não fale, vou precisar de algum tempo para juntar informações antes de poder fazer uma denúncia.

— Fazer uma denúncia? — A irmã olhou para mim intensamente. — Contra o padre Francisco?
— Bem, ele definitivamente está envolvido na história. Eu estava pensando em dar uma sondada na Sagrada Trindade para pegar mais informações... mas não se preocupe, por favor — adicionei rapidamente —, não vou falar que tenho vínculos com a Academia da Missão. Devo precisar do resto da tarde, no entanto.
Para minha surpresa, a irmã Ernestine disse um "claro, tudo bem" com a mesma casualidade que usaria caso eu tivesse pedido uma caneta emprestada.
O choque foi tão grande que fiquei sem saber o que falar por alguns instantes. A irmã usou o espaço para continuar, com tom severo:
— Mas não se esqueça de que não denunciar um ato de abuso infantil até 36 horas depois de se tomar conhecimento de tal pode resultar em multa, seis meses na cadeia, ou ambos. É o Código Penal do Estado da Califórnia. Então, se aquela menina *falou* alguma coisa sobre o padre Francisco, ou qualquer outra pessoa, você tem a obrigação de dar queixa. Só porque o homem é bonito e padre não quer dizer que vamos acobertá-lo. Estou no comando, agora que o padre Dominic está no hospital, e o que eu falo precisa ser feito.
E com esse discurso extremamente chocante, ela se virou para berrar com uma força impressionante:
— Vocês aí! Emily, Emma e Elizabeth Ackerman! Fora do chafariz neste instante!
As meninas saíram tropeçando imediatamente do chafariz. Eu teria feito o mesmo. Sabia muito bem como era receber os comandos da irmã; eram como chicotadas.
O que não me era familiar era ser aliada a ela. Mas, de repente, era isso que eu era. E eu não sabia por quê.
Mas gostei da sensação.
— Irmã — falei —, obrigada. E não se preocupe comigo. Vou dar um jeito nesse negócio com o padre Francisco, seja lá o que...
— Vai, sim. Se eu voltar aqui em cinco minutos e ver qualquer uma de vocês neste pátio — gritou a irmã Ernestine enquanto ia embora —, vocês não vão ter intervalo nenhum até o final do dia. Entenderam?
Nossa. Freiras são duronas. Mas talvez precisem ser.
As meninas, apavoradas, começaram a calçar suas meias e seus sapatos. Lucia, que não se deu o trabalho de tirar as botas de montaria, procurou Becca. Quando viu que ela não estava ali, começou a parecer aborrecida... até que me viu. Viu também que a irmã Ernestine estava se afastando, indo em direção ao prédio onde as aulas aconteciam. Lucia veio correndo até mim.

— Você e Becca terminaram de conversar? — perguntou, quando chegou ao meu lado.
— Hum — respondi, ainda olhando para a irmã Ernestine. — Terminamos. Foi uma boa conversa. Becca me contou como você morreu.
Esperei para ver que tipo de reação ela teria, mas fora um pequeno franzir da boca, que já era pequena, ela não fez nada. Senti que era tranquilo continuar falando.
— Eu vou tentar achar o homem que machucou você, Lucia. Sei que não quer que ele machuque Becca, nem mais ninguém. Você faz alguma ideia de onde ele está?
Lucia pensou um pouco, então finalmente disse:
— Na floresta. Ele me jogou naquele riacho. Eu machuquei a cabeça. — Ela olhou para mim e piscou de maneira acusativa. — Ele ainda deve estar na floresta... se ao menos alguém fosse procurar...
Se ao menos alguém fosse procurar. Os fantasmas — especialmente se morreram enquanto jovens — costumam ficar confusos em relação ao tempo, acreditando que tudo parou depois de sua morte. Para Lucia, Becca sempre teria 7 anos, e o assassino sempre estaria no lugar onde ela morreu, assassinando-a várias e várias vezes.
Ninguém merecia existir dessa forma.
Mas era a isso que Paul achou que Jesse merecia ser condenado, pelo simples crime de ter impedido que ele conseguisse o que queria: eu.
— Está bem, Lucia — falei. — Obrigada. Vou encontrar Jimmy e fazer com que ele nunca mais incomode Becca. Está bem?
Eu não tinha como saber se isso ia dar certo. Só podia torcer que sim.
Lucia pareceu aceitar minha promessa. Fez que sim com a cabeça. Afinal de contas, o único foco dela era Becca. E, por algum motivo, a paternidade de minhas sobrinhas.
— Tome. — Flocos colocou uma quantidade grande de moedas encharcadas em minha mão, que eu fui idiota de esticar quando ela falou *tome*. — Acho que são uns 45 dólares.
— Não são, não. Alguma de vocês, por favor, tire isso de mim. É muito nojento.
— Duzentos dólares? — perguntou Flux, unindo as mãos em concha para que eu pudesse transferir as moedas para elas.
— Não — falei. — Não chega nem perto.
— Trezentos milhões de dólares! — berrou Rabo de Algodão.
— Não. Por favor, pare de berrar.
— São sete dólares e 65 centavos — disse Lucia. — Já contei.
— Tudo bem. Agora vão lá e coloquem tudo de volta. Eu dou os sete dólares e

65 centavos mais tarde; se vocês conseguirem dividir esse valor entre vocês, o que duvido muito.
As irmãs gemeram, mas eu as escutei concordando que era a coisa certa a se fazer enquanto Lucia as guiava de volta ao chafariz.
— Porque — lembrou a fantasminha com seriedade — é pecado roubar os desejos das pessoas.
Também é pecado roubar a vida das pessoas. E eu estava determinada a fazer com que a pessoa que roubou a dela pagasse por isso.

Capítulo 23

— Não entendo por que você não me deixa espancar esse padre até ele confessar — disse Jesse. Estávamos no carro dele, esperando em uma fila na entrada de visitantes que dava acesso à 17-Mile Drive. — Seria mais rápido.
— Hum. — Abaixei o quebra-sol para checar o brilho labial no espelhinho. — Porque estamos nos Estados Unidos do século XXI e não quero que a gente vá para a cadeia?
Não dava para decifrar a expressão dele porque estava de óculos escuros. O sol da tarde nos tostava. O carro de Jesse era uma BMW conversível, um empréstimo de Jake, que decidiu que precisava de um carro com mais espaço para que pudesse transportar a prancha de surfe, Max e qualquer menina que estivesse saindo com ele, tudo ao mesmo tempo. Fez um upgrade comprando uma caminhonete da Mercedes Bens para que Brad ganhasse a comissão.
De qualquer maneira, eu não precisava decifrar a expressão nos olhos de Jesse. Conseguia ouvir a reprovação em sua voz.
— Não sei como acha que alguém vai conseguir identificar e prender você — disse ele. — Ninguém vai reconhecê-la depois que tirar essa fantasia.
— Fantasia? — Olhei para mim mesma. Estava usando um conjunto de blazer e saia preta que havia comprado meses antes na Saks de São Francisco, por cima de uma camisa branca arrumadinha. — Isto não é uma fantasia. Comprei esta roupa há meses para ir a entrevistas de emprego. — E funerais.
Eu só esperava que o próximo não fosse o de Jesse.
Eu o convidei para me acompanhar à Sagrada Trindade para que ficasse ocupado e não soubesse que Paul Slater estava de volta na cidade, e por quê.
Eu havia dirigido até a Pine Crest Road antes de ir para casa, depois do trabalho, mas a casa estava cheia de inspetores com capacetes. Não teria como entrar de fininho para colocar sal antes de meu jantar no Mariner's naquela noite.
Um aviso enorme, que dava para ler da rua, havia sido colocado na porta:

AVISO: NÃO ENTRE
— DEMOLIÇÃO EM ANDAMENTO —
INTERESSADOS EM CONSERVAR IMÓVEL
CONTACTAR PROPRIEDADES SLATER

Havia um telefone escrito com canetinha embaixo da mensagem.
O aviso — e os homens de capacete — significavam que era verdade. Paul não estava blefando. Não que achei que estivesse, mas...

— E os óculos? — perguntou Jesse, interrompendo meus pensamentos.
Olhei para meu reflexo no espelho. Eu havia trocado os óculos escuros pelos óculos sem grau que Becca abandonou no jardim.
— Ah, estes. É para me deixar com cara de mãe. Você não acha que me envelhecem?
— Sua mãe não usa óculos. Nem sua cunhada. E também não penteiam o cabelo desse jeito. — Coloquei a mão na cabeça. Havia me esquecido do penteado cheio de laquê que eu havia feito quando voltei ao apartamento para trocar de roupa.
— Precisamos parecer ricos o suficiente para poder mandar nossa filha para uma das escolas particulares mais caras do país, Jesse — expliquei. — É assim que vamos entrar na Sagrada Trindade e perguntar sobre o tal Jimmy. Eles não deixam qualquer pessoa entrar em escolas hoje em dia, sabia?
Jesse sorriu.
— Mães ricas penteiam o cabelo assim? E usam óculos de que não precisam?
— Ninguém vai saber que não preciso deles — falei. — E o mais importante é que ninguém do distrito escolar vai me reconhecer com essas coisas horrorosas.
— Então é por isso que estamos em meu carro, e não no seu. Eu estava me perguntando o motivo.
— Exatamente. Nenhum pai que pode pagar a Sagrada Trindade dirigiria meu carro. Lembra de nossos nomes?
Pela maneira como ele inclinou a cabeça, tive a certeza de que estava revirando os olhos.
— Dr. e Sra. Baracus. É para eu ser grego?
— B. A. Baracus não é grego. É um personagem do *The* A-*Team*, um programa de TV, interpretado por um homem chamado Sr. T. — Jesse fez uma expressão de reprovação. — Não se preocupe — falei logo. — É muito antigo, ninguém vai lembrar. Quero dizer, tem um filme, mas tive de improvisar. Não achei que fosse conseguir marcar uma visita privada assim tão rápido. Mas... e daí? Deu certo, não deu?
— E se eles decidirem procurar por um Dr. Baracus na internet?
— Só vão encontrar que a palavra *baracus* significa maus modos. Tem uma espécie de justiça poética nisso, não acha?
— Acho, considerando que tenho todos os instrumentos necessários para dar uma surra nesse padre aqui no porta-malas — disse ele, olhando para a placa do Lexus que estava na nossa frente: CARMEL1. — Tudo que Jake tinha na casa pra subjugar um invasor...
Eu me virei para ele, chocada.
— Jesse, não! Ninguém vai bater em ninguém para arrumar confissão alguma.

Estamos numa missão para encontrar fatos, *apenas.*
Ele ajustou as mãos sobre o volante, os ombros largos se projetando por debaixo do terno escuro.
— Eu acho que a gente poderia descobrir mais fatos, e mais depressa, se algemarmos o padre em um radiador, depois encharcarmos ele e dermos vários choques com o taser de seu meio-irmão.
Você não pode tirar a escuridão do garoto.
— Eu também odeio assassinos de criancinhas, Jesse, mas que tal uma abordagem mais sutil que não vai fazer com que eu e você sejamos indiciados por agressão?
— Seus modos — disse Jesse — realmente não fazem jus ao nosso nome, Sra. Baracus.
— Só estou pedindo que você pense em nossa querida filha, meu amor, a adorável pequena Penélope.
Ele balançou a cabeça.
— Nenhuma filha imaginária minha vai se chamar Penélope.
Mordi o lábio para não dizer que essa criança imaginária talvez fosse a única que viríamos a ter. Para quê? Se Jesse estava disposto a prender um padre em um radiador, eu só conseguia imaginar o que faria com Paul.
— Você não colocou essas coisas todas no porta-malas de verdade, colocou? — perguntei.
— É claro que sim. Junto com o rifle .22 de Brad.
Quando viu que eu mal podia acreditar, deu de ombros.
— O que eu ia fazer com ela? Ele queria caçar guaxinins ontem à noite, lembra? Eu tive de esconder a arma dele em algum lugar.
— Então você resolveu trazê-la hoje? Que ótimo, Jesse. Maravilhoso. — Dei uma olhada no segurança armado que estava checando cada carro antes de coletar o pedágio e mandar que seguissem viagem. A 17-Mile Drive, única via que dava na Sagrada Trindade, era uma estrada estadual, passando pela praia Pebble e pela costa do Pacífico. A possibilidade de ver leões-marinhos e lontras-marinhas tomando sol na praia ao longo da estrada era a mesma de ver mansões de vinte milhões de dólares.
É claro que, se você não era residente, tinha de pagar pelo privilégio de usar a estrada — a taxa atual era de dez dólares —, a não ser que você tivesse um passe de convidado, o que, como pais de uma possível aluna da Sagrada Trindade, nós tínhamos.
— Preciso lembrar que você *não* é o Dr. Baracus de verdade, mas apenas um estudante de Medicina e ex-fantasma, com identidade falsificada? — perguntei a Jesse.

— Na verdade — disse ele, abaixando os óculos escuros para olhar para mim —, sou residente de Medicina, e não estudante. E por que você está de repente tão preocupada com os meus documentos de identidade, Sra. Baracus?
— Só estou me perguntando se dirigir com uma espingarda, algemas e armas de choque no porta-malas de uma BMW, que nem é tecnicamente sua, é tão boa ideia assim.
— Está com medo de eu ser selecionado por causa de minha cor na 17-Mile Drive? *Nombre de Dios*, Suzannah. — Jesse estalou a língua. — Você confia tão pouco assim na humanidade?
Dei uma risada de escárnio.
— Nada do que tenho escutado recentemente tem ajudado a retomar essa confiança.
Ele sorriu e reposicionou os óculos.
— Vou precisar dar um jeito nisso mais tarde. E enfim, não sou mais Jesse de Silva, residente de Medicina, sou Dr. Baracus, cirurgião plástico bem-sucedido, pai de Penélope, lembra? Eles jamais checariam o porta-malas *dele* para ver se encontram instrumentos de tortura.
— Engraçadinho. — Nada daquilo estava me parecendo tão engraçado assim. — Então você vai fazer plantão no hospital a noite toda?
— A partir das cinco — disse ele. — Talvez a gente possa jantar junto antes disso se eu terminar de torturar o padre logo, e aí eu posso começar a restituir sua fé na humanidade.
— Claro. — De maneira nenhuma ia mencionar que já tinha planos para o jantar.
— Mas a gente não vai torturar o padre. Meu Deus, dá para essa fila ser maior?
— Por que você está tão tensa, Suzannah? É uma tarde perfeita de sexta-feira em Carmel-by-the-Sea. Todo mundo veio passar o fim de semana, curtir o clima e dirigir com uma vista linda ao longo da costa. Você devia estar satisfeita por morar aqui e poder passar por essa estrada com seu futuro marido sempre que quiser.
Eu lhe lancei uma olhada de esguelha. Será que David já havia ligado para ele? Será que estava tentando me fazer sentir culpada de propósito?
Não. Se David tivesse contado o que estava acontecendo, Jesse não estaria parado na fila da 17-Mile Drive. Já teria encontrado Paul e o eletrocutado até a morte.
E Jesse sempre foi mais impaciente que eu para ficar em filas — e entrevistar possíveis suspeitos de assassinatos —, provavelmente porque passou tanto tempo preso entre o mundo dos vivos e o dos mortos.
Meu Deus, eu era a pior namorada do mundo.
— Hum, por motivo nenhum — falei rapidamente.

Mas é claro que era porque eu já havia recebido uma mensagem de Paul um pouco mais cedo.

El Diablo Mal posso esperar até 8. Vamos beber alguma coisa antes de comer. Bar do hotel, 5 da tarde.
Use algo sexy.
Nov. 18 1:20 PM

— Então, 5 da tarde, né? Tenho certeza de que a gente já vai ter terminado aqui antes disso. Posso deixar você no hospital. Como está o padre Dominic, falando nisso? — perguntei, querendo mudar logo de assunto.
— Está melhor. Saiu da UTI. Está retomando a consciência e perfeitamente lúcido. Perguntou sobre você.
— Sério? — Fiquei feliz em saber. — O que ele falou?
Ele deu um sorriso meio torto.
— Ele me disse para te pedir que não exorcize Lucia por tê-lo jogado da escada.
Não pude conter uma risada. Bom saber que o padre Dominic estava melhor.
Jesse olhou para mim.
— Sabe, com esses óculos e com o cabelo assim você se parece com uma professora. Minha primeira professora, na verdade.
— De quando você era pequeno? Na escola que só tinha uma sala?
— Isso. Srta. Boyd. A cidade pagou para que ela saísse de Boston e fosse até lá dar aula às poucas crianças que não precisavam trabalhar nas fazendas e nos ranchos.
Franzi o rosto.
— Não sei se quero parecer uma senhora do século XIX.
Ele me olhou com raiva. Ou pelo menos eu achei que era raiva — mas logo percebi que interpretei mal o calor nos olhos dele. Com certeza, não era nada negativo.
— Mas devia — disse ele. — Ela era uma mulher inteligente e bonita, como você. Mas não falava tanto palavrão. Na verdade, ela nunca falou nada feio na minha presença.
— É mesmo? — Cruzei as pernas com uma casualidade elaborada, fazendo questão de que a fenda da saia revelasse bastante coxa. Isso não era fácil de se fazer em um carro compacto daqueles. — **A** Srta. Boyd fazia você ficar de pé no canto da sala por ter se comportado mal na sala dela?
— Eu jamais teria sonhado em me comportar mal na sala da Srta. Boyd — disse Jesse com o olhar grudado na fenda da saia. — Eu me sentia privilegiado cada vez que estava na presença dela, recebendo qualquer educação que fosse. Houve

vários dias em que meu pai não pôde abrir mão de minha ajuda no rancho.
— Isso deve ter sido bem difícil para você — falei com compaixão, e me inclinei para mais perto.
— Foi difícil. — O olhar dele foi da minha perna para meu peito. Quando eu me inclinei, o cinto de segurança, que sempre passo por baixo dos seios para que não os esmague, realçou o decote. Ponto para mim.
— Mas olhe o quanto você conquistou desde então. A Srta. Boyd ficaria orgulhosa.
Não dava para acreditar. Depois de desfilar tantas vezes na frente dele com biquínis e minissaias, no final das contas o que o excitou foram óculos e meu cabelo em um coque francês torcido.
E é óbvio que eu só descobriria isso em um carro pequeno parado em uma fila a caminho da descoberta da identidade de um assassino, e no dia em que Paul Slater estava na cidade ameaçando libertar uma maldição demoníaca e explodir minha casa. Se eu não tivesse má sorte, não teria sorte alguma.
— Jesse — falei, e abri um dos botões da camisa branca.
— Sim?
— Você está me dizendo que tinha tesão de professora?
Um carro atrás de nós deu uma buzinada longa e alta.
— Ai, cacete falei, fechando o botão. — É nossa vez na fila. — Jesse trocou de marcha, parecendo irritado.
— Tesão de professora. Não, eu não tinha tesão de professora. E o que significa isso, tesão de professora? Isso é um desrespeito com as professoras, Suzannah.
— É melhor você deixar que eu fale — informei, e dei um tapinha na mão dele.
— Você me parece meio afobado. — Eu me inclinei por cima dele para falar com a segurança quando Jesse se aproximou da cancela.
— Oi, Dr. e Sra. Baracus, para ver o padre Francisco da Academia da Sagrada Trindade. Nossos nomes devem estar na lista.
A segurança olhou para a prancheta enquanto Jesse encarava impacientemente a estrada através dos óculos escuros. *Tesão de professora,* murmurou ele, com escárnio, bem baixinho.
— Ah, sim. Achei vocês! — Ela sorriu e deu um passe para Jesse, com um mapa contendo direções até a escola. — Boa visita, Dr. e Sra. Baracus.
Jesse sorriu de volta para ela, e seu sorriso foi tão encantador, com aqueles dentes brancos e boca tão beijável, que eu não sei como ela não desmaiou quando viu.
— Com certeza vai ser ótima.
A escola ficava num terreno quatro vezes maior que o da Academia da Missão, embora a Sagrada Trindade tivesse metade do número de alunos, visto que era só

para meninas. O prédio principal parecia uma mansão saída direto de um daqueles filmes históricos nos quais as pessoas ficam sentadas e os criados servem chá. A paisagem era completa, com uma entrada impressionante (com fileiras de ciprestes italianos) que passava por campos Inclinados, até chegar à escadaria de pedras largas e ornamentadas, que, por sua vez, levava a uma porta dupla ainda mais larga e talhada com ainda mais detalhes.

— Um belo terremoto — falei para Jesse — e isto tudo cai. Quem eles acham que estão tentando impressionar?

— Dr. Maus Modos.

Paramos em um estacionamento que parecia ter sido construído para um museu de arte moderna, e não para uma escola. O jardim era muito bem cuidado, e fomos recebidos na entrada principal pela irmã Mary Margaret, diretora de admissões. Ela com certeza fora avisada sobre nossa chegada pelo guarda no portão — não o da 17-Mile Drive, mas o da escola. No site, dizia que filhas de príncipes de outros países estudavam ali. A segurança era claramente uma prioridade.

Menos quando se tratava de meninas com o sobrenome Martinez.

— Dr. Baracus — disse a freira, brilhando de tanto entusiasmo ao dar um passo à frente para apertar nossas mãos. — Sra. Baracus. Estou muito feliz em conhecê-los. Bem-vindos à Academia da Sagrada Trindade.

Dei uma olhada triunfal para Jesse. Eles realmente não pesquisaram a palavra *baracus*. Ou, se procuraram, deviam estar apostando que Jesse — ou eu, para não ser sexista — era tão rico que nos mantivemos cuidadosamente fora da internet, como as famílias de várias alunas deles. As pessoas mais ricas do mundo não ficam compartilhando fotos de seus jatos particulares e Rolexes no Instagram, pois não querem que os filhos sejam sequestrados em consequência disso.

A irmã Mary Margaret era o oposto da irmã Ernestine em todos os sentidos. Era jovem, magra e fez um discurso ensaiado, porém com um entusiasmo doce, sobre os benefícios de educar nossa adorável filha Penélope — Jesse franzia o rosto toda vez que ela era mencionada — na Sagrada Trindade.

Recebemos a informação de que a porcentagem de meninas da Sagrada Trindade que faziam faculdades era de cem — a mais alta da região —, e a porcentagem que cursava faculdades da Ivy Leage... Bem, a irmã Mary Margaret não queria se gabar, mas era bem alta.

Se não fossem assassinadas antes de terminar o primeiro ano, pensei, mas não falei.

Jesse pareceu irritado durante grande parte do discurso da irmã Mary Margaret, e era de se entender. Estava fazendo o papel do riquíssimo médico cirurgião a

especialidade que dava mais dinheiro na época — muito bem. Mas dava para ver que escutar as palavras *graças ao padre Francisco* tantas vezes começava a enervá-lo. E a mim também.

“Graças ao padre Francisco" a Sagrada Trindade não estava mais prestes a ter um desastre financeiro por causa da falta de gerenciamento do diretor anterior. O padre Francisco tomou sua posição havia uma década, e salvou a instituição com o tanto que sabia de assuntos fiscais.

“Graças ao padre Francisco" o coro do meninas da Sagrada Trindade foi de quase dispensado para o número um do estado. Gravaram até um CD. Nós queríamos uma cópia do CD para levar para Penélope? É claro que sim. Penélope ia amar.

“Graças ao padre Francisco" o chão de madeira importada da biblioteca da escola que o predecessor havia colocado foi trocado. O padre Francisco trocou a madeira antiga por outra mais econômica, doando a diferença em dinheiro para uma caridade que alfabetizava crianças. Ele não era um homem maravilhoso?

— O padre Francisco fez o trabalho todo sozinho? — perguntou Jesse para a irmã Mary Margaret.

Ela pareceu confusa por alguns instantes.

— Hum... não. Ele contratou um mestre de obras.

Jesse não ficou impressionado.

— Então ele provavelmente não economizou tanto dinheiro assim.

Tive de conter uma gargalhada. A irmã Mary Margaret não sabia no que estava se metendo. Toda vez que ia fazer um plantão, Jesse via crianças sofrendo com doenças causadas por dietas inadequadas. Os pais simplesmente não tinham como pagar para alimentá-las de forma correta.

E, no entanto, ali, na mesma comunidade, havia uma escola que pagara 150 dólares por metro quadrado de piso e cobrava de matrícula para a pré-escola o mesmo que Jesse pagava por semestre na faculdade de Medicina... embora ela oferecesse estábulos aquecidos para os cavalos que as alunas queriam acomodar na escola, mesmo que a temperatura em Carmel raramente fosse menor que 10 graus. Descobrimos isso quando fomos levados em um tour pela escola.

A essa altura, a irmã Mary Margaret já havia nos deixado aos cuidados de uma "guia estudante", uma aluna do primeiro ano do ensino médio, magra e de olhos escuros, chamada Sidney.

Eu conhecia muito bem a psicologia por trás de colocar alunos como guias, visto que tínhamos o mesmo sistema na Academia da Missão. Era mais eficaz para os administradores da escola que alunos socialmente interativos e atraentes, mas não de maneira intimidante, fizessem as visitações com os futuros pais de alunos que pessoas como a irmã Mary Margaret. Os pais viam naquele guia o que seus

próprios filhos poderiam se tornar se entrassem para uma instituição tão boa.
E os guias estudantes eram melhores para lidar com perguntas mais incisivas, como a de Jesse:
— Quando podemos conhecer o famoso padre Francisco de quem ouvimos falar tanto?
— Ah, sinto muito — respondeu Sidney, piscando seus cílios longos e escuros (ela usava extensões e uma boa quantidade de delineador, mas com certeza enganava vários pais). — Ele está em San Luis Obispo hoje, em uma conferência.
Eu sabia que a conferência onde o padre Francisco supostamente estava — a mesma da qual o padre Dominic participou — havia terminado na quarta-feira. Então ou ele tinha estendido a viagem para incluir uma jogatina em Vegas, ou não queria perder seu valioso tempo batendo papo com alguns possíveis pais de aluna.
Eu apostaria na primeira opção. A maioria das escolas particulares não se considerava mais instituições educacionais, e sim pequenas corporações lucrativas, e não podiam bancar a perda de investidores em potencial.
Sidney nos explicou com muito charme que fazer os tours era uma de suas coisas favoritas porque "me tira da aula de cálculo" e "vai ficar ótimo no histórico para as faculdades". O sonho dela era cursar Yale e se tornar "a melhor atriz desde Meryl Streep".
Sidney não precisava se preocupar. Já estava encaminhada.
— Há quanto tempo você estuda na Sagrada Trindade? — perguntei para Sidney, conforme caminhávamos para os estábulos. Pedi para vê-los, pois "Penélope" tinha um pônei.
— Desde o jardim de infância — disse Sidney. — Eu amo muito este lugar. Meus pais moram em São Francisco e eu os vejo nos fins de semana. Mas prefiro muito mais ficar aqui que na cidade. Gente demais.
Vende, Sidney.
— Então você devia estar aqui quando aquela menina morreu — falei casualmente, conforme o celeiro e os estábulos, assim como o ringue de montaria, apareceram no horizonte. Os estábulos eram grandes, porém organizados, pintados de branco com detalhes em verde, e o celeiro era o clichê tradicional pintado de vermelho, mas de muito bom gosto. — Qual era o nome dela, amor? — Apertei o braço de Jesse. Eu estava apoiada nele porque era difícil andar no chão de pedras da escola com meus saltos altos. — A pobre menina que morreu? Lucy alguma coisa?
— Lucia — disse Jesse, entendendo minha deixa. Parecia imune ao charme de Sidney.

— Ai, meu Deus. — A saia vermelha quadriculada do uniforme da Sidney balançava furtivamente à frente. — Isso. Lucia Martinez. Nunca vou me esquecer. Que pesadelo. Eu era um ano mais velha que ela. Mas, mesmo assim, eles fizeram todo mundo fazer, tipo, aulas de luto para ter certeza de que ninguém ia ficar maluco nem nada.
Então ela pareceu se lembrar de que estava falando conosco e deu um sorriso constrangido por cima do ombro.
— Não que não tenha sido completamente terrível o que aconteceu com ela. Acidente de montaria. Mas nada disso vai acontecer com sua filha. Foi um acidente completamente fora do normal. Jamais aconteceria de novo.
— Claro — falei, me lembrando do que Becca disse estar cansada de ouvir de todo mundo. — "Acidentes acontecem." Com certeza.
A essa altura, já estávamos nos estábulos. Por sorte, uma aula estava acontecendo. Uma mulher com estrutura forte, vestindo calças de montaria, se encontrava no meio de um ringue de grama, direcionando seis ou sete meninas em cavalos de aparência extremamente saudável.
— Srta. Dunleavy. — Sidney a chamou da cerca branca de madeira. — Tem um pessoal muito gentil aqui querendo conhecê-la.
Jennifer Dunleavy — reconheci o nome do artigo que Cee Cee havia enviado sobre a morte de Lucia — foi até o lado da cerca onde Jesse e eu estávamos apoiados, respirando os cheiros de cavalo e grama recém-aparada e feno, que eram até agradáveis. Removeu uma das luvas para nos cumprimentar enquanto Sidney nos apresentava. O aperto de mão era firme, porém não demais.
— A filha do Dr. e da Sra. Baracus tem um pônei — explicou Sidney. — Se eles decidirem matriculá-la, ficariam interessados em trazer o animal.
— Perfeito — disse Jennifer com um sorriso largo, de aparência sincera. — Nós com certeza temos espaço. Estou dando aula agora, como vocês podem ver, mas Mike pode mostrar as instalações. Mike! — Ela chamou um ajudante que estava segurando uma lata de tinta, dando retoques. Ele sorriu e começou a ir até nós.
— Ah — falei rapidamente —, a enteada de minha amiga fez aulas de equitação aqui durante um tempo e disse que tinha um homem aqui com um toque incrível. Qual era o nome dele mesmo, amor? — Apertei o braço de Jesse de novo.
— Jimmy — disse Jesse sem emoção. Dava para ver que ele estava pronto para bater em alguém, mas em ninguém presente naquele momento.
— Isso mesmo — exclamei. — Jimmy! Jimmy ainda está aqui? Eu adoraria conhecê-lo se fosse possível. Queria que ele mostrasse os campos para nós.
O rosto de Jennifer se franziu. Por um momento, achei que era porque o nome a incomodou, mas depois percebi que podia ser apenas porque ela não estava se lembrando.

— Ah, *Jimmy* — disse ela finalmente. — Vocês devem estar falando de Jim Delgado.
E assim eu consegui o sobrenome do violentador de Becca e assassino de Lucia. Tentei não apertar o braço de Jesse demais com a empolgação.
— Ah, isso mesmo — falei. — Delgado. Jimmy Delgado.
— Mas, nossa — continuou Jennifer —, ele não trabalha aqui há quase uma década.
Não me preocupei em esconder a decepção. Achei que uma senhora rica como a Sra. Baracus não esconderia seus sentimentos. Certamente faria biquinho se uma loja não tivesse sua marca favorita, ou se uma rica escola particular não tivesse mais seu assassino de crianças predileto.
— Poxa — falei —, que pena. A Sra. Walters falou tantas coisas boas sobre ele também.
As sobrancelhas da Jennifer se ergueram de forma questionadora diante do nome.
— Sra. Walters?
— É. Essa é minha amiga. Esposa de Lance Arthur Walters, Kelly Walters, da Wal-Con Aeronáutica. A senhora deve se lembrar. A enteada dela estudou aqui um tempo... Becca Walters?
Vi Sidney fazer uma leve expressão de desgosto ao ouvir o nome de Becca.
— Bem... Ela nunca foi uma aluna muito popular.
Mas ninguém sabia que Becca tinha uma boa razão para se fazer o mais invisível possível: Jimmy Delgado.
— Um casal tão querido — continuei. — Nós nos conhecemos em um comitê para arrecadar fundos para a pesquisa contra o câncer. Kelly não conseguia parar de elogiar esta escola, e, é claro, as habilidades de Jimmy com cavalos. Você não deve saber para onde Jimmy foi, sabe?
Senti Jesse apertar meu cotovelo levemente. Sabia que eu estava mentindo quanto a Kelly, e exagerando muito.
Mas o que Jesse não sabe — porque tem integridade demais, e é uma das coisas que mais amo nele — é que não existe exagero quando se trata de pessoas que só estão interessadas no seu dinheiro.
— Bem — disse Jennifer, com uma expressão verdadeira de pena —, eu sei, sim, onde ele está, mas acho que não vai ajudar a senhora tanto assim, Sra. Baracus. Jim Delgado não trabalha mais com cavalos.
— A senhora sabe onde ele está? — Jesse não conseguiu conter a surpresa.
— Claro — disse ela com uma risada. — Jimmy mora aqui na cidade. Eu o vejo o tempo todo. Mas boa sorte se forem tentar fazer com que volte a lidar com montaria. Ele ganhou um dinheiro há um tempo e agora tem um negócio próprio.

Estúdio de Fotografia Delgado. É especialista em fotografar crianças.

Capítulo 24

Se alguém na escola notou que a esposa do riquíssimo cirurgião plástico, Dr. Baracus, parecia um pouco enjoada quando o marido a levou rapidamente de volta à BMW, ninguém falou nada. Devem ter achado que a náusea era por eu estar grávida de novo.

Para eles, isso devia ser boa notícia: Penélope Baracus talvez tivesse uma irmãzinha! Isso significava mais dinheiro de mensalidade para eles no final do mês. *Ka-ching!*

Mas, quando chegamos no estacionamento e ninguém mais podia nos ouvir, deixei fluir. Palavras vomitadas, e não vômito de verdade, porque eu já havia encontrado antiácidos mastigáveis na bolsa — dentre outros itens que eu havia jogado ali quando fui ao apartamento — e estava me concentrando em engolir tudo, um por um. A camada áspera das pastilhas na língua me ajudou a não sentir o gosto de bile que voltava pela garganta.

— Que droga é essa? — Só que eu não falei *droga*. Se a jarra de palavrões estivesse por perto, eu teria de colocar cinco dólares. Quero dizer, uns cinquenta, depois de meu desabafo. — Ele ainda mora aqui. Não foi embora. Ainda está *aqui na cidade.*

— Calma, Suzannah — pediu Jesse, com voz tranquilizante e grave. — Essa notícia é boa. Vai apenas tornar mais fácil para a polícia prendê-lo depois que Becca contar o que sabe.

— A polícia? — Fiquei chocada com a ingenuidade dele, apesar de que não devia. A polícia vivia envolvida com os casos de abuso no hospital. Enquanto médico, ele tinha de notificá-los, e eles tinham de responder. — Jesse, Becca mal conseguiu contar a *mim* o que aconteceu, e eu não sou uma figura de autoridade. Ela achou mais fácil dizer que o cara deu chocolate para ela (*chocolate*) que dizer que a molestou, o que é completamente normal para quem passou por abuso, mas eu honestamente não a imagino conseguindo falar com policiais sobre isso tão cedo. E, mesmo que conseguisse, não existe nem uma prova que conecte Jimmy Delgado ao assassinato de Lucia. Becca não o *viu* matando. E não é como se Lucia pudesse testemunhar.

— Mas ele ameaçou matar os pais de Becca se ela contasse a alguém o que fez com ela.

— Claro, ele ameaçou. Ameaçou fazer várias coisas, mas nunca fez nenhuma delas, exceto o que fez com Lucia, o que não podemos provar. Até as coisas que fez com Becca são a palavra dela contra a dele, e ela é uma criança que, graças a mim, agora acha que o fantasma da melhor amiga a vem seguindo nos últimos

dez anos. Se ela abre a boca sobre isso, ninguém vai acreditar em mais *nada* que ela falar. Eu definitivamente mandei mal nisso.
Estávamos dentro do carro, e comecei a tirar os desconfortáveis saltos altos, um de cada vez, e a jogá-los no chão do carro. Jesse ficou me olhando com uma das sobrancelhas erguidas.
— Mandou mal?
— É. Quero dizer que fiz besteira. É mais educado que dizer que... bem, você deve imaginar.
Um canto da boca de Jesse se ergueu.
— Eu acho que você está sendo dura demais consigo mesma.
— Estou? Se acreditarmos no que a tal da Dunleavy disse, Delgado é um empresário respeitável. Tem dinheiro para contratar um bom advogado de defesa, um que acabaria com Becca em cinco minutos no júri, dado o atual estado mental dela. E quais as possibilidades de os pais de Becca permitirem que isso aconteça? Zero.
O meio-sorriso do Jesse sumiu.
— Mas fotógrafo de *crianças.* Você sabe o que isso significa, Suzannah.
— Pois é. Quanto a isso. — Peguei o celular na bolsa e achei o artigo sobre a morte de Lucia. — Becca disse que ele costumava fazer várias coisas na escola, não só trabalhar nos estábulos. Dê outra olhada naquela foto de Lucia.
Jesse pegou o celular de minha mão e ficou olhando para a foto.
— Era para eu estar vendo o quê?
— O crédito da foto. A fonte é bem pequena, mas assim que ouvi o nome, sabia que era familiar.
— *"Fotografia de James Delgado."* — Ele leu em voz alta e olhou para mim. — *Nombre de Dios.*
— Né? Eles devem ter achado que podiam economizar pedindo que o fotógrafo amador/faz-tudo simpático, Jimmy Delgado, fizesse as fotos daquele ano. Só teriam de pagar os custos de impressão. Foi logo depois que o padre Francisco começou, e a escola estava passando por problemas financeiros, como ficamos sabendo em nosso mini tour.
— Por isso que Lucia está tão séria — disse Jesse suavemente. — Ela sabia do segredo de Becca. E do dele.
— É claro que isso também não prova nada, mas, se ele a matou mesmo, o médico-legista não teria...?
— Você me disse que Becca falou que Jimmy é alto. Um pescoço quebrado não pareceria diferente para um médico-legista que não sabe da suspeita de assassinato. Se ela sofreu uma queda violenta de um cavalo, ou se foi jogada no chão por um homem alto que quer vê-la morta, o resultado é o mesmo.

— Foi o que Lucia disse que aconteceu.
Um músculo se tencionou no queixo do Jesse.
— Então exumar o corpo seria inútil. Qualquer prova genética que ele possa ter deixado já vai ter sido destruída pelo processo de embalsamento e pelo tempo. Mas e o dinheiro?
— Que dinheiro?
— Delgado conseguiu dinheiro em algum lugar para se demitir de repente e abrir o próprio negócio. Foi tudo na mesma época. Acho que a venda do chão da biblioteca não deu dinheiro suficiente para alguém abrir um estúdio de fotografia, mas o padre Francisco deve ter arrumado o dinheiro de algum modo para subornar o homem, mandar que saísse da Sagrada Trindade e ficasse calado quanto ao que fez com Lucia.
— Sim — falei depois de pensar por um momento. — Você tem razão. O padre Francisco apenas fingiu não acreditar na confissão de Becca. Deve ter ido direto da capela até Delgado e mandado que fosse embora. A Sagrada Trindade já estava dando prejuízo. Não tinham como arcar com outro escândalo.
— E Delgado exigiu dinheiro em troca de partir sem falar nada. — Jesse ligou o carro e saiu de ré do estacionamento. — E, novamente, graças ao padre Francisco, a Sagrada Trindade foi salva.
— O incrível padre Francisco. — Olhei com tristeza para as fileiras impecáveis de ciprestes italianos conforme saímos da escola em direção à 17-Mile Drive. — Tem algum milagre que ele não consiga fazer?
— Sim. Um. Ele não tem como esconder o rastro da transação de dinheiro entre ele e Delgado. Tem de haver um registro disso em algum lugar, do padre retirando o dinheiro, e de Delgado o depositando. Muitas das doações feitas a igrejas são em dinheiro, como você bem sabe. Você já viu o prato de coleta passando nas missas. — Como futura esposa de Jesse, de vez em quando eu ia com ele à igreja para causar boa impressão no bispo da região, porque precisávamos da permissão dele para nos casarmos na basílica (eu devo ter feito tudo certo, visto que consegui; se bem que, naquele momento, isso não nos ajudaria em nada).
— E mesmo que o padre Francisco tenha feito um cheque para Delgado — continuei, determinada a me manter concentrada naquela questão —, isso não conecta nenhum dos dois à morte de Lucia. Ainda é a palavra de Becca contra a dele. Não existem *provas,* Jesse.
— Não. — Ele desacelerou perante o trânsito na 17-Mile Drive. — Então só nos resta uma opção.
— É — falei. — Descobrir onde fica o Estúdio Delgado de Fotografia e contar para Lucia. Então ela pode fazer com Jimmy o que fez comigo na piscina aquela

noite. Vamos levar umas cadeiras e um pack de cerveja para ficar assistindo. Vai ser mais divertido que os fogos de artifício do 4 de julho.
— Não. — Agora mais de um músculo saltava no queixo de Jesse. — Não conte para Lucia. Eu cuido de Delgado.
— *Você?* — Tirei os óculos de Becca e olhei para ele com os olhos franzidos contra o sol do fim da tarde. — Eu estava brincando quando falei que ia mandar Lucia.
— Eu não estou brincando. — Jesse pegou o volante com mais força, e não foi porque as pessoas estavam dirigindo loucamente, embora estivessem, como sempre fazem nas sextas à tarde no Norte da Califórnia. — Isso não é trabalho para uma criança.
— Bem, também não é trabalho para você.
— Por que não? Já matei um homem antes. Vou ficar mais que feliz em fazer isso de novo, nesse caso. Ou dois homens, na verdade.
— Você matou um homem, Jesse, porque ele ia matá-lo e a mim. Não é a mesma coisa.
— Como não?
— Porque aquilo foi autodefesa. Isso é vingança.
— Bem, em alguns casos um pouco de vingança é bom. Delgado precisa ser detido, e o padre também.
Fiquei mais feliz que nunca por não ter contado para ele sobre Paul.
— Isso pode até ser verdade, mas não dessa forma, e certamente não por você. Você fez um juramento de que não faria nenhum mal, lembra?
— Se destruir um monstro pode fazer com que ele não cause mal a outros, e pode preservar a qualidade de vida do resto de meus pacientes, meu juramento se mantém. Os médicos que dão injeção letal nos prisioneiros sob pena de morte justificam assim suas ações.
Nossa. Na noite anterior, achei que ele estava fazendo progressos quando me contou como se sentiu enquanto morto, sem poder tocar as pessoas que amava.
Mas isso não era progresso. Era premeditação... algo que me era familiar, mas que, mesmo assim, não aliviava a situação.
— OK — falei, me segurando na porta do carro. Ele fazia as curvas ao longo da costa com uma velocidade impressionante agora que o trânsito estava fluindo. — Então acho que é isso que você deve fazer mesmo. Vá e mate Jimmy e o padre. Vou gostar da manchete de Cee Cee: "Jovem médico desperdiça futuro promissor com esposa gostosa assassinando pilantras."
Jesse não riu.
— Alguém precisa fazer isso, Suzannah.
— Sim, mas como já falei, esse alguém não tem de ser você. Seu trabalho é

salvar vidas, não acabar com elas.
— Como *eu* já falei, às vezes tirando uma vida você pode salvar outras. E, se eu não fizer, quem vai? Você?
— Por que não eu? Não é como se...
— Como se o quê?
Fechei a boca quando percebi o que estava prestes a admitir para Jesse: que eu vinha pensando em matar Paul desde que recebi seu e-mail. O único motivo que me fez concordar com o jantar foi porque, depois de comermos, quando fôssemos para o quarto dele no hotel para a "sobremesa", meu plano era mediá-lo permanentemente.
Mas isso era mais uma coisa que uma menina devia manter em segredo, certo? Não tinha por que o noivo saber de *tudo.*
— Deixe para lá — murmurei, olhando para o mar. Ele exibia um tom vermelho por causa do sol, que se punha lentamente no Oeste. O céu, as praias, a água... a área toda, até onde a vista alcançava, tinham o mesmo brilho dourado dos cabelos de Lucia.
A Santa Lucia era a que sempre era representada com uma coroa de velas, geralmente na época do Natal. Contam que ela botou as velas na cabeça para que pudesse ter as mãos livres enquanto libertava centenas de cristãos pela escuridão das catacumbas embaixo de Roma — um trabalho não muito diferente do meu, de levar a alma dos mortos para a luz do pós vida.
— O que você falou? — perguntou Jesse. O vento forte que passava pelo para-brisa fazia barulho, dificultando a audição.
— Nada. Você vai trabalhar quantas horas esse fim de semana?
— Começo hoje às cinco e só acabo amanhã à tarde.
— Ok — falei aos berros para ser ouvida. — Ótimo. Vou entrar em contato com Cee Cee e ver o que descubro sobre onde Delgado mora. — Tirei o celular da bolsa de maneira exagerada. — Então talvez a gente consiga encontrar com ele e com o padre Francisco, se é que ele voltou da suposta conferência, amanhã à noite. — Até o dia seguinte à noite, se as coisas acontecessem como eu planejava, o Estúdio Delgado de Fotografia, e talvez até a Sagrada Trindade, estaria em cinzas.
A única coisa que permaneceria de pé seria o número 99 da Fine Crest Road. Eu esperava.
— Nós? — Jesse me deu uma olhada desconfiada conforme passamos pelo portal que dizia "Obrigada por visitar a 17-Mile Drive. Voltem logo." — *Nós,* não.
— *Nós,* sim — insisti. — Sou sua noiva. Entendo que você não esteja totalmente a par dos códigos sociais do século XXI, Jesse, mas é muito rude hoje em dia

não convidar a noiva para festinhas de vingança.
Os lábios dele se curvaram em um sorriso cínico.
— Não dessa vez, Suzannah.
— Como assim *não dessa vez?* Que tipo de merda sexista...
— Estou ciente de seus sentimentos em relação a meus modos machistas do século XIX, Suzannah, e serei o primeiro a admitir que estão errados. Mas alguns não estão. Alguns funcionam melhor que suas maneiras do século XXI, que pelo visto permitem que assassinos de crianças saiam impunes e — ele ergueu a mão para me calar quando comecei a protestar — que crianças sofram sem necessidade. Então talvez desta vez você deva me deixar fazer as coisas da *minha* maneira.
— Ah — falei. — Então ok, delegado De Silva. Vou apenas ficar bordando alguns gorros enquanto você executa criminosos sem o aval da lei.
O sorriso dele ficou ainda mais cínico, o que era enfurecedor.
— Você nem sabe costurar.
— Pois é, e eu sei atirar. Tenho feito aulas de tiro ao alvo com Jake em Monterrey. Mas, se você não me quer por perto, tudo bem. Fico sentadinha em casa como uma boa futura esposa enquanto você briga com os homens maus.
Ele tirou os olhos da estrada para me olhar. — *Ti quiero* por perto, Suzannah — disse ele. — É por isso que preciso que fique em casa. Já perdi gente demais, todas as pessoas que amo. Entende? É por isso que você tem de me deixar pegar Delgado sozinho. Quero você do meu lado para sempre.
— Ah. — Eu me senti mal por tê-lo chamado de macho man tantas vezes. Não que isso fizesse diferença alguma, é claro. O que ele disse só fortaleceu minha resolução de não mudar nada em meu plano. — Bem, quando você explica *desse* jeito. Tudo bem. Está ok, claro.
Mesmo que ele estivesse usando óculos escuros, vi que não havia tirado os olhos de mim.
— Por que estou com a impressão de que você está escondendo alguma coisa de mim, *mi amada*?
— *Eu?* — perguntei, com uma voz inocente, enquanto escrevia uma mensagem.
— Jamais esconderia nada de você.

Bebidas, boa ideia. Até às 5. Mal posso esperar.
Nov. 18 4:15 PM

Capítulo 25

— Simon, você veio. Preciso admitir que achei que você não... — Paul se afastou de mim, aparentemente desistindo da ideia de me dar um beijo de olá. — Quando você começou a usar *óculos*?
— Oi, Paul. Você não mudou nada. Ainda grosseiro como sempre.
— Não, sério, qual é a desses óculos? E por que seu cabelo está preso para cima desse jeito? — A expressão dele era de horror. — Eu reconheci sua bunda incrível instantaneamente, é claro, assim que você entrou, mas quando se virou… — Ele estremeceu de propósito. — Já ouviu falar de lentes de contato?
— Eles não são de grau. E você está atrasado. Falou 5 horas. Este lugar vira um açougue depois das 5 e meia. Tem sorte de eu não ter fugido com um desses outros cavalheiros simpáticos que, pelo visto, não se importam tanto com meus óculos.
Paul pode até não ter achado meus óculos atraentes, mas vários outros frequentadores do bar do hotel Carmel Inn não se incomodaram na hora de perguntar se podiam pagar uma bebida. O diamante em meu dedo esquerdo também não os incomodou. Acabei colocando a bolsa no banco ao lado e dizendo que estava ocupado: eu estava guardando o lugar para meu marido, B. A. Baracus.
Apenas um cara entendeu a piada. Pagou uma vodca para mim em agradecimento pela boa risada.
— Coitadinha — disse Paul. Ele me deu minha bolsa e se sentou ao meu lado, dando uma olhada perversa em meu novo amigo. — Tenho pena de qualquer cara que tentou dar em cima de você. Deu um chute no saco dele?
— Esse golpe especial reservo para caras especiais como você. Onde estava? Comprando o Vaticano a fim de demolir tudo e fazer uma rua cheia de lojas?
— Ainda bem que está de bom humor de novo. Achei que fosse ficar toda irritadinha com a situação. — Ele olhou para o ocupado barman. — Quero o que ela estiver bebendo. — Olhou para minha bebida. — É melhor que isso não seja uma bebida não alcoólica, tipo club soda. Quero você com a guarda baixa hoje à noite enquanto tiro total vantagem de você.
— Nossa, você realmente continua tão apaixonado por si próprio quanto era na escola, hein? — Fiz um sinal para o barman passando a mão embaixo do queixo. — Ele não vai querer nada, desculpe. Precisamos ir.
— Como assim? — Paul ficou decepcionado. — Eu acabei de chegar. Olhe, desculpe por ter me atrasado, tive uma ligação em conferência sobre as propriedades; você não imagina como as pessoas estão me dando trabalho

porque vou demolir aquela sua casa. Achei que *você* fosse escrota por causa disso, mas aquela sociedade histórica... *porra*. E desculpa por ter feito a piada sobre os óculos. Achei que tivesse dado instruções para você se vestir de maneira sexy, mas com esse cabelo e com esses óculos, você parece mais uma professorinha que uma gostosa.
— Professorinha? — Comecei a rir. — Vou entender como um elogio. Você não sabe o quanto isso significa para mim, sério. — Segurei o braço dele e quase o soltei em seguida de tão surpresa que fiquei. Ele estava malhando, talvez até mais que eu. Senti o bíceps debaixo do caro algodão italiano do terno. Não era tão grande quanto o de Jesse, mas era duro feito pedra, o que era um pouco desencorajador, considerando o que eu havia planejado. — Mas temos um compromisso em outro lugar.
— Compromisso? Que tipo de compromisso? Aaah, aqui no hotel mesmo, para fazer massagem em dupla? Ouvi dizer que eles usam um sal grosso maravilhoso, bem bruto, do jeito que eu gosto. — Ele franziu as sobrancelhas escuras. — Suze, gosto da iniciativa, mas você está facilitando muito. É mais divertido quando banca a difícil.
— Então você está prestes a ter a aventura de sua vida. — Dei as chaves da BMW para ele. — Aqui, você dirige.
Ele ficou olhando para as chaves.
— Aonde vamos?
— Não muito longe. Um estúdio de fotografia ali na Ocean.
Um sorriso lento se abriu no rosto dele.
— Peraí. Estamos indo buscar fotos safadas que você fez para mim?
Não dava para acreditar. Quero dizer, dava sim. Talvez ele *fosse* a criança na previsão de tia Pru, afinal de contas — tão perdido que só conseguia pensar em formas de me machucar por não o amar.
Bem, naquela noite ele teria o que tanto queria: minha atenção completa e ininterrupta.
— Sim, Paul. É exatamente isso que vamos fazer. Buscar fotos safadas que fiz para você. Mas vamos logo, temos de correr porque você se atrasou demais. A loja fecha às 6.
Paul ficou tão animado que praticamente foi saltitando pelo bar. Não pude deixar de notar quanta atenção feminina ele atraía (e não porque estava praticamente pulando). Era ainda mais alto do que eu me lembrava, cabelo negro de corte impecável encaracolando na nuca bronzeada. Além disso, ou seu blazer tinha ombreiras, ou ele ganhara músculos naquela área também.
Bem, suponho que, sendo multimilionário, ele podia pagar um ou dois personal trainers, mais um chef e um nutricionista. Certamente encontrou um bom

estilista. A gravata azul-claro combinava perfeitamente com o lenço da mesma cor no bolso externo do blazer, que ia bem com os olhos, azul-claros também.
— Sua atitude em relação a isso tudo com certeza melhorou — comentou ele, enquanto passávamos pelas portas giratórias do saguão, a caminho da fila de outros hóspedes esperando que seus carros fossem trazidos pelos motoristas. — O que aconteceu para mudar sua opinião desde semana passada? Quero dizer, fora o óbvio: que tenho a vida de seu namorado... ou melhor, a pós vida, nas mãos.
— Bem. — Fiz a expressão de tédio da Sra. Baracus, cansada de sua vida de rica. — Nós tivemos bons momentos, acho, eu e você.
Ele sorriu.
— Tivemos, não foi? Lembra quando a gente voltou ao tempo do Velho Oeste e aquela senhora a expulsou de sua própria casa porque achou que você fosse uma prostituta? Essa foi a *melhor.*
Mantive o sorriso grudado no rosto, embora tivesse notado um casal mais velho perto de nós, também esperando pelo carro, e a esposa fingindo que estava concentrada em retocar o batom, mas claramente ouvindo nossa conversa.
— Lembro, sim. E aí você me amordaçou e me deixou presa no celeiro enquanto tentava matar Jesse. Até naquela época você só pensava em uma coisa.
A esposa borrou o batom e deu com uma cotovelada forte nas costelas do marido.
Felizmente, o motorista apareceu com o carro de Jake, que convenci Jesse a deixar comigo no fim de semana, pois ele não precisava parar uma BMW com o porta-malas cheio de armas no estacionamento do hospital.
— E se alguém arrombar o carro? — perguntei a ele. — Algum maluco pode encontrar a espingarda de Brad e entrar na emergência atirando em todo mundo. Quer viver com isso na consciência?
Jesse admitiu que não, não queria viver com aquilo na consciência, mas mencionou que eu assisto à televisão demais e tenho uma tendência a catastrofizar as coisas. Coitado... não sabia de nada.
— Belo carro — elogiou Paul, quando se sentou no conversível. Ajustou o assento para acomodar as pernas mais longas. — Pelo visto as pessoas com formação em aconselhamento fazem mais grana do que me disseram.
Prendi o cinto de segurança.
— Só dirija.
Ele fez o que pedi e nos levou para a avenida Ocean, a rua principal do centro de Carmel, em velocidade exagerada. Embora ainda faltasse uma semana para o dia de Ação de Graças, o conselho da cidade havia decidido que nunca era cedo para começar a decoração de Natal, por isso havia luzinhas de bom gosto envolvendo

os troncos das palmeiras por toda a rua.
— Ai, Suze! — Paul suspirou com alegria. — Estar em sua companhia de novo é como sentir uma brisa refrescante no cabelo. Ou talvez seja a brisa de verdade mesmo. Eu me esqueci de como fica frio aqui quando o sol se põe. Para onde estamos indo?
Falei o endereço e apontei.
— É por ali.
— Eu sei, Suze. Eu morava aqui, lembra? E quando a construção principal começar no novo lote... bem, melhor não falarmos sobre isso. Tem certeza de que não está mais puta comigo, Suze?
— Não mais, já me acostumei com a ideia — menti.
— Bem, só quero que você saiba que não precisa se preocupar. Se as coisas não saírem do jeito que pretendo hoje à noite, apesar de eu estar me sentindo bem otimista, vou fazer de tudo para protegê-la daquele seu namorado quando ele virar uma besta selvagem. Tem um quarto do pânico em meu novo avião, sabe?
Foi extremamente difícil sorrir, mas consegui.
— Que gentil de sua parte, Paul. Encoste. É aqui.
Tivemos a sorte de encontrar uma vaga. As galerias de arte e lojas tendiam a ficar abertas até tarde, especialmente nos finais de semana e feriados, quando havia mais turistas na cidade. Os donos das lojas esperavam que as vitrines chamassem a atenção dos casais passeando depois do jantar, e que eles entrassem na loja para comprar uma mesa de centro, no formato de um par de baleias cinzas pulando, por meros 40 mil dólares.
O Estúdio Delgado de Fotografia era um lugarzinho pitoresco que ficava entre uma joalheria e uma loja que vendia roupas femininas feitas à mão com materiais naturais — roupas que nem a tia Pru vestiria, caso pudesse pagar por elas, o que não era o caso, porque a coisa mais barata era um lenço de duzentos dólares.
O tema do estúdio era preto e branco. Era todo de tijolos, pintados de preto para parecerem mais *avant-garde*, e a vitrine tinha fotos PB estouradas, com imagens dos penhascos do Big Sur e do mar agitado da baía de Monterey. Havia também fotos menores em preto e branco de crianças — meninas, em sua maioria — olhando para a câmera com muita intensidade, cabelos ao vento, ou grudados nas bochechas por causa da neblina.
Senti a bile subindo pela garganta de novo. Ainda bem que tinha mais antiácidos na bolsa. Dentre outras coisas.
— É aqui? — perguntou Paul, olhando para as fotos na vitrine. — Essas fotos não são sensuais. Só tem crianças. — A falta de entusiasmo era clara na voz dele.

— Espere. Pode me dar as chaves?
— Claro. — Paul as entregou para mim e ficou observando enquanto eu ia até o porta-malas.
— O que tem aí? — perguntou ele, apontando para a bolsa grande de esportes que peguei do porta-malas.
Pisquei para ele.
— Equipamentos.
Paul sorriu.
— Hummm. Entendi. Então esse negócio todo — ele apontou para meu figurino — de óculos e blazer é uma caracterização pra sessão de fotos, e você vai trocar de roupa quando chegar lá? De professorinha para gostosa?
— Tipo isso — falei, entrando no estúdio.
— Safada — disse ele em tom de aprovação. — Sabe, gosto muito de ver como está empolgada, Simon. Está me fazendo sentir meio mal pelo que vai acontecer com Jesse quando a gente... — Ele passou a mão embaixo do queixo do mesmo jeito que eu havia feito para o barman a fim de cancelar o pedido de Paul. Só que Paul fez esse gesto para mostrar que planejava, de forma muito casual, cancelar os planos de vida de Jesse. — Ainda mais depois que vi o que aconteceu com o padre Dominic. Sei que falei que não leio o jornal dos alunos, mas dei uma olhada hoje e vi que ele sofreu uma queda.
— Sim. — Eu me juntei a ele na porta, parando a meros 15 centímetros de distância dele. Meus saltos me deixavam alta o suficiente para que eu pudesse levantar o queixo e olhar Paul dentro dos olhos.
— Sinto muito — disse Paul, o rosto a centímetros do meu. — Sei o quanto você gosta daquele velho. Mandei umas flores para ele e uma doação para a escola. Achei que era o que uma pessoa decente faria, e algo que ele apreciaria, assim como você. E Deus sabe que tenho dinheiro para isso.
— Foi muita gentileza sua, Paul. — Olhei para os lábios dele. — Obrigada.
— Não sou tão perverso assim, Suze — sussurrou ele. Também estava olhando para minha boca. — Quero dizer, claro que sou, mas não de verdade. Não sou *obscuro.* Não do jeito que aquele seu namorado é. Gosto de você, e isso deve contar para alguma coisa, não é?
— Será, Paul? — perguntei. — Não sei direito se é o suficiente. Mas sabe de uma coisa que eu *sei?*
— O quê? — perguntou ele, e abraçou minha cintura.
— Você não é o único.
Ele já estava começando a baixar os lábios em direção aos meus, mas se afastou de leve, confuso.
— Como assim?

— Que é perverso. Eu também sou perversa. Muito pior que você.
— Ah, é?
Ele sorriu, satisfeito com o que ouviu, então se aproximou de mim e pressionou meu corpo contra a porta. Senti cada centímetro seu embaixo do algodão italiano do terno. Não tinha forro interno. Isso deve coçar, pensei em alguma parte distante do cérebro que não estava extremamente alarmada por sentir as partes íntimas de outro homem contra mim. Ele estava usando cueca? Tive a impressão de que não. Era a cara de Paul sair sem cueca. Rápido acesso.
— Você não faz ideia de quanto tempo esperei para ouvi-la admitir isso, Simon. — A respiração dele estava quente em minha bochecha. — Mas agora que você admitiu, podemos finalmente...
Levantei a mão e coloquei o dedo na frente dos lábios dele.
— Não esse tipo de perversão, Paul — falei. — Quis dizer perversa tipo pior-que-seu-pior-pesadelo. Você achou que demolir minha casa ia libertar a escuridão dentro de Jesse? Espere só para ver a escuridão que libertou em mim. Vem. Vou mostrar a você.
Peguei a gravata dele, abri a porta do estúdio de fotografia e o puxei para dentro.

Capítulo 26

— Vocês devem ser o Sr. e Sra. Maitland — disse o homem atrás da mesa, sorridente, quando entramos. — Eu já estava quase desistindo.
— Desculpe pela demora. — Sorri para ele. — Meu marido teve uma reunião de negócios. Posso colocar isto aqui? — Indiquei a bolsa de ginástica a tiracolo. — Está pesada.
— Ah, por favor, pode deixar comigo. — O homem, mais alto do que eu esperava, embora Becca tivesse me avisado, veio rapidamente do outro lado da mesa reluzente pintada de preto para me ajudar com a bolsa. Ele a colocou onde eu pretendia pousá-la, ao lado de uma estátua de gesso de uma jovem bailarina, parada na terceira posição. Seu tutu era de tule preto de verdade.
— Você deve fazer ginástica — disse o homem para mim, rindo; a bolsa pesava muito.
— Faço, sim. O senhor é o Sr. Delgado?
— Sou. — Ele esticou a mão direita. Tinha cabelos grisalhos curtos, que indicavam que ele devia ter sido louro no passado, e uma barriga considerável. — James Delgado. Prazer em conhecê-la, Sra. Maitland.
Tentei não demonstrar minha náusea quando envolvi meus dedos nos dele.
— Prazer. — A mão dele era como qualquer outra, embora tivesse matado Lucia, um cavalo e, até onde eu sabia, várias outras criaturas inocentes também.
Usava óculos de haste fina e tinha as mãos grandes e calejadas de uma pessoa que havia trabalhado, pelo menos por certo tempo, a céu aberto — talvez em estábulos. Parecia-se um pouco com Papai Noel, pois a barba, os óculos e a barriga o envelheciam. Segundo a licença de funcionamento que Cee Cee havia encontrado on-line para a loja dele — depois de muito reclamar —, James Delgado tinha 35 anos.
Olhando para ele, seria impossível adivinhar que era um assassino de crianças.
Paul, claramente, não fazia ideia.
— *Esse* cara é o fotógrafo? — perguntou em um sussurro alto, diretamente em minha orelha. Embora eu tivesse soltado a gravata dele assim que entramos na loja, ele ainda estava grudado em mim feito cola. Parecia confuso, provavelmente por causa da ceninha antes de entrarmos na loja, quando falei que ele havia libertado alguma coisa dentro de mim. Ele ainda não havia entendido que não era nada de bom.
Dei o tipo de olhada irritada que uma esposa rica daria para o marido infeliz.
— Sim, querido. Lembra? Nós conversamos sobre isso.
— Conversamos? — Paul era muito mais lento para pegar minhas deixas que

Jesse. Ficou olhando para as paredes, que, assim como o exterior, eram pintadas de preto. Isso fazia com que as fotografias penduradas se destacassem mais. Até o chão e o teto eram pretos.
Muito ousado, foi o que o jovem Jimmy Delgado deve ter pensado quando criou o conceito.
Dei um sorriso sem graça para ele.
— Desculpe, Sr. Delgado. Meu marido, Victor, esteve em reuniões o dia inteiro. Não tive tempo de discutir o assunto com ele a fundo.
— Eu entendo. — Delgado deu um sorriso simpático para Paul. — Que pena que o senhor só veio para o fim de semana, Sr. Maitland. E para uma conferência! Carmel é simplesmente linda nesta época do ano. Mas não se preocupe porque já garanti a sua esposa que posso encaixar suas filhas na agenda. Coincidentemente, cancelaram um horário amanhã (a aniversariante pegou um resfriado), então não tem problema se vocês quiserem deixar suas lindas filhas aqui para as fotos de rosto. Você e sua esposa não precisam nem ficar se quiserem ter um tempinho a sós. Meu assistente e eu estamos acostumados com trigêmeas agitadinhas.
Depois desse discurso, tive de pegar o antiácido na bolsa, então não vi a expressão facial de Paul quando perguntou:
— Trigêmeas?
— Isso mesmo, querido. — Peguei o celular, além das pastilhas, e achei a foto que as trigêmeas haviam tirado de si mesmas e definido como fundo de tela no dia anterior. — Marquei um horário para o Sr. Delgado fazer uns retratos de suas filhas.
Paul parecia mais confuso que nunca.
— Mandei umas fotos delas para o Sr. Delgado mais cedo — continuei —, e ele respondeu rapidamente. Acha que elas têm potencial de verdade como modelos. Eu também acho. Você não?
Mostrei a foto de Flux, Flocos e Rabo de Algodão. Ele pegou o celular e olhou para as fotos sem mostrar nenhum sinal de reconhecimento.
— Hum, claro, querida — disse ele. — O que você quiser.
A julgar por sua expressão, ficou óbvio não apenas que ele jamais tinha visto uma foto das trigêmeas na vida, mas também que estava magoado — magoado porque a única razão de estarmos no estúdio era para enganar Delgado, e *não* para que eu tirasse as roupas e fizesse um pôster profissional e brilhoso de mim em toda a minha glória nua, talvez posando graciosamente com um leque de penas.
Se Paul vinha lendo os e-mails de Cee Cee, devia estar pulando os textos de Debbie, porque eles *sempre* incluíam uma foto das trigêmeas.

Mesmo assim, vendo o rosto delas tão perto do dele, fiquei mais que convencida de que tinham laço sanguíneo. Elas podiam ser clones dele, exceto pelo fato de as meninas terem tranças e sardas.
Paul me devolveu o celular e sussurrou:
— Isso tem a ver com alguma merda de fantasma?
— E você só se ligou nisso agora? — sussurrei de volta.
— Juro por Deus, Simon, se isso nos atrasar para o jantar...
— Ninguém falou nada sobre atraso para o jantar.
A mandíbula dele se tencionou. Os olhos azuis se estreitaram para mim.
— O acordo foi que a gente ia...
— ... jantar às 8 da noite. Com *sobremesa* depois. Não se preocupe, não vamos nos atrasar. — Apertei um botão do celular e falei com a voz mais alta: — Victor disse que amanhã está ótimo, Sr. Delgado.
— Ótimo, ótimo! — Delgado bateu palmas e voltou para o outro lado da mesa. — Espero que vocês não achem presunçoso demais, mas, se não se importam, imprimi um contrato curto, e seria muito bom se vocês pudessem assiná-lo; assim deixamos tudo adiantado para amanhã e estaremos preparados quando deixarem as meninas. Não é nada complicado, acho que vocês vão concordar, é apenas um acordo de cancelamento, instruções sobre direitos de reprodução, esse tipo de coisa. Detalhes, na verdade.
— Ah, Victor assina com prazer — falei, dando um tapinha no ombro do Paul. — Não é, Victor?
Não dava para acreditar que havia pais no mundo que seriam idiotas o suficiente para cair no papinho daquele cara. Alguém realmente deixaria a filha sozinha com aquele doente?
— Claro — disse Paul, com um suspiro, e foi até a mesa. — Eu assino.
Bem, isso respondia minha pergunta.
Enquanto Delgado explicava o "contrato curto" para Paul, fui caminhando pelo estúdio, fingindo admirar as fotos horrendas. Algumas não eram fotos de crianças, mas paisagens ou close-ups exagerados de rostos cansados de mendigos, que Delgado imprimiu cinco vezes maior que o tamanho normal. Ele devia achar que isso o tornava extremamente sensível e artístico.
Vários criminosos que mediei antes se entendiam dessa forma: deslocados que ninguém no mundo era capaz de entender. A sociedade simplesmente não era sensível o suficiente para compreender o sofrimento deles. Era por isso — na opinião deles — que não estavam de fato descumprindo a lei: a lei não se aplicava a eles porque eram tão especiais.
Sem brincadeira. Já ouvi isso mil vezes.
Havia outra sala conectada à galeria principal. Parecia o escritório do Delgado. A

fim de manter o tema preto e branco, tudo na sala era branco. Ninguém estava à mesa. Havia outra porta partindo dessa sala. Eu a abri e vi que levava a um banheiro bastante espaçoso e arrumado, sem janela, também branco.
Não havia outras portas.
— Então seu assistente não está aqui agora, Sr. Delgado? — perguntei, quando voltei à galeria principal.
— Não — disse ele com um sorriso cheio de pesar. — Deixei-o ir para casa mais cedo hoje. É sexta-feira, e com esse tempo maravilhoso que está fazendo ultimamente, ele queria ir à praia. Como eu ia dizer não?
— Como? — Olhei para a vitrine, por entre os retratos gigantes que estavam presos ali, e vi algumas pessoas caminhando lá fora. Era hora do jantar, e estava ficando frio. Todas as pessoas sãs já estavam em algum lugar fechado. — Nós fomos seus últimos clientes?
— Sim, mas valeu a espera. Fico feliz que o Sr. Maitland tenha concordado. — Abriu um sorriso para Paul. — Não é todo dia que fotografo trigêmeas.
Levantei a mão e peguei o cordão que fechava as persianas da vitrine. Puxei com tanta força que as palhetas de metal se fecharam com um barulho alto.
— Opa! — exclamei. — Que desastrada.
— Ah. — Delgado estava sentado à mesa. O sorriso desapareceu, mas ele não pareceu preocupado. — Tudo bem, Sra. Maitland. Isso acontece, hum, o tempo todo.
— Acontece? — perguntei. — E isso? — Fui até a porta de entrada e a tranquei.
Agora ele começou a parecer preocupado. Olhou para Paul como se buscasse apoio. Isso pareceu fazer com que ele se sentisse melhor, visto que Paul olhava para mim. Mas não parecia preocupado. Parecia exasperado.
— Suze — disse ele —, pare com isso. Achei que a gente tivesse vindo aqui para...
— Para quê, Paul? — Eu me abaixei e abri a bolsa de ginástica. — Para fazer umas coisinhas ousadas? Ah, não se preocupe. A gente vai fazer. Só que não do jeito que você achou.
— Pensei que seu nome fosse Victor. — Delgado olhou para Paul, confuso.
— Achou? — Paul olhou para ele com raiva. — Victor Maitland? O vilão do filme dos anos oitenta, *Beverly Hills* Cop? Então você deve ser mais otário que eu, porque podia ter pesquisado o nome quando ela ligou para marcar a visita, seu idiota, mas não pesquisou. Eu percebi na hora, mas não saí logo, como devia ter feito. Agora ela pegou nós dois. — Paul se virou para me olhar e suspirou quando viu o que eu tinha tirado de dentro da bolsa. — Ah, que ótimo. Não tem fantasia de coelhinha nessa bolsa, tem?
— Infelizmente para você, não. — Apontei o rifle para os dois. — Jimmy, tire a

mão desse telefone ou coloco uma bala em seu peito.
— Faça isso, e os vizinhos vão ouvir e chamar a polícia.
Delgado não soava mais como um fotógrafo bajulador. Soava mais como um homem que pode ter matado uma menininha assustada um dia. Porque ela não entendia o sofrimento dele, é claro. Tinha certeza agora de que ele deve ter racionalizado as coisas para si mesmo dessa forma.
— Não me importo — falei, e mirei com cuidado. Ele estava usando uma camiseta preta, para acompanhar o tema do local, com um sorriso amarelo no meio. Era um alvo fácil. — Vai valer a pena acabar na prisão se for para matar você.
— Suze — disse Paul. Ele, assim como Delgado, estava com as mãos para o alto. — Pense bem. A Califórnia tem pena de morte. Você realmente quer parar na cadeira por matar um cara cujo único crime é tirar fotos muito ruins?
— Ei — disse Delgado, ofendido. — Já ganhei vários prêmios.
— Sério, cara? — Paul parecia enjoado. — De quem, de sua mãe?
— Paul. — Chutei a bolsa. — Pare. Tem algemas aí dentro. Pegue-as e as coloca nele.
Paul abaixou as mãos, aliviado.
— Ah, porra. Achei que você também estivesse irritada comigo.
— Eu estou irritada com você, Paul — falei, mantendo a espingarda virada para os dois. — Mas agora preciso de sua ajuda. Então pegue essas algemas.
— Ok. — Paul se abaixou para vasculhar a bolsa de má vontade. — Mas, se você acha que é assim que vai ser quando a gente se casar, Suze, eu te ajudando com suas missões loucas de boa ação com fantasmas, você está chapada. — Revirei os olhos.
— Paul — falei —, eu ainda posso atirar em você, considerando meu humor no momento, e não posso prometer que será apenas para ferir. Então tente ficar bonzinho, ok?
Ele vasculhou com mais empenho.
— Já entendi. Você está chateada por causa do negócio do Jesse. Talvez eu tenha ido longe demais. Posso suspender a demolição. Vai me custar dinheiro, mas posso fazer. Mas armas, Suze? E — ele pegou a arma de choque da bolsa e ficou pálido — essas coisas? *Sério?*
Enquanto isso, Delgado tinha suas próprias preocupações.
— Quem mandou você? — falou ele, mal-humorado. — Se é por causa do dinheiro, pode falar para Ricky que já arrumei.
— Não foi Ricky. Não conheço nenhum Ricky. Foi Lucia Martinez. — Mantive a mira da espingarda no centro da camiseta sorridente. — Lembra-se dela, Jimmy? Estudou na Sagrada Trindade.

Delgado pareceu um pouco aliviado. Quem quer que Ricky fosse, ele o assustava mais que a memória do que havia feito com Lucia. Baixou as mãos ligeiramente.
— Mas aquilo foi um acidente. Todo mundo sabe que foi só um acidente.
Rangi os dentes.
— Se eu ouvir a palavra *acidente* mais uma vez... Tem uma testemunha que diz o contrário.
Delgado pareceu confuso.
— Testemunha? Que testemunha?
— Uma testemunha que me contou exatamente como você a matou. Como assustou o cavalo da Lucia de propósito, depois foi atrás dela pela floresta Del Monte e, quando a alcançou, como a puxou do cavalo e a jogou de cabeça no riacho.
— Não. — A cor do rosto de Delgado mudou sob a luz clara do estúdio. Estava agora tão vermelha quanto os calos das mãos. — Nada disso é verdade.
— É tudo verdade — respondi. — Já falei, existe uma testemunha.
— Não! — gritou ele, se levantando bem na hora que Paul se aproximou com as algemas. — Não tinha testemunha nenhuma! Não tinha mais ninguém lá!
Dei uma risadinha para ele.
— Exceto você, não é? Por isso tem tanta certeza.
Delgado, percebendo que havia acabado de confessar um assassinato, disparou para longe da mesa. Eu já sabia que ele ia tentar alguma coisa — os ratos, quando cercados, sempre acabam tentando. Até mesmo os domesticados, como Romeo, atacam caso se sintam ameaçados.
Mas o erro de Delgado foi partir para cima de Paul, e não para mim. Ele pulou de trás da mesa e deu uma chave de braço no outro.
— Para trás! — berrou ele. — Para trás, ou juro por Deus que quebro o pescoço dele.
Paul pareceu bastante descontente com o rumo da cena.
— Hum, Suze... — disse, engasgado. — Acho que ele está falando sério.
— Não se mexa, Paul. — Fui andando calmamente até eles, espingarda empunhada.
— O q-que você está fazendo? — exclamou Delgado. — Eu falei para ficar longe!
— É — reforçou Paul. — Ele mandou ficar longe, Suze.
— Se abaixe, Paul — falei, e, quando cheguei perto o suficiente, girei a espingarda como um taco de beisebol, batendo na lateral da cabeça do fotógrafo. Ele cambaleou e caiu lentamente, mas precisei dar mais umas duas pauladas para convencê-lo a ficar ali.
— Porra, Suze! — exclamou Paul, quando Delgado caiu por cima dele,

prendendo-o no chão sob seu peso. — Tire ele de cima de mim. Tire ele de cima de mim!
— Estou tentando. Pare de ser um bebezão. — O homem pesava uma tonelada. Felizmente, não estava morto. Eu não quis matá-lo, é claro. Foi por isso que tentei evitar a têmpora. Jesse havia me explicado certa vez que, na emergência do São Francisco, vê mais ferimentos cerebrais severos causados por socos em lutas de bar que por tiros. Um soco bem dado podia matar com a mesma certeza que uma bala.
— Graças a Deus — disse Paul, se levantando desajeitadamente e ajustando o terno quando finalmente conseguiu rolar Delgado para longe de si. — E você chamou quem de bebezão? Acho que tenho o direito de reclamar. Virei cúmplice de sequestro e tentativa de assassinato. Esse cara matou mesmo uma menininha?
Fiz que sim.
— Ela estava no primeiro ano do fundamental naquela época.
— Eca. — Ele fez uma careta. — E eu achando que essa arte horrenda era seu único crime. Ai, não. — Notou uma mancha na manga. — Suze, este terno vale 6 mil dólares. Quem vai pagar por isso?
— Você que é o multimilionário. Se vire. Vem, vamos algemá-lo antes que acorde. Quero dar uma olhada no computador e ver se acho alguma coisa que possa usar para conectá-lo ao assassinato ou a qualquer atividade criminosa. Você ainda anda com uma mordaça?
— Ah, Suze. — Ele apontou para o bolso externo. — Sempre.
— Então faça bom uso dela. Não quero os berros do Sr. Delgado incomodando os cidadãos que passeiam pelas lojas do centro de Carmel.
Paul fez o que mandei enquanto eu apagava todas as gravações do sistema de segurança da loja (que consistia em um conjunto de sete câmeras de vídeo — Delgado era obviamente um fã do "Em Casa com Andy" e seus métodos de faça você mesmo — em dois cantos do estúdio) e vasculhava o computador em busca de provas incriminadoras. O computador não tinha senha, o que me fez acreditar que não encontraria nada de interessante ali.
No entanto, depois de abrir uma gaveta trancada na base da mesa preta — o que foi fácil com uma das chaves que encontrei no bolso de Delgado —, descobri o *verdadeiro* computador — um laptop protegido não apenas por uma senha, mas também por uma Magnum .44. Carregada.
Nossa. Sorte minha que a gaveta estava trancada. Não tanta sorte para Jimmy.
Embaixo do laptop havia um porta-valores. Nenhuma das chaves no chaveiro de Delgado o abria, então Paul e eu nos revezamos para bater com o objeto no chão de cimento até que a tampa de metal finalmente se abrisse.
Descobri que porta-valores em geral não são tão bem-feitos assim. Ou talvez as

pessoas que os faziam não imaginavam que alguém iria jogá-los várias vezes em um chão de cimento. Amadores.
Dentro havia uma quantidade surpreendente de dinheiro — 50 mil em notas de cem e de vinte, tudo preso em um elástico — assim como o passaporte de Delgado, o passaporte de um homem que presumi ser seu assistente e uma dúzia de pendrives. Cometi o erro de colocar os pendrives no computador para ver o que guardavam.
Na mesma hora, desejei jamais tê-lo feito.
— Então? — perguntou Paul. Havia encontrado garrafas de cerveja em um frigobar no escritório dos fundos, depois de comentar porque Delgado era tão acima do peso: tinha uma "quantidade boçal" de doces nos armários. Agora andava de um lado para o outro, bebendo, nervoso que nem Romeo depois de comer muitas uvas. — O que o velho Jimmy tem feito no tempo livre?
— Exatamente o que eu esperava. — Desliguei a tela, mas infelizmente não antes de Paul parar atrás de mim e dar uma olhada.
— *Mas que porra...*
Paul deixou a garrafa cair. Ela quebrou, se partindo em centenas de pedaços. O vidro era de cor âmbar, flutuando em uma poça da cor dos cabelos de Lucia e que se alastrava rapidamente pelo chão negro em direção ao corpo do homem que a havia assassinado.

Capítulo 27

Paul não teve muito o que dizer no retorno ao hotel. Eu estava dirigindo. Não confiei na direção dele, não apenas porque estava totalmente transtornado com o que havia acabado de acontecer, mas porque também havia tomado todas as cervejas do frigobar e se encontrava, naquele instante, bebendo a quinta dose de uísque, que também havia encontrado em uma gaveta da mesa de Delgado.

A última coisa de que precisávamos então era ser parados pela polícia de Carmel. Se o policial perguntasse de onde estávamos vindo, Paul era capaz de dizer a verdade. Iríamos direto para a cadeia.

— Se anime — falei finalmente. Ele parecia muito infeliz, jogado no assento do carona, olhar morto no para-brisa. — Você fez uma coisa verdadeiramente boa hoje, pelo menos uma vez na vida. Tem menos um assassino de crianças a mais.

Paul apenas gemeu e continuou olhando pela janela.

— É isso que você *devia* fazer com seus talentos divinos. — Ah, quanta ironia! Se ao menos o padre Dominic pudesse me ouvir naquele instante. — E nós demos uma chance para ele.

Paul riu.

— Mais ou menos.

— Ei. Foi mais que ele deu para Lucia. — Paul gemeu, enojado.

Balancei a cabeça. Foi um erro deixar Paul responsável pelas algemas. Enquanto eu analisava as informações nas memórias, Delgado retomou a consciência, se libertou e tentou pegar a arma que um de nós (Paul) idiotamente deixou sobre a mesa preta.

Felizmente, a espingarda estava próxima de mim.

— Péssima ideia, Jimmy — falei, apontando a boca da arma para o centro da carinha feliz em seu peito.

Aquela carinha feliz. Eu jamais conseguiria olhar para outra sem pensar em... bem, coisas muito desagradáveis.

Era de se pensar que as pancadas que dei teriam convencido Jimmy a fazer o contrário, mas, mesmo assim, ele acordou com a ideia de escapar em mente. Vi o olhar dele ir do porta-valores — arrebentado no chão preto de concreto — para as memórias espalhadas na mesa à minha frente.

— É isso mesmo, Jimmy — falei, segurando a espingarda — Achamos tudo. Já chamei a polícia. Vão chegar a qualquer minuto.

— Há! Pois é. Você pode fazer qualquer performance se acreditar nela o suficiente.

— Então mesmo que você atire em nós dois e saia fugido... o que duvido muito

que você vá conseguir fazer porque eu mando muito bem com isto aqui... eles ainda terão todas as provas que precisam para indiciá-lo. Então, qual vai ser, Jimmy?
Vi seus pequenos olhos pretos se movendo enquanto ele pensava bem, considerando as opções. Arriscar e esperar que dê certo? Ficar ali e se deixar ser preso?
Não sei por que nunca pensei na opção três. Se tivesse, talvez pudesse evitá-la.
Pare. Espere. Não. Foi o que eu devia ter dito nos segundos antes de vê-lo, como se em câmera lenta, botar a Magnum .44 na própria cabeça e puxar o gatilho.
Mas não houve tempo. Tomei o cuidado de não olhar para o corpo quando mandei Paul me ajudar a arrumar tudo. Fiquei com medo de alguém ter escutado o tiro e chamado a polícia — de verdade, dessa vez.
Mas ninguém fez isso. Lá fora, as luzes nos troncos das palmeiras ao lado da avenida ainda brilhavam, e havia uma canção de Natal tocando alto em algum lugar. "Noite Feliz".
Paul pegou a garrafa de uísque debaixo do para-brisa e tomou um gole. Ainda bem que éramos o único carro no bulevar, e todas as lojas da avenida Ocean estavam fechadas.
— Olhe — falei para Paul —, assassinos de crianças, e principalmente molestadores de crianças, não se dão muito bem nas prisões da Califórnia. Elas são cheias de gangues. Cada uma tem seu próprio código de ética, e eliminar um pedófilo pode dar mais respeito a um membro que matar um dedo-duro ou um membro da gangue rival.
Paul riu pelo nariz.
— Aprendeu isso em sua escolinha de aconselhamento?
— Não. — Eu me recusava a deixar que ele me irritasse. — Jake me falou isso. E Delgado também sabia. Foi por isso que fez aquela escolha. Ele sabia que ia morrer de qualquer forma.
— Sensacional, Suze — disse Paul. — E se ele voltar hoje à noite em forma de espírito querendo vingança, a gente vai fazer o quê?
Dei uma olhada nele, sem acreditar.
— Aquele cara? Vingança? Ele deu um tiro na própria cabeça porque era covarde demais para encarar as consequências de suas ações. Acredite em mim, ele vai ficar exatamente onde está agora, seja onde for. Tomara que reencarne como uma barata.
— Tudo bem. Mas, se acha que vou deixá-la quebrar nosso acordo só por causa daquele drama lá, você está louca. — Ele anunciou isso enquanto eu parava o carro na entrada circular do hotel. — Nós ainda vamos jantar no Mariner's. Não vou perder a reserva que fiz para provar o menu delicioso do chef. Dizem que é

um dos dez melhores restaurantes do país. E, juro por Deus, Simon, você vai se sentar na minha frente e fingir que está gostando, como a mulher educada que sei que consegue ser quando quer. Mas antes eu vou ao meu quarto para tomar um banho e queimar este terno. — Ele cheirou a manga do paletó e franziu o rosto. — Eca. *Eau de perv.*

— Está falando sério? — Fiquei o encarando. — Depois daquilo tudo? Você ainda realmente espera que eu...

— Cumpra seu lado do acordo, Simon? É claro. Mesmo que tudo pelo que você me fez passar hoje tenha *mais* que compensado qualquer coisa que eu possa ter feito com você na formatura.

— Não estou falando do que você fez comigo na formatura. Estou falando sobre... pode nos dar um minuto?

Falei a última parte para o motorista que veio abrir a porta para mim. Paramos na frente da entrada, que estava muito mais lotada que quando fomos embora. Agora havia uma dúzia de pessoas mais velhas, muito bem-vestidas, esperando por seus carros. Alguns homens vestiam temo, e algumas mulheres usavam casacos de pele para se proteger do frio vigoroso de novembro — aqueles incríveis 15 graus.

As noites de sexta eram mortas no centro de Carmel, porque eram reservadas a festas elegantes no Norte da Califórnia, quando os ricos desfilavam em suas melhores roupas para ver e ser vistos nos melhores salões de hotéis e mansões particulares (com a desculpa de arrecadar dinheiro para caridade).

— Paul — falei, sentindo uma onda de pânico crescendo dentro de mim. — Você não pode estar falando sério. Se pensou por um minuto que vou realmente deixar que...

— Vai sim, Simon. Aquelas coisas que fez? Tem razão. Você *é* perversa. Não consegue evitar. Tem uma veia maldosa, como eu. E eu amo isso. A gente nasceu um para o outro.

— Não nascemos, *não,* Paul. Meu tipo de perversidade é para ajudar os outros. O seu é só para machucar.

— Mas a dor é tão boa — murmurou ele, meio bêbado.

— Ai, meu Deus. — Estava tudo dando errado. — Olhe, Paul, você com certeza não está se sentindo bem. Eu te levo para o quarto.

— *Excelente* plano — disse Paul.

— Acho que seria melhor se você me desse as chaves — disse o motorista.

— Não vou ficar muito tempo — respondi, sem nem olhar para ele.

— Acho que vai ficar, *sim* — disse o motorista firmemente. — Você e o Sr. Slater não têm uma reserva para jantar?

Isso me fez levantar a cabeça. Alguma coisa naquela voz era estranhamente

familiar.
Só entendi por que quando olhei para o rosto dele. Um calafrio percorreu meu corpo inteiro.
O homem que abriu a porta não era motorista. Era Jesse de Silva.

Capítulo 28

— *Monsieur* — disse o garçom, se curvando para colocar um guardanapo no colo de Jesse.
— *Gracias.*
Jesse não parecia nada incomodado com o fato de ter se convidado para jantar — e forçado a equipe a adicionar uma terceira cadeira e reorganizar uma mesa que obviamente era para duas pessoas —, embora todo mundo no restaurante estivesse olhando para nós.
Coisas desse tipo não deixam Jesse sem graça.
Na verdade, acho que ele estava satisfeito, especialmente quando o *sommelier* trouxe a garrafa de Dom Pérignon que acompanhou a primeira parte do menu degustação — ostras frescas em meia concha, com cobertura de caviar Beluga.
— Eu trouxe minha própria garrafa — resmungou Paul, e encheu a taça de champanhe com o uísque que pegou no estúdio de Delgado.
O *sommelier* pareceu não gostar, mas visto que Paul era um cliente, não havia nada que pudesse fazer.
— Como quiser, senhor — murmurou ele, e foi embora.
O Mariner's era o restaurante quatro estrelas do Carmel Inn, escolhido como o destino número um da baia pela *Forbes Magazine.* Paul se esforçou para reservar a melhor mesa, e a mais romântica — conhecida como "a Mesa da Janela" porque ficava escondida em um canto escuro do restaurante, com paredes de vidro. Ficava 10 metros acima da arrebentação da parte mais ao sul da baía de Carmel, de modo que os clientes tinham a sensação de comer em cima de um penhasco, um ninho privado acima do mar.
Entretanto, o ninho não estava tão privado e romântico assim essa noite, pois o restaurante ficou mais que feliz em adicionar um terceiro lugar à Mesa da Janela a pedido de meu noivo.
— Então — começou Jesse. — O que estamos celebrando? — Ele ergueu sua taça de champanhe. — O fato de eu ser um demônio?
Paul ergueu a própria taça.
— Eu brindo a isso se for para você ir para o inferno de uma vez por todas, De Silva.
— Pare — retruquei. — Os dois. Jesse, como você...?
— Seu meio-irmão David estava tentando falar com você — disse ele, dando de ombros. — Mas você não atendia, como sempre. Então ele me ligou para perguntar se eu sabia onde você estava. Deu a entender que tinha alguma coisa urgente a dizer, então eu naturalmente perguntei o que era. E David, sendo quem

é, não quis trair sua confiança, mas acabei o convencendo de que seria melhor para ele se contasse. Imagine minha surpresa quando descobri que *eu* era o motivo da ligação. Ou melhor, o fato de que, aparentemente, estou ligado a algum tipo de maldição.
Senti como se alguém tivesse derramado champanhe gelado em minhas costas em vez de na taça.
— Jesse — falei. Eu ia matar David. — Olhe. Posso explicar...
— Ah, tenho certeza de que você pode explicar — disse Jesse. Estava degustando a comida com uma vontade que achei surpreendente para quem tinha acabado de descobrir que estava destinado a perder a alma e se tornar um assassino. — Estou ansioso para ouvir. Sim, vou experimentar o vinho, obrigado. — Ele sorriu para o garçom ao lado.
— Mas como você descobriu que a gente estaria aqui? — Eu não havia contado para David, nem para ninguém, sobre meus planos para aquela noite.
— Onde mais Paul Slater ficaria hospedado quando está visitando Carmel? — Jesse apoiou o garfo para tomar um gole do vinho. — No melhor hotel. Agora, por onde começamos? Pelo acordo que ouvi vocês discutindo no carro, ou pelo que aconteceu na formatura?
— Jesse — falei depois de tomar vários goles d'água. Minha boca parecia cheia de areia. — Não é o que você está pensando.
— Não, está tudo bem, *mi amada.* — Havia um brilho perigoso nos olhos dele. — Se um homem está amaldiçoado a assassinar todo mundo que ama, é melhor saber que tem um motivo.
— Jesse. — Eu me engasguei. — Pare. Você sabe que isso não é verdade.
— Qual parte, exatamente, Suzannah? — Jesse tomou o resto do vinho. — Falei para você que podemos até não ter mais a conexão fantasma-mediadora, mas eu ainda consigo saber quando você está mentindo para mim, e você mentiu a semana inteira. Aquelas flores em sua mesa de trabalho? Elas não foram enviadas por um pai de aluno. Foram enviadas por *ele.* — Olhou para Paul com raiva.
— Assumo a culpa. — Paul deu uma piscadela para Jesse. — Mas ela não vale a pena?
Senti uma onda de raiva dos dois.
— É isso aí, Jesse — falei, antes que ele pudesse reagir à provocação de Paul. — Eu e Paul temos um caso tórrido desde o ensino médio pelas suas costas. Foi por isso que o levei, e não você, para o assassinato hoje. Paul é muito melhor em assassinatos que você.
Paul ficou confuso.
— Peraí. Você está sendo sarcástica?

— Claro, seu imbecil! — falei para ele. — A gente quase levou um tiro hoje porque você não sabe nem fechar um par de algemas.
— Então por que me levou?
— Porque eu não podia deixar que *Jesse* fizesse aquilo. Ele tem muito a perder.
Paul se encostou na cadeira com uma expressão de choque.
— Merda. Ela me usou.
— Ah, vê se cresce, Paul. Jesse, escute, eu...
— Achei que já tivéssemos conversado sobre isso. — Jesse cruzou os braços de tal maneira que os bíceps se inflaram por baixo do terno (os homens eram obrigados a usar terno e gravata no Mariner's). O de Jesse não era tão caro quanto o de Paul, mas ele estava muito, muito lindo mesmo assim. — Tive de prometer trabalhar mais seis plantões para conseguir que outro residente cobrisse meu turno na emergência, e depois de esperar por uma hora, descubro que você se atrasou porque *matou Delgado*? Como é que pôde pensar em fazer uma coisa dessas depois do que conversamos esta tarde, Suzannah?
— Em primeiro lugar, não falei que matei Delgado. Ele se matou. Em segundo lugar, desculpe por mentir, mas eu falei para você que não queria que arriscasse sua reputação por causa de um safado que nem...
— E eu falei para *você* que não queria que arriscasse a vida.
— Desculpe — repeti. Eu nunca tinha visto Jesse tão irritado. — Mas eu falei que não ia ficar sentada bordando gorros. Você já devia saber que não sou esse tipo de garota. E, no final das contas, valeu a pena. Tenho a lista de clientes de Delgado. Não os que compraram as fotos encomendadas; ele tinha uma memória separada para clientes particulares que compravam o que chamava de "fotos especiais"... fotos que você com certeza não quer ver. O nome do padre Francisco está na lista.
Jesse fez uma expressão de quem comeu algo amargo, mas depois apenas tomou mais um gole, ainda mais lento, de champanhe, que o garçom veio rapidamente repor.
— Ah. As notícias boas não param, não é?
— Mas isso *é* uma notícia boa, Jesse — garanti, com urgência, olhando dentro de seus olhos, que ainda estavam negros de tanta raiva suprimida, e mais alguma coisa que eu não conseguia identificar completamente. — Tem informação suficiente naquele pendrive para botar o padre Francisco e muitas outras pessoas na prisão, talvez pela vida inteira. Vou entregar tudo a Cee Cee amanhã.
Os lábios de Jesse se contorceram.
— Então o mundo deve acreditar que Delgado teve uma crise de consciência antes de se matar e mandou a lista de clientes particulares para a mídia local?
— Acho que é melhor assim. Cee Cee vai ter o cuidado de não mencionar Becca

Walters.
Jesse assentiu, pensativo.
— E talvez isso permita que o espírito de Lucia descanse.
— Sem querer interromper o momento emocionante, mas posso falar uma coisa? — Paul levantou uma das mãos.
— Não. — Jesse apontou firmemente para Paul. — Você devia calar a boca, a não ser que queira acabar como Delgado. E *você* — o olhar furioso se voltou para mim — não pode me culpar por deduzir o pior, ainda mais depois do que David me contou. Que *acordo* é esse que vocês estavam discutindo quando estacionaram? E o que pode ter acontecido na formatura? Eu estava com você na maior parte do tempo.
— Jesse — falei —, eu quis te contar. Quis mesmo. Mas fiquei com medo de sua reação; tipo essa *agora,* por exemplo.
Ele estava indignado.
— O que estou fazendo de errado?
— Tudo! Eu tinha a situação totalmente sob controle até você chegar...
— Ah, por favor — gemeu Paul. — Por mais que eu goste de ver você se humilhando, Simon, preciso de um banho porque estou fedendo a comissário de bordo venezuelano. Então para mim já deu. Posso garantir a você, De Silva, que nada aconteceu na formatura exceto por um pequeno momento de indiscrição de minha parte, pelo qual sua namorada me deu um chute no saco. E hoje, como revanche, ela me forçou a ver um degenerado explodir o próprio cérebro. Pronto. Está feliz? Sério, eu desisto. Ela é toda sua.
Jesse foi para cima de Paul quando ele se levantou para deixar a mesa. Ele o segurou pela lapela do blazer, fazendo com que os pratos tilintassem e alguns talheres caíssem no chão.
— Ela nunca foi sua para você poder passá-la para mim, Slater — disse Jesse com raiva, o rosto grudado no de Paul. — E também não é minha. Mulheres não são cavalos, não pertencem a um homem ou outro, embora você ache que sim, visto que tem se esforçado tanto para roubá-la de mim.
— Eu não chamaria de esforço. — Paul não parecia tão preocupado por ter quase 2 metros de um ex-fantasma furioso sobre ele. — Não quando você facilitou tanto as coisas, fracassando em satisfazer as necessidades dela.
Felizmente, o *sommelier* chegou nesse exato instante, e nós dois conseguimos separar o Jesse de Paul antes que ele o machucasse fisicamente... mas não a tempo de evitar que todo mundo no restaurante se virasse para nós.
Senti todos os músculos de Jesse tensos sob meus dedos. Ele estava se coçando para dar um soco no rosto de Paul, e, sinceramente, ele merecia.
Mas nem o *sommelier* nem eu queríamos uma cena dessas no Mariner's, ainda

mais na Mesa da Janela. Juntando nossas forças, e depois de vários puxões e empurrões, conseguimos fazer com que Jesse se sentasse de novo antes de causar qualquer dano.
— Jesse, por favor — implorei, enquanto o *sommelier* o arrumava feito uma mãe cuidadosa, dobrando o guardanapo, que havia caído, no colo dele e escovando seu terno. — Paul está bêbado. E, mesmo que tenha estragado tudo, ele fez um favor para você hoje. Sabe que não pode chegar nem perto de gente como Delgado.
Jesse me olhou com raiva. Eu me senti como um daqueles bolinhos dentro do forno vintage de minhas sobrinhas, queimando sob a forte luz branca.
— Ele me fez um *favor*? — Ele parecia incrédulo. — Suzannah, não preciso desse tipo de favor, nem dele, nem de ninguém, especialmente quando você está envolvida. E — adicionou, dando uma olhada obscura para Paul — ele está meio bêbado *demais*, não acha?
— O quê? Não. — Voltei rapidamente para o lugar ao mesmo tempo em que a segunda parte do jantar, um prato de borda dourada com salmão selvagem da baía de Monterey e limão Meyer, estava sendo posto por uma equipe de garçons tão profissionais que davam a impressão de não ter notado que quase houve uma briga no restaurante. — Ele me parece bem. Peraí, o que você está...
Parei de falar quando Jesse pegou minha bolsa embaixo de minha cadeira.
— Sério, por favor, podem continuar, vocês dois — balbuciou Paul da cadeira onde ele havia se jogado de volta. Para minha surpresa, ele ainda não fora embora do restaurante. — Finjam que eu não estou aqui. Estou acostumado.
Jesse começou a vasculhar minha bolsa. De repente, soube *exatamente* o que ele estava fazendo... e pelo que estava procurando. Meu coração veio parar na garganta. — Jesse, não! — exclamei, tentando pegar as alças de couro para retomar a bolsa. — Eu...
Ouvi o barulho de algo chacoalhando, e tive certeza de que os dedos dele estavam em torno do frasco de remédio. Eu não tinha como detê-lo. Ele pegou o frasco do fundo da bolsa e franziu os olhos ao ler o rótulo sob a luz fraca da vela que iluminava a mesa do restaurante.
— O que é isso? — perguntou Paul com interesse. — Suze, você trouxe lembrancinhas para a festa? Meu tipo de garota.
— Não é o tipo de lembrancinha de que você gosta, Slater — disse Jesse, abrindo o frasco rapidamente e despejando o conteúdo na palma da mão. Contou rapidamente e perguntou: — Quantos você deu a ele?
— Só alguns. Eu coloquei na garrafa de uísque quando ele não estava olhando. Não queria que ele sentisse o gosto.
Jesse falou um palavrão.

— Você lhe deu calmante *com* álcool?
Vendo a expressão preocupada de Jesse, dei de ombros.
— É uma garrafa grande. Ele vai ficar bem, só um pouco fora de si por algum tempo.
— Obrigado pelo diagnóstico, Dra. Simon. — Jesse já estava com o celular na mão, pronto para ligar para a emergência. — Por que você faria uma coisa dessas?
Mordi o lábio. Eu teria de contar para ele mais cedo ou mais tarde. Olhe tudo que estava acontecendo porque eu não tinha contado — porque *Becca* não tinha contado. Não, peraí. O assunto era eu agora.
Mas, no final, foi Paul que jogou tudo no ar.
— Calmante? Esse golpe foi bem baixo, Simon, até mesmo para você. — Pegou o celular dentro do terno. — Eu devia ter adivinhado que você nunca teve a intenção de cumprir com seu lado do acordo. Vou mandar uma mensagem para Blumenthal agora e confirmar a demolição na segunda-feira. — Isso fez com que Jesse parasse a ligação que estava fazendo.
— Essa palavra de novo. Acordo. Qual era o *acordo*?
— Hum — respondi, o pânico aumentando. — Nada. Só...
— Ai, não. — Paul sorriu e continuou digitando. — *Que situação.* Desculpe, Simon. Mas promessa é promessa. E, ao tentar me drogar, você acabou de quebrar a sua.
O olhar de Jesse parecia me queimar.
— Suzannah. *Do que ele está falando?*
Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Paul continuou:
— Ah, não seja tão duro com ela, De Silva. Na verdade, você devia estar impressionado. É difícil achar uma mulher tão leal quanto ela hoje em dia... ou ao menos uma que não esteja interessada só no seu dinheiro, o que não seria um problema para você, eu sei, mas para mim...
— Ok, já *chega.*
Eu me levantei e joguei o guardanapo ao lado do novo prato que havia sido servido, risoto com trufa negra a *Parmigiano-Reggiano,* que, àquela altura, eu já não tinha interesse nenhum em provar.
— Vem, Jesse — falei. — Não precisamos ficar aqui ouvindo isso. Vamos embora.
Mas Jesse ficou onde estava.
— Não — disse ele. Seus olhos eram tão escuros quanto os de Paul eram claros; mais escuros ainda naquele instante, visto que aquelas sombras já familiares estavam voltando. — Estou interessado em saber desse acordo de vocês.
Comecei a sentir medo, apesar de haver um quarteto de cordas tocando uma

música leve ao fundo.
— Jesse, ele não sabe o que está falando. Ele... ele está drogado, lembra?
Paul deu um gole com vontade na garrafa de uísque.
— Querida, tenho uma novidade para você. Eu tomo remédio como se fosse bala. Como você acha que mantenho meu *estilo de vida* altamente *não saudável e ainda consigo* ter uma ótima *aparência? Alguns calmantes dentro de* minha bebida *não vão fazer nem cócegas*, já que tomei quatro Dexedrines antes de sairmos do bar. Enfim, o que vocês têm é muito fofo, e fico com inveja, ainda mais porque agora os dois já sabem que vai acabar.
— E como vai acabar? — perguntou Jesse.
— Bem, não existe nenhum caso documentado, que *eu* saiba, de copulação entre uma humana e um cadáver reanimado, mas acho que uma coisa dessas pode desafiar todas as leis físicas e naturais. Se você quer saber minha opinião, é *isso* que provavelmente vai libertar as entidades demoníacas que residem no bom médico aqui. Mas quem sou eu para falar sobre isso? Não sou especialista. Vamos descobrir na segunda-feira, não vamos? Ah, e esse era o acordo que tínhamos, De Silva. Sua namorada ia me deixar transar com ela se eu não demolisse a velha casa. Mas agora o acordo foi quebrado. Então boa sorte na tentativa de não assassinar sua noiva.

Capítulo 29

— *Jesse.*
Ele não respondeu. Em vez disso, ficou de pé e passou por mim sem falar nada; mas não, como temi inicialmente, para levantar Paul Slater da cadeira e jogá-lo pelo vidro da janela.
Para minha surpresa, Jesse passou por Paul — que havia se encolhido na cadeira, claramente esperando um golpe — e saiu do restaurante sem olhar para trás, embora eu o tivesse chamado de novo. A última coisa que vi foi ele desaparecendo pela porta da frente, os ombros largos tão tensos quanto os de um soldado em ação.
— Ai — disse Paul, se ajeitando na cadeira. Pegou a garrafa de uísque. — Essa deve ter doído, Simon.
— Cale a boca, Paul. — Eu me sentei na cadeira mais próxima. Mesmo que quisesse sair correndo atrás de Jesse (e não sei de que forma isso ajudaria), eu não tinha certeza de que minhas pernas conseguiriam me aguentar. — Eu não acredito que você acabou de fazer isso.
— Ah, por favor. — Paul colocou o *pinot noir* novo em uma das várias taças que estavam na frente de meu prato. — Se vocês tivessem um relacionamento tão bom assim, ele teria ficado, independentemente do que falei.
Dei uma olhada amarga nele.
— Ele foi embora para não te matar.
Paul gargalhou.
— Provavelmente. Aposto que está esperando você no estacionamento, sendo o cãozinho leal que é. Au, au.
— Você é nojento. — Mas eu torci para que ele estivesse certo.
— Posso dar uma sugestão? Vá embora daqui comigo em meu avião. Esse cara vai virar o satanás na segunda-feira, ainda mais agora, considerando o quanto você o emputeceu. E, por mais que você tenha me aborrecido também, Simon, com seu comportamento de hoje, eu realmente detestaria te ver morrer. Não gosto de ver coisas belas sendo desperdiçadas. E, falando nisso, antes de irmos, me ajude a terminar esse vinho. A garrafa custa mil e duzentos dólares.
A criança está perdida, e muito aterrorizada, e sofrendo muito, disse tia Pru. *E crianças perdidas e sofrendo às vezes podem ser muito cruéis. Elas se rebelam e machucam os outros, às vezes sem querer. Mas às vezes de propósito também.*
Talvez ela realmente estivesse falando de Paul, e não de Lucia.
— Paul — falei, ignorando o vinho e pegando o celular na bolsa. — Você reconhece essa foto?

Paul olhou rapidamente para a foto na tela e deu de ombros.
— Claro. Você mostrou para o pervertido mais cedo. Por quê?
— São minhas sobrinhas. — Mostrei mais fotos das trigêmeas no celular, um breve álbum. — São as trigêmeas de Brad e Debbie Ackerman. Só que você a conheceu como Debbie Mancuso, é claro.
— Fascinante, Suze. Por que você não está bebendo o vinho? Realmente não devia deixar passar. Tem um semitom terroso muito bom.
— As filhas de Brad e Debbie são mediadoras, Paul — falei. — É por isso que estou mostrando as fotos. Sabe como isso é raro? Que haja tantos mediadores na área da baía de Monterrey? Pense. Tem você, Paul. E seu irmãozinho, Jack. E o padre Dom, é claro. E agora Jesse. Então as trigêmeas de Debbie Mancuso, que ela concebeu pouco tempo depois da formatura.
Paul havia tomado um gole do vinho de mil e duzentos dólares que pediu. Mas, quando falei *formatura,* ele engasgou. Conseguiu engolir tudo, menos uma gota que desceu pelo canto da boca. Ele limpou com o guardanapo e olhou para baixo a fim de garantir que não havia respingado no precioso terno.
— É mesmo? — perguntou ele. — Como disse, fascinante. Mas por que está me contando tudo isso? Não sou muito fã de crianças. Prefiro falar sobre nós dois.
— Isso tem a ver conosco — falei. Coloquei os cotovelos sobre a mesa e o queixo na mão para observá-lo com atenção.
— Você, eu e Jesse, e o que vai acontecer na segunda-feira se você demolir minha casa. Se essa maldição for real e Jesse realmente começar a atacar todo mundo que ama, isso vai incluir essas crianças. Essas crianças que veem fantasmas. Como você acha que Debbie Mancuso acabou com trigêmeas que veem fantasmas? Principalmente quando ela nunca mostrou nenhum sinal de ser mediadora, e nem, como todos sabemos, meu meio-irmão Brad. Eu tinha esperanças de que você pudesse esclarecer essa questão.
— *Eu?* — Paul apontou para si próprio, sobrancelhas o mais alto que podiam ir.
— O que *eu* posso saber sobre isso? Não sei nada sobre crianças.
— Até onde eu sei, a falta de informação sobre crianças nunca foi um impedimento médico para pessoas as conceberem.
— Olhe, já entendi aonde você está querendo chegar, Simon, mas elas não podem ser minhas — declarou Paul. — Não me interessa o que Debbie vem contando para você. Jamais deixei de usar camisinha na vida, e por uma razão muito boa. Você sabe o quanto eu valho? Acha que não sei que existem mulheres desesperadas no país inteiro que adorariam que eu caísse na armadilha de ser pai de uns fedelhos cheios de meleca só para eu pagar algumas moedas de ouro até as crianças completarem 18 anos? Não, *obrigado.*
— Paul, por favor — falei, e olhei em volta para os outros clientes que o

encaravam. — Não tem ninguém montando armadilhas para você pagar nada, muito menos Debbie. Ela nunca falou nada sobre isso comigo...
— Espero que não mesmo! — Ele apontou para mim. — Sou um cara muito, *muito* cuidadoso.
— Paul, eu também não gosto disso. Amo essas meninas e daria tudo para que Brad fosse o pai delas. Na minha opinião, ele é o pai *de verdade*. Mas não biologicamente. Você mesmo admitiu que não tomou cuidado na formatura. Disse que mal se lembra do que aconteceu. Na verdade, você usou a bebedeira como desculpa para o que fez comigo. Mas não estava tão bêbado assim — continuei — para se lembrar de que, mais tarde, naquela mesma noite, Debbie Mancuso, cito, "subiu em cima de mim como se eu fosse um maldito gigolô", fim da citação.
Paul apoiou a cabeça nas mãos.
— Ai, merda. Ok. *Uma vez.* Talvez eu tenha me esquecido da camisinha *uma vez.* Mas como ela pode ter engravidado de *três crianças* com *uma vez*?
— Adolescentes e mulheres com mais de 35 anos têm mais probabilidade de dar à luz gêmeos e trigêmeos que mulheres entre 20 e 35. — Ele olhou para mim sem acreditar. Dei de ombros. — O nome disso é ciência. É só pesquisar.
— Bem, se acha que vai conseguir um pouco de minha saliva para fazer um teste de paternidade, você está… — Eu me inclinei para a frente e peguei a taça de vinho de Paul. Derramei o conteúdo no arranjo de flores da mesa e envolvi a taça com meu guardanapo. Coloquei os dois em minha bolsa.
— Eles acham DNA para fazer teste de paternidade em todos os tipos de objetos hoje em dia, Paul — expliquei. — Custa um pouco mais e leva mais tempo, mas eles fazem.
Paul parecia que ia enfartar a qualquer momento.
— Você não pode... eu vou... meus advogados vão...
— Não vão, não. Porque o teste vai dar positivo. Aquelas meninas são suas filhas, e já estão começando a precisar de tratamento especial. Não conseguem distinguir os vivos dos mortos.
— O que você quer de mim, Suze? — perguntou ele, com as mãos à frente, palmas para cima. — Eu acho que é bem claro que não serei uma grande ajuda para elas. Não sou bom mediador.
— Não mesmo. Felizmente, elas têm uma tia dedicada que vai ensinar essas habilidades, agora que sei que é isso que elas são.
Ele pareceu aliviado.
— Ok. Sem problema. Você fez um trabalho maravilhoso com meu irmão, Jack. Ele nem fala comigo, mas tudo bem. Então elas precisam de quê? Dinheiro?
— Não. Elas já têm pais, e avós, que as amam e vão dar tudo de que precisarem

nessa área... por enquanto. Mas você ainda precisa se redimir. Não acho que a ideia de você ser o pai das filhas dela já passou pela cabeça de Debbie, e, se passou, ela nunca pensou em correr atrás disso. Mas talvez ela mude de ideia, agora que você resolveu comprar propriedades em Carmel. As coisas não estão indo bem para Brad e para Debbie. Um pouco de sua grana provavelmente ajudaria a aliviar o estresse de criar trigêmeas agitadíssimas de 5 anos de idade que veem gente morta. E depois disso *você* pode entrar para a vida delas. E de Debbie, é claro. Talvez eu devesse contar a ela que...

Ele ficou pálido.

— Você está blefando. Brad é só seu meio-irmão, e você sabe que ele é um idiota, mas mesmo assim você o ama. Nunca faria com que ele passasse por isso.

— Não faria? Não tenho tanta certeza. Talvez ele tenha o direito de saber. E tenho certeza de que o pai de Debbie Mancuso, o Rei das Mercedes de Carmel, ficaria muito feliz em saber que as netas são suas, e não de Brad Ackerman...

— Tá bom, Simon. Já entendi, ok? Se você prometer que não vai contar para ninguém que talvez eu seja o pai dessas crianças, eu não destruo a casa 99 da Pine Crest Road.

— Ah — falei —, você *definitivamente* não vai destruir a casa 99 da Pine Crest Road. Quer saber por quê? Porque você vai dá-la para mim.

Capítulo 30

Paul tinha razão sobre uma coisa. Jesse estava mesmo esperando por mim do lado de fora do restaurante.

Quase passei direto por ele... não porque não estava esperando vê-lo. Estava. Ou pelo menos eu *esperava* que ele estivesse ali... mas porque, quando notei uma figura escura na sombra da entrada do hotel, havia um brilho vermelho vindo de sua boca.

— *Jesse?* — Quase deixei a bolsa cair de tanto choque. — Você está *fumando?*

— Suzannah. — Ele se inclinou para apagar o cigarro em uma das plantas iluminadas. — Eu não esperava que fosse voltar tão cedo.

— Decidimos não pedir sobremesa. Quero dizer, *eu* decidi. Desde quando você *fuma*?

Ele deu de ombros, constrangido.

— Eu não fumo. Quero dizer, fumo, é claro, de vez em quando. Mas não muito. É um mau exemplo para os pacientes.

— Quem está mantendo segredos dessa vez?

Observei o rosto dele sob a luz fraca. Estava tarde, e tão frio que os motoristas tinham entrado no hotel para se manter aquecidos. Estávamos a sós na noite fria. Agora que havia apagado o cigarro, Jesse colocou as mãos nos bolsos para mantê-las quentes, e me encarava com uma expressão que só pude descrever como ressabiada.

— Então? — perguntou ele finalmente. — Cadê ele?

— *Ele* está pagando a conta de 4 mil dólares. *Nós* vamos embora. Aqui.

Ele olhou para o saco plástico festivo que entreguei a ele como se carregasse explosivos.

— O que é isso?

— É um muffin de banana com nozes. O Mariner's dá um a todos os clientes que vêm jantar. É para comer no café da manhã. Você saiu sem pegar o seu.

A boca dele se curvou em um leve sorriso.

— Tudo bem. Pode ficar com o meu.

— Que foi, Jesse? — perguntei com calma, e botei o muffin na bolsa. — Não quer uma lembrança de sua experiência no Mariner's?

— Não.

— Eu também não quero, na verdade. — Estiquei a mão. — Desculpe.

Durante alguns batimentos agonizantes do coração, ficamos ali debaixo da entrada, minha mão esticada na direção dele sobre o tapete vermelho. Não havia nenhum som a não ser o das ondas batendo na praia vários metros abaixo de nós.

O que estava acontecendo? Ele ia me deixar ali parada com a mão esticada para sempre? Será que ele fazia ideia de como pedir desculpas era difícil para uma pessoa como eu?
Ele sabia. Finalmente, ele tirou uma das mãos do bolso e entrelaçou os dedos fortes nos meus.
— Você não precisa pedir desculpas, Suzannah — disse, com uma voz tão amena e segura quanto sua mão. — Nada disso foi culpa sua. Foi *dele*.
— Obrigada, Jesse. Mesmo assim, você devia ter escutado a história de mim, e não dele. Eu *quis* contar, só fiquei...
— Com medo de eu ficar com raiva — falou Jesse. — Sim, entendo. Mas eu também devia ter confiado em você. Vamos aceitar então que nós dois cometemos erros, não só hoje à noite, e deixar como está. — Ele começou a me levar em direção à BMW de Jake, estacionada a alguns metros dali. — Suzannah, você realmente acredita?
— Em quê?
— Na maldição. Que...
— Claro que não — interrompi. — Não acho que você tenha nenhum centímetro assassino em seu corpo... só se o caso for Paul. Mas, mesmo que seja verdade, não precisamos mais nos preocupar com isso.
— Como assim? — Ficou surpreso. — David disse que não tinha como quebrar a maldição. Que vinha pesquisando sobre isso com um amigo que...
— Não importa. A Pine Crest Road, 99, não vai ser demolida.
A voz dele não estava mais tão calorosa.
— *Por quê?*
— Porque ela pertence a mim.
Chegamos ao carro de Jake, mas Jesse não se moveu para pegar as chaves no bolso. Soltou minha mão.
— A casa é *sua*? Como conseguiu isso?
— Bem, ainda não é minha de verdade — explicou. — Ainda tenho de assinar uns papéis. E, pelo visto, vou ter alguns problemas com impostos. Suspeito que vão me extorquir um belo valor. Mas Paul vai me transferir a propriedade da casa para que eu nunca revele que ele é o verdadeiro pai das trigêmeas, e para que eu dê aulas de mediação a elas quando forem mais velhas.
Jesse ficou me olhando em silêncio por vários segundos. Era um pouco difícil ver o rosto dele, porque a iluminação do estacionamento não era a melhor e a lua estava brincando de pique-esconde com as nuvens. Mas tive a impressão de que ele não parecia muito feliz.
Isso se confirmou quando ele soltou um palavrão (em espanhol, é claro) antes de finalmente dizer:

— *Você* é quem está possuída.
— Oi? — Olhei para ele. — Como assim?
— As pessoas estão preocupadas que *eu* tenha um lado obscuro? Acho que elas deviam estar se preocupando com *você.*
— Ah, vamos lá, Jesse. Você quer que sejamos honestos um com o outro? Então sejamos honestos. Você deve ter suspeitado.
— Não, Suzannah, a possibilidade de Paul Slater ser pai de suas sobrinhas nunca me passou pela cabeça, e não sei como *você* ficou sabendo.
— Lucia me contou — falei antes de pensar.
Assim que as palavras saíram de minha boca, vi nos olhos dele a traição que eu havia cometido. Mas era tarde demais para desfazer o estrago.
— Lucia te *contou*? — Jesse parecia ter levado um tapa. — E você nunca me falou nada?
Eu me defendi.
— Eu não ia falar nada para ninguém — insisti. — Pareceu o tipo de coisa que se deve manter em segredo...
— De *mim?* Mas era para a gente se casar!
— Como assim, *era*? — Meu coração se contorceu. — Jesse, eu entendo você ficar com raiva de mim, mas não acha que é um pouco demais ficar com *tanta* raiva assim....
— Eu não estou com raiva de você, Suzannah. — Ele passou uma das mãos pelos cabelos grossos e negros, frustrado. — Eu... eu não sei o que estou sentindo.
— Use palavras. — Era uma frase que falávamos para as trigêmeas frequentemente.
— Ok. — Ele olhou para mim com irritação. — Estou decepcionado.
— *Decepcionado?*
Eu não acho que ele poderia ter escolhido uma palavra que machucasse mais. Deus sabe que Jesse e eu havíamos discutido outras vezes, mas ele nunca usou aquela arma de seu arsenal. Aquilo perfurou meu coração como um salto agulha, e a dor me deu uma vontade selvagem de machucá-lo também.
— Está falando sério? Ah, me desculpe, Dr. De Silva. Eu não quis te *decepcionar.* Deus sabe que nunca vou ser tão elegante quanto sua preciosa Srta. Boyd. Achei que estivesse fazendo um favor para você esta noite...
— Já falei para você que não quero favores, Suzannah — rosnou ele. — Nunca esperei favores e nunca pedi nenhum. Tudo que sempre quis de você foi a *verdade.*
— Que sempre dei a você, Jesse — falei. — Admito que nem sempre falo tudo com a antecedência que devia, mas sempre acabo contando a verdade.

— Sempre acaba contando? Anos depois, né, no caso do que aconteceu entre você e Slater na formatura. E eu teria descoberto sobre seu planinho de hoje se David não tivesse me ligado?
— Que planinho?
Ele sorriu com cinismo.
— São tantos que você nem acompanha mais! O que envolvia seu *acordo* com Slater.
Ah, *esse* plano.
— Nunca planejei cumprir esse acordo, Jesse. Eu ia apelar para as algemas e a arma de choque que você colocou no carro para usar com o padre Francisco. Então...
— *Numbre de Dios.* — Ele parecia alarmado. — Então eu cheguei e você não fez nada. E ainda bem que eu cheguei. Um homem como Slater, que não tem escrúpulos quanto a usar força contra uma mulher, teria gostado...
— Não. Eu usei as armas com Delgado. Paul teria se ligado se eu levasse a bolsa para o quarto dele. Em vez disso, usei o remédio.
Jake balançou a cabeça, incrédulo.
— E viu como adiantou muito? Ele toma remédios desse tipo para se divertir, Suzannah!
— Eu sei. — Meus ombros ficaram pesados. — Acho que pessoas vivas não obedientes não são meu forte.
— Eu não diria isso. Vem aqui.
Eu estava olhando para meus sapatos. Levantei o rosto, sentindo uma pontada de esperança.
— O quê?
— Eu falei vem aqui. Você está tremendo.
Dei um passo na direção de Jesse, que tirou o blazer e o colocou sobre meus ombros.
Podia até estar com raiva de mim — e ser parte demônio —, mas, ao contrário de Paul, que era todo humano, Jesse ainda era um cavalheiro. O calor do corpo dele logo penetrou no meu e me aqueceu.
Mais que o calor do blazer, no entanto, foi seu cheiro fresco e o toque de seus dedos em minha pele que me lembravam do quanto eu o amava.
— Ai, Jesse — falei —, será que a gente pode não brigar? É a *pior* coisa.
Ele não pareceu tocado.
— Não, Suzannah. A *pior* coisa é ouvir de sua futura esposa que ela se voluntariou a abrir uma escola de mediação na antiga casa com o propósito único de educar as filhas de *Paul Slater.*
— Jesse, por favor. Você sabe que não é isso que quero dizer. Não uma escola.

Eu estava pensando na clínica que sempre quisemos abrir. Você cuida do bem-estar físico das crianças, e eu cuido da saúde mental delas. Você devia ver a identidade visual que Cee Cee criou...
— Você não pode abrir uma clínica médica em um bairro residencial, Suzannah.
— Ah — falei. — É, você deve ter razão. Então a gente vai ter só de morar lá.
— Na casa onde eu *morri*?
— Na casa onde *nós* nos apaixonamos. Uma casa que consegui de graça, caso você não tenha entendido essa parte.
Qualquer casal que tivesse passado o tempo que passamos em um relacionamento a distância (não só porque fomos para faculdades diferentes, mas também porque um de nós era um morto-vivo durante grande parte do tempo) estava sujeito a brigas — talvez um pouco mais para nós por causa de nossa situação em particular...
Mas nunca tivemos uma briga como aquela.
No entanto, meu trabalho é resolver conflitos. Existem várias maneiras de fazer isso. Nem todas incluem armas.
Pelo menos não armas que guardamos em bolsas de ginástica.
E, a julgar pelo calor que vi se acendendo nos olhos de Jesse, eu estava começando a ter uma ideia do tipo de arma que resolveria aquele conflito da melhor forma. E, felizmente, essa arma eu tinha em meu arsenal. Eu vinha tentando usá-la a meu favor havia um bom tempo, sem sucesso.
Graças a Paul, agora eu tinha uma ideia do porquê. Era o último objetivo de Paul, mas, ao tentar me separar de Jesse, ele me deu a chave para finalmente nos unir.
— Vem. — Eu o segurei pelo cinto e fiquei feliz quando ele me permitiu aproximá-lo alguns centímetros de mim. — A melhor maneira de resolver isso é provar que Paul está errado.
A sobrancelha com a cicatriz em forma de lua crescente se ergueu.
— De que maneira?
— Acho que se ainda achamos que tem alguma coisa maligna à espreita dentro de você — falei, e o aproximei de mim ainda mais —, a gente deve libertá-la. É basicamente meu dever como mediadora, na verdade.
Ele estava apoiado sobre mim, pressionando minhas costas contra o carro de Jake. Senti o batimento estável do coração dele embaixo do terno, e os músculos das pernas dele contra as minhas. O calor que ele emanava fazia com que fosse difícil de acreditar que ainda havia alguma parte dele que talvez estivesse no túmulo. Mas nunca se sabe.
Sua boca se curvou nos cantos.
— Suzannah...

— Shhh. Venho treinando para isso há muito tempo. — Eu ainda estava segurando o cinto dele. — Estou pronta para assumir essa missão muito importante.
— Suzannah. — Ele estava com as duas mãos sobre o carro, prendendo-me com os braços longos e musculosos. — Sei que está brincando, mas isso é sério. Você não teria passado por tudo isso se não acreditasse pelo menos um pouco que...
— Não estou brincando, e não interessa no que *eu* acredito. — Mexi na fivela do cinto. — No que você acredita? Se o motivo real que fez com que você adiasse nossa primeira vez por tanto tempo foi medo de que isso pudesse libertar alguma coisa demoníaca, então acho que temos a obrigação de descobrir. — Fiquei olhando dentro dos olhos dele, dedos presos na fivela. — A verdade, Jesse, é que não tenho medo de fantasmas.
De Silva me olhou com olhos negros repletos de alguma coisa indecifrável.
— Talvez — disse ele, colocando as mãos em minha cintura — você tenha razão.
Meu pulso deu um pulo irregular.
— O que prescrevo é que a gente volte para a Cruzada hoje — falei com a voz repentinamente rouca —, abra uma garrafa de vinho e converse sobre como eu fui decepcionante, com muitos detalhes, no seu quarto. E por motivos terapêuticos, acho que devemos fazer isso sem roupa.
A resposta dele foi o sorriso de lado do qual senti tanta saudade, sem traços de cinismo dessa vez.
— A gente pode tentar isso — disse ele, abaixando a cabeça para dar um beijo em meu pescoço. — Ou podemos conversar sobre algumas de suas qualidades menos decepcionantes.
Fingi estar chocada.
— Peraí... eu tenho alguma?
— Consigo pensar em algumas. — Uma das mãos dele subiu pela minha cintura e parou perigosamente perto de meu seio esquerdo.
— Me diz uma. Vamos ver o que será libertado.
— Hummm. Cabeça dura?
— Não é um elogio. Tente de novo.
— Inteligente.
— Ah, boa. — A mão chegou ainda mais perto de meu seio, ao passo que os lábios foram em direção à boca. — Que tal outra?
— Linda.
— Gostei dessa. Que mais?
Ele falou alguma coisa incompreensível. Conforme continuou me beijando — um beijo para cada palavra —, senti algo na frente da sua calça que mostrava

que pelo menos uma parte dele decididamente *não* estava decepcionada comigo.
— A gente pode conversar sobre essas coisas também — falei. Suas mãos envolveram meus seios, e seus lábios beijaram os meus com fome. — Estou aberta a sugestões.
— Suzannah, Suzannah, Suzannah — sussurrou ele depois de certo tempo. — *Te quiero.*
— Eu também — sussurrei, passando os braços ao redor de seu pescoço. A melhor parte de brigar era fazer as pazes depois. — ldem.
Ele tinha acabado de me dar um daqueles beijos longos e quentes que, baseado em minha experiência com ele, em geral levava a beijos mais longos e mais quentes, quando o som de alguém batendo palmas fez com que os dois nos assustássemos e nos virássemos.
Não tinha como dizer há quanto tempo ele estava parado embaixo da entrada do hotel, bisbilhotando silenciosamente. O vento vindo do oceano levava a fumaça do charuto que ele fumava para a direção oposta — por isso não notei. Geralmente sou mais sensível a esse tipo de coisa.
— Brilhante — disse Paul ainda aplaudindo, charuto preso nos dentes. — Uma performance lindíssima. Não vejo uma apresentação tão divertida desde... bem, desde o filme pornô que assisti em meu quarto aqui no hotel.
Senti todos os músculos de Jesse se tencionarem. Segurei os ombros de seu blazer; eu sabia exatamente o que ia acontecer.
— Jesse, não — falei, o medo tomando meu estômago. — Ele não vale a pena...
Tarde demais.
Ele chegou em Paul com três passos. O som de osso batendo em osso dava náusea, quase o mesmo som da coronha quando bateu no crânio de Delgado.
É estranho ver nas coisas em que a consciência se foca em momentos como esse. A minha se prendeu no charuto que saiu voando da boca de Paul pelo ar da noite — criando uma chuva de fagulhas vermelhas — e parou no concreto perto de meus saltos altos, seguido, em poucos segundos, pelo rosto de Paul, em uma chuva também vermelha de gotas de sangue.
— Eu avisei — disse Jesse para Paul, respirando com força. Ele passou por cima do corpo imóvel de Paul para me pegar pelo braço e me afastar da cena. — Mas você não me escuta.
A única resposta de Paul foi um gemido enquanto ele se esforçava para se sentar.
— Jesse. — Eu estava completamente chocada com a violência que havia acabado de testemunhar, e olhe que vi bastante violência naquela noite. Naquele momento, não foi difícil acreditar que Jesse tinha um demônio dentro de si. Ele havia acabado de libertá-lo na pessoa que mais odiava, em vez de sobre as pessoas que mais amava. — Você não precisava...

— Sim — disse ele com uma voz que me deu calafrios de tão gelada. — Precisava, sim.
Ele colocou uma coisa em minha mão. Quando olhei para baixo a fim de ver o que era, uma parte longínqua de meu cérebro ficou surpresa ao identificar as chaves da BMW.
— Vá para casa. — Jesse me segurou pelos ombros enquanto me dava instruções com cuidado. — Para sua casa. Ande logo. Vai ser melhor se você for embora agora.
— Por quê? — perguntei, abobada. — Para onde você vai?
— Não se preocupe comigo. Eu vou estar bem. Ligo quando puder.
— Me liga? Não estou entendendo. Para onde você vai?
Então eu vi os motoristas saindo do hotel, falando com Jesse em espanhol rapidamente e com furor, e ouvi a sirene a distância. Vi também o sorriso lento e maldoso no rosto de Paul por trás do sangue todo quando ele se sentou.
De repente, entendi exatamente por que Jesse me deu as chaves do carro e para onde ele ia.
Tudo que eu podia fazer era entrar no carro e dirigir para casa.

Capítulo 31

David não parava de pedir desculpas. Parecia estar praticamente chorando ao telefone.
E eu estava piorando tudo dizendo as coisas erradas.
— Bem, é verdade que Jesse provavelmente nunca teria sido preso por agredir Paul Slater se você não tivesse contado a ele tudo sobre a maldição — argumentei. — O que mostra que algumas coisas realmente têm de ser mantidas em segredo.
— Por favor, me desculpe, Suze! Fiquei muito preocupado. Quando você não respondeu minhas mensagens...
— Ai, meu Deus, David, eu estava brincando. — Na verdade, eu não estava brincando, mas depois do dia que tive, estava cansada demais para pensar antes de falar.
Peguei uma cerveja e uma cenoura na geladeira, botei a cenoura na gaiola de Romeo, e fui me sentar com Gina no sofá-cama. Ela estava assistindo à televisão quando cheguei em casa, mas tirou o som do programa; ela achava minhas ligações mais interessantes que os episódios gravados de *The Bachelor.*
— Ele só vai passar uma noite na cadeia — garanti para David. Pronto, isso saiu melhor. — Pelo menos foi o que o advogado disse.
Isso não acalmou David, no entanto.
Jake já havia contatado um de seus poderosos advogados de defesa (quando você trabalha com o tipo de coisa que meu meio-irmão mais velho trabalha, é melhor ter aconselhamento legal à disposição. Tentei não ficar nervosa quando Jake ligou para "o cara que lida com direção sob efeito de substâncias" e mandou que fosse até a delegacia para garantir que o Dr. Hector de Silva recebesse o melhor tratamento possível até o julgamento (estava marcado para a manhã seguinte).
A prisão do condado de Monterey era considerada uma das melhores instalações do tipo no estado — não que nenhuma delas fosse tão boa assim —, então Jesse deu sorte nesse aspecto. Assim como vários prédios do Norte da Califórnia, a delegacia fazia parte do registro nacional de locais históricos. Cesar Chavez ficou preso ali durante o boicote do alface no Vale do Salinas. Tanto Brad quanto Jake já haviam passado algum tempo no que chamavam de "a pousada mais em conta da baía” por várias pequenas confusões e infrações.
— Jake diz que a comida deixa a desejar — falei para David ao telefone. — Mas você conhece várias pessoas interessantes.
— Isso não está me fazendo sentir melhor, Suze — disse David. — E o emprego de Jesse? Ele vai perder o emprego?

Tentei não deixar que o nervosismo que eu sentia em relação a isso transparecesse em minha voz.
— Tenho certeza de que ele vai conseguir manter o emprego. Todo mundo no hospital ama Jesse. E esse problema todo foi só um mal-entendido que aconteceu enquanto Jesse estava fora do trabalho. A acusação contra ele vai ser retirada. — Dei um gole na cerveja. — Vai dar tudo certo. Você vai ver.
— Como você conseguiu fazer *isso?*
— Digamos apenas que Paul ficou feliz em cooperar.
A resposta verdadeira de Paul — ou devo dizer, as respostas — a minha mensagem dizendo que era melhor ele retirar a acusação, ou eu contaria para o Rei das Mercedes a verdade sobre ele e Debbie, foram menos graciosas que isso.

El Diablo Ok. Mas quero que você saiba que aquele animal quebrou minha mandíbula em dois lugares.

Nov 19 12:40 AM

El Diablo E agora você viu com os próprios olhos, Simon. Ele não é o médico santinho que finge ser. Tem um demônio dentro dele.

Nov 19 12:41 AM

El Diablo Quando precisar ser salva dele, me ligue. TALVEZ eu vá te buscar.

Nov. 19 12:42 AM

El Diablo Mas eu provavelmente vou só deixar que ele quebre SUA mandíbula para você ver como é.

Nov 19 12:43 AM

Cruel. Mas bem a cara de Paul. Eu achava interessante que ele considerasse Jesse um demônio quando, para mim, estava muito claro quem dos dois era o verdadeiro príncipe da escuridão.
É claro que não compartilhei os detalhes das mensagens de Paul com David, mas o pouco que falei o preocupou mesmo assim.
— Suze! Isso não é intimidação de vítima? Você pode ter problemas.
Dei uma boa gargalhada diante da ideia de Paul ser uma vítima, embora na verdade eu não estivesse achando nada daquilo muito engraçado.
— David, você não faz ideia das coisas que fiz só nesta semana e que podem me causar problemas muito maiores.
— Bem, e a casa? E a maldição? Eu tenho conversado com Shahbaz (a gente se encontrou umas duas vezes, na verdade) e realmente parece que não existe nenhuma maneira de quebrar a maldição. Pelo menos nada que esteja escrito em documentos do Antigo Oriente. Mas eu li umas coisas sobre práticas Wicca de remoção de maldição que você podia experimentar. Sei que o padre Dominic não

aprovaria, mas...
— David — falei, parando com a cerveja a caminho da boca. — Você não falou nada sobre meu dom para esse tal de Shahbaz, falou?
— Não — respondeu David, com uma voz tão cheia de culpa que eu tive certeza de que ele estava mentindo. — Quero dizer, não com tantas palavras. Mas acho que ele entenderia se eu contasse. Na verdade, ele é bastante esperto e está bem preocupado com a demolição de sua casa. Ele entende como pode ser ruim para uma pessoa ver o lar da infância sendo destruído a fim de dar espaço a prédios novos, envolvendo ou não uma maldição.
— Awn — falei, tocada pelo tom melancólico na voz do David. — Muito fofo da parte dele. Mas acho que a casa vai ser salva.
— Sério? Como? — David ficou tão surpreso que sua voz falhou.
De forma alguma eu ia contar para David que Paul era o verdadeiro pai das sobrinhas dele — ainda mais porque ele estava muito preocupado com a casa —, então falei apenas:
— Parece que os planos de demolição foram adiados. Então temos tempo para pensar em algumas estratégias alternativas.
— Como você conseguiu *isso*, Suze?
— David, já é bem tarde aqui, então deve ser ainda mais tarde aí. Não era para você estar dormindo?
— Já falei para você, Suze, não sou mais uma criança. Eu quero ajudar!
— Acho que você já ajudou o suficiente — falei. — E não estou falando isso com sarcasmo. Sério, David, eu não sei o que faria sem você. Mas preciso ir dormir. Boa noite. — Desliguei antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.
— Meu Deus. — Gina passou a tigela de pipoca amanteigada em seu colo para mim. — Pelo visto você teve uma noite espetacularmente bosta.
— Põe bosta nisso. — Enchi a mão de pipoca e coloquei de uma vez na boca. Tinha gosto de cinzas salgadas, mas era por causa dos eventos daquele dia, e não das habilidades de Gina. — Eu só preciso relaxar por, tipo, uma hora.
— Tudo bem. — Ela pegou o controle remoto. — O que você quer assistir?
— Qualquer coisa menos *The Bachelor.* Já lidei com solteirões demais por hoje.
— Seu desejo é uma ordem. — Ela apontou o controle para a tela e começou a zapear. — Hum, acho que as únicas opções viáveis são seu favorito, *Médium*, ou um daqueles programas de vestidos econômicos de casamento.
— Meu Deus. Vestidos econômicos de casamento, por favor.
Ela sorriu.
— Sabia. Vestido de casamento, então.
Assistimos àquilo até cairmos no sono; quero dizer, até uma de nós cair no sono, pelo menos. Eu me levantei devagar para não a acordar e fui para minha cama...

... mas continuava acordada uma hora depois, sem conseguir tirar uma imagem da cabeça.
Pare. Espere. Não.
Várias pessoas podiam ser culpadas por vários acontecimentos naquela noite, mas a morte de Jimmy Delgado era culpa apenas minha. Foi uma alma que não consegui salvar... não que valesse muito a pena.
Mas Jesse... o que estaria fazendo naquele momento? Será que também estava deitado na cela pensando em mim? Estaria com frio? E se não tivesse um cobertor? E se Paul não tivesse de fato retirado a acusação, como disse que ia fazer? Será que eu podia contar para alguém sobre as trigêmeas?
Eu estava me torturando com esses pensamentos quando percebi que não estava sozinha no quarto.
Eu soube quem era antes mesmo de abrir os olhos.
Apoiei-me em um dos cotovelos e olhei para ela. Mesmo tendo sentido sua presença, meu coração ainda estava batendo com força.
— Você não pode continuar fazendo isso — falei. — Vai me fazer enfartar.
Lucia não respondeu. Apenas ficou parada ao lado da cama, a aura delicada brilhando ao seu redor, olhando para mim com aqueles olhos pretos gigantes. Estava com a mesma expressão sombria de sempre, a boca no mesmo formato rosado de desaprovação.
O que fiz de errado agora? Talvez ela não gostasse do fato de eu dormir no mesmo quarto de um rato, ou com uma velha camiseta preta e um short de yoga.
Ou talvez não tivesse gostado do fato de eu não ter tentado tanto assim impedir que o assassino dela se matasse. Ele jamais teria seu dia no tribunal. Pelo menos não na Terra.
— Como você entrou aqui? — Olhei em volta. Ela não deveria ter conseguido entrar no apartamento; o lugar era todo protegido contra espíritos malignos, desde sal e bênçãos a cruzes e mezuzás.
Se bem que Lucia não era exatamente um espírito maligno.
— Como posso ajudá-la, Lucia? — perguntei. Conversar com aquela criança era como conversar com o bicho de pelúcia que ela carregava; ela nunca respondia.
— Você está aqui por causa de Jimmy? Hum...
Eu me lembrei, tarde demais, que só Becca já chamara o assassino de Lucia pelo nome, e nem ela gostava de fazer isso. A própria Lucia ficou traumatizada demais e nunca conseguiu chamá-lo de outra coisa a não ser "ele".
— É por causa do, hum, homem mau?
Eu me sentei na cama, vagarosamente para não a assustar. Não havia nenhum som no quarto, a não ser minha voz e os grunhidos delicados de Romeo, que havia acordado e começado imediatamente a se limpar na gaiola.

— Porque ele foi embora, Lucia. — Era um eufemismo cabível para o que havia acontecido com Delgado. Foi. Ele foi embora. — Eu o encontrei e dei um jeito de ele nunca mais machucar nem você, nem Becca, nem ninguém, nunca mais.
Lucia continuou apenas a olhar para mim em silêncio, olhos brilhando com a mesma luminosidade do resto do corpo. Eu não conseguia decifrar sua expressão. Estava apreensiva ou insatisfeita?
— Amanhã vou lidar com o padre que também machucou Becca. Ok? — Minha voz falhou um pouco. — Não do mesmo jeito que Jimmy, mas... ele também não vai mais machucar ninguém. Desculpe as coisas terem ficado tão complicadas, e por ter levado tanto tempo para dar um jeito em tudo. Não que dê para dar um jeito no que já aconteceu, mas... bem, você sabe. Essa foi difícil, Lucia. Essa foi muito difícil mesmo.
Levantei a mão para afastar o cabelo dos olhos e percebi, quando vi meus dedos molhados, que eu estava chorando. Eu, que nunca chorava.
Todos os sinais estavam ali. Minhas bochechas estavam úmidas, minha garganta, apertada. Meus olhos ardiam.
Não era alergia. Eu estava chorando. Chorando por Lucia.
Por Lucia, por Becca ou por mim? Talvez pelas trigêmeas também, e um pouco por Jesse. Chorando por todos nós.
Lucia apenas continuou a olhar para mim, como uma coruja.
Peguei o celular, que estava na mesa de cabeceira, e passei por algumas fotos que eu havia salvado.
— Olhe, Lucia, encontrei sua família. Eles saíram da cidade, mas não foram para muito longe. Eles têm vinhedos no Norte de São Francisco. Parece bem bonito. Não têm cavalos, mas têm lhamas. Olha, tem uma foto aqui. — Virei a tela do celular para que ela pudesse ver. A luz lhe iluminou o rosto ainda mais que o próprio esplendor espectral. — Aqui está sua mãe, seu pai e seus irmãos. E, olhe, está vendo aqui? Depois que você morreu, eles adotaram duas menininhas. — Isso fez com que ela se inclinasse para mais perto. Eu finalmente consegui sua atenção.
— Eu venho pensando nisso — continuei. — Por que eles adotaram duas meninas? E acho que foi porque uma só não teria sido suficiente para tapar o buraco que se formou nos corações deles quando você foi embora. Esse é o tamanho do amor que sentiam por você.
Lucia olhou para mim e para a foto várias vezes, os olhos maiores que nunca.
Mas eu ainda não sabia se ela estava entendendo. Eu mal conseguia ver por causa das lágrimas.
Como eu conseguiria me conectar a ela?
— Por favor, Lucia — falei. — Você só precisa ter um pouquinho mais de

paciência e tudo vai ficar bem, eu juro. Talvez não tudo bem. Nunca vai ficar tudo bem para você, sei disso. Mas juro que vou ajudar Becca. É o que você quer, não é?

Então ela fez uma coisa que me chocou, e eu vinha trabalhando com almas havia bastante tempo. Não sabia que ainda era capaz de me chocar.

Mas Lucia conseguiu quando subiu na cama e veio até mim, braços esticados para envolver minha nuca.

Não para me estrangular, dessa vez.

Para me abraçar.

E o mais chocante foi que soltei o celular e a abracei também, uma menina morta de 7 anos que nem devia estar no meu quarto.

Aquilo era uma violação de todos os protocolos entre fantasma e mediadora — e paciente e terapeuta — que existiam no mundo. Lucia precisava passar para o outro lado e se encontrar com o grupo ao qual pertencia: com a avó que disse que ela era uma menina tão feliz. Ela já havia falecido também e provavelmente estava esperando, inquieta, que a neta se apressasse e fosse encontrá-la. Meu trabalho era garantir que isso acontecesse.

Mas lá estava eu, abraçando-a em vez de deixá-la ir, permitindo que ela apoiasse o rosto — frio e liso feito mármore — no meu, apertando-a com a mesma força que ela me apertava. Sua tristeza, profunda e escura como um túmulo, transbordou até mim...

Ou talvez a única tristeza que eu estivesse sentindo fosse a minha. Talvez ela estivesse ali o tempo todo, numa caixa bem guardada. Talvez fosse isso o que me mantivesse acordada havia tantos anos, mas eu não me permitira experimentar aquilo — até que o toque daquela bochecha fria na minha abrisse a caixa, e todas as emoções que eu guardei com tanto cuidado viessem transbordando até a superfície.

— Tudo bem, Lucia — sussurrei, balançando-a devagar de um lado para o outro. — Vai dar tudo certo. Eu prometo.

Ela se afastou de mim um pouco, depois levou uma das mãos ao meu rosto, que, ao contrário do dela, não era frio e liso feito mármore, mas sim quente e molhado.

— Eu sei — sussurrou Lucia, olhando dentro de meus olhos. Pela primeira vez desde que a conheci, ela sorriu. — Foi isso que eu vim falar para *você*.

Então, numa explosão de luz dourada que iluminou meu quarto como um Sol, ela se foi.

Capítulo 32

Pela primeira vez em muitos anos, eu dormi. Só acordei quase 9 horas da manhã, quando meu celular tocou. Era meu meio-irmão Jake ligando.
Jake. Jesse. *Prisão.*
— Ai, meu Deus, como ele está?! — exclamei, pegando o celular rapidamente.
— O que está acontecendo?
— Ele saiu. — Soneca soava extremamente contente consigo mesmo.
— Saiu? — Eu me sentei na cama em um segundo. — Ele está bem? Onde está? O que aconteceu? Posso falar com ele?
— Todas as acusações foram retiradas. Viu, vale a pena ter o melhor advogado criminalista do seu lado. Dirigiu sob efeito de substâncias? Liga para ele. Não que esse fosse o caso de seu garoto aqui, mas...
Eu não queria estragar a felicidade de Jake, mas sabia que não foi a habilidade de defesa do advogado que tirou Jesse daquela, e sim minha ágil mediação.
— Muito obrigada, Jake — interrompi. — Agradeço muito mesmo. Tenho certeza de que Jesse também agradece. Cadê ele? Posso falar com ele?
— Está aqui no carro comigo. Estou o levando de volta à Cruzada porque ele disse que você está com o carro dele, é verdade? Cara, que sorte, porque, se os policiais olham dentro da minha BMW e encontram todo aquele, hum, contrabando, nem meu advogado teria conseguido tirá-lo....
— Jake, posso falar com Jesse? — Às vezes eu me pergunto se meus meios-irmãos, com exceção de David, caíram de cabeça várias vezes quando eram bebês.
— Ah... — Ouvi uma conversa murmurada, e Jake voltou a falar. — Foi mal, Suze, mais tarde, talvez, ok?
Tentei evitar o tom ácido em minha voz porque sabia que nada daquilo era culpa de Jake. Ele foi um excelente amigo para nós. Mas eu estava com raiva.
— O *quê?*
— Escute, Suze, fique tranquila, não aconteceu nada, ele só está exausto. Tipo, se coloca no lugar dele, Suze. — O tom de Jake virou um sussurro. — O cara passou a noite na cadeia. Ninguém quer falar com a noiva assim que sai da cadeia.
— Eu ia querer — falei. Coloquei as pernas para fora da cama. — Eu ia querer falar com meu noivo assim que saísse da cadeia. Na verdade, achei que a gente fosse até a delegacia *juntos,* e eu ia servir de testemunha, e....
— Cara, Suze, quer saber? Tem horas que um homem não quer envolver sua dama, e essa é uma delas.

— Que *dama*? Eu não sou dama de ninguém. Do que você está falando? E como Jesse pode não querer me envolver nisso? Já estou envolvida. O que aconteceu? Ele apanhou na prisão? Ele está escondendo alguma coisa? Coloque ele no telefone agora, Jake, ou eu juro por Deus que vou...
— Acho que primeiro é melhor eu levá-lo para casa a fim de descansar e comer e tomar um banho — disse Jake com um tom mais normal. — Aí você pode ir até lá mais tarde, e os dois conversam. Falou, Suze?
— Falou? Não vem com *falou* para cima de mim, não. Quem é você, o novo *life coach* dele?
— Está vendo? — Jake estava sussurrando de novo. — É *exatamente* por isso que eu não quis você no tribunal. Você é emotiva demais.
— Emotiva? *Eu?* E ele? Foi *ele* quem...
— Buscar o noivo depois de ele passar a noite preso não é tarefa para uma noiva. É tarefa para o padrinho de honra. Outro motivo para eu achar que vocês deveriam ter me escolhido como padrinho de honra, e não mero padrinho. E eu nem sei qual é a desse tal de Paul, mas não quero, repito: *não quero* que você fale de novo esse nome na frente de Jesse. Toda vez que mencionavam o nome dele no tribunal, um músculo do rosto do Jesse começava a tremer...
— Não se preocupe, não tenho intenção alguma de mencionar Paul, nem hoje, nem nunca mais. Mas escute, você precisa me contar. Jesse está puto *comigo*, ou só com Paul? Porque juro por Deus, Jake, se ele cancelar o casamento, eu vou surtar. Aquele vestido está em meu armário há tanto tempo que acho que tem mais teias de aranha que minha vagina.
— Opa — disse Jake. — A ligação está falhando. Acho que cheguei numa área sem cobertura.
— Não existe área sem cobertura vindo para cá de Monterey, seu imbecil.
— Vejo você mais tarde, Suze. Tchau, Suze. — Jake desligou.
Abaixei o celular e fiquei sentada com vontade de dar um soco em alguma coisa. Lucia disse que ia ficar tudo bem, mas, pelo que eu via, a previsão era tão exata quanto a previsão do tempo. Disseram que ia fazer sol, mas a neblina de sempre cobria a "vista da montanha" — e praticamente o resto todo — do lado de fora de minha janela.
Gina já havia acordado e saído; ela deixou uma mensagem em meu celular, dizendo que faria um teste (o teatro ao ar livre de Carmel-by-the-Sea apresentava musicais com frequência), e depois tinha algumas coisas para resolver.
Tudo bem. Eu também tinha muito que resolver.
— O que é isso? — perguntou Cee Cee, olhando para o laptop e o porta-valores que coloquei entre nós na mesa do Médium Feliz uma hora depois, após tomar banho, vestir uma roupa e ir encontrá-la para tomar café da manhã: mingau (ela)

e panquecas com bacon de tofu extra (eu, e só porque o Médium Feliz é vegetariano).
— Ah — falei, e tomei um bom gole de café. — É apenas tudo de que você precisa para escrever a história da década. Quero dizer, talvez não da década, mas pelo menos do ano. Seu editor vai amá-la. É capaz de conseguir um emprego no *San Francisco Chronicle* com uma história desse tamanho.
— Eu não quero trabalhar no *Chronicle*. — Cee Cee abriu o porta-valores, o que foi fácil de fazer porque a tampa estava quebrada, pendurada tristemente pelas dobradiças. — Só quero sair da sessão policial. Deus do céu, Suze! Quanto dinheiro tem aqui?
— Cinco mil. Não cheque o que há nas memórias USB aqui ou na frente de menores. — Dei uma olhada no lugar, que estava super cheio. O horário de maior frequência no café era de manhã, e era por isso que Gina estava doida para trabalhar nesse horário. A tia de Cee Cee garantiu que ela teria uma chance, mas só depois de ela "fazer a parte dela" com os turnos mais vazios, à noite. — É nojento.
— Ah, é? — Sem se deixar afetar, Cee Cee já estava decifrando a senha do laptop. — O que é?
— Em pouco tempo, um cara vai entrar no Estúdio Delgado de Fotografia na Pine e encontrar o chefe, James Delgado, morto com um tiro que ele deu em si mesmo. Isso que você tem aí estava trancado na mesa dele. Quando você conseguir dar uma olhada, vai entender por que ele escolheu se matar. Tem duas listas de clientes; uma para fotos normais, e outra para as fotos que ele distribuía ilegalmente, segundo as leis federais contra exploração de menores. — Cee Cee fez uma careta.
— Que legal.
— É. Acho que uma boa versão para você contar, na história que vai escrever antes de entregar tudo isso à polícia, é que encontrou isso em um envelope fechado na frente de sua casa hoje pela manhã. Você não faz ideia de quem deixou, mas suspeita que tenha sido o próprio Jimmy com vergonha e remorso por todas as coisas terríveis que fez. Mas é claro que cabe às autoridades determinar isso.
Uma das várias coisas que eu adorava em Cee Cee era que ela não perdia tempo fazendo perguntas idiotas. O senso de moralidade dela era claro, porém bastante flexível. E ela era profissional até o fim.
E também sabia reconhecer quando alguma coisa boa era apresentada a ela durante o café da manhã.
— Maravilha — disse ela sem tirar os olhos da tela, nem quando se inclinava para comer mais mingau. — Sem problema. Mas tem uma coisa. E se me

pedirem o envelope?
— Infelizmente — respondi —, você jogou o envelope fora, e ele já foi levado para o lixão. Como ia saber que tinha alguma coisa tão incrivelmente importante?
— Verdade. Então, já que você está envolvida, deduzo que esse tal de Delgado não tenha se matado de verdade.
— Não, não, ele se matou, sim. Talvez você possa mencionar na sua história que existem vários estudos sugerindo que pessoas como ele preferem morrer a encarar o estigma social depois que seus crimes sejam expostos; ou a parar de cometê-los.
— Boa frase, obrigada, vou usá-la. — Continuou escrevendo. — Qual era a outra coisa que você mencionou que queria falar comigo?
— Ah, sim. Bem, considerando que estou dando essa história verdadeiramente enorme a você, eu estava pensando se poderia abafar outra. — *Ela* parou de olhar para a tela a fim de me encarar. Seus olhos violeta mostravam bom humor.
— Suzannah Simon, você está tentando impedir a liberdade de imprensa?
— Com certeza. Como você escreve os artigos sobre notícias policiais da cidade, posso pedir que *não* reporte que Jesse foi preso ontem à noite por agredir Paul Slater?
Sua expressão mudou de humor para animação.
— Ele *foi*? Que máximo! Você estava lá? Viu a cena? Me conte tudo. Teve muito sangue? O que Paul disse para deixar Jesse com tanta raiva? E que diabos você estava fazendo com Paul Slater? E por que não *me* convidou?
— Se eu prometer contar tudo — falei — em detalhes dolorosos, você promete que vai fazer tudo o que puder para que a coisa toda fique fora da internet e dos jornais? Acho que Jesse ficaria arrasado se os colegas do hospital descobrissem.
— Juro por Deus. — Ela colocou a mão sobre o coração por cima do casaco cinza desbotado da Academia da Missão. — Pela minha vida. Você vai comer o bacon de tofu?
— Não. É nojento. Por que eles não podem pelo menos servir bacon de peru aqui?
— A tia Pru não permite nenhum produto de origem animal no estabelecimento. O que você está botando no café é leite de soja.
Falei uma palavra com cinco letras e quase deixei a jarra de metal cair.
— Foi mal. Agora me conte tudo. Onde foi que ele...
— Olá, meninas. — A tia Pru apareceu na nossa mesa com os braceletes tilintando. — Ouvi meu nome?
Cee Cee fechou a tela do laptop de Jimmy Delgado.
— Bom dia, tia Pru.

— Estou vendo que está ocupada, trabalhando. — Deu um beijo no topo da cabeça da sobrinha, que estava ficando corada por baixo dos cabelos cor de neve. — Ela é tão esforçada, não é, Suzannah?
— Como uma abelhinha operária — falei, me levantando e pegando a bolsa. — Falando nisso, eu também tenho trabalho a fazer, e preciso me apressar.
— Ah, que pena. — Pru pareceu chateada, e Cee Cee fez uma cara de raiva porque eu estava escapando sem contar a história da prisão de Jesse. — Mas, no final das contas, as coisas acabaram como eu disse que acabariam, não foi?
— O que, Prudence? — Eu estava ocupada procurando dinheiro na carteira. Achei que pagar o café da manhã de Cee Cee era o mínimo que eu podia fazer.
— Com a menininha. Ela jamais quis machucar ninguém. Estava apenas assustada e sofrendo. Mas você a ajudou, não ajudou?
Eu congelei. Fiquei olhando para ela até finalmente conseguir dar um sorriso. Então a "criança perdida" era Lucia mesmo. Eu devia ter adivinhado. Paul Slater nunca foi uma criança perdida. Sempre soube exatamente qual caminho seguir.
Pena que era o caminho errado.
— Acho que sim, Pru — falei. — Obrigada. Mas não fiz isso sozinha. Meus amigos me ajudaram muito.

Capítulo 33

Eu não sei o que estava esperando quando parei o carro na frente da casa onde Becca Walters morava. Sabia que os Walters eram ricos, é claro.

Mas não achei que o domicílio da família seria uma das mansões de 20 milhões de dólares na 17-Mile Drive — uma das que Jesse e eu zoamos no caminho para a Sagrada Trindade no dia anterior, brincando que era o tipo de lugar onde o Dr. e a Sra. Baracus morariam.

Com o Pacífico como praia "particular", uma piscina e um spa lindos à beira-mar, dez quartos e banheiros e vários chalés para convidados, a casa de Becca parecia mais o Resort Praia Pebble que uma moradia.

No entanto, essa ilusão foi despedaçada quando tive de falar ao interfone na frente do portão de entrada. Eu estava preocupada — porque pela primeira vez usei meu nome verdadeiro — que não permitiriam minha entrada, ainda mais porque foi Kelly que atendeu.

— Suze Simon? — repetiu ela. Difícil dizer se ela estava mais surpresa ou incomodada.

— Isso, oi, Kelly, sou eu. — Precisei me debruçar para fora do carro a fim de alcançar o interfone, que foi construído em uma das colunas colossais que ficavam de cada lado do longo caminho que levava à casa. É claro que os Walters haviam dado um nome para sua mansão. Todas as propriedades chiques da 17-Mile Drive tinham nomes. Uma placa em uma das colunas da casa de Becca dizia CASA DI WALTERS.

Podia ser pior, acho, mas nem sei como.

— Preciso só de cinco minutinhos de seu tempo — garanti para Kelly. — Quero falar com você e seu marido sobre Becca.

Depois de uma longa pausa, ouvi um som, e as portas enormes de aço se abriram eletronicamente. Recebi permissão para adentrar a Casa di Walters. Eu me senti como uma plebeia recebendo permissão para visitar a rainha. Rainha Kelly.

Precisei vagar por algum tempo pela propriedade até finalmente encontrá-los. Não fui recebida por empregadas ou governantas (surpreendentemente), embora eu tivesse batido na porta e tocado a campainha. Achei que Kelly teria uma empregada e que a forçaria a usar uniformes com um avental de babados.

Talvez Kelly não tivesse convencido Lance Arthur a concordar com esse plano. Ou talvez a empregada tivesse folga nos fins de semana. Essa opção parecia mais provável que a de eles não terem empregada.

Finalmente, ouvi o *pec-pec* de bolas de tênis batendo em raquetes e me dei conta de que a família estava no jardim. No final das contas, a previsão do tempo *não*

estava errada. O sol dissolveu a neblina matinal, e agora me fazia fritar embaixo do cardigã preto de caxemira que coloquei por cima da camiseta e do jeans. Considerando que meu noivo e eu não estávamos nos falando — ou fosse lá o que estava acontecendo —, resolvi me vestir de maneira confortável em vez de tentar libertar demônios interiores com minha sensualidade. Estava até usando minhas botas para briga — a segunda melhor e única que eu tinha.

Achei Kelly na quadra, jogando uma partida energética com o novo marido. De perto, e vestindo roupas brancas de tênis, Lance Arthur Walters era mais bonito que nas fotos da internet. Chegava até a parecer gente boa, para um bilionário careca de rosto vermelho e de meia-idade. Quando ele notou minha presença, parou o jogo — Kelly me viu primeiro, mas fez questão de fingir o contrário — e veio rapidamente ao meu encontro, usando uma toalha para secar um pouco do excesso de suor.

— Olá — disse ele, com a mão direita esticada. — Você deve ser a professora de quem Becca tem falado tanto recentemente.

Kelly veio atrás dele correndo, o longo rabo de cavalo balançando. Não estava nem um pouco suada.

— Ela não é professora — disse Kelly, com amargura.

— Suze Simon. — Apertei a mão do pai de Becca. — Eu trabalho no escritório administrativo da Academia da Missão. Na verdade, eu e Kelly estudamos na mesma turma.

Lance Arthur se virou para olhar a esposa nova e linda com surpresa.

— É mesmo? Você nunca me falou isso, querida. Precisa chamar Suze para o Pilates com sua outra amiga. Qual o nome dela? Ah, sim, Debbie.

— Debbie é minha cunhada — falei.

Lance Arthur quase caiu de tanto espanto.

— Cunhada? Não! Eu jamais saberia! Kelly, por que eu não a conheci antes? Debbie é cunhada dela! É muita coincidência. E Becca fala tão bem de Susan.

Kelly olhou para mim ameaçadoramente.

— Não sabia que *Susan* gostava tanto de Pilates.

— Ah — respondi, começando a me divertir com aquilo —, amo Pilates! Faço todo dia.

— Todo dia! — Lance Arthur nos guiava até as mesas e cadeiras ao lado da quadra, à sombra de um guarda-sol amarelo-claro. Alguém (a empregada ausente?) havia colocado uma jarra de limonada fresca e vários copos na mesa. Ele encheu um para mim, depois um para Kelly e um para ele. — Que maravilha. Você precisa vir fazer uma aula em nosso estúdio particular, Susan. É realmente moderno, e temos um instrutor de ponta, totalmente de ponta. Debbie e Kelly simplesmente adoram Craig, não é, Kelly?

Kelly se jogou em uma das espreguiçadeiras de estofado amarelo e disse:
— Ah, adoramos sim.
Aposto que Debbie e Kelly adoravam Craig. E aposto que Craig adorava Kelly também, ainda mais nas semanas a fio em que Lance Arthur ficava fora da cidade, a trabalho.
— Talvez eu venha mesmo — falei. — Muito obrigada pelo convite. — A limonada estava deliciosa, não muito amarga, não muito doce. E havia morangos de verdade boiando nela. Lance Arthur era um banho de classe. — Mas, olhe, não quis interromper o jogo de vocês. Na verdade, vim aqui para ver como Becca está. Tenho certeza de que Kelly contou ao senhor, Sr. Walters...
— Ah, por favor, me chama de Arthur! Qualquer amiga de Kelly é minha amiga também, Susan.
— Tudo bem, Arthur. Então, como tenho certeza de que a Kelly falou para você, Becca teve um probleminha na escola outro dia, e eu só queria fazer um acompanhamento para ver como ela está depois da visita não muito bem-sucedida do padre Dominic.
— Não foi uma coisa terrível? — Walters puxou uma das cadeiras e se sentou à mesa com expressão de preocupação. Acho que o principal motivo era que precisava de um descanso do massacre que Kelly perpetrava na quadra. Ele ainda suava profusamente, ainda mais na área do peito. — Quando Kelly me contou, fiquei simplesmente em estado de choque. Espero que tenha recebido as flores que mandei, e o cheque também.
Então ele estava falando sobre o "acidente" do padre Dominic, e não do que aconteceu com Becca.
— Foi terrível, sim — falei. Não me sentei à mesa com ele. Queria passar a menor quantidade de tempo possível na presença de Kelly. — Mas, na verdade, eu estava me referindo a Becca...
— Mas o que tem ela? — Lance olhou de meu rosto para o de Kelly. A expressão dela era indecifrável, visto que havia colocado óculos escuros de marca, com armação dourada e lentes refletoras, e pegado uma revista de moda que estava em uma mesinha ao lado. Para minha surpresa, ela havia começado a ler a revista, entediada com a conversa. — Achei que Becca estivesse se saindo melhor. Ninguém falou nada para mim!
— Becca *está* se saindo melhor — garanti. Fiquei com vontade de arrancar a revista da mão de Kelly e bater nela, mas apenas disse: — Eu apenas gostaria de deixar o senhor a par de uma coisa que vem me chamando atenção; que Becca se sente mais afetada pela morte de uma amiga de infância do que ela deixa transparecer. Acho que Becca e essa amiga faziam aulas de equitação na Sagrada Trindade.

Lance Arthur Walters sabia exatamente de quem eu estava falando — pontos para ele.
— Sim, claro. Lucia Martinez. É a menininha que caiu do cavalo e morreu. — Ele olhou para Kelly. — Ela era da turma de primeiro ano de Becca. Que acidente trágico. Sei que você devia ser bem nova quando aconteceu, mas talvez tenha lido sobre o assunto no jornal, Kelly.
Kelly abaixou a revista e os óculos. Parecia confusa. Era muito claro que ela só lia matérias com fotos de mulheres usando roupas de alta-costura.
— É? — perguntou ela de maneira evasiva.
— Nas próximas semanas, talvez o senhor vá ler outras histórias referentes a pessoas que trabalhavam na Sagrada Trindade na época em que Becca e Lucia estudavam lá — falei, e comecei a mexer na bolsa. — Talvez o senhor deva considerar levar Becca para conversar com um profissional sobre como ela se sente em relação a isso tudo. Só se ela quiser; eu não a forçaria a ir. Essa pessoa é muito boa. — Finalmente consegui encontrar um cartão da Dra. Jo. Eu o coloquei na mesa ao lado da jarra de limonada. — Tenho certeza de que ela pode ajudar. Vocês todos. — Olhei diretamente para Kelly. — Ela também faz sessões em família.
Walters pegou o cartão.
— Bem, muito obrigado, é muita gentileza sua. Mas não acho que...
— É apenas uma sugestão. E onde está Becca, por falar nela? Preciso ir agora e gostaria de me despedir dela.
— Está na piscina — disse Walters. Apontou para trás enquanto lia o cartão da Dra. Jo. — Terapia em família. Você realmente acha...
— Foi um prazer conhecê-lo. Me liga para combinarmos o Pilates, Kelly. Mal posso esperar, juro! Parece muito, muito divertido.
— Ah, com certeza vou ligar, *Susan* — disse Kelly, ácida, e voltou para a revista.
Achei Becca assim que virei a esquina, flutuando sobre uma boia na magnífica piscina de borda infinita, com vista para o Pacífico.
Becca não estava prestando atenção nenhuma na vista, no entanto, pois estava profundamente concentrada em alguma coisa no celular. Usava biquíni vermelho e óculos escuros, e o cabelo comprido estava preso em um rabo de cavalo parecido com o da madrasta. Na verdade, se não tivessem me avisado que ela estava na piscina, eu teria passado direto, porque ela não se parecia nada com Becca.
— Não acredito. — Eu me sentei em uma espreguiçadeira. — Será que é realmente Becca Walters que estou vendo? Quase não a reconheci sem o uniforme.

Ela se assustou. Estava tão absorta no celular que nem notou minha chegada.
— Ai, meu Deus — falou ela. — Srta. Simon! O que está fazendo aqui?
Incrivelmente, ela bateu os pés até a borda da piscina, saiu e foi correndo me dar um abraço tímido e úmido.
Não sei o que deu em mim, mas eu a abracei de volta, do mesmo jeito que fiz com Lucia na noite anterior; só que não a apertei tanto. E também não chorei dessa vez.
Dava para entender por que Becca gostava de ficar na piscina incrível da família. O som da água caindo da borda infinita e batendo na bacia abaixo era quase tão relaxante quanto o bater das ondas na praia, a 90 metros dali. Havia uma brisa gostosa. Tirei o cardigã para sentir o sol nos braços. Era muito fácil escapar dos problemas em um lugar como aquele.
A não ser, é claro, que os problemas assombrassem você aonde quer que fosse.
— Você está ótima — falei para Becca, enquanto ela vestia um short cáqui e uma camiseta por cima do biquíni molhado. — Fez alguma coisa no cabelo?
Instintivamente, ela tocou o cabelo, constrangida. Vi que ainda usava o pingente de cavalo, mas agora estava para fora da camiseta, e não escondido dentro dela.
— Hum, é. Bem, lavei o cabelo e tal. Umas coisas que você falou para mim outro dia fizeram sentido, sobre viver por Lucia e cuidar mais de mim.
Tentei esconder minha surpresa.
— Ah. Que bom.
— É. Mas é difícil. — Ela mexeu no curativo do braço. Notei que era novo e de um material à prova d'água, não o que eu havia colocado. — Não faz com que eu me sinta menos culpada.
— Bem, às vezes a gente precisa tentar um dia após o outro. E até um minuto depois do outro.
— É — falou ela. — Acho que faz sentido.
Agora que eu conseguia ver mais da pele de Becca, notei que os braços e as pernas tinham marcas claras de arranhões, cicatrizes de tentativas anteriores de se punir.
Elas ficariam mais fracas com o tempo e — com a quantidade suficiente de amor e ajuda da família e dos amigos — talvez até desaparecessem um dia.
— Não sei se isso vai ajudar, Becca. — Achei que era melhor falar de uma vez.
— Mas vim contar para você, pessoalmente, que fui encontrar Jimmy Delgado (esse era o nome completo do homem que machucou você e Lucia), e ele está morto. Cometeu suicídio.
Becca olhou para mim da mesma maneira que Lucia, sem expressão.
Senti que devia continuar.
— Talvez você veja algumas coisas nos jornais, e talvez até na televisão, porque

aconteceu recentemente. — Tipo, na noite anterior. — E no futuro talvez você veja umas coisas sobre o padre Francisco sendo preso. Mas seu nome nunca vai ser conectado a nenhuma das duas histórias, a não ser, é claro, que você se apresente. Mas isso é decisão sua. Falei para seu pai agora mesmo que você era muito próxima de Lucia Martinez, mais do que ele sabia. Desculpe, Becca — adicionei, pois vi pelas suas sobrancelhas baixas que isso a aborreceu. — Mas tive de contar para ele. Seu pai a ama muito, sabia?
Segurei firme no estofado da espreguiçadeira, esperando pela reação dela. Demorou bastante tempo até que ela respondesse.
— Tá bom — falou finalmente, e começou a mexer no pingente de cavalo. — Fico feliz, acho. — Estava olhando para o Pacífico.
— Hum... feliz? Porque seu pai ama você? É claro que ama, Becca.
Ela olhou para mim.
— Não. Quis dizer que estou feliz por ele estar morto. — Ela ficou tensa e mordeu o lábio. — Peraí... isso é errado, não é? É errado ficar feliz porque alguém morreu.
Tive de conter um sorriso.
— Não acho. Não se seu motivo para estar feliz é que ele não vai mais machucar ninguém. Eu com certeza ficaria se fosse você.
— Ah. Tá bom. — Ela relaxou os ombros. — Porque não quero ser uma pessoa ruim. Por muito tempo, achei que era.
— É — falei. — Quanto a isso. Dei para seu pai o nome de uma pessoa com quem eu acho que você devia conversar caso tenha vontade de se machucar de novo. Ou em geral. Ela é muito boa para dar conselhos.
A expressão de alívio foi substituída por ansiedade.
— Por que eu não posso continuar conversando com você, desse jeito?
— Já falei para você, Becca, eu não sou terapeuta licenciada.
— Ah, é. Você é só mediadora. Só ajuda os fantasmas.
— Isso. Mas posso conversar com você sempre que quiser... como amiga.
— Talvez você possa me dar umas dicas. — Ela apontou para o celular, que havia jogado na espreguiçadeira. — Eu estava jogando seu jogo.
Levei alguns segundos para entender sobre o que estava falando.
— *Médium?* Já falei, esse jogo é completamente...
— Idiota, eu sei. — Ela revirou os olhos, rindo, mas o sorriso logo desapareceu.
— Como... como está Lucia? Eu não... ela está aqui agora? — Ela deu uma olhada por cima dos ombros. — Eu queria falar... queria perguntar se você pode falar a ela que estou tentando, de *verdade* dessa vez, viver por nós duas. Eu realmente vou tentar me divertir. — Era docemente patético ver uma menina de 16 anos dizendo que ia tentar se divertir. Precisei esconder o sorriso atrás da

mão, fingindo coçar o nariz.
— Becca, acho que é uma ótima ideia.
Sentindo-se encorajada, ela continuou falando.
— Eu fui convidada para uma festa hoje à noite na casa de Sean Park... não é uma festa *de verdade*, é só um grupo de alunos que vai jogar *Médium*, mas eu falei que ia, e Kelly disse que vai me levar. Também vai comigo no shopping essa tarde para eu comprar uma roupa nova e fazermos a unha.
Dessa vez, não tentei esconder minha reação.
— Ela *vai?*
— Vai. Ela ficou animada. Sabe muitas coisas sobre roupas e coisas de menina, e disse que sempre que eu precisar de ajuda, é só falar com ela.
Fiquei chocada, mesmo sabendo que não devia. É claro que Kelly estava finalmente formando um vínculo com Becca. Por um lado, a menina estava finalmente expressando interesse por uma coisa que também interessava Kelly — produtos de moda e de beleza. E, por outro, Becca não estava mais sendo assombrada pela guardiã fantasma cuja presença Kelly pode ter conseguido sentir. Ela não era burra. Afinal de contas, conseguiu fisgar o pai de Becca.
— Sabe — continuou ela, pensativa —, é muito estranho, mas desde que conversamos, e você me falou que os fantasmas existem e que Lucia tomava conta de mim, eu não sinto... acho que não sinto mais medo. Mesmo antes de você me falar que ele, Jimmy, estava morto, eu tinha decidido ir à festa de Sean. Você pode falar isso para Lucia, por favor, Srta. Simon? Não só que eu vou me divertir por nós duas, mas que eu também não tenho mais medo?
O sol batia na água turquesa da piscina, desenhando raios dourados de luz pelos ladrilhos de travertino do deque da piscina e nas bases das folhas de palmeira acima de nós. Eu não conseguia ver Lucia; sabia que ela havia seguido em frente na noite anterior, e que estava feliz no lugar em que estava, onde quer que fosse.
Mas eu *quase* senti como se ela estivesse ali... tanto que me senti inspirada a pegar a mão de Becca e fazer minha melhor imitação — tenho até vergonha de dizer — da mulher do programa de TV sobre mediação de fantasmas.
— Ela sabe, Becca. Ela já sabe. E disse obrigada. Ah, peraí... — Olhei para um local à esquerda do ombro de Becca, perto de uma cozinha a céu aberto que incluía uma churrasqueira moderníssima e um bar. — É difícil de ouvir porque ela está começando a ir. Lucia está... sim. É verdade. Ela está indo em direção à luz.
— Oh! — Becca levou uma das mãos à boca. — A vovó Anna está com ela? Lucia amava tanto a avó.
— Hum, sim. A vovó Anna está chamando. É hora da Lucia ir ficar com ela.
— E Taffy está lá também?

Hesitei.
— Quem é Taffy?
— O cavalo dela.
Merda. Esqueci do cavalo.
— Sim. Taffy também. Lucia está cercada e cheia de amor, especialmente o amor que sente por você. Um pouco dele vai ficar com você para sempre.
Ai, Deus, que coisa mais brega. Como é que a médium do programa conseguia dormir em paz?
Mas não era *inteiramente* mentira. E estava claramente ajudando Becca. Lágrimas de felicidade se formaram nos cantos de seus olhos. Programas como *Médium* davam alegria às pessoas, o que era bom (apesar do fato de a estrela cobrar pelos serviços fora do ar ainda me deixar furiosa, visto que claramente era uma charlatã).
— Lucia vai sempre estar com você, em seu...
De repente, o vento quente bateu com mais força, passando pelas folhas da palmeira lá em cima e fazendo com que a superfície da piscina ondulasse. Levantou o rabo de cavalo de Becca e me deixou cega por um instante quando jogou uma mecha grossa e escura de meu próprio cabelo sobre meus olhos.
Quando eu o afastei dos olhos, só consegui ver que todos os feixes de luz que a piscina refletia haviam mudado de lugar e, em vez de dançar no deque da piscina e embaixo das palmeiras, estavam centrados em Becca, brilhando em seu rosto e pernas e braços como dezenas de borboletas douradas descansando ali suas asas...
Ou como centenas de chamas de velas circulando sua cabeça docemente, como a coroa de Santa Lucia.
Mas isso era impossível. O que estava havendo?
— Uau! — exclamou Becca, levantando os braços para ver o show incrível de luzes. — É Lucia! Estou a vendo. Estou a *sentindo!* Srta. Simon, ela está aqui!
Becca estava certa. Tinha alguém ali.
Mas não tinha como ser Lucia, já que ela havia passado para o outro lado na noite anterior. Era outra pessoa — alguém com poderes paranormais tão fortes quanto os de Lucia —, alguém que queria dar a Becca o tipo de adeus celestial que a amiga teria dado se ainda estivesse por ali.
Alguém que tinha um cheiro suspeito de madeira queimada, camurça, baunilha, sabonete de hospital e um pouquinho de cigarro.
Jesse.

Capítulo 34

— Quem está aqui? — Kelly apareceu do outro lado da cozinha a céu aberto, carregando a bandeja com a jarra de limonada e a revista. — Sou eu. Qual é o problema de vocês duas?

As luzes sumiram tão repentinamente quanto apareceram, o vento morreu, e a superfície da piscina ficou calma. Acima de nós, as folhas das palmeiras pararam de se mover, e o único som que podia ser ouvido era o das ondas do Pacífico e do gelo na jarra conforme Kelly se aproximava.

Mas dava para ver no sorriso feliz preso ao rosto de Becca que aquele pequeno segundo de contato quente e ensolarado foi o suficiente. Ela se lembraria daquilo para o resto da vida.

— Problema nenhum — disse Becca para Kelly, ainda sorrindo. — A gente estava falando sobre uma amiga minha. Não é, Srta. Simon?

— É — falei, pegando minha bolsa rapidamente e me levantando. O cheiro característico de Jesse sumiu, e eu só podia sentir o do oceano e o do cloro da piscina dos Walters. Onde ele estava? Por perto, era claro. — Uma boa amiga. Bem, foi bom visitar você, Becca, mas agora eu preciso ir.

— Mesmo? — perguntou Becca, decepcionada. — Não pode ficar para o almoço?

— Não, ela não pode — disse Kelly. Colocou a bandeja com a limonada exatamente no lugar onde eu sentara, na espreguiçadeira, a fim de garantir que eu não voltasse a me acomodar, depois se sentou na espreguiçadeira ao lado. — Debbie está aqui. Tenho certeza de que você vai querer dar tchau para ela quando estiver saindo.

— Debbie? — Levei um segundo para entender de quem ela estava falando.

— Sim, sua *cunhada*? — Kelly me deu uma olhada de nojo. — Você deve se lembrar dela. Nós duas vamos levar Becca ao shopping para comprar um vestido novo e fazer as unhas porque ela tem uma festa hoje à noite. Não é, Becca?

Becca olhou para a madrasta.

— É. Quero dizer, tenho uma festa. Não sabia que a Sra. Ackerman estava vindo...

— Bem, ela está aqui. Mas antes vamos almoçar na varanda. Eu convidaria a Srta. Simon, mas Paolo não preparou salmão para tanta gente. Tenho certeza de que *Susan* entende.

— Ah, claro. — Eu já estava me virando para ir embora, grata pelo aviso. Debbie era a última pessoa que eu queria encontrar, ainda mais se Jesse estivesse por perto. — Vejo vocês depois.

— Tchau, Srta. Simon! — despediu-se Becca. — E obrigada! — Dei adeus por cima do ombro e desci as escadas rapidamente até a rampa dos carros, sem nem olhar para trás.
Eu tinha certeza de que Debbie entraria pela casa, não pelo jardim. Não havia possibilidade de eu me encontrar com ela e ter de jogar conversa fora. Felizmente, eu estava com a BMW de Jake, então talvez ela nem reconhecesse o carro estacionado; pelo menos não com a mesma rapidez com que reconheceria minha Land Rover ferrada, sobre a qual ela e o pai reclamavam constantemente. Por que eu não deixava que o Rei das Mercedes me vendesse uma linda E-Class sedan? As parcelas começavam em apenas 579,00 dólares por mês.
Dei uma olhada por cima do portão de segurança que conectava a piscina ao jardim amplo da frente da casa. Ele descia até uma grossa parede de pedras, que dava na 17-Mile Drive e, depois, no mar.
Definitivamente havia uma pessoa do sexo masculino encostada em um carro perto da praia, do outro lado da rua, na frente das colunas de pedra que ornavam a entrada da Casa di Walters.
Não dava para ver quem era daquela distância, mas o carro eu reconheci de cara. Era uma Land Rover. *Minha* Land Rover. Meu coração pulou no peito.
As escadas que ligavam a piscina à entrada da casa eram bem íngremes e faziam um pouco de ziguezague; eu estava descendo meio rápido, então nem vi que tinha alguém subindo as mesmas escadas. Só percebi quando quase trombei com ele — ou com ela, na verdade.
— Jesus! — berrou Debbie. — Cuidado! Ei, Suze. O que *você* está fazendo aqui?
— Ah, oi. — Debbie usava um longo vestido amarelo e carregava uma grande bolsa de praia turquesa e um chapéu. Estava linda e, a julgar pela expressão metida no rosto, sabia disso. — Foi mal, não vi você. Eu estava só... vim ver o pai de Becca por causa de algumas questões da escola.
— Nossa. — O tom de Debbie foi seco. — Pelo visto a Academia da Missão oferece serviços especiais para *alguns* alunos, os que têm pais que fazem doações vultosas. Se meu pai liberasse uma doação de cem mil, minhas meninas teriam visitas especiais em casa também?
— Eu fiz uma visita às meninas esta semana, Debbie, lembra? E não precisou de doação de cem mil.
— Ah, tá. — Ela riu com escárnio. — Essa visita foi para uma aula sua. Não finja que foi porque você ou o resto da escola se importa com elas. — Eu segurei-a pelo braço antes que pudesse passar por mim e continuar a subir.
— Na verdade, Debbie, eu me importo muito com suas filhas.
Eu estava ansiosa para chegar até Jesse, mas sabia que precisava lidar com

aquele probleminha primeiro. Era outra bagunça de Paul que eu senti a obrigação de limpar.
— O teste que eu fiz em sua casa mostrou que suas filhas são dotadas; incrivelmente dotadas, Debbie. E eu queria saber se você se interessaria em matriculá-las num programa novo sobre o qual ouvi falar em minha faculdade.
Debbie parou de tentar subir as escadas e abaixou os óculos para me olhar por cima da armação dourada, intrigada. Não havia nada que os pais gostassem mais de ouvir que a palavra *dotado,* ainda mais se aplicada aos filhos.
— É bastante exclusivo e bem caro — continuei rapidamente. Debbie teve de se inclinar para mais perto por causa do barulho das ondas. — Mas acho que consigo uma bolsa para as meninas, então sairia de graça.
Deus me dê forças caso um dia ela descubra que o programa era *eu.*
O interesse de Debbie aumentou visivelmente depois da outra palavra mágica.
— De *graça*? Tem certeza?
Fiz que sim com a cabeça.
— Certeza.
— Que teste foi esse que mostrou que as meninas são dotadas? Quero dizer, eu e o pai sempre achamos que elas eram dotadas, mas a irmã Monica e aquela vaca da irmã Ernestine parecem achar o oposto.
— O pai delas? Brad? — Observei a reação dela com cuidado.
— É claro que estou falando de Brad, Suze. — Ela tirou os óculos e franziu os olhos diante do sol forte. — De quem mais eu estaria falando? Qual é seu problema, hein? Tem experimentado os produtos de Jake? Devia ficar longe daquele negócio, ainda mais se vai dirigir.
Ela não estava blefando. Debbie realmente acreditava que Brad era o pai das filhas dela e que eu, como sempre, era a pessoa com problemas.
E quem era eu para questionar essa certeza? Não era melhor para todo mundo se ela — e Brad — continuassem acreditando naquilo? Era o que eu achava, pelo menos por enquanto. Um passo de cada vez. Um segredo de cada vez.
— É um teste novo — falei, dando de ombros. — Às vezes as crianças altamente criativas e inteligentes podem ser um desafio, ainda mais para educadores que já estão atolados com tantos outros alunos. Mas acho que esse programa pode ajudar muito as meninas. É depois da escola.
— Nossa. — Ela sorriu e recolocou os óculos. Quando sorria, Debbie até parecia uma boa pessoa. — Acho a ideia muito boa, Suze. Sabe, eu tenho pensado em voltar a estudar. Mas tem sido tão difícil, com as meninas e tudo mais.
— Bem — falei com um sorriso —, talvez agora você tenha tempo. Só tem um probleminha.
O sorriso desapareceu.

— Qual é?
— Para que as meninas possam ganhar a bolsa, você precisa de um certificado mostrando que elas tomaram pelo menos as primeiras vacinas. Esse programa não permite exceções nem médicas, *nem* religiosas para imunização. É alguma coisa a ver com o controle de contaminação em recém-nascidos e em pessoas com sistema imunológico baixo, ou algo assim.
Debbie fez uma careta.
— Ah. *Isso.*
— É. Isso. Sinto muito mesmo. Mas não acho que seja uma condição tão ruim, ainda mais levando em consideração que você vai ter de vaciná-las de qualquer maneira, a não ser que esteja planejando tirá-las da Academia da Missão e se responsabilizar pela educação das três em casa.
Ela estava olhando para o mar quando soltei a bomba com C. Ela virou a cabeça para mim.
— Casa? Não. Não, acho que não. Vou ter de falar com Brad. — Mexeu na bolsa para achar o celular. — Mas acho que ele vai concordar. Manter as meninas na Academia e colocar elas nesse curso para dotados me parece a melhor opção. Ai, não, olha a hora. Preciso me mexer. Kelly contratou um chef particular, e ele fez salmão. — Ela levantou a barra do vestido longo e começou a subir os degraus. — Obrigada, Suze, por toda a ajuda. E, aliás, acho que vi Jesse esperando por você lá na praia.
— Sim — respondi com um sorriso. — Você viu, sim.

Capítulo 35

Jamais achei que ficaria tão feliz em ver minha Land Rover de quase 20 anos.
É claro que foi a pessoa encostada no veículo que fez meu coração bater mais forte. Os dedos dele estavam nos bolsos da frente do jeans justo, os cabelos negros meio bagunçados por causa do vento do mar. Estava totalmente alheio a minha aproximação (as solas de minhas botas de luta, as segundas melhores, eram de borracha). Parecia hipnotizado pela visão do mar.
Ou talvez estivesse tirando um cochilo por trás das lentes escuras dos óculos. Afinal, foi uma noite longa.
— Como você ficou sabendo que eu estava aqui? — perguntei, depois de estacionar atrás dele e sair da BMW.
Jesse virou a cabeça e me deu um daqueles sorrisos lentos e sonolentos que eu passei a amar tanto.
— Um aplicativo — disse ele. — Jack instalou um sistema de rastreamento em todos os carros dele, caso sejam roubados.
— Ah. — Fiquei ligeiramente decepcionada. — Achei que você estivesse me seguindo por meio de nossa tão forte conexão mente-corpo-espírito.
— Bem, isso também.
Eu me juntei a ele na lateral do carro. A vista era impressionante. O mar estava de um azul-escuro intenso, o céu sem nuvem alguma, como prometeu a previsão do tempo. Gaivotas faziam círculos acima de nós, seus berros perdidos na batida das ondas. De vez em quando, um carro passava com visitantes babando tanto por causa do mar quanto por causa das casas caras na 17-Mile Drive.
— Então *foi* você agora há pouco, e não Lucia, que veio dar tchau para Becca? — perguntei.
— Talvez eu tenha ajudado Lucia a dar um adeus decente a Becca. — Ele não tirou os dedos dos bolsos, mas estávamos próximos o suficiente um do outro, com as costas no carro, para sentirmos como se estivéssemos nos tocando.
— Mentira — falei. — Era só você. Eu reconheceria seu toque romântico em qualquer lugar. Além disso, o cheiro de cigarro entregou você.
— Eu não fumo.
— Não mais, mesmo.
O sorriso dele fez com que alguma coisa se contorcesse dentro de mim.
— Você está certa, não mesmo.
Por muito tempo, suspeitei de que havia uma corrente elétrica entre nós dois. Sempre esteve ali, mesmo quando ele era uma PMNO e não queria admitir que amava uma menina viva cujo trabalho era livrar o mundo de pessoas como ele.

Desde que o coração dele voltou a bater, essa corrente ficou cada vez mais forte. Quando estávamos longe um do outro, ela se esticava. Eu me perguntei se havia alguma coisa que pudesse rompê-la de verdade. Até a morte, pelo visto, não conseguira.
— Então Paul não estava completamente errado — continuei. — *Tem* algum resquício de túmulo dentro de você. Mas não acho que seja escuridão. Na verdade, acho que é luz.
Jesse soltou um palavrão de uma forma nada angelical e saiu de perto do carro para pegar uma pedra e jogá-la nas ondas.
— Por que até mesmo em um dia lindo como esse você precisa falar sobre *ele*?
— Porque se a gente não falar sobre isso, eu nunca vou entender, Jesse. E eu quero. Eu realmente quero, de verdade.
— *Por quê?* Por que é tão importante? Por que não pode simplesmente deixar para lá?
— Bem, primeiro porque você quase o matou ontem à noite.
— Quem me dera.
— Se tivesse matado, não estaria nesta praia comigo agora, Jogando pedras no mar. Ainda estaria preso em algum lugar.
— Mas não estou, *mi amada*.
— Certo. Não está. Em vez disso, você pode dar, e pelo visto receber, mensagens do mundo espiritual. Não me leve a mal, eu também faço isso, mas não da forma que você faz. Eu falo com fantasmas, mas não *todos* os fantasmas, e não o tempo *todo*. E não consigo fazer mágicas como a que você fez lá em cima, é meio assustador que meu namorado, um médico sensato, consiga fazer um show de luzes com a mente. Se bem que você era uma assombração, então talvez eu não devesse estar tão surpresa.
— Se não me incomoda, não devia incomodar você — disse ele, e voltou a se encostar no carro ao meu lado. — Mas seria bom se confiasse em mim o suficiente para compartilhar *seus* segredinhos de vez em quando. E se você checasse o celular também.
— *Eu?* E você? Foi você que não quis me ver depois de sair da cadeia.
— Porque eu queria fazer uma surpresa para você, contar uma coisa que eu não sabia até ser solto e receber meu telefone de volta da polícia. Mas eu queria fazer direito, pessoalmente, depois de ter tomado banho e tirado o cheiro não muito romântico da prisão do corpo. Então, por favor, cheque seu celular.
— Se você quer ver minha reação, então por que não...
— Suzannah, eu amo você, mas você é a mulher mais frustrante do mundo. Uma vez na vida, não discuta. Só faça o que estou pedindo.
Abri a bolsa e peguei o celular. Eu havia recebido várias mensagens de texto, a

maioria de colegas de turma preocupados com minha ausência no happy hour daqueles últimos dias. Mas uma mensagem em particular chamou minha atenção.

Jesse Me dieron la beca.
Nov 19 1:10 PM

— Não faço ideia do que isso significa — falei.
Ele ponderou.
— Talvez você tenha um bloqueio mental que impede pessoas, normalmente inteligentes, de aprender novas línguas — sugeriu ele.
— Não, porque eu sei falar francês. Se esta mensagem estivesse em *francês*...
— Tudo bem, *amacia*. Você é boa em várias outras coisas. E pelo menos é bonita.
— Eu juro que vou te matar. Me diz logo o que é. Qual é a surpresa?
— Se eu contar, não vai ser surpresa. — Ele estava se divertindo. Isso ficou claro quando ele sorriu e foi para o lado do carona na Land Rover. Era a revanche dele por eu não ter contado sobre Paul. — Aliás, preciso admitir: quando fui pegar essa sua tragédia em forma de carro, dei uma passada no seu apartamento. Isto estava do lado de fora da porta. Entrega ao sábado? Deve ser importante. — Ele pegou dois pacotes do assento da frente.
— Sério — falei, olhando para a mensagem. — *Beca* significa bacon? Se você está me chamando para tomar café da manhã, a resposta é sim, apesar de já ser hora de almoçar, porque meu café da manhã foi uma decepção hoje.
— Bacon é *beicon* — falou ele. — Aqui, abra os pacotes.
— A gente devia sair daqui — falei. — Kelly não ficou exatamente feliz em me ver, e nem Debbie, a princípio, mas acho que consegui dobrá-la.
Dei uma olhada nos pacotes — ambos para a Srta. Suzannah Simon. Um era grande com aviso de prioridade, envio em um dia, e o outro era embalado em plástico bolha e tinha o carimbo "Entregue em Mãos"; endereço para retorno, "Propriedades Slater". Parecia que havia alguma coisa pequena e pontuda no interior — como uma chave.
Olhei para Jesse, chocada.
— Não — falei quase sem acreditar. — Já?
Ele deu de ombros novamente.
— Um de nós deve ser bem persuasivo.
— Ou intimidador — falei, rasgando o envelope.
E, como era de se esperar, havia um molho de chaves lá dentro, presas em um chaveirinho de plástico no qual estava estrito "Pine Crest Road, 99". Havia

também diversos documentos exigindo minha assinatura autenticada. Um deles era uma ação que constava meu nome como proprietária da casa.
Por fim, havia um bilhete incrivelmente curto de Paul, um rabisco em sua letra execrável, em um papel do Carmel lnn.

Suze,
Aqui estão os itens que requisitou.
Não Importa o quanto você me odeie — ou com quem se case? —, sempre estarei aqui. Você sabe como entrar em contato se precisar.
Você é uma adversária digna, Simon.
Acho que é por isso que eu sempre amei você, e sempre vou amar.
Paul

Jesse ficou ao meu lado, lendo o bilhete. Não vi nenhum motivo para não deixá-lo ler, visto que eu não fazia ideia de que conteria coisas como aqueles sentimentos.
Assim que li as últimas linhas, comecei a ficar corada.
Fiz menção de fazer uma bola de papel com ele, mas Jesse me impediu e o tirou de minha mão.
— Não, por quê? — perguntei, tentando pegar o bilhete de volta. — Ele é tão...
— As palavras que usei para descrever Paul não eram palavras que a Srta. Boyd jamais teria usado, muito menos escutado; nem mesmo em sua viagem memorável de Boston para o Oeste, que deve ter sido difícil.
Jesse, balançando a cabeça, colocou o bilhete no bolso de trás da calça.
— É bom ter coisas desse tipo à mão — disse, sem emoção. — Nunca se sabe quando vai servir para alguma coisa.
— Ah, e você *me* acusa de ser possuída por um lado obscuro? — falei. — Se a surpresa era essa, não foi muito boa. Eu já sabia que ele ia mandar isso.
— A surpresa não era essa. Você ainda não está se esforçando o suficiente. Podemos ir?
— Ir aonde? Tomar café da manhã?
— Não. Inspecionar nossa nova casa.
Meu coração pulou. Abracei o pescoço dele.
— *Nossa* nova casa? Sério, Jesse? Você realmente não se importa de morar lá?
— Pelo visto, morar lá é meu destino. Mas uma coisa que *não* vou fazer, Suzannah, é dormir no quarto onde eu morri.
Meu quarto. O melhor quarto da casa, com uma janela panorâmica gigante (e um banco que meu padrasto Andy fez com todo carinho para mim) através da qual, em dias claros, era possível ver a baía de Carmel, e um banheiro particular onde

Jesse fez curativo no meu pé um dia. Foi a primeira vez que ele admitiu que gostaria de virar médico, mas o pai precisava demais dele no rancho e nunca deixou.
Agora, todos os sonhos de Jesse estavam se tornando realidade.
Talvez os meus também.
Foi isso que eu vim falar para você. Tive de me lembrar do que Lucia falou quando eu disse que ia ficar tudo bem.
— Talvez devêssemos esperar para ver o que a imobiliária fez com o quarto enquanto estavam decorando a casa para vender — falei evasivamente. — Duvido que tenham mantido aquele papel de parede cheio de bem-me-queres e aquelas cortinas com babados que mamãe escolheu. Talvez o tenham transformado em um espaço de artesanato, que nem o da Debbie.
Jesse balançou as chaves do carro na minha frente.
— Vamos lá descobrir. Não se esqueça do outro pacote.
Olhei para o envelope de entrega urgente.
— É minha surpresa?
Ele revirou os olhos por trás dos óculos.
— Não.
Trocamos de carros. Era bom voltar para a Land Rover, apesar da viagem da Casa di Walters até Carmel Hills não ter sido curta, ainda mais no último sábado de sol antes do dia de Ação de Graças. O trânsito estava terrível, e, apesar de não haver sinais de trânsito, eu tive várias outras paradas forçadas — a maioria por causa de turistas —, o que me deu a chance de examinar o pacote que Jesse deixou no assento do passageiro.
Eu não reconheci o nome da remetente — era uma mulher no Arizona —, mas abri mesmo assim. Fiquei chocada quando vi o conteúdo: Minhas botas. As botas plataformas de couro que eu havia perdido no leilão on-line dias antes. As botas perfeitas para brigar com pessoas mortas não obedientes.
Como aquilo era possível? Eu perdi o leilão quando Lucia destruiu meu escritório. Não consegui submeter minha aposta final, muito menos digitar meu nome e minhas informações para pagamento. Maximillian28 foi mais rápida e roubou as botas de mim.
Havia um bilhete preso na caixa, mas eu não tinha como pegar o papel e ler (estava tentando ser uma boa motorista). Só consegui quando parei na frente da minha casa — da *nossa* casa.
Assim que estacionei, peguei o bilhete. Era feito no computador, como um cartão digital. O vendedor havia mandado as botas para mim em nome da compradora. A compradora era Maximillian28, do vale de Carmel, Califórnia, o que não fez sentido algum... até que li o bilhete.

Suzannah,
Vi essas botas e pensei em você. Elas se parecem muito com as que você perdeu. Espero que sejam mesmo.
Te quiero.

Jesse

Jesse? *Jesse* era Maximillian28?
Foi só então que me lembrei do dia que o arrastei pelo shopping de Monterey, procurando, sem sucesso, por aquele exato par de botas depois que as minhas foram destruídas e que meu tamanho estava esgotado em todas as lojas. Ele me acompanhou corajosamente, apontando, de vez em quando, que havia dezenas de outras botas plataforma de couro preto nas prateleiras. Não revirou os olhos nem uma vez quando descrevi como as outras tinham design tosco e *não eram a mesma coisa.* Ele *prestou atenção, e* acabou que era Maximillian28 (batizada segundo o cachorro dos Ackerman e a idade de Jesse — se contássemos apenas os anos em que seu corpo físico estava vivo). Óbvio. Ele faria qualquer coisa para me deixar feliz... qualquer coisa em seu poder, o que, sem ter herdado milhões da família — porque todos morreram havia mais de um século —, era comprar as botas impossíveis que eu queria.
E salvar minha vida, várias e várias vezes.
Eu ainda estava gargalhando — ou algo parecido — quando Jesse estacionou atrás de mim na Pine Crest Road, 99.
— Ah — falou ao se inclinar para ver por que eu ainda estava no carro. — Você abriu o pacote. São essas mesmo?
— Exatamente essas — respondi.
— Você está *chorando*? — Ele ficou chocado.
— Não. É alergia. Meu Deus, eu amo você.
— Você tem uma maneira bem estranha de demonstrar de vez em quando. — Ele abriu a porta do carro para mim. — Vem, vamos dar uma olhada nesse lugar. Não posso dizer que a fachada é promissora. Arruinaram o jardim de sua mãe.
Era verdade. O jardim íngreme que dava na grande casa vitoriana ainda abrigava as flores que minha mãe havia plantado, mas elas haviam sido esmagadas pelas botas descuidadas dos operários que vi na frente da casa um dia antes.
E essa não era a única mudança no local. O tronco do pinheiro do qual eu me lembrava tão bem — porque ficava ao lado do telhado da varanda, e era o que eu usava para escapar do quarto ou de várias assombrações assassinas — estava crescendo perigosamente perto da fundação da casa.
— Estou vendo que Slater não perdeu tempo e já colocou as outras casas do

quarteirão no mercado. — Jesse apontou.
Havia dois homens com sobretudos martelando placas no jardim dianteiro de nossos antigos vizinhos. Agora, em vez de um aviso dizendo que as casas estavam programadas para ser demolidas, as placas diziam:

VENDE-SE
PROPRIEDADES SLATER
CARMEL HILLS EXCLUSIVO
PREÇOS ACESSÍVEIS

A única casa que não tinha placa na frente era a minha.
— Ah, que bom — falei. — Vamos ter novos vizinhos. — Não mencionei meu pensamento seguinte em voz alta: que esperava não ter de mediar parentes falecidos não obedientes que esses vizinhos possam trazer consigo. Isso era sempre um problema. — Peraí, vou experimentar.
Tirei meu segundo melhor par de botas e coloquei as novas. Couberam perfeitamente, e é claro que ficaram lindas. Os saltos eram sexy e me davam bastante altura, ao mesmo tempo em que eram confortáveis. Quando saí do canto e me levantei, meus olhos estavam quase no mesmo nível dos de Jesse.
— Ah — disse ele com um sorrisinho de lado —, agora eu me lembro por que você gostava tanto delas.
— Não é? — Eu não precisei ficar nas pontas dos pés para beijá-lo, apenas inclinar a cabeça. Sua boca estava com gosto de menta. Eu não sabia o que mais ele fizera desde que saiu da cadeia, mas tinha se cuidado direitinho. Segurei a mão dele. — Obrigada. Agora vamos lá ver o lugar onde vamos criar nossas próprias crias demoníacas.

Capítulo 36

O cheiro era o mesmo. Uma combinação de madeira antiga e o odor suave de alguma coisa que Cee Cee sempre chamava de "livros".
— Você está louca — falei para ela da primeira vez que me disse isso. — Nós temos livros, mas não *tantos* assim.
— Não — insistiu ela. — Sua casa tem um cheiro ótimo. De livros velhos, como uma biblioteca.
Eu não quis falar que o odor que ela relacionava a livros era, na verdade, o de almas velhas. Tem sempre um bocado delas pelos corredores de construções mais antigas, especialmente bibliotecas. O sobrenatural não tem cheiro ruim. Se você de fato conseguir sentir — a maioria das pessoas não consegue, a não ser que sejam extremamente sensíveis, como Cee Cee —, vai perceber que é muito parecido (e, se você gosta de ler, reconfortante) com o cheiro de livros velhos, ou de baunilha. Em vez disso, falei:
— Acho que você está pensando na palavra mofo. A fonte desse cheiro está nos pés de Brad.
Quando abri as portas do número 99 da Pine Crest Road, fiquei chocada ao ser recebida exatamente pelo mesmo odor; não o de Brad, mas o de Jesse, antes de eu devolver sua alma ao corpo.
Olhei para ele com surpresa, sem saber o que falar.
— Que foi? — perguntou ele. É claro que não sentia o cheiro. Ninguém sente o próprio cheiro. Ou o cheiro que você tinha quando era fantasma.
— Nada — respondi.
Era irritante, mas Paul tinha razão. E sede de sangue também. Imagine se ele tivesse atingido seu objetivo e destruído aquela casa. O que teria acontecido com Jesse? O que teria acontecido *comigo*? Com as meninas? Com todo mundo que eu conhecia e amava?
Estremeci, afastando esse pensamento. Não importava. O que importava era que eu havia vencido.
Era estranho ver as paredes tão vazias, sem as fotos emolduradas que sempre estiveram ali, de minha mãe e de Andy no casamento dos dois, de meus meios-irmãos e eu em várias celebrações; as janelas tão nuas sem cortinas ou persianas; os cômodos desprovidos de móveis; o chão de madeira super polido (sempre tiveram arranhões quando morávamos ali, graças aos skates de meus meios-irmãos e às patas de Max).
A imobiliária que preparou a casa para minha mãe e Andy enquanto eles estavam tentando vendê-la não mudou nada estrutural. Ela havia sido construída

em meados do século XIX, afinal de contas, quando as coisas eram feitas para durar. A vida de então tinha desafios diferentes da vida do século XXI.
— Olhe! — exclamei, tocando um pequeno defeito na moldura da parede do salão da frente. — Eles nem taparam o buraco de bala.
Jesse me deu um sorriso tolerante.
— Achei que você detestasse esse buraco de bala.
— Bem — falei, dando de ombros. Segurei no pilar da escada e girei em volta dele (estava um pouco bambo) para subir.
— Passei a gostar dele com o passar dos anos.
A luz do meio-dia brilhava através da janela de vidro pintado no topo da escadaria, fazendo um desenho azul, vermelho e amarelo no chão do corredor, perto de meu velho quarto. Dei a volta no desenho, notando, graças às portas abertas, que os antigos quartos de meus meios-irmãos haviam sido deixados relativamente intactos, exceto por estarem limpos como nunca.
A porta de meu antigo quarto — que ficava acima do salão da frente e era o único da casa com vista para o mar, onde conheci Jesse e que mudou nossas vidas para sempre — também estava aberta.
Dei um passo e atravessei o batente.
Tudo estava diferente. O papel de parede creme com os bem-me-queres azuis não estava mais lá, bem como as cortinas com babados, sempre presas com abraçadeiras no mesmo estilo. As paredes haviam sido pintadas com um azul intenso e escuro. A tinta branca dos painéis de madeira foi removida, e a madeira apresentava sua cor original de mogno escuro para combinar com o resto da casa, tudo retocado com verniz.
Até mesmo o banco que Andy havia instalado na janela — que ainda estava ali, com o estofado que minha mãe fez sob medida — tinha um painel de cerejeira escura. A almofada era azul-escuro, para combinar com as paredes.
— Ah, *isso* — disse Jesse ao entrar atrás de mim — é um quarto de verdade.
Joguei minha bolsa carteiro no chão extremamente polido de madeira.
— Cale a boca.
— Suzannah, você costumava reclamar sobre o quanto odiava a maneira como sua mãe tinha decorado este quarto, embora a amasse demais para falar isso para ela. — Ele foi até a janela a fim de se sentar no banco e testar o estofado. — Dizia que não refletia sua personalidade em nada. Agora reflete.
— Desde quando azul-marinho combina com minha personalidade? Você já me viu usando azul-marinho? Este quarto parece um vômito do catálogo da L. L. Bean.
— Quis dizer escuro — disse Jesse. — Você tem uma tendência a ser meio obscura de vez em quando.

— Disse o fantasma para a mediadora.
— Ex-fantasma. E eu gosto. De você *e* do quarto.
— Eca... é bem sua cara. Deve estar com vontade de colocar umas figuras de caçadas nas paredes.
— Até que ficaria bom, na verdade. Enfim, o banco da janela ainda é o mesmo. — Ele quicou sobre o estofado e esticou a mão para mim. — Vem aqui. Tem uma coisa que quero fazer desde que a conheci.
Era impossível não captar a mensagem com aquele sorriso pecador.
— Como assim, *agora?* — Entrelacei os dedos nos dele, e ele me puxou para o banco, ao lado dele. Nossas coxas se tocaram, e, dessa vez, ninguém se afastou.
— O momento nunca foi certo, até agora — disse ele. — E você tinha suas regras, lembra?
— Que regras?
— De quando a gente morou juntos aqui. — Ele deslizou a mão pela minha cintura, por baixo de minha camisa, ao mesmo tempo que seus lábios beijavam a pele de minha clavícula. — Regra número um, sem toques.
Eu me senti ficando quente, e não pela onda de prazer causada por seus lábios.
— Ah, sim — falei. — *Aquelas* regras. Jesse, isso foi quando você era morto-vivo, e eu estava no ensino médio.
— Eu não sou mais um morto-vivo. — Ele deu um beijo abaixo de minha orelha para provar, subindo a mão que estava sob minha camisa. — Quero dizer, não totalmente. E você já saiu do ensino médio faz tempo.
— Você nunca seguiu minhas regras mesmo. Eu sempre tive de seguir as suas. — Segurei o pulso dele antes que os dedos deslizassem para debaixo de meu sutiã. — Mas não vou mais fazer isso.
— Ah — respondeu ele com uma risada. — Acho que vai sim.
— Ah, é? E aquilo do esperar até se casar? — Eu detestava estragar o momento, por mais lindo que fosse, mas eu não ia conseguir aguentar mais carícias, muito menos beijos, sem pular em cima dele e arrancar suas roupas. — Não me prometa o que você não pretende cumprir, Dr. De Silva.
— Eu já fiz isso, Srta. Simon? — perguntou ele, e a sobrancelha com a cicatriz se ergueu. — Você não é a única que vem mantendo segredos.
Fiquei tão surpresa com aquela resposta que me esqueci de segurar seu punho, dando uma momentânea vantagem física a ele. Ele aproveitou para tirar minha camisa.
— Jesse! — exclamei, chocada. Dava para ver que ele era versado em lidar com pacientes que não cooperavam. — O que você...
Ele me silenciou colocando a boca na minha, depois o corpo todo sobre o meu, pressionando minhas costas no estofado do banco.

Minha mente girou. As sensações que eu estava experimentando não eram nem um pouco desagradáveis — o peso do corpo dele; o toque ligeiro e leve da língua e das mãos; o cheiro limpo e másculo (nenhum traço que eu pudesse distinguir da prisão do condado de Monterey) —, mas eu não estava entendendo por que acontecia ali, naquele momento.

Mas, no final das contas, para que perder tempo pensando? Quantas vezes eu havia me deitado naquele mesmo quarto, sonhando com aquilo (apesar de que nunca pensei que seria no banco à janela)?

E agora *estava* acontecendo, e eu estava questionando o momento em vez de curtir por exemplo, o fato de ele ter conseguido tirar meu sutiã e estar fazendo um caminho quente com a boca de minha garganta até a parte do corpo que o sutiã revelou. No entanto, em alguma parte do cérebro eu não pude deixar de me perguntar: e se aquelas coisas sobre a maldição fossem verdadeiras? Então ele começou a abrir meu jeans, e eu me lembrei do que havia dito para Jesse na noite anterior. Eu não tinha medo de fantasmas... muito menos daquele.

Eu alcancei o zíper do jeans dele, e o som daquela calça se abrindo deve ter sido a coisa mais satisfatória que já ouvi na vida... pelo menos até o momento em que senti, assim que ele tirou a camisa, o toque da pele desnuda do peito dele na minha pele. Decidi que não, *essa* era a sensação mais incrível da vida. Ele me beijou profundamente, mas, depois que tirou minha calça, beijar nunca mais seria suficiente. Nós dois vimos e sentimos — pela primeira vez — todos os segredos um do outro, e agora nada ia impedir que explorássemos tudo a fundo, independentemente das regras que estivéssemos quebrando.

Depois de alguns segundos de corações palpitando e respiração ofegante, nossas roupas formaram um amontoado no chão e ele estava dentro de mim. Foi exatamente como eu sempre havia imaginado, e ao mesmo tempo inimaginavelmente melhor. Se o mal estava sendo libertado, eu não conseguia ver, nem sentir. O que senti foi o oposto. Foi um momento repleto de uma alegria divertida, como se as paredes azuis ao nosso redor estivessem nos levantando e nos levando para o Pacífico azul além da janela, cheio de calor e luz. Foi uma onda que nos tomou várias e várias vezes, deixando-nos cansados e felizes e cheios de gratidão e amor. Como poderia existir algum mal naquilo?

Não podia. Apenas o bem.

Talvez fosse isso que Paul sabia que iríamos descobrir, e o que temia acima de tudo.

Pois bem. Tarde demais.

Estava tão cansada depois que senti que não conseguiria nem erguer a cabeça, mas fui capaz de notar uma coisa.

— Caramba, Jesse. Não tive tempo nem de tirar as botas.

Ele estava com a cabeça apoiada em meu ombro, desenhando círculos preguiçosos com um dedo em minha coxa.
— Tentei tirar numa hora, mas você parecia mais interessada em fazer outras coisas. — O tom era de brincadeira. — Eu estava apenas tentando atender seus desejos.
— Ah, tá! Se isso fosse verdade, a gente já teria transado há muito tempo. O que foi que mudou de uma hora para outra?
Os olhos escuros dele brilhavam.
— Você ainda não sabe?
— Não, eu ainda não sei. Quero dizer, tirando o fato de que isso prova que você não virou um demônio homicida só porque transou comigo, para onde foi seu termos de esperar até nos casarmos por respeito a tudo o que você deve a mim e a minha família e à igreja e à humanidade? Esse tempo todo você e o padre Dominic...
Jesse parou de desenhar círculos em minha coxa e levantou a cabeça para me lançar um olhar de reprovação.
— Eu realmente gostaria que você não falasse nele neste momento, Suzannah.
— Também não quero falar sobre ele — respondi. — Mas foi *você* quem me levou em todas aquelas aulas chatas sobre casamento religioso. Eu certamente não estou reclamando de como as coisas aconteceram, mas qual foi o objetivo de esperar esse tempo todo se você ia acabar abandonando seus escrúpulos religiosos quando...
— Eu não *abandonei* nada. Meramente decidi que tinha motivos para ser mais flexível.
Eu sorri.
— Será que um desses motivos tem a ver com certa pessoa do passado que veio como um furacão para a cidade esta semana a fim de declarar seu amor infinito por mim, então você quis marcar território?
— Não tem, não — disse ele. — Apesar de que agora eu acho que vou precisar adicionar "imaginação altamente ativa" a sua lista de qualidades.
— Você não pode me culpar por achar isso depois do que aconteceu ontem à noite.
— Meus motivos têm mais a ver com o que aconteceu esta manhã. Foi por isso que falei com o padre Dominic.
Toda aquela sensação de letargia pós-coito sumiu. Eu me sentei com tanta pressa que bati na cabeça dele com o ombro.
— Você o *quê*?
— Ai, Suzannah. Eu perguntei se a tinha machucado agora há pouco, mas estou vendo que está ótima. Se eu fosse um homem menos ajustado, você teria ferido

minha dignidade.
— Ah, não se preocupe com sua dignidade, vou andar com as pernas meio abertas durante uma semana. A gente vai ter de comprar uma almofada nova, aliás, ou pelo menos virar esta daqui. Mas por que você falou com padre Dominic? Entendo que é com ele que você se confessa, mas ele é meu chefe também. Não preciso que ele saiba *tudo* que faço em minha vida pessoal. Você não contou *isto* para ele, contou? — Apontei para nossas roupas no chão. — Como é que você confessou uma coisa que não sabia que ia fazer? A não ser que... — Eu engasguei. — Jesse! Seu pilantra! Isso foi sexo premeditado?
— Eu não confessei nada — disse Jesse. — Apenas comuniquei a ele a mesma boa notícia que comuniquei a você.
— Que boa notícia?
Ele também se sentou, e os músculos endurecidos de seu abdômen se flexionaram quando ele abaixou a cabeça, com vergonha de minha ignorância.
— *Beca* em inglês não é bacon, Suzannah. É bolsa.
Demorei meio segundo para me lembrar.
— Jesse! — exclamei. — Você conseguiu a bolsa?
Ele fez que sim. Dessa vez o sorriso não foi só de um lado.
Os dois cantos da boca se ergueram.
— Eles mandaram o e-mail dando parabéns ontem. Mas eu só vi hoje de manhã, quando a polícia devolveu meu celular. Eu quis arrumar umas coisas antes de contar para você. — O brilho de orgulho nos olhos dele era adorável. Não era multimilionário, ainda, mas cada centavo que tinha, ganhou por si só, com trabalho árduo. — E uma das coisas que eu tinha de arrumar era com o padre Dominic, que, aliás, está bem melhor hoje. Ele ainda vai demorar um pouco para poder voltar a trabalhar, mas talvez (só talvez) esteja bem o suficiente para nos casar no fim de semana que vem.
— Peraí. — Olhei para ele, sem ter certeza de que ouvi corretamente. — No *fim de semana* que vem?
Ele fez que sim de novo, parecendo quase apreensivo. Sua cabeça estava ligeiramente abaixada, tímida.
— Sim. Eu não sabia o que você ia achar disso, ainda mais depois... bem, depois de tudo que aconteceu ontem à noite. Mas, quando eu falei com o padre Dominic, hoje de manhã, ele achou que você ia gostar da ideia. Na verdade, foi ele quem sugeriu. Não sei por quê.
Agora eu entendi por que Jesse não quis me ver naquela manhã. Fazia sentido. Com a ajuda do padre Dominic, ele finalmente colocou o passado para trás e estava ocupado fazendo planos para o futuro — *nosso* futuro.
Quando eu visse aquele padre, lhe daria o maior abraço do mundo.

— Seria uma cerimônia bem pequena e privada, é claro — continuou Jesse. — E com tão pouca antecedência, vários convidados de seus pais talvez não consigam comparecer. Mas David vai estar na cidade por causa do feriado, e acho que casar no fim de semana de Ação de Graças... bem, não tem maneira melhor de mostrar que somos gratos por termos nos encontrado, e por tudo que todos fizeram por nós. Ainda podemos fazer uma cerimônia formal em um ano se você quiser, mas achei que, já que finalmente tenho dinheiro, e você tem esta casa...

Eu já o estava abraçando.

— No fim de semana de Ação de Graças é perfeito — sussurrei. — Simplesmente perfeito.

Capítulo 37

No final das contas, acabamos nos casando na igreja.
Não foi embaixo dos arcos grandiosos e extensos da basílica da missão de Carmel, como sempre planejamos. Foi na capela bem menor e modesta do centro médico do hospital São Francisco, em Monterey.
Mas, por algum motivo, achei melhor assim. Não havia estátuas da Madonna (que, segundo rumores, chorou lágrimas de sangue certa vez porque uma virgem — eu — havia se formado no ensino médio), nem o padre Junípero Serra olhando para nós. Havia apenas os rostos familiares de amigos e pessoas amadas — nossos *verdadeiros* amigos e pessoas amadas, pois convidamos apenas os colegas de trabalho de Jesse e meus amigos e familiares que, por acaso, estavam na cidade durante o feriado de Ação de Graças.
O padre Dominic realizou a cerimônia, mas na cadeira de rodas em vez de no altar intimidador na Missão São Carlos Borromeo de Carmelo, o que preferi.
A cerimônia ocorreu sem nenhuma falha, com exceção da performance das meninas carregadoras de flores, que, seguindo a tradição de meninas carregadoras de flores, roubaram a cena. Apenas Jesse, o padre Dominic e eu sabíamos, no entanto, que o show delas se deu porque alguns convidados a mais apareceram sem ser convidados... uma senhora que havia falecido momentos antes na ala de cardiologia e decidiu ficar por ali porque, como ela mesma nos informou, "Adoro um bom casamento."
Teve também um *forty-niner* (um dos mineiros que participaram da corrida do ouro da Califórnia em 49) que simplesmente ficou de pé no fundo da capela, com o chapéu esmurrado em mãos, como sinal de respeito pela noiva.
Encontrar um lugar para a festa acabou sendo fácil. Convidamos todo mundo — menos os falecidos — para a casa 99 na Pine Crest Road a fim de que desfrutassem do bolo, champanhe, churrasco e cerveja.
— Bem — disse minha mãe, com o braço em volta da minha cintura, parada no deque traseiro que um dia foi dela, mas que agora era meu —, não sei como você fez isso, Suze. Nem por quê. Mas aprovo.
— Obrigada, mãe. — Brindei com a taça de champanhe. — Jesse e Jake se esforçaram muito. David ajudou também.
Não mencionei que David chegou sem avisar à Cruzada do Caramujo na tarde de sábado em que Jesse e eu fizemos amor pela primeira vez, querendo saber onde estava todo mundo, e acidentalmente flagrou Jake e Gina em um interlúdio romântico.
Então, quando descobriu que eu havia conseguido me tornar proprietária de

nossa antiga casa e que não havia mais perigo de "a maldição", que ele viajou 5 mil quilômetros para ajudar a quebrar, se concretizar, David teve um pequeno surto nervoso, o qual precisamos curar com boa quantidade de cevada e outras coisinhas.
— Não estou falando da decoração — disse mamãe, apontando para os globos de luz que colocamos no jardim para iluminar as mesas de piquenique onde nossos convidados estavam degustando o churrasco que Andy, sempre o chef, insistiu em fazer. — Estou falando da casa. Suze, eu não fazia ideia de que esta casa era tão importante para você. Por que não me falou? Jamais teríamos vendido se soubéssemos.
— Ah — falei, e dei um gole no champanhe. — Não era o momento certo. Jesse e eu tínhamos de resolver umas coisas antes.
O que eu ia dizer? Bem, a verdade, mãe, é que meu marido — como eu amava pensar, e ainda mais dizer, essa palavra — morreu e foi o fantasma desta casa por um tempo. Ele precisava resolver isso. E eu tinha de dar um jeito em umas merdas que estavam me assombrando.
Mas agora está tudo bem. Quero dizer, tudo bem *por agora*.
— Desculpe perguntar, mas quanto você pagou para Paul pela casa? — Ela olhou para a casa, nostálgica. — Por favor, me diga que você não usou toda a poupança.
— Bem, não vou mentir para você, as taxas vão ser um inferno, mas não é nada que eu não possa pagar. E eu consegui um preço muito bom, no final das contas.
— Não era fácil manter a expressão neutra. — Na verdade, Paul praticamente me deu a casa.
Minha mãe ficou impressionada.
— Nossa, que gentil da parte dele, não? Viu, sabia que vocês dois iam resolver seus problemas.
— É — falei. — Você estava certa quanto a ele.
— Simon! — Uma voz masculina familiar me assustou, vinda de trás. Eu me virei e vi Adam MacTavish, acompanhado de uma de minhas damas, Cee Cee. — Ou é De Silva agora?
— Vamos ver — respondi, e dei um abraço nele. — Ainda não decidi. Nossa, olhe para você, todo jovem profissional urbano.
— Você também não está nada mal, Simon. Posso admirar?
— Pode. — Dei minha taça de champanhe para Cee Cee e fiz uma reverência segurando o vestido de alta-costura. Adam aplaudiu. — Amei. Sou fã do decote em V e da saia sereia, sempre fui, não é *à* toa que são clássicos. Agora gire.
Eu girei. Cee Cee fingiu estar entediada e ficou analisando as nuvens, que haviam tomado um tom laranja e lavanda conforme o sol se punha no oeste.

— Maravilhosa — disse Adam. — Amo a renda, e o corpete deixou seus peitos incríveis, Simon. Está parecendo uma prostituta vitoriana.
— Meu Deus, Adam. — Cee Cee devolveu minha taça de champanhe e tomou a dele. — Já chega para você. A mãe dela está logo ali.
— Não acho que ela tenha escutado. — Minha mãe estava entretida em uma conversa com os pais de Debbie Mancuso, que vi mais cedo balançando as cabeças diante da pequena quantidade de móveis que Jesse e eu possuíamos.
Não estávamos nem aí. Tínhamos um ao outro (e Spike e Romeo, que mais ou menos chegaram a uma trégua), e era tudo de que precisávamos.
E tínhamos também o cartão-presente considerável que mamãe e Andy deram para usarmos em uma das lojas de móveis que ele representava. Andy disse que eu podia usar seu desconto de funcionário. Eu já havia escolhido cortinas e tapetes.
— A Sra. Simon não me escutou — disse Adam —, e foi um elogio. Quando digo prostituta vitoriana, Suze, estou me referindo a uma daquelas mulheres lindas de aparência virginal em filmes de vampiro ou de faroeste.
— Exatamente a ideia que eu queria passar — falei. — Vocês me dão licença? Acabei de ver umas pessoas que quero cumprimentar.
— Claro — disse Cee Cee. Quando saí, ouvi um barulho abafado, e Adam exclamando de dor.
— Que foi? — perguntou para Cee Cee, defendendo-se. — Eu falei que era um elogio.
— Você é tão idiota — respondeu Cee Cee, mas havia carinho na voz dela. Desde que a história do "suicídio" de Jimmy Delgado foi publicada, Cee Cee ficou muito mais confiante quanto a suas possibilidades profissionais. O artigo que ela escreveu depois daquele, sobre a prisão do padre Francisco e de vários outros residentes proeminentes da área da baía de Monterey que eram membros da "lista de clientes privados" de Delgado, foi publicado pela Imprensa Associada. Ofereceram uma promoção para Cee Cee na *Carmel Pine Cone* que ela ainda dizia estar "analisando".
Isso era muito melhor que qualquer presente que eu poderia ter comprado para ela on-line, apesar de eu ainda estar procurando a maneira perfeita de agradecer.
No entanto, ela disse que casar um ano antes — e com tanta pressa que ela não teve tempo de comprar um vestido de madrinha — era o suficiente como forma de agradecimento.
Desci as escadas rapidamente em direção aos novos convidados que vi chegando pelo jardim da frente da casa — ou melhor, o mais rápido que uma pessoa usando um vestido de noiva com corpete apertado e saia sereia podia ir.
— Becca. Kelly. Sr. Walters. — Eu ainda não conseguia chamá-lo de Arthur. —

Olá. Que bom que vieram.
— A gente jamais deixaria de vir. — Vi o olhar de Kelly analisando minha cintura e barriga rapidamente. Sabia que ela estava tentando ver se eu estava grávida, e se esse seria o motivo de um casamento tão às pressas. — Você está linda. É um Pnina Tornai?
— Não, Galia Lahav.
Pela primeira vez, tive o prazer de ver Kelly sem palavras.
— Não sei se vocês estão falando minha língua — disse o marido em tom jovial —, mas você está maravilhosa, Susan.
— Obrigada, Sr. Walters. — Sorri para Becca. — Você também está maravilhosa. *E*, pela *primeira vez, eu não estava mentindo.* Embora Lucia tivesse *partido havia* apenas uma semana, Becca *parecia* outra menina, com uma nova e confiante postura e os cabelos negros longe do rosto. A pele dela estava melhor, e o vestido cor de creme era do tamanho certo. Ainda tinha progresso a fazer, mas não estava mais com medo da jornada.
— Obrigada. Srta. Simon — disse ela, me dando uma olhada tímida. O grupo de pessoas no jardim, que era consideravelmente maior (e mais falante) que o da capela parecia intimidá-la um pouco. Além disso, Jake insistiu em contratar uma banda *mariachi* "de presente" para nós, com a roupa completa, inclusive os *sombreros,* e, embora eles fossem talentosos, eram surpreendentemente ensurdecedores. — Onde podemos colocar isto?
Becca estava segurando um presente grande, com um embrulho lindo.
— Ah — falei —, pode colocar na mesa ali. Muito obrigada.
— É uma máquina de fazer tortilhas — declarou Kelly. — Você não fez lista de presente em lugar nenhum, então a gente não fazia ideia do que dar. Achei melhor comprar alguma coisa de que *ele* fosse gostar. — Ela deu uma olhada em Jesse, que estava radiando beleza e alegria em seu terno, gargalhando com Brad e o Dr. Patel por causa de alguma besteira que as trigêmeas e os mini-Patel estavam fazendo na mesa do bolo.
— Poxa, que gentileza sua, Kelly — falei. Eu consegui ser educada, de tão feliz que estava. — Por favor, fiquem à vontade para pegar bebidas no bar. Ah, Debbie chegou, ela leva vocês até lá.
Debbie se aproximara rapidamente, vendo que a amiga havia chegado.
— Kelly, meu Deus do céu, você demorou uma eternidade. O trânsito estava muito ruim? Que pena. Arthur, vem aqui, meu pai quer dar oi. Você também, Becs, quero que conheça meu querido cunhado mais novo, David. Ele estuda em Harvard, vocês vão se amar.
Tanto Becca quanto David pareceram mortificados, mas apenas David, que estava sentado à mesa de piquenique com Jake e Gina, ficou quase tão vermelho

quanto os próprios cabelos. Ele havia convidado o "grande amigo", Shahbaz, para acompanhá-lo ao casamento, e depois deixara bem claro que eram mais que amigos se beijando embaixo de um enfeite feito de visgo na casa de Brad e Debbie durante o jantar de Ação de Graças. Brad disse apenas:
— Cara, já entendemos, você é gay. Agora me passe o molho.
Shahbaz lidou com a família Ackerman e suas várias esquisitices com bom humor. Chegou até a perguntar para mim, com uma piscadela, como estava meu projeto de pesquisa sobre maldições do Antigo Egito.
— Vai lá, Becca — falei com um sorriso, e dei um empurrãozinho nela. — Não se preocupe, ele é comprometido.
— Não é, não — insistiu Debbie. — Está apenas passando por uma fase.
Revirei os olhos. Debbie era a única pessoa da família resistente a mudanças, mas eu sabia que ela também se acostumaria. Afinal, ela concordou com a escola de mediação — e até com vacinas — para as trigêmeas.
— Você se divertiu na festa de Sean Park, Becca?
— Foi legal, acho. Mas eu não ganhei no *Médium.*
— Não dá para ganhar sempre no *Médium,* Becca. Acredita em mim. Eu saberia. Vai lá bater um papo com David e seu amigo. Eles não mordem.
Ela segurou o pingente de cavalo que ainda usava e disse um "Tá bom" com a mesma voz de má vontade que minhas sobrinhas usavam quando concordavam em provar um legume novo. Insegura, ela seguiu Debbie pelo jardim em direção a David e o namorado.
— Mandou bem — disse uma voz atrás de mim. Eu me virei e vi uma mulher baixa e muito elegante, com cabelos brancos reluzentes e um batom vermelho ainda mais reluzente.
— Dra. Jo! Você veio! — Eu me inclinei e a abracei. — Estou tão feliz.
— Como eu não viria? — perguntou ela, me abraçando também. — Fiquei tão curiosa com seu sumiço das últimas semanas. Todo mundo ficou. — Ela me soltou e fez um sinal para Jesse com a cabeça. — Agora eu entendo. Ele é o médico de quem já ouvi falar tanto?
— Ele é o médico de quem você ouviu falar tanto.
— Calma, coração. E é aqui que vocês dois vão morar? — Ela olhou para os fundos da casa que, vista por trás, conseguia parecer ainda maior e mais impressionante do que era se vista de frente.
— Isso. É uma história meio longa...
— Que, tenho certeza, você vai me contar um dia. Quero dizer, vai contar o tanto que Suze Simon consegue contar.
Não sei o que me fez fazer aquilo. Talvez porque não estivesse acreditando que ela estava ali. Talvez porque não estivéssemos no consultório dela, e sim no

jardim da casa que aprendi a amar tanto e onde eu me sentia tão segura. Talvez porque fosse meu casamento e eu estivesse tão feliz.
Mas eu me vi olhando para ela bem dentro dos olhos e dizendo:
— Dra. Jo, vou dizer uma coisa para você, mesmo sem saber se vai acreditar. Seu marido, Sy, tem uma mensagem que ele quer que eu dê a você. Ele quer que eu peça para você se preocupar menos com os pacientes, e mais consigo mesma. Ele pediu para você se lembrar de trocar os pneus...
A Dra. Jo se afastou de mim tão rapidamente que achei que ela fosse tropeçar, então eu a segurei por um dos cotovelos. O rosto dela estava totalmente branco, exceto pelo escarlate do batom nos lábios.
— Mas... como você...?
— Desculpe — falei. — Não quis assustá-la. É só porque você disse que acha que sofri um trauma no passado, e eu não sofri. Nada de trauma. Apenas sou capaz de falar com os mortos.
Ela segurou meu braço.
— Acho que preciso me sentar.
Jesse escolheu aquele exato momento para aparecer.
— Está tudo bem? — perguntou ele.
— Não exatamente — respondi. — Você pode pegar uma cadeira para a Dra. Jo?
— Claro. — Ele foi embora e voltou com uma cadeira rapidamente, então ajudou a Dra. Jo a se sentar. — Está melhor assim?
Ela havia fechado os olhos, mas os abriu novamente quando se sentou e olhou para Jesse, ajoelhado ao seu lado na grama, e depois para mim.
— Presumo que *ele* saiba desse... seu talento? — perguntou ela.
— Ah, sim — respondi. — Ele tem o mesmo talento. Bem mais que eu, na verdade.
— É claro que tem — murmurou ela. — Por que eu perguntei? Então, o que Sy falou exatamente?
— Desculpe, mas é que seu marido não consegue seguir em frente porque se preocupa tanto com você. Está muito chateado porque você não se lembrou de trocar os pneus...
— Isso é mesmo coisa de Sy — murmurou ela. — Aquele carro. Aquela droga de carro.
— Eu não sabia como falar isso para você. Mas eu o vejo quase todo dia no estacionamento da faculdade. Um de meus meios-irmãos trabalha numa concessionária, talvez ele pudesse...
A Dra. Jo não estava escutando.
— Aquela droga de carro. *Sempre foi a única preocupação* dele.
— Ele se preocupa com a *senhora,* não com o carro — informou Jesse.

Ela *fez* um carinho no rosto dele.
— Você é muito querido. Mas acho que preciso ficar sozinha. E preciso de uma bebida. Será que um de vocês pode...?
Jesse disse "claro" e me puxou pela cintura, não em direção ao bar, mas para longe dele.
— Tem certeza de que essa foi uma boa ideia? Ela não é sua conselheira?
— E terapeuta, isso. Mas eu acho que ela precisava ouvir aquilo. Por que a gente não está indo até o bar? Ela disse que quer uma bebida. E eu também acho que quero uma.
— Eu peço para seu meio-irmão levar para ela. — Jesse fez um sinal para Brad, que estava improvisando como barman no bar improvisado: dois cavaletes com uma tábua por cima, coberta por um pano quadriculado de branco e vermelho.
— Se ela é terapeuta, é bom que ele converse com ela mesmo. Precisa de um pouco de aconselhamento vocacional. Sabia que ele não vai mais trabalhar com o sogro?
Arfei de surpresa.
— Não?
— Não. Ele me contou ontem à noite. Pediu um empréstimo para seus pais a fim de poder se matricular na academia de polícia.
— Policial? *Brad?* — Por mais que soasse absurdo, até que a ideia parecia boa. Brad amadureceu depois que as meninas nasceram, amando a estrutura que a paternidade deu à própria vida. Um emprego na polícia daria ainda mais estrutura. — Nossa. As reuniões da família Ackerman vão ficar ainda mais interessantes.
— Sim. Mas, por enquanto, tem uma pessoa aqui que quer falar com você.
— Quem? Francamente, não consigo falar com mais ninguém. Estou chocada demais. Além disso, já falei com todo mundo, menos com a pessoa que mais quero. Você. — Eu me virei e passei os braços por trás da nuca dele. — Mal tive um minuto a sós com você hoje. O que achou do vestido? Foi o único que ainda não falou nada.
Ele pegou a taça de champanhe vazia que eu estava segurando e a colocou sobre a mesa de piquenique.
— Eu tenho uma opinião sobre seu vestido — disse ele. — E você com certeza vai saber qual é, mas não agora. — Ele tirou meus braços de cima dele e me girou até que eu ficasse de frente para o padre Dominic, que estava a alguns metros de nós, ainda debaixo de seu cobertor na cadeira de rodas, ao lado de um aquecedor para ambientes externos que havíamos alugado.
— Mas eu já falei com o padre D — sussurrei. — Várias vezes, na verdade. E com a irmã Ernestine. Ela está completamente apaixonada por mim desde que

dei um jeito do padre Francisco ser preso. Disse que já fui contratada... com um período probatório, é claro, mas por mim tudo bem. Então, visto que já cumpri minha obrigação de conversar com esses queridos idosos, será que a gente pode, por favor, dar uma fugidinha...

— Suzannah — disse Jesse, me virando até que eu estivesse de frente para um gigante de trench coat de couro, parado ao lado da cadeira de rodas do padre Dominic. — Você não se lembra de *Jack Slater?*

Tive de inclinar a cabeça para trás a fim de olhar o gigante no rosto. Quando fiz isso, vi que ele tinha apenas uma pequena semelhança com a criança da qual cuidei muitos anos antes no Resort e Hotel Praia Pebble.

— Jack? — Minha voz saiu tão aguda que nem reconheci.

O gigante sorriu.

— Oi, Suze — disse ele com uma voz estranhamente jovial. Estendeu a gigantesca mão direita, que estava coberta por luvas sem dedos feitas do mesmo couro do casaco. — Parabéns para você e Jesse.

Dei minha mão para o gigante e permiti que ele balançasse meus dedos para cima e para baixo. Dei uma olhada rápida para o padre Dominic e vi que ele sorria. Depois de um dia tão longo — o Dr. Patel só permitiu que ele saísse do hospital por algumas horas — ele devia estar exausto.

— Obrigada, Jack — respondi, um pouco impressionada. — Você está... diferente.

— Eu sei — disse ele, e deu uma risada. — É estranho, né? Mas foi muito legal vocês terem me convidado.

Isso me deixou ainda mais sóbria do que a visão daquela mão gigante de adolescente. Jesse e eu nos olhamos rapidamente.

— Hum — falei —, claro. Ainda bem que você conseguiu vir.

Mas é claro que nós *não* o convidamos. Eu não queria que Paul soubesse que iríamos nos casar; já tivemos problemas o suficiente para uma vida inteira com ele.

Por isso, tomei o cuidado de que nada fosse postado online, e ainda *mais* cuidado para não mandar convites nem para Paul, nem para seu irmão mais novo, Jack, embora tivesse me sentido mal com isso.

— Pois é, Suzannah — disse o padre Dominic, com uma expressão um tanto constrangida. — Não foi bom Jack ter vindo? Lá de Seattle, que é onde ele mora agora.

Dei uma olhada séria para o padre. Agora entendi quem o convidou.

— Sim — falei. — Muito bom mesmo.

— Estou vendo que meu irmão não está aqui — disse Jack. — Perguntei se ele vinha e ele disse que não tinha certeza. Ele não foi convidado? Não causou mais

problemas, causou?
— Não exatamente — respondi, e ao meu lado vi que o queixo de Jesse ficou tenso. Não dava para ouvir os dentes trincando por causa da música, mas eu tinha certeza de que era isso que estava acontecendo.
Só então entendemos como foi que Paul descobriu que mudamos a data do casamento, apesar dos cuidados que tomei.
Uma caixa havia chegado via FedEx naquele mesmo dia, mais cedo, com um cartão de Paul desejando "vários anos de um casamento abençoado".
Dentro da caixa havia uma notificação emoldurada informando que, respondendo a pedidos, a casa 99 da Pine Crest Road foi determinada como elegível para ser parte do Registro Nacional de Locais Históricos, pois era associada a "eventos que contribuíram significativamente para a história" e a "vida de pessoas significativas para o passado do país". Sendo assim, a propriedade jamais poderia ser demolida ou alterada de forma alguma.
O pedido havia sido feito pela Sociedade Histórica de Carmel-by-the-Sea quatro meses antes. A notificação estava datada com um dia *depois* do dia em que Paul teria começado a demolir minha casa... se eu não tivesse impedido.
Achei que Jesse e eu já havíamos esgotado nossa cota de milagres, mas fiquei feliz em receber mais um.
Jesse, muito satisfeito, prendeu a notificação acima da lareira no salão de entrada. Segundo a notificação, um selo oficial — o mesmo presente na parede externa da prisão do condado de Monterey, outro prédio histórico onde Jesse passou algum tempo — chegaria em breve, assim que fosse fabricado.
Para dar algum crédito a Paul, eu não acho que ele teria conseguido achar um presente de casamento melhor que aquele... apesar da mensagem que ele me mandou mais tarde expressar sentimentos mais verdadeiros quanto ao meu casamento:

El Diablo: *Pelo visto você não* precisa se preocupar em arranjar uma coisa *velha* para o casamento, *não é*, Simon?
Quando finalmente estiver pronta para algo novo, me ligue.
Nov 26 1:24 PM

Por mais que fosse insultante, era bom saber que ele estava melhor. Isso mostrava que, por mais que a mandíbula estivesse quebrada, o coração dele nunca o esteve de verdade — se é que tinha um, o que eu duvidava.
Entretanto, eu já havia decidido que era melhor não responder com uma cópia emoldurada dos resultados do teste de paternidade que tomaram alguns milhares de dólares de meu próprio bolso, visto que pedi urgência durante o feriado.

A probabilidade de Paul ser o pai das trigêmeas (ou das Crianças A, B e C, como foram chamadas no laboratório) era de 99,999 por cento... não que eu tivesse duvidado disso, ou tivesse a intenção de contar a alguém, exceto Jesse. Era apenas uma segurança, caso eu precisasse no futuro.
— É — continuou Jack. — Eu e Paul não somos mais tão próximos. Não que a gente já tenha sido, na verdade. Eu basicamente só o vejo nas reuniões dos sócios.
— É? — perguntou o padre Dominic. Dava para ver que o velhinho estava se divertindo. Entediado por ficar preso no hospital por tanto tempo, teria se animado até mesmo com um casamento normal. Mas aquele em particular o interessava muito. — Seu avô deixou parte da empresa para você?
— Ah, não, deixou nada — respondeu Jack. — Vovô não me deixou nem um centavo. Eu comprei parte da empresa de Paul com meu próprio dinheiro. Faço videogames. E sou bem bom nisso. Quem diria que *eu* seria bom em alguma coisa, hein, Suze?
Ele riu de si mesmo de uma maneira autodepreciativa que o irmão jamais teria. A gargalhada, no entanto, me lembrava bizarramente a de minhas sobrinhas.
— Videogames? — repeti. — Achei que você gostava de escrever roteiros.
— O quê? Não. Quero dizer, um pouco. Eu faço uns jogos meio bobos, na verdade. Você já deve ter ouvido falar de um deles. — Jack falou a palavra ao mesmo tempo em que eu adivinhava qual seria. — *Médium.*
Jesse ficou chocado.
— É *você* que faz aquilo?
Jack riu mais, como se também não acreditasse.
— Eu sei. Estranho, né? Quero dizer, sei que é para a gente manter o negócio da mediação em segredo, mas nunca achei que alguém veria meu jogo, muito menos o levaria a sério. Eu me inscrevi em um concurso. Honestamente, nunca esperei que fosse ganhar. Chegaram até a fazer um programa de TV ridículo baseado nele.
— Já ouvi falar — comentei com impaciência.
— Eu sei, é muito ruim. — Jack pareceu um pouco desanimado com minha falta de entusiasmo. — Mas deu certo internacionalmente, e eu recebo pelos direitos. Aquela mulher que faz a protagonista...
— Ela é uma charlatã — interrompi. — As leituras dela não são reais.
— É, eu sei. Mas as pessoas parecem gostar muito dela. Eu tento doar bastante dinheiro para caridade. Abrigos de animais, na maioria das vezes, mas para caridades infantis também. Ei, eu podia doar um pouco para o hospital onde você trabalha, Jesse. Isso *realmente* irritaria meu irmão.
— Acho uma ótima ideia. — Jesse deu um tapinha no ombro do Jack. — Bom

trabalho, continue assim. — *É claro* que *Jesse* ia dizer isso.
— Obrigado. — Jack olhou em volta, tímido. — Então... não tem nenhuma, hum, menina aqui de minha idade, tem? *Se* não tiver, tudo bem. Sei que é pedir demais. — Ele estava olhando para Gina, que estava linda, como sempre, mas tinha acabado de dançar com Jake. Os dois estavam sorrindo para o nada. Gina vinha fazendo isso o tempo todo, não apenas porque sua vida romântica estava melhorando, mas porque conseguiu um papel secundário na produção ao ar livre de *Pippin.* O teatro de Carmel não era a mesma coisa que Hollywood, mas era melhor que nada.
— Ela, não — falei para Jack. — É velha demais para você. E acho que está comprometida. — Continuei olhando, e notei que Adam e Cee Cee estavam tendo outro debate épico perto da mesa do bolo. Foi então que vi Becca.
— Sabe de uma coisa? — Sorri. — Aquela menina ali, sentada com meu meio-irmão David e com cara de tédio, tá vendo? Ela gosta de *Médium* de verdade.
Jack se iluminou.
— Gosta? Ah, legal, então talvez eu vá dar um oi a ela. Obrigado de novo por me convidar. A gente se fala depois. — E traçou um ziguezague todo sorridente em direção a Becca, se esquivando casualmente das sobrinhas dele, que estavam ensinando às crianças do Dr. Patel a brincar de "menina flor" (a versão delas consistia em jogar pinhos violentamente umas nas outras).
— Então — disse o padre Dominic, sem nem mesmo abaixar o volume da voz. — O menino não sabe que aquelas garotas são filhas do irmão dele?
— Shhh! — Olhei para Jesse com raiva. — Você contou tudo *mesmo* para ele.
— É claro. Você contou tudo para *ela.* — Ele apontou para a Dra. Jo, que havia se recuperado do choque e estava comendo bolo e bebendo champanhe com o pai e a madrasta de Becca. Não sei se ela já os conhecia (talvez eles tivessem marcado uma sessão de terapia em família) ou se era um encontro casual.
— Não *tudo* — falei, e olhei de maneira irritada para ele. — Muito obrigada por convidar gente bizarra de meu passado para o casamento, padre D. Quem mais vai aparecer? Se o senhor falar Backstreet Boys, não respondo por meus atos.
— Não faço ideia do que você está falando, Suzannah — disse o padre Dominic. — Jack Slater não devia ser discriminado por causa do comportamento antissocial do irmão. Agora, quem é aquela mulher adorável ali? — Ele deu uma olhada apreciativa na Dra. Jo. — Por que nunca a conheci antes?
Olhei da Dra. Jo para o padre Dominic várias vezes.
— Não — falei com firmeza.
Ele teve a graça de parecer frustrado.
— Ah, Suzannah, por favor. Não estou interessado nela romanticamente. Fiz um voto de castidade há mais de seis anos, e não é algo que vou abandonar assim,

mesmo que outras pessoas na minha profissão vejam isso... e outros limites concebíveis de moralidade... com menos firmeza.
Ele ia levar muito mais tempo para se curar das revelações sobre o padre Francisco do que dos ferimentos que Lucia deixou nele.
— Tanto faz, padre — falei. — Não vou apresentar vocês.
— Suzannah, você tem mesmo uma tendência a esperar o pior das pessoas; mesmo as que você supostamente conhece e em quem confia. Não estou dizendo que não é uma mulher bonita. Só estou falando que seria agradável conhecer alguém de minha idade que não está afiliada à igreja ou à escola. É uma cidade pequena, e eu raramente conheço gente nova...
— *Não* — falei de novo, com ainda mais firmeza, e peguei Jesse pela mão. — O senhor vai ter de fazer isso sozinho, padre D. Vá rolando a cadeira até lá e se apresente. A gente vai entrar agora. Preciso conversar sobre uma coisa com meu marido. — Marido! Era divertido dizer isso, e ainda mais divertido arrastar Jesse da festa para dentro da casa — nossa casa — e não ter de ouvir nenhum comentário. Ninguém podia falar nada porque éramos oficialmente um casal, e a casa era oficialmente nossa, e podíamos fazer o que quiséssemos nela.
Lá dentro estava silencioso, pois todo mundo estava reunido lá fora, bebendo, comendo, rindo e escutando música alta e alegre. Agora que a chaminé estava limpa e a eletricidade estava no nosso nome, havia madeira queimando nas lareiras à noite e ar condicionado refrescando os quartos de dia, então a casa não tinha mais tanto cheiro de "livros".
Mas ainda havia um odor bem sutil, e não apenas porque Jesse tinha muitos livros, o suficiente para encher todas as prateleiras embutidas e ainda mais.
Puxei Jesse escada acima por uma das mãos, usando a outra para segurar a calda longa de meu vestido e não tropeçar.
— O que é tão importante assim — perguntou ele, enquanto me seguia — que não podemos falar lá embaixo?
— Nada — respondi, quando chegamos ao quarto. Era realmente nosso quarto agora, e não apenas meu. Jake havia nos ajudado a tirar a cama enorme de Jesse da Cruzada do Caramujo, e agora ela ocupava um grande espaço no cômodo. Foi uma luta para arrastá-la escada acima, mas valeu a pena. — Só achei que era o momento de nos retirarmos com graciosidade. — Brinquei com a gravata borboleta dele quando se deitou ao meu lado. — Preciso que você abra o corpete para que eu consiga respirar, parceiro.
— Se isso for outra piadinha me chamando de caubói, você sabe que não gosto. — Ele passou os dedos pelo volume de meus seios acima do bustiê do vestido. — Você realmente quer tirar o vestido? Ainda não sabe o que eu acho dele.
Eu rolei e me deitei de barriga para cima.

— Ah, eu já faço uma ideia do que você acha dele.
Ele riu e veio para cima de mim.
— Faz mesmo? Você se acha demais.
— Amo. Eu me amo demais.
Ele me beijou, rindo.
— Eu acho que você deveria usar vestidos como esse o tempo todo, Suzannah. Se bem que é sorte minha que você não use, ou eu iria para a prisão do condado de Monterey todos os dias.
— Ah! Você está dizendo que finalmente fiz alguma coisa que sua mãe aprovaria?
— Eu não iria *tão* longe — disse ele, e me beijou mais.
Pouco tempo depois, os últimos raios de sol estavam entrando na sala, formando palhetas douradas nas paredes, nos painéis de madeira e nos poucos pedaços de pele nua — a pressa foi tanta que nem abrimos o corpete — enquanto eu tirava um cochilo nos braços dele. Descobri, depois de tantos anos, que era capaz de cair no sono rapidamente, contanto que Jesse estivesse na cama ao meu lado.
É claro que talvez eu tenha caído no sono porque ele estava lendo para mim um de seus incontáveis livros antigos; esse era do poeta William Congreve.
— *"Assim é o estado triste, porém, oh, tão aprazível! Minha alma se firma em nada, apenas em ti; a ti contempla, admira, de ti depende, confia somente em ti."*
Eu o ouvi fechando o livro e se inclinando sobre mim.
— Suzannah — sussurrou ele. — Suzannah, você está acordada? Já estamos fora da festa há muito tempo. Deveríamos voltar para ficar com os convidados.
— Um minutinho. — Levantei a mão para secar os cantos dos olhos.
— Suzannah. — Jesse parecia surpreso, mas de forma positiva. — Suzannah, você está *chorando*?
— Não — falei com um sorriso. — É minha alergia de novo.
Jesse riu e me beijou conforme o sol se escondia debaixo do mar..

Quinze anos depois do primeiro volume da série A mediadora, a autora #1 do *New York Times*, Meg Cabot, retorna com uma divertida e sexy continuação da saga de Suzannah Simon, a menina que via fantasmas... e os ajudava a passar para a luz. Até que se apaixonou por um... Agora, mais velha e experiente — e noiva de sua alma gêmea fantasmagórica — ela enfrenta um espírito vingativo. E um idiota do passado!

www.galerarecord.com.br

Star Books Digital

Table of Contents

Lembrança
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37